

A CHAVE DOS GRANDES MISTÉRIOS

– Segundo Enoque, Abraão, Hermes Trismegisto e Salomão –



ÉLIPHAS LÉVI

Pensamento



A CHAVE
DOS GRANDES
MISTÉRIOS

ÉLIPHAS LÉVI

A CHAVE DOS GRANDES MISTÉRIOS

SEGUNDO ENOQUE, ABRAÃO,
HERMES TRISMEGISTO E SALOMÃO



Figura 1

CHAVE ABSOLUTA DAS
CIÊNCIAS OCULTAS, DADA
POR GUILHERME POSTEL
E COMPLETADA POR
ÉLIPHAS LÉVI

"A religião diz: Creia e você compreenderá.

"A ciência vem lhe dizer: Compreenda e você crerá."

Então, toda a ciência mudará de face; o espírito, destronado e esquecido por muito tempo, retomará seu lugar; será demonstrado que as tradições antigas são todas verdadeiras; que o paganismo inteiro é simplesmente um sistema de verdades corrompidas e deslocadas; que basta lavá-las, por assim dizer, e pô-las em seu lugar, para vê-las brilhar com todos os seus raios. Numa palavra, todas as ideias mudarão; e se, por toda parte, uma multidão de eleitos exclama em concerto: Venha, Senhor, venha! por que serão censurados os homens que se arremessam nesse futuro majestoso e se glorificam de adivinhá-lo?..."

(J. DE MAISTRE, *Soirées de Sainte Petersbourg*)



Editora
Pensamento
SÃO PAULO

Título do original: *The key of the Mysteries*.

Copyright da edição brasileira © 1957 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 1957.

12ª edição 2018, revista.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Pensamento não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Editora de texto: Denise de Carvalho Rocha

Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz

Tradução: XALSLIL S.: I.:

Revisão técnica: Adilson Silva Ramachandra

Produção editorial: Indiara Faria Kayo

Editoração eletrônica: Join Bureau

Revisão: Claudete Agua de Melo

Produção de ebook: [S2 Books](#)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lévi, Éliphas

A chave dos grandes mistérios: segundo Enoque, Abraão, Hermes Trismegisto e Salomão / Éliphas Lévi; tradução [XALSLIL, S.: I.:]. – 12. ed. – São Paulo: Editora Pensamento, 2018.

Título original: *The key of the mysteries*.

ISBN 978-85-315-2027-3

1. Cabala 2. Ciências ocultas 3. Esoterismo 4. Ocultismo I. Título.

18-16409

CDD-135.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Esoterismo : Ocultismo 135.4

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

1ª Edição Digital: 2019

eISBN: 978-85-315-2073-0

Direitos de tradução para o língua portuguesa adquiridos com exclusividade pela

EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000 — Fax: (11) 2066-9008

E-mail: atendimento@editorapensamento.com.br

<http://www.editorapensamento.com.br>

Foi feito o depósito legal.

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Índice das figuras](#)

[Prefácio](#)

[Primeira parte - os mistérios religiosos](#)

[Problemas a resolver](#)

[Considerações preliminares](#)

[Artigo I - Solução do primeiro problema \(o verdadeiro Deus\)](#)

[Esboço da teologia profética dos números](#)

[I A unidade](#)

[II O binário](#)

[III O ternário](#)

[IV O quaternário](#)

[V O quinário](#)

[VI O senário](#)

[VII O setenário](#)

VIII O número oito

IX O número nove

X Número absoluto da cabala

XI O número onze

XII O número doze

XIII O número treze

XIV O número catorze

XV O número quinze

XVI O número dezesseis

XVII O número dezessete

XVIII O número dezoito

XIX O número dezenove

Artigo II - Solução do segundo problema (a verdadeira religião).

Artigo III - Solução do terceiro problema (razão dos mistérios).

Artigo IV - Solução do quarto problema (A religião provada pelas objeções que lhe fazem).

Artigo V - Solução do último problema (Separar a religião da superstição e do fanatismo).

Resumo da primeira parte, em forma de diálogo

A fé, a ciência, a razão

Segunda parte - Os mistérios filosóficos

Considerações preliminares

Solução dos problemas filosóficos

Primeira série

Segunda série

Terceira parte - Os mistérios da natureza

O grande agente mágico

Livro primeiro - Os mistérios magnéticos

Capítulo I A chave do mesmerismo

Capítulo II A vida e a morte – a vigília e o sono

Capítulo III Mistérios das alucinações e da evocação dos espíritos

Os fantasmas de paris

Capítulo IV Os fantasmas fluídicos e seus mistérios

Livro segundo - Os mistérios mágicos

Capítulo I Teoria da vontade

Capítulo II O poder da palavra

Capítulo III As influências misteriosas

Capítulo IV Mistérios da perversidade

Quarta parte - Os grandes segredos práticos ou as realizações da ciência

Introdução

Capítulo I Da transformação

Capítulo II Como se pode conservar e renovar a juventude

Capítulo III O grande arcano da morte

Capítulo IV O grande arcano dos arcanos

Epílogo

Suplemento

Da religião no ponto de vista cabalístico

A gênese oculta – primeiro capítulo

Os clássicos da cabala – os talmudistas e o talmude

Peças justificativas e citações curiosas

Uma profecia e diversos pensamentos de paracelso

Prefácio da prognosticação

A geração dos espíritos do ar

O respir astral

Resumo da pneumática cabalística

Pneumática oculta

A esfinge

Peças relativas à magia negra

Preces e conjurações extraídas de um manuscrito intitulado: “O breviário dos pastores”.

Oração da manhã

O padre nosso branco

Ao angelus

A oração das virgens

A oração misteriosa

O encanto do cão negro

A prece do sal

O castelo da boa guarda

[Apontamentos sobre os grandes mistérios da filosofia hermética](#)

[Asch Mezareph](#)

[Trecho notável de Basílio Valentin](#)

[Complemento dos oito capítulos do Asch Mezareph](#)

[Primeiro capítulo](#)

[Continuação do primeiro capítulo](#)

[Segundo capítulo](#)

[Terceiro capítulo](#)

[Continuação do terceiro capítulo](#)

[Quarto capítulo](#)

[Quinto capítulo](#)

[Sexto capítulo](#)

[Sétimo capítulo](#)

[Oitavo capítulo](#)

[Recomposição hipotética do Asch Mezareph](#)

[Trechos de daniel aos quais é feita alusão no Asch Mezareph](#)

[Os quatro animais misteriosos \(Dn. VII\).](#)

[O homem metálico](#)

[Análise dos sete capítulos de Hermes](#)

[Primeiro capítulo](#)

[Segundo capítulo](#)

[Terceiro capítulo](#)

[Quarto capítulo](#)

[Quinto capítulo](#)

[Sexto capítulo](#)

[Sétimo capítulo](#)

[Doutrinas ocultas da índia sobre os espíritos](#)

[Seção I](#)

[Seção II](#)

[Seção III](#)

[Seção IV](#)

[Seção V](#)

[Delícias da Grã-Bretanha](#)

[O purgatório de S. Patrício](#)

[Extrato do purgatório de S. Patrício](#)

[Como se encontra no manuscrito 208, da Biblioteca de Berna](#)

ÍNDICE DAS FIGURAS

- 1 – Chave absoluta das ciências ocultas, dada por Guilherme Postel e completada por Éliphas Lévi
- 2 – O signo do grande arcano G·:· A·:
- 3 – Grande pentáculo tirado da visão de S. João
- 4 – A décima chave do Tarô
- 5 – A estrela dos Três Magos
- 6 – A má estrela
- 7 – Pentagrama do divino Paraclete
- 8 – A chave do Grande Arcano
- 9 – As Sephiroth com os nomes divinos, chave das noções teológicas, segundo os hebreus
- 10-11 A arte de combater os demônios ou maus gênios dos dias da semana
- 12 – As Sephiroth metálicas
- 13 – Dissolução da pedra nascente e fixação de mercúrio
- 14 – A roseira nascendo no oco do carvalho – A fonte oculta e os procuradores de ouro
- 15 – A rosa hermética saindo da pedra mercurial sob a influência do espírito universal
- 16 – A estátua metálica segundo o profeta Daniel
- 17 – Os mistérios do Templo de Salomão

18 –

19 –

20 – Sétima figura de Flamel – Dissolução dos germes metálicos representados pelos inocentes que Herodes fez degolar

21 –

22 – As três primeiras figuras de Flamel

23 –

24 –

PREFÁCIO

A beira do mistério, o espírito do homem é tomado pela vertigem. O mistério é o abismo que atrai incessantemente nossa curiosidade inquieta por suas formidáveis profundezas.

O maior mistério do infinito é a existência d'Aquele (YHCH) para quem se sente sozinho e em nada percebe o mistério.

Compreendendo que o infinito que é essencialmente incompreensível, Ele é por si mesmo o mistério infinito e eternamente insondável, isto é, que sob todas as aparências, é este absurdo por excelência, no qual acreditava Tertuliano.

Necessariamente absurdo, porque a razão deve renunciar para sempre a alcançá-lo; necessariamente crível, porque a ciência e a razão, longe de demonstrar que Ele não existe, são fatalmente arrastadas a deixar crer que existe e a adorá-lo com olhos fechados.

É que este absurdo é a Fonte Infinita da razão. A luz tira eternamente das trevas eternas, a ciência, esta Babel do espírito, que pode formar e reunir suas espirais subindo sempre; ela poderá fazer oscilar a terra, mas nunca tocará no céu.

Deus é aquilo que aprendemos a conhecer eternamente. É, por consequência, o que nunca saberemos.

O domínio do mistério é, portanto, um campo aberto às conquistas da inteligência. Pode-se caminhar nele com ousadia e nunca a sua extensão será diminuída; se mudará apenas de horizontes. Saber tudo é o sonho do impossível, mas infeliz é quem não ousa tudo aprender e não sabe que, para aprender alguma coisa, é preciso resignar-se a estudar sempre!

Dizem que para aprender bem é preciso esquecer várias vezes. O mundo seguiu esse método. Tudo o que está em questão hoje, já foi resolvido pelos antigos; anteriores a nossos registros, suas soluções

escritas em hieróglifos não tinham mais sentido para nós; um homem achou a chave, abriu as necrópoles das ciências antigas e trouxe de volta ao seu século uma quantidade de teoremas esquecidos, de sínteses simples e sublimes como a natureza, irradiando sempre da unidade e multiplicando-se como os números, com proporções tão exatas que o conhecido demonstra e revela o desconhecido. Compreender essa ciência é ver Deus. O autor deste livro, ao terminar sua obra, pensa tê-lo demonstrado.

Depois, quando vocês tiverem visto Deus, o hierofante lhes dirá: “Voltem-se”, e na sombra que projetam em presença desse sol das inteligências, lhes fará aparecer o diabo, esse fantasma negro que todos veem quando não olham para Deus, e quando julgam encher o Céu com sua sombra, porque os vapores da terra parecem engrandecê-la ao se elevarem.

Concordar, na ordem religiosa, a ciência com a revelação e a razão com a fé, demonstrar, em filosofia, os princípios absolutos que conciliam todas as antinomias, revelar, enfim, o equilíbrio universal das forças naturais, essa é a tríplice finalidade desta obra, que será, em sequência, dividida em três partes.

Mostraremos, nesse caso, a verdadeira religião com tais caracteres que pessoa alguma, crente ou não poderá desconhecer-la; será o absoluto em matéria de religião. Estabeleceremos em filosofia os caracteres imutáveis desta VERDADE, que é em ciência REALIDADE, em juízo RAZÃO, em moral JUSTIÇA. Enfim, daremos a conhecer essas leis da natureza, cujo sustentáculo é o equilíbrio, e mostraremos o quanto são insignificantes as fantasias da nossa imaginação, diante das realidades fecundas do movimento e da vida. Convidaremos também os grandes poetas do porvir a refazerem a divina comédia, não de acordo com os sonhos do homem, mas as matemáticas de Deus.

Mistérios de outros mundos, forças ocultas, revelações estranhas, doenças misteriosas, faculdades excepcionais, espíritos, aparições, paradoxos mágicos, arcanos herméticos, diremos tudo e explicaremos. Quem, então, nos deu esse poder? Não tememos revelá-lo aos leitores.

Existe um alfabeto oculto e sagrado que os hebreus atribuem a Enoque, os egípcios a Thot ou a Hermes Trismegisto, os gregos a Cadmos e a Palamedes. Esse alfabeto, conhecido pelos pitagóricos, se

compõe de ideias absolutas unidas a sinais e a números, e realiza por suas combinações as matemáticas do pensamento. Salomão representa esse alfabeto por setenta e dois nomes escritos em trinta e seis talismãs e é o que os iniciados do Oriente chamam de *As Clavículas de Salomão*. Essas chaves são descritas e seu uso é explicado num livro cujo dogma tradicional remonta ao patriarca Abraão; é o Sepher Yetzirah, e com a inteligência deste texto sagrado que pertence ao corpus da Cabala Judaica, penetra-se no sentido oculto do Zohar, o grande livro axiomático da mística de origem hebraica. As Clavículas de Salomão, esquecidas com o tempo e que se diziam perdidas, as achamos novamente e abrimos sem dificuldade todas as portas dos velhos santuários em que a verdade absoluta parecia dormir, sempre jovem e sempre bela, como essa princesa de uma lenda infantil que espera durante um século de sono o esposo que deve despertá-la.

Após a publicação de nosso livro haverá ainda mistérios, porém mais acima e mais longe, além das profundezas do Infinito. Esta publicação é uma luz ou uma loucura, uma mistificação ou um monumento. Leiam, reflitam e julguem.

PRIMEIRA PARTE

OS MISTÉRIOS RELIGIOSOS

PROBLEMAS A RESOLVER

I – Demonstrar de um modo certo e absoluto a existência de Deus e dar dele uma ideia satisfatória para todos os espíritos.

II – Estabelecer a existência de uma verdadeira religião de forma a torná-la incontestável.

III – Indicar o alcance e a razão de ser de todos os mistérios da religião única, verdadeira e universal.

IV – Transformar as objeções da filosofia em argumentos favoráveis a verdadeira religião.

V – Marcar o limite entre a religião e a superstição, e dar a razão dos milagres e dos prodígios.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Quando o conde Joseph de Maistre, esse grande filósofo apaixonado pelo campo da lógica, disse com desespero: O mundo está sem religião, assemelhou-se aos que dizem temerariamente: Não há Deus.

De fato, o mundo está sem a religião do conde Joseph de Maistre, como é provável que Deus, tal como o concebe a maior parte dos ateus, não exista.

A religião é uma ideia apoiada sobre um fato constante e universal: a humanidade é religiosa. A palavra religião tem, portanto, um sentido

necessário e absoluto. A própria natureza consagra a ideia que essa palavra representa, e eleva-a à altura de um princípio.

A necessidade de crer se liga estreitamente à necessidade de amar: é por isso que as almas têm necessidade de comungar nas mesmas esperanças e no mesmo amor. As crenças isoladas são simplesmente dúvidas; é o laço da confiança mútua que faz a religião, criando a fé.

A fé não se inventa, não se impõe, não se estabelece por convenção política; ela se manifesta como a vida com uma espécie de fatalidade. O mesmo poder que dirige os fenômenos da natureza, estende e limita, além de todas as previsões humanas, o domínio sobrenatural da fé. Ninguém imagina as revelações; elas nos são impostas e cremos nelas. O espírito poderá protestar contra as obscuridades do dogma; é subjugado pela atração dessas obscuridades, e muitas vezes o mais indócil dos “homens de razão” coraria ao aceitar o título de homem sem religião.

A religião tem muito mais importância entre as realidades da vida do que julgam crer os que vivem a sua margem ou tem a pretensão de passar sem ela. Tudo o que eleva o homem acima do animal, como o amor moral, a devoção, a honra, são sentimentos essencialmente religiosos. O culto da pátria e do lar, a fidelidade, a um juramento ou a uma memória são coisas que jamais a humanidade abjurará sem se degradar completamente, e que não poderiam existir sem a crença em alguma coisa maior que a vida mortal, com todas as suas vicissitudes, suas ignorâncias e suas misérias.

Se a perda eterna no nada tivesse de ser o resultado de todas as nossas aspirações às coisas sublimes que sentimos serem eternas, o gozo do presente, o esquecimento do passado e o descuido do futuro seriam nossos únicos deveres, e seria rigorosamente verdade dizer, como um sofista célebre: o homem que pensa é um animal degradado.

Por isso, de todas as paixões humanas, a paixão religiosa é a mais forte e a mais ativa. Ela se produz quer pela afirmação, quer pela negação, com igual fanatismo; uns afirmando com obstinação o deus que fizeram à sua imagem, outros negando a Deus com temeridade, como se tivessem podido compreender e devassar com um só pensamento todo o infinito que se prende a seu grande nome.

Os filósofos não refletiram o suficiente o fato psicológico da religião na humanidade: realmente, a religião existe e também toda a discussão

dogmática. É uma faculdade da alma humana, tanto como a inteligência e o amor. Enquanto houver homens, a religião existirá. Considerada assim, ela não é mais que a necessidade de um idealismo infinito, necessidade que justifica todas as aspirações ao progresso, que inspira todas as devoções, única que impede a virtude e a honra de serem somente palavras servindo para enganar a vaidade dos fracos e dos tolos em proveito dos fortes e dos hábeis.

É a essa necessidade inata de crença que se poderia dar propriamente o nome de religião natural, e tudo o que propender a encobrir e a limitar o impulso dessas crenças está, na ordem religiosa, em oposição à natureza. A essência do objeto religioso é o mistério, porque a fé começa no desconhecido e abandona todo o resto às investigações da ciência. Aliás, a dúvida é mortal à fé; ela sente que a intervenção do ser divino é necessária para encher o abismo que separa o finito do infinito, e afirma essa intervenção com todo o impulso de seu coração, com toda a docilidade de sua inteligência. Fora desse ato de fé, a necessidade religiosa não acha satisfação, e muda-se em ceticismo e desespero. Mas, para que o ato de fé não seja um ato de loucura, a razão quer que seja dirigido e regulado. Por quem? Pela ciência? Vimos que a ciência nada pode aqui. Pela autoridade civil? É absurdo. Façam, então, que as preces sejam vigiadas por soldados!

Resta, entretanto, a autoridade moral, única que pode constituir o dogma e estabelecer a disciplina do culto, de acordo com a autoridade civil, porém não conforme suas ordens; é preciso, numa palavra, que a fé proporcione à necessidade religiosa uma satisfação real, inteira, permanente, indubitável. Para isso, é preciso a afirmação absoluta, invariável de um dogma conservado por uma hierarquia autoritária. É preciso um culto eficaz, dando, com fé absoluta, uma realização substancial aos sinais da crença.

A religião, assim compreendida, sendo a única que satisfaz a necessidade natural de religião, deve ser chamada a única verdadeiramente natural. E chegamos por nós mesmos a esta dupla definição: a verdadeira religião natural é a religião revelada; a verdadeira religião revelada é a hierárquica e tradicional, que se afirma de modo absoluto acima das discussões humanas pela comunhão na fé, na esperança e na caridade.

Representando a autoridade moral e realizando-a pela eficácia de seu ministério, o sacerdócio é santo e infalível ao passo que a humanidade está sujeita ao vício e ao erro. O padre, agindo como padre, é sempre o representante de Deus. Pouco importam as faltas ou até os crimes do homem. Quando o papa Alexandre VI fazia uma ordenação, não era o envenenador que impunha suas mãos aos bispos, era o papa. Ora, o papa Alexandre VI nunca corrompeu nem falsificou os dogmas que condenavam a ele próprio, os sacramentos que, entre suas mãos, salvavam os outros e não o justificavam. Houve sempre e em toda parte homens mentirosos e criminosos, mas, na Igreja hierárquica e divinamente autorizada, nunca houve e nunca haverá maus papas nem maus padres. *Mau e padre* são duas palavras que não combinam.

Falamos de Alexandre VI, e cremos que esse nome bastará, sem que oponham outras lembranças justamente execradas. Grandes criminosos puderam desonrar duplamente a si próprios, por causa do caráter sagrado de que estavam investidos; mas não lhes foi dado desonrar esse caráter, que sempre fica irradiante e esplêndido acima da humanidade que cai.

Dissemos que não há religião sem mistérios: acrescentemos que não há mistérios sem símbolos. O símbolo sendo a forma ou a expressão do mistério, só exprime a sua profundidade desconhecida por imagens paradoxais tiradas do conhecido. A forma simbólica devendo caracterizar o que está acima da razão científica, deve necessariamente achar-se fora dessa razão; daí o dito célebre e perfeitamente justo de um Padre da Igreja: Eu creio porque é absurdo, *credo quia absurdum*.

Se a ciência afirmasse o que não sabe, destruiria a si própria. A ciência não poderia, portanto, fazer a obra da fé, assim como a fé não pode decidir em matéria de ciência. Uma afirmação de fé da qual a ciência tem a temeridade de se ocupar não pode, então, ser para ela mais que um absurdo, da mesma forma que uma afirmação da ciência nos dessem como artigo de fé seria um absurdo na ordem religiosa. Crer e saber são dois termos que nunca podem confundir-se.

Não poderiam também se opor um ao outro num antagonismo qualquer. Certamente, é impossível crer o contrário do que se sabe sem cessar, por si mesmo, de o saber, e é igualmente impossível chegar a

saber seu posto contrário do que se crê sem cessar imediatamente de crer.

Negar ou mesmo contestar as decisões da fé, e isso em nome da ciência, é provar que não se compreende nem a ciência nem a fé: de fato, o mistério de um único Deus manifestado em três pessoas (ou estado) diferentes não é um problema de matemática; a encarnação do Verbo não é um fenômeno que pertença à medicina; a redenção escapa à crítica dos historiadores. A ciência é absolutamente impotente para decidir que se tenha ou não razão de crer ou não crer no dogma; ela só pode constatar o resultado da crença, e se evidentemente a fé torna os homens melhores; se, aliás, a fé, em si mesma considerada, como um fato psicológico, é evidentemente uma necessidade e uma força, será preciso que a ciência a admita, e tome o sábio partido de contar sempre com a fé.

Ousemos afirmar agora que existe um fato imenso, igualmente apreciável pela fé e pela ciência; um fato que de algum modo torna Deus visível na terra; um fato incontestável e de um alcance universal; esse fato é a manifestação no mundo, a partir da época em que começa a revelação cristã, de um espírito desconhecido aos antigos, de um espírito evidentemente divino, mais positivo que a ciência em suas obras, mais magnificamente ideal nas suas aspirações que a mais elevada poesia, um espírito para o qual era preciso criar um nome novo completamente desconhecido no santuário de antiguidade. Assim foi esse nome criado, e demonstraremos que esse nome, que essa palavra é, em religião, tanto para a ciência como para a fé, a expressão do absoluto: a palavra é CARIDADE, e o espírito de que falamos se chama *espírito de caridade*.

Diante da caridade, a fé se prostra e a ciência vencida se inclina. Há evidentemente aqui alguma coisa maior que a humanidade; a caridade prova por suas obras que não é um sonho. Ela é mais forte que todas as paixões; ela triunfa sobre o sofrimento e a morte; ela faz compreender Deus a todos os corações, e já parece encher a eternidade pela realização começada de suas legítimas esperanças.

Diante da caridade viva e ativa, qual o “Proudhon” que ousará blasfemar? Qual é o Voltaire que ousará rir?

Amontoem uns sobre os outros os sofismas de Diderot, os argumentos críticos de Strauss, as *Ruínas* de Volney, tão bem

denominadas, porque esse homem só podia fazer ruínas, as blasfêmias dessa revolução cuja voz se extingue uma vez no sangue e outra vez no silêncio do desprezo; ajuntem a isso o que o futuro pode nos guardar de monstruosidades e sonhos; depois, venha a mais humilde e a mais simples de todas as irmãs de caridade, o mundo deixará todas essas tolices, todos esses crimes, todos esses sonhos doentios, para se inclinar diante desta realidade sublime.

Caridade! Palavra divina, única palavra que faz compreender Deus, palavra que contém uma revelação inteira! Espírito de caridade, aliança de duas palavras que são uma solução inteira e um porvir total! A que questão, efetivamente, essas duas palavras não podem responder?

Que é Deus para nós, senão o espírito de caridade? Que é a ortodoxia? Não é o espírito de caridade que não discute sobre a fé a fim de não alterar a confiança dos pequenos e não perturbar a paz da comunhão universal? Ora, a Igreja universal será outra coisa senão uma comunhão em espírito de caridade? É pelo espírito de caridade que a Igreja é infalível. É o espírito de caridade que é a virtude divina do sacerdócio.

Dever dos homens, garantia de seus direitos, prova de sua imortalidade, eternidade de felicidade começada para eles na terra, fim glorioso dado à sua existência, fim e meio de seus esforços, perfeição de sua moral individual, civil e religiosa, o espírito de caridade compreende tudo, se aplica a tudo, pode tudo esperar, tudo empreender e tudo realizar.

É pelo espírito de caridade que Jesus, ao expirar na cruz, dava a sua mãe um filho na pessoa de S. João e, triunfando das angústias do mais horrível suplício, dava um brado de liberdade e de salvação, dizendo: “Meu pai, entrego meu espírito em tuas mãos”.

É pela caridade que doze apóstolos da Galileia conquistaram o mundo; amaram a verdade mais que suas vidas, e foram sós dizê-la aos povos e aos reis; experimentados pelas torturas, foram julgados fiéis. Mostraram às multidões a imortalidade viva na sua morte, e regaram a terra com um sangue cujo valor não podia apagar-se porque estavam ferventes dos ardores da caridade.

É pela caridade que os apóstolos constituíram seus símbolos. Disseram que crer em conjunto vale mais que duvidar separadamente;

constituíam a hierarquia sobre a obediência tão enobrecida e engrandecida pelo espírito de caridade que servir assim é reinar; formularam a fé e a esperança de todos, e puseram esse símbolo sob a guarda da caridade de todos. Infeliz o egoísta que se apropria de uma só palavra dessa herança do Verbo, porque é um deicida (*ou aquele que mata um deus*) que quer desmembrar o corpo do Senhor.

O símbolo é a arca santa da caridade; quem quer que toque nela é ferido de morte eterna, porque a caridade se retira dele. É a herança sagrada de nossos filhos, é o preço do sangue de nossos pais!

É pela caridade que os mártires se consolavam nas prisões dos Césares e atraíam para sua crença até seus guardas e seus algozes.

É em nome da caridade que S. Martinho, de Tours, protestava contra o suplício dos priscilianistas e se separava da comunhão do tirano que queria impor a fé pela espada.

É pela caridade que tantos santos consolaram o mundo dos crimes cometidos em nome da própria religião e dos escândalos do santuário profanado.

É pela caridade que S. Vicente de Paulo e Fenelon se impuseram à admiração dos séculos, até os mais ímpios, e fizeram cair de antemão o riso dos filhos de Voltaire diante da solenidade imponente de suas virtudes.

É pela caridade, enfim, que a loucura da cruz tornou-se a sabedoria das nações, porque todos os corações nobres compreenderam que é maior coisa crer com os que amam e se devotam, do que duvidar com os egoístas e os escravos do prazer!

ARTIGO I

SOLUÇÃO DO PRIMEIRO PROBLEMA

O VERDADEIRO DEUS

Deus só pode ser definido pela fé; a ciência não pode negar nem afirmar que ele existe.

Deus é o objeto absoluto da fé humana. No infinito, é a inteligência suprema e criadora da ordem. No mundo, é o espírito de caridade.

O Ser universal será uma máquina fatal que move eternamente inteligências ao acaso ou uma inteligência providencial que dirige as forças para o melhoramento dos espíritos?

A primeira hipótese repugna à razão; é desesperadora e imoral.

A ciência e a razão devem, então, se inclinar diante da segunda.

Sim, Proudhon, Deus, é uma hipótese; mas é uma hipótese de tal modo necessária que, sem ela, todos os teoremas tornam-se absurdos ou duvidosos.

Para os iniciados na Cabala, Deus é a unidade absoluta que cria e anima os números.

A unidade da inteligência humana demonstra a unidade de Deus.

A chave dos números é a dos símbolos, porque os símbolos são as figuras analógicas da harmonia que vem dos números.

As matemáticas não poderiam demonstrar a fatalidade cega, já que exprimem a exatidão que é o caráter da mais suprema razão.

A unidade demonstra a analogia dos contrários; é o princípio, o equilíbrio e o fim dos números. O ato de fé parte da unidade e volta à unidade.

Vamos esboçar uma explicação da Bíblia pelos números, porque a Bíblia é o livro das imagens de Deus.

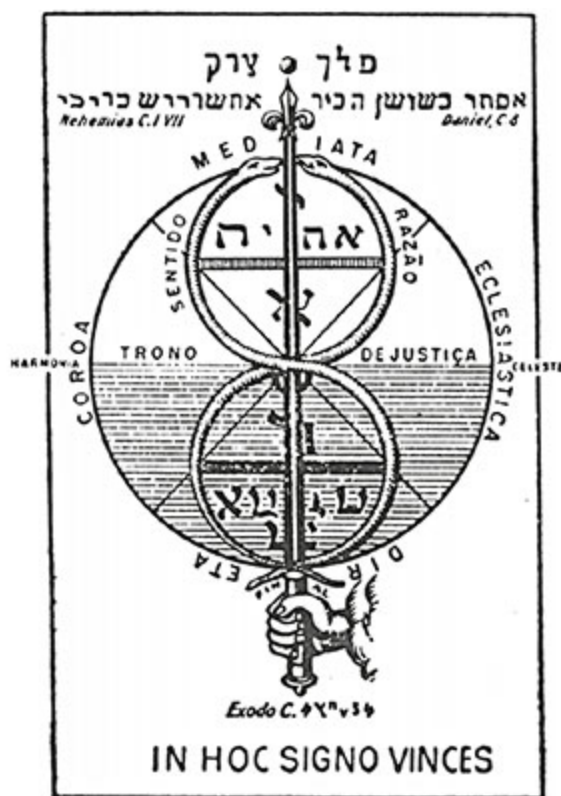


Figura 2

O SIGNO DO GRANDE ARCANO G :: A ::

Pediremos aos números a razão dos dogmas da religião eterna e os números nos responderão sempre reunindo-se na síntese da unidade.

As poucas páginas a seguir são simples exposição sumária das hipóteses cabalísticas; estão fora da fé, e as indicamos somente como investigações curiosas. Não devemos fazer inovações em matéria de dogma, e nossas asserções como iniciados são inteiramente subordinadas à nossa submissão como cristãos.

ESBOÇO DA TEOLOGIA PROFÉTICA DOS NÚMEROS

1

A UNIDADE

A unidade é o princípio e a síntese dos números, é a ideia de Deus e do homem, é a aliança da razão e da fé.

A fé não pode ser oposta à razão, ela é necessitada pelo amor, é idêntica à esperança. Amar é crer e esperar, e tríplice impulso da alma é chamado virtude, porque é preciso coragem para fazê-lo. Mas haveria coragem nisso, se não fosse possível a dúvida? Ora, poder duvidar é duvidar. A dúvida é a força equilibrante da fé e faz todo o seu mérito.

A própria natureza nos induz a crer, mas as fórmulas de fé são constatações sociais das tendências da fé numa dada época. É o que faz a infalibilidade da igreja, infalibilidade de evidência e de fato.

Deus é necessariamente o mais desconhecido de todos os seres, já que só é definido em sentido inverso das nossas experiências; é tudo o que não somos, é o infinito oposto ao finito por hipótese contraditória.

A fé, e, conseqüentemente, a esperança e o amor são tão livres que o homem, longe de poder impô-los aos outros, não os impõe a si mesmo.

São graças, diz a religião. Ora, será concebível que se exija a graça, isto é, que se queira forçar os homens ao que vem livre e gratuitamente do céu? É preciso que eles desejem.

Raciocinar sobre a fé é delirar, porque o objeto da fé está fora da razão. Se me perguntarem: Há um Deus? respondo: Creio Nele. Mas você está certo disso? – Se estivesse certo disso, não o creria, o saberia.

Formular a fé é concordar com os termos da hipótese comum. A fé começa onde a ciência acaba. Engrandecer a ciência é, em aparência, tirar da fé e, em realidade, é engrandecer igualmente o seu domínio, porque é ampliar a sua base.

Não se pode adivinhar o desconhecido a não ser pelas suas proporções supostas e que se podem supor com o conhecido.

A analogia era o dogma único dos antigos magos. Dogma verdadeiramente mediador, porque é meio científico, meio hipotético, meio razão e meio poesia. Esse dogma foi, e será sempre, o gerador de todos os outros.

Que é o Homem-Deus? É aquele que realiza na vida mais humana o ideal mais divino.

A fé é uma adivinhação da inteligência e do amor dirigidos pelos indícios da natureza e da razão.

É, portanto, da essência das coisas de fé serem inacessíveis à ciência, duvidosas para a filosofia, e indefinidas para a certeza.

A fé é uma realização hipotética e uma determinação convencional dos fins últimos da esperança. É a adesão ao sinal visível das coisas que não se veem.

Sperandum substantia rerum

Argumentum non apparentiam.

Para afirmar sem absurdo que Deus existe ou não existe, é preciso partir de uma definição razoável ou insensata de Deus. Ora, essa definição para ser razoável deve ser hipotética, analógica e negativa do finito conhecido. Podemos negar um deus qualquer, mas o Deus absoluto não negamos assim como não o provamos; nós o supomos e cremos nele.

Felizes daqueles que têm o coração puro, porque verão a Deus, disse o Mestre; ver pelo coração é crer, e se essa fé se refere ao verdadeiro bem, não poderia ser enganada, contanto que não procure definir muito conforme as induções arriscadas da ignorância pessoal. Nossos juízos, em matéria de fé, se aplicam a nós mesmos; nos será feito como tivermos acreditado. Isto é, nós nos fazemos à semelhança de nosso ideal.

Que aqueles que fazem os deuses se façam semelhantes a eles, diz o salmista, assim como todos os que neles têm confiança.

O ideal divino do velho mundo fez a civilização que acaba, e não se deve desesperar de ver o deus de nossos bárbaros vir a ser o diabo de nossos filhos, mais bem esclarecidos. Fazem-se diabos com o deus de refugio, e Satã é tão inocente e tão disforme porque é feito de todos os despojos das antigas teogonias. É a esfinge sem palavra, é o enigma sem solução, é o mistério sem verdade, é o absoluto sem realidade e sem luz.

O homem é o filho de Deus, porque Deus manifestado, realizado e encarnado na terra chamou-se o Filho do homem.

Foi depois de ter feito Deus na sua inteligência e em seu amor que a humanidade compreendeu o Verbo sublime que disse: Faça-se a luz!

O homem é a forma do pensamento divino, e Deus é a síntese idealizada do pensamento humano.

Assim, o Verbo de Deus é o revelador do homem, e o Verbo do homem é o revelador de Deus.

O homem é o Deus do mundo e Deus é o homem do céu.

Antes de dizer: Deus quer, o homem quis.

Para compreender e honrar a Deus onipotente, é preciso que o homem seja livre.

Obedecendo e abstendo-se por temor do fruto da ciência, o homem teria sido inocente e estúpido como o cordeiro, curioso e rebelde como o anjo de luz; cortou por si mesmo o cordão de sua ingenuidade, e Caimdo livre na terra, arrastou Deus na sua queda.

E é por isso que do fundo dessa queda sublime, se levanta glorioso como o grande condenado do Calvário e entra com ele no reino do céu.

Porque o Reino do Céu pertence à inteligência e ao amor, ambos filhos da liberdade!

Deus mostrou ao homem a liberdade como uma amante, e, para experimentar seu coração, fez passar entre ela e ele o fantasma da morte.

O homem amou-a e sentiu-se Deus; deu por ela o que Deus acabara de lhe dar: a esperança eterna.

Lançou-se para sua noiva através da sombra da morte e o espectro esvaiu-se.

O homem possuía a liberdade; abraçara a vida.

Expie agora sua glória, ó Prometeu!

Seu coração devorado incessantemente não pode morrer; seu abutre e Júpiter é que morrerão.

Um dia enfim despertaremos dos sonhos penosos de uma vida atormentada, a obra de nossa prova estará acabada, seremos bastante fortes contra a dor para sermos imortais. Então viveremos em Deus com a vida mais abundante, e desceremos em suas obras com a luz de seu pensamento sendo levados no infinito pelo sopro de seu amor. Seremos, sem dúvida, os mais velhos de uma raça nova; os anjos e homens futuros.

Mensageiros celestes, vagaremos na imensidade e as estrelas serão nossas guias.

Nós nos transformaremos em agradáveis visões para repousar os olhos que choram; colheremos lírios irradiantes em prados desconhecidos e derramaremos seus orvalhos na terra.

Tocaremos nas pálpebras da criança que dorme e deleitaremos docemente o coração de sua mãe pelo espetáculo da beleza de seu filho bem amado,

II

O BINÁRIO

O binário é mais particularmente o número da mulher, esposa do homem e mãe da sociedade.

O homem é o amor na inteligência, a mulher é a inteligência no amor.

A mulher é o sorriso do Criador contente consigo mesmo, e é depois de tê-la feito que ele descansou, diz a parábola celeste.

A mulher está antes do homem, porque é mãe, e tudo lhe é perdoado de antemão porque ela dá à luz dolorosamente.

A mulher foi a primeira a iniciar-se na imortalidade pela morte; o homem então viu-a tão bela e a considerou tão generosa que não quis sobreviver-lhe, e amou-a mais que a sua própria vida, mais que a sua felicidade eterna.

Feliz proscrito! Pois que ela lhe foi dada como companheira de seu exílio!

Porém, os filhos de Caim se revoltaram contra a mãe de Abel e escravizaram sua mãe.

A beleza da mulher tornou-se uma presa para a brutalidade dos homens sem amor.

Então, a mulher fechou seu coração como um santuário ignorado e disse aos homens indignos dela: “Sou virgem, porém quero ser mãe, e meu filho os ensinará a amar-me”.

Ó Eva! Seja saudada e adorada em sua queda!

Ó Maria! Seja bendita e adorada em suas dores e em sua glória!

Santa crucificada que sobrevivia ao seu Deus para enterrar seu filho, seja para nós a última palavra da revelação divina!

Moisés intitulava a Deus, Senhor; Jesus o chamava meu Pai, e nós ao pensar em você, diremos à Providência: “Você é nossa mãe!”

Filhos da mulher, perdoemos à mulher decaída.

Filhos da mulher, adoremos a mulher regenerada.

Filhos da mulher, que dormimos em seu seio, fomos embalados em seus braços e consolados por suas carícias, amemos a ela e nos amemos uns aos outros!

III

O TERNÁRIO

O ternário é o número da criação.

Deus cria eternamente a si mesmo, e o infinito que se enche de suas obras é uma criação incessante e infinita.

O amor supremo se contempla na beleza como num espelho e ensaia todas as formas como adornos, porque é o noivo da vida.

O homem também se afirma e se cria a si mesmo: orna-se com suas conquistas, ilumina-se com suas concepções, reveste-se de suas obras como de um hábito nupcial.

A grande semana da criação foi imitada pelo gênio humano divinizando as formas da natureza.

Cada dia forneceu uma revelação nova, cada novo rei progressivo do mundo foi por um dia a imagem e a encarnação de Deus! Sonho sublime que explica os mistérios da Índia e justifica todos os simbolismos!

A alta concepção do homem-Deus corresponde à criação de Adão, e o cristianismo, semelhante aos primeiros dias do homem típico no paraíso terrestre, só foi uma aspiração e uma viuvez.

Esperamos o culto da esposa e da mãe, aspiramos às núpcias da aliança nova.

Então os pobres, os cegos, todos os proscritos do velho mundo serão convidados aos festins e receberão uma roupa nupcial; e se olharão mutuamente com grande doçura e inebriante sorriso porque terão chorado por muito tempo.

IV

O QUATERNÁRIO

O quaternário é o número da força. É o ternário completado por seu produto, é a unidade rebelde reconciliada com a trindade soberana.

No primeiro ímpeto da vida, o homem, tendo esquecido sua mãe, só compreendeu Deus como um pai inflexível e zeloso.

Zeus lançou raios que abalavam o Olimpo, e Jeová, trovões que ensurdeciam as solidões do Sinai.

E no entanto o pai dos homens, às vezes embebedado como Noé, deixava perceber ao mundo os mistérios da vida.

Psique, divinizada por seus tormentos, tornava-se esposa do Amor; Adônis ressuscitado encontrava Vênus no Olimpo; Jó, vitorioso do mal, achava mais do que tinha perdido.

A lei é uma prova de coragem.

Amar mais a vida do que temer as ameaças da morte, é merecer a vida.

Os eleitos são os que ousam; infelizes dos tímidos!

Assim os escravos da lei que se fazem tiranos das consciências, servos do temor, aventos da esperança e fariseus de todas as sinagogas e de todas as igrejas, tais são os reprovados e os malditos do Pai!

O Cristo não foi excomungado e crucificado pela sinagoga?

Savonarola não foi queimado por ordem de um soberano pontífice da religião cristã?

Os fariseus não são hoje o que eram no tempo de Caifás?

Se alguém lhes falar em nome da inteligência e do amor, o escutarão?

Foi arrancando os filhos da liberdade à tirania dos Faraós que Moisés inaugurou o reino do Pai.

Foi rompendo o jugo insuportável do farisaísmo mosáico que Jesus convidou todos os homens à fraternidade do filho único de Deus.

Quando caírem os últimos ídolos, quando se quebrarem as últimas cadeias materiais das consciências, quando os últimos assassinos de profetas, quando os últimos sufocadores do Verbo forem confundidos, será o reino do Espírito Santo.

Glória, portanto, ao Pai, que sepultou o exército de Faraó no Mar Vermelho!

Glória ao Filho que rasgou o véu do templo e cuja pesadíssima cruz, posta sobre a coroa dos Césares lançou por terra a fronte dos Césares!

Glória ao Espírito Santo, que deve varrer da terra com seu sopro terrível todos os ladrões e todos os algozes para dar lugar ao banquete dos filhos de Deus!

Glória ao Espírito Santo, que prometeu a conquista da Terra e do Céu ao anjo da liberdade.

O anjo da liberdade nasceu antes da aurora do primeiro dia, antes do próprio despertar da inteligência; Jesus o chamou a estrela da manhã.

Ó Lúcifer! Você se separou voluntária e desdenhosamente do Céu onde o sol o afogava em sua claridade, para sulcar com seus próprios raios os campos incultos da noite.

Você brilha quando o sol se deita, e seu olhar cintilante precede o despertar do dia.

Você cai para subir de novo; experimenta a morte para melhor conhecer a vida.

Você é para as glórias antigas do mundo, a estrela da tarde; para a verdade renascente, a bela estrela da manhã!

A liberdade não é a licença: porque a licença é a tirania.

A liberdade é a guarda do dever, porque reivindica o direito.

Lúcifer, de quem as idades de treva fizeram o gênio do mal, será verdadeiramente o anjo da luz, quando, tendo conquistado a liberdade a preço da reprovação, fizer uso dela para se submeter à ordem eterna, inaugurando assim as glórias da obediência voluntária.

O direito é somente a raiz do dever; é preciso possuir para dar.

Ora, eis como uma alta e profunda poesia explica a queda dos anjos.

Deus dera aos espíritos a luz e a vida, depois disse-lhes: Amém.

Que é amar?, responderam os espíritos.

Amar é dar-se aos outros, respondeu Deus. Os que amarem, sofrerão, mas serão amados.

“Temos o direito de nada darmos e nada queremos sofrer”, disseram os espíritos inimigos do amor.

“Fiquem no seu direito”, respondeu Deus, “e nos separemos. Eu e os meus queremos sofrer e até morrer para amar. É nosso dever!”

O anjo decaído é, portanto, aquele que desde o princípio recusou amar; ele não ama e é todo o seu suplício; ele não dá, e é sua miséria; ele não sofre, e é seu nada; ele não morre, e é o seu exílio.

O anjo decaído não é Lúcifer, o porta-luz; é Satã o profanador do amor.

Ser rico é dar; nada dar é ser pobre; viver é amar, nada amar é ser morto; ser feliz é devotar-se; existir só para si é reprovar a si próprio e se

enclausurar no Inferno.

O Céu é a harmonia dos sentimentos generosos; o Inferno é o conflito dos instintos vis.

O homem do direito é Caim que mata Abel por inveja; o homem do dever é Abel que morre por Caim pelo amor.

E tal foi a missão do Cristo, o grande Abel da humanidade.

Não é para o direito que devemos tudo ousar, é para o dever.

É o dever que é a expressão e o gozo da liberdade; o direito isolado é o pai da servidão.

O dever é o devotamento, o direito é o egoísmo.

O dever é o sacrifício, o direito é a rapina e o roubo.

O dever é o amor, e o direito é o ódio.

O dever é a vida infinita, o direito é a morte eterna.

Se é preciso combater para a conquista do direito, é para adquirir o poder do dever: e para que, logo, seríamos livres, senão para amar, nos devotar e assim nos assemelhar a Deus?

Se é preciso infringir a lei, é quando ela prende o amor pelo medo.

Aquele que quer salvar sua alma a perderá, diz o livro sagrado, e aquele que consentir em perdê-la, a salvará.

O dever é amar: pereça tudo o que faz obstáculo ao amor! Silêncio aos oráculos do ódio! Aniquilamento aos falsos deuses do egoísmo e do medo! Vergonha aos escravos avarentos de amor!

Deus ama os filhos pródigos!

V

O QUINÁRIO

O quinário é o número religioso, porque é o número de Deus reunido ao da mulher.

A fé não é a credulidade estúpida da ignorância maravilhada.

A fé é a consciência e a confiança do amor.

A fé é o brado da razão que persiste em negar o absurdo, até diante do desconhecido.

A fé é um sentimento necessário à alma, como a respiração à vida: é a dignidade do coração, é a realidade do entusiasmo.

A fé não consiste na afirmação deste ou daquele símbolo, mas sim na aspiração verdadeira e constante às verdades veladas por todos os simbolismos.

Um homem repele uma ideia indigna da divindade, destrói suas falsas imagens, se revolta contra odiosas idolatrias, e vocês dizem que é um ateu?

Os perseguidores da Roma decaída chamavam também os primeiros cristãos de ateus, porque eles não adoravam os ídolos de Calígula ou de Nero.

Negar uma religião inteira e mesmo todas as religiões, em vez de aderir a fórmulas que a consciência reprova, é um corajoso e sublime ato de fé.

Todo homem que sofre por suas convicções é um mártir da fé.

Talvez se explique mal, mas prefere a tudo a justiça e a verdade; não o condenem sem ouvi-lo.

Crer na verdade suprema não é defini-la, e declarar que se crê nela é reconhecer que a ignora.

O apóstolo S. Paulo limita toda a fé a duas coisas: crer que Deus existe e que ele recompensa os que o procuram.

A fé é maior que as religiões porque determina menos os artigos da crença.

Um dogma qualquer constitui somente uma crença e pertence a uma comunhão especial; a fé é um sentimento comum à humanidade inteira.

Quanto mais se discute para determinar, menos se crê; um dogma a mais é uma crença que uma seita se apropria e tira por assim dizer da fé universal.

Deixemos os sectários fazer e refazer seus dogmas, deixemos os supersticiosos detalhar e formular suas superstições, deixemos os mortos sepultarem seus mortos, como dizia o Mestre, e creiamos na verdade indizível, no absoluto que a razão admite sem o compreender, naquilo que pressentimos sem saber.

Creiamos no amor infinito e tenhamos piedade da estupidez da escola e da barbaridade da falsa religião.

Ó homem!, diga-me o que você espera, e eu lhe direi o que você vale.

Você ora, você jejua, você vigia e crê que assim escapará só ou quase só da perda imensa dos homens devorados por um Deus cioso? Você é

um hipócrita e um ímpio.

Você faz da vida uma orgia e espera o nada para o sono; você é um doente ou um insensato.

Você está pronto a sofrer como os outros e pelos outros, e espera a salvação de todos; você é um sábio e um justo.

Esperar não é ter medo.

Ter medo de Deus! Que blasfêmia!

O ato de esperança é a oração.

A oração é a expansão da alma na sabedoria e no amor eternos.

É o olhar do espírito para a verdade, e o suspiro do coração para a beleza suprema.

É o sorriso da criança para a sua mãe.

É o murmúrio do bem amado que se inclina para os beijos de sua bem amada.

É a suave alegria da alma amante que se expande num oceano de amor.

É a tristeza da esposa na ausência do novo esposo.

É o suspiro do viajante que pensa em sua pátria.

É o pensamento do pobre que trabalha para sustentar sua mulher e seus filhos.

Oremos em silêncio e levantemos para nosso Pai desconhecido um olhar de confiança e de amor; aceitemos com fé e resignação a parte que nos dá nas penas da vida, e todas as palpitações do nosso coração serão palavras de oração.

Acaso precisamos dizer a Deus as coisas que lhe pedimos, e não sabe ele o que nos é necessário?

Se choramos, apresentemos a Ele nossas lágrimas; se nos regozijamos, dirijamos a Ele nosso sorriso; se ele nos fere, abaixemos a cabeça; se nos acaricia, adormecemos entre seus braços!

Nossa prece será perfeita quando rezarmos sem mesmo saber a quem rezamos.

A prece não é um ruído que fere os ouvidos; é um silêncio que penetra no coração.

E lágrimas doces vêm umedecer os olhos, e suspiros se escapam como a fumaça do incenso.

A gente se sente cheia de um indizível amor por tudo o que é belo, verdadeiro, justo; a gente palpita com vida e não teme mais morrer. Porque a prece é a vida eterna da inteligência e do amor; é a vida de Deus na terra.

Amai-vos uns aos outros, eis a lei dos profetas! Meditem nessa palavra e compreendam-na.

E quando vocês tiverem compreendido, não leiam mais, não procurem mais, não duvidem mais, amem!

Não sejam mais sábios, não sejam mais eruditos, amem! É a doutrina da verdadeira religião; religião quer dizer caridade, e o próprio Deus é só amor.

Já lhes disse: amar é dar.

O ímpio é aquele que absorve os outros.

O homem piedoso é aquele que se expande na humanidade.

Se o coração do homem concentra em si mesmo o fogo com que Deus o anima, torna-se um inferno que devora tudo e só se enche de cinzas; se o faz irradiar para fora, torna-se um agradável sol de amor.

O homem deve-se à sua família; a família deve-se à pátria, e pátria à humanidade.

O egoísmo do homem merece o isolamento e o desespero; o egoísmo da família merece a ruína e o exílio; o egoísmo da pátria merece a guerra e a invasão.

O homem que se isola de todo amor humano, dizendo: Servirei a Deus, engana-se. Porque, diz o apóstolo S. João, se não ama seu próximo que vê, como amarás a Deus que não vê?

É preciso dar a Deus o que é de Deus, mas não se deve recusar a César o que é de César.

Deus é aquele que dá a vida; César é aquele que pode dar a morte.

É preciso amar a Deus e não temer César, porque foi dito no livro sagrado: Aquele que fere com a espada, perecerá pela espada.

Querem ser bons, sejam justos; querem ser justos, sejam livres!

Os vícios que fazem o homem semelhante ao bruto, são os primeiros inimigos da sua liberdade.

Olhem o bêbado e digam-me se esse bruto imundo pode ser livre!

O avaro maldiz a vida de seu pai e, como o corvo, tem fome de cadáveres.

O ambicioso quer ruínas, é um invejoso em delírio; o depravado esgarçou no seio de sua mãe e encheu de abortos as entranhas da morte.

Todos esses corações sem amores são punidos pelo mais cruel dos suplícios: o ódio.

Porque, nós sabemos bem, a expiação está contida no pecado.

O homem que faz o mal é como um vaso de terra malfeito; se quebrará, a fatalidade o quer.

Com os fragmentos dos mundos, Deus refaz estrelas, com fragmentos das almas faz os anjos.

VI

O SENÁRIO

O senário é o número da iniciação pela prova; é o número do equilíbrio, é o hieróglifo da ciência do bem e do mal.

Aquele que procura a origem do mal, procura de onde vem o que não existe.

O mal é o apetite desordenado do bem, é o ensaio infrutífero de uma vontade inábil.

Cada qual possui o fruto de suas obras, e a pobreza é simplesmente o aguilhão do trabalho.

Para o rebanho dos homens, o sofrimento é como o cão pastor que morde a lã das ovelhas para pô-las no caminho.

É por causa da sombra que podemos ver a luz; é por causa do frio que sentimos o calor; e por causa do sofrimento que somos sensíveis ao prazer.

O mal é, portanto, para nós a ocasião e o começo do bem.

Porém, nos sonhos de nossa inteligência imperfeita, acusamos o trabalho providencial por não o compreendermos.

Somos como o ignorante que julga o quadro pelo começo do esboço e diz, quando a cabeça está feita: “Então esta figura não tem corpo?”

A natureza permanece calma e faz sua obra.

O arado não é cruel quando rasga o seio da terra, e as grandes revoluções do mundo são a cultura de Deus.

Tudo é bem em seu tempo: aos povos ferozes, senhores bárbaros; ao gado, carniceiros; aos homens, juízes e pais.

Se o tempo pudesse transformar os carneiros em leões, eles comeriam os carniceiros e os pastores.

Os carneiros nunca mudam porque não se instruem, mas os povos se instruem.

Pastores e carniceiros dos povos, vocês têm, portanto, razão de considerar como seus inimigos os que falam a seus rebanhos.

Rebanhos que ainda só conhecem seus pastores e que querem ignorar seu comércio com os carniceiros, vocês são desculpáveis por lapidar os que os humilham e os inquietam falando-lhes de seus direitos.

Ó Cristo!, os grandes o condenam, seus discípulos o renegam, o povo o amaldiçoa e aclama seu suplício; só sua mãe chora por você, Deus o abandona!

Eli! Eli! Lamma Sabachtani!...

VII

O SETENÁRIO

O setenário é o grande número bíblico. É a chave da criação de Moisés e o símbolo de toda a religião. Moisés deixou cinco livros e a lei se resume em dois testamentos.

A Bíblia não é uma história, é uma coleção de poemas, é um livro de alegorias e de imagens.

Adão e Eva são somente os tipos primitivos da humanidade; a serpente que os tenta é o tempo que experimenta; a árvore da Ciência do Bem e do Mal; a expiação pelo trabalho é o dever.

Caim e Abel representam a carne e o espírito, a força e a inteligência, a violência e a harmonia.

Os gigantes são os antigos usurpadores da Terra; o Dilúvio foi uma imensa revolução.

A arca é a tradição conservada numa família: a religião, nessa época, torna-se um mistério e a propriedade de uma raça. Cham é amaldiçoado por ter-se tornado revelador dele.

Nimrod e Babel são as duas alegorias primitivas do déspota único e do império universal sempre sonhados depois; empreendido sucessivamente pelos assírios, os medas, os persas, Alexandre, Roma, Napoleão, os sucessores de Pedro o Grande, e sempre não acabado por causa da dispersão dos interesses, representada pela confusão das línguas.

O império universal não devia se realizar pela força, mas sim pela inteligência e pelo amor. Por isso, a Nimrod, o homem bárbaro e pretensioso, a Bíblia opõe Abraão, o homem do dever, que se exila para procurar a liberdade e a luta numa terra estranha, da qual ele se apodera por ideação.

Tem uma esposa estéril, que simboliza seu pensamento, e uma escrava fértil, a representação da sua força; mas quando a força produziu seu fruto, o pensamento tornou-se fecundo, e o filho da inteligência está submetido a rudes provas; deve confirmar suas conquistas pelo sacrifício. Deus quer que imole seu filho, isto é, a dúvida deve experimentar o dogma e o homem intelectual deve estar pronto a tudo e sacrificar-se diante da razão suprema. Deus então intervém: a razão universal cede aos esforços do trabalho, ela se mostra à ciência, e só o lado material do dogma é imolado. É o que representa o cordeiro preso pelos chifres no meio dos espinhos. A história de Abraão na realidade, nada mais é que uma parábola, um símbolo à moda antiga e contém uma alta revelação dos destinos da alma humana. Tomada literalmente é uma narrativa absurda e revoltante; Santo Agostinho não tomava ao pé da letra *O Asno de Ouro* de Apuleio! Pobres grandes homens!

A história de Isaac é outra lenda. Rebeca é o tipo da mulher oriental, trabalhadora, hospitaleira, parcial em suas afeições, astuta e perspecaz em suas manobras. Jacó e Esaú são ainda os mesmos protótipos reproduzidos anteriormente por Caim e Abel; mas agora Abel se vinga: a inteligência emancipada triunfa pela habilidade. Todo o gênio israelita está no caráter de Jacó, o paciente e laborioso suplantador, que cede à cólera de Esaú, torna-se rico e compra o perdão de seu irmão. Quando os antigos queriam filosofar, recorriam a narrativas como essas, nunca devemos nos esquecer disto.

A história ou a lenda de José contém em germe todo o gênio do evangelho, e o Cristo, desprezado por seu povo, com certeza chorou

várias vezes ao reler essa cena em que o governador do Egito se lança ao pescoço de Benjamim dando um grande grito e dizendo: “Eu sou José!”

Israel tornou-se o povo de Deus, isto é, o conservador da ideia e o depositário do verbo. Essa ideia é a da independência humana e da realeza pelo trabalho, mas a escondem com cuidado como um germe precioso. Um sinal doloroso e indestrutível é imprimido aos iniciados; toda a imagem da verdade é interdita, e os filhos de Jacó vigiam com a espada na mão ao redor da unidade do tabernáculo. Hemor e Siquém querem se introduzir à força na família sagrada e perecem com seu povo após uma fingida iniciação. Para dominar sobre o povo já é preciso que o santuário se rodeie de sacrifícios e de terror.

A servidão dos filhos de Jacó prepara sua libertação; porque têm uma ideia, e não se prende a ideia; têm uma religião, e não se faz violência a uma religião; são povo, enfim, e não se prende um verdadeiro povo. A perseguição suscita vingadores, a ideia se encarna num homem, Moisés surge, o Faraó cai, e a coluna de nuvens e de fogo que precede um povo liberto progride majestosamente no deserto.

O Cristo é o sacerdote e o rei pela inteligência e pelo amor.

Recebeu a unção santa, a unção do gênio, a unção da fé, a unção da virtude, que é a força.

Ele vem quando o sacerdócio está esgotado, quando os velhos símbolos não têm mais virtude, quando a pátria da inteligência está extinta.

Vem para chamar Israel à vida, e se não pode galvanizar Israel, morto pelos fariseus, ressuscitará o mundo abandonado ao culto morto dos ídolos!

O Cristo é o direito do dever!

O homem tem o direito de fazer seu dever e não tem outro.

Homem, você tem o direito de resistir até à morte a quem quer que o impeça de fazer seu dever!

Mãe!, seu filho se afoga; um homem a impede de o socorrer; fira esse homem e corra para salvar seu filho!... Quem então ousará lhe condenar?...

O Cristo veio para opor o direito do dever ao dever do direito.

O direito entre os judeus era a doutrina dos fariseus. E, de fato, eles pareciam ter adquirido o privilégio de dogmatizar; não eram os

herdeiros legítimos da sinagoga?

Tinham o direito de condenar o Salvador, e o Salvador sabia que seu dever era resistir-lhes.

O Cristo é a proteção viva.

Mas proteção de quê? Da carne contra a inteligência? Não!

Do direito contra o dever? – Não!

Da atração física contra a atração moral? – Não! não!

Da imaginação contra a razão universal? Da loucura contra a sabedoria? – Não, mil vezes não!

O Cristo é o dever real que protesta eternamente contra o direito imaginário.

É a emancipação do espírito que rompe a servidão da carne.

É o devotamento revoltado contra o egoísmo.

É a modéstia sublime que responde ao orgulho: Eu não vou obedecê-lo!

O Cristo está viúvo, o Cristo está só, o Cristo está triste; por quê?

É que a mulher prostitui-se.

É que a sociedade é acusada de roubo.

É que a alegria é egoísta, é ímpia!

O Cristo é julgado, é condenado, é executado e o adoram!

Isso se passou num mundo talvez tão sério como o nosso.

Juízes do mundo em que vivemos, estejam atentos e pensem naquele que julgará seus juízos.

Mas, antes de morrer, o Salvador legou a seus filhos o sinal imortal da salvação: a comunhão.

Comunhão! União comum! Última palavra do Salvador do mundo.

O pão e o vinho partilhados entre todos, disse ele, é minha carne e meu sangue!

Deu sua carne aos algozes, seu sangue à terra que quis bebê-lo: e para quê?

Para que todos partilhem o pão da inteligência e o vinho do amor.

Oh! Sinal da união dos homens! oh! Mesa comum, oh! Banquete da fraternidade e da igualdade, quando, então, você será mais bem compreendido?

Mártires da humanidade, todos vocês que deram sua vida para que todos tenham o pão que nutre e o vinho que fortifica, não digam

também impondo as mãos sobre esses sinais da comunhão universal: Isto é nossa carne e nosso sangue!

E vocês, homens do mundo inteiro, vocês que o Mestre chama seus irmãos; oh!, não sentem que o pão universal, o pão fraternal, o pão da comunhão é Deus!

Devedores do crucificado.

Todos vocês que não estão prontos a dar à humanidade seu sangue, sua carne e sua vida, não são dignos da comunhão do Filho de Deus! Não façam correr sobre vocês o seu sangue, porque lhes faria manchas na fronte!

Não aproximem seus lábios do coração de Deus, ele sentiria sua mordida.

Não bebam o sangue do Cristo, ele lhes queimaria as entranhas; é bastante que já tenha sido derramado inutilmente por vocês!

VIII

O NÚMERO OITO

O octonário é o número da reação e da justiça equilibrante.

Toda ação produz uma reação.

É a lei universal do mundo.

O cristianismo devia produzir o anticristianismo.

O anticristo é a sombra, é a repulsão, é a prova do Cristo.

O anticristo já se produziu na Igreja na época dos apóstolos: Que aquele que resiste agora resista até a morte, dizia S. Paulo, e o filho da iniquidade se manifestará.

Os protestantes disseram: O anticristo é o papa.

O papa respondeu: Todo herege é um anticristo.

O anticristo não é mais o papa do que Lutero: o anticristo é o espírito oposto ao do Cristo.

É a usurpação do direito para o direito; é o orgulho de dominação e o despotismo do pensamento.

É o egoísmo de pretensão religiosa dos protestantes assim como a ignorância crédula e dominadora dos maus católicos.

O anticristo é o que divide os homens em vez de uni-los; é o espírito de disputa, a teimosia dos doutores e dos sectários, o desejo ímpio de apropriar-se da verdade e excluir dela os outros, ou de forçar todos a sofrerem a estreiteza de nossos juízos.

O anticristo é o padre que amaldiçoa ao invés de abençoar, que afasta ao invés de conciliar, que escandaliza ao invés de edificar, que condena ao invés de salvar.

É o fanatismo odioso que desanima a boa vontade.

É o culto da morte, da tristeza e da fealdade.

Que futuro daremos a nosso filho?, disseram pais insensatos; é fraco de espírito e de corpo, e seu coração ainda não dá sinal de vida; faremos dele um sacerdote a fim de que viva do altar. E não compreenderam que o altar não é uma manjedoura para os animais preguiçosos.

Por isso, vejam os padres indignos, contemplem esses pretensos servidores do altar. Que dizem ao seu coração esses homens gordos ou cadavéricos, de olhos sem expressão, de lábios pontudos ou caídos?

Ouçam o que falam: que lhes diz esse ruído desagradável e monótono?

Rezam como dormem e sacrificam como comem.

São máquinas de pão, carne, vinho e palavras sem sentidos.

E quando se regozijam, como a ostra ao sol, de serem sem pensamento e sem amor, dizem que têm a paz da alma.

Têm a paz do bruto, e para o homem a do túmulo é melhor: são os padres da tolice e da ignorância, são os ministros do anticristo.

O verdadeiro padre do Cristo é um homem que vive, sofre, ama e combate pela justiça. Ele não disputa, não reprova, espalha o perdão, a inteligência e o amor.

O verdadeiro cristão é estranho ao espírito de seita; existe inteiramente para todos, e considera todos os homens como filhos de um pai comum que quer salvar a todos; o símbolo inteiro só tem para ele um sentido de docilidade e de amor: deixa a Deus os segredos da justiça e só compreende a caridade.

Considera os maus como doentes de que se deve compadecer e que é preciso curar; o mundo com seus erros e seus vícios é para ele o hospital de Deus; ele quer ser seu enfermeiro.

Não se julga melhor que ninguém; diz somente: Enquanto estiver melhor de saúde, servirei aos outros, e quando for preciso cair e morrer, talvez outros tomarão meu lugar e nos servirão.

IX

O NÚMERO NOVE

Eis o eremita do tarô; eis o número dos iniciados e dos profetas.

Os profetas são solitários, porque é seu destino nunca serem ouvidos.

Veem diferente dos outros; pressentem as desgraças futuras. Por isso prendem-nos, matam-nos, escarnecem-nos, repelem-nos como leprosos e deixam-nos morrer de fome.

Depois, quando os acontecimentos se realizam, dizem: São aqueles homens que nos trouxeram desgraças.

O que chamamos liberdade é somente a onipotência da atração divina. Os mártires diziam: É melhor obedecer a Deus que aos homens.

O menos perfeito dos atos de amor vale mais que a palavra de piedade.

Não julguem, não falem, amem e ajam.

Veio um outro, que disse: Protestem contra as más doutrinas pelas boas obras, mas não se separem de ninguém.

Reedifiquem todos os altares, purifiquem todos os templos, e fiquem preparados para a visita do espírito de amor.

Que cada qual reze conforme seu rito e comungue com os seus, porém não condene os outros.

Uma prática de religião nunca é desprezível, porque é o sinal de um grande e santo pensamento.

Orar conjuntamente é comungar na mesma fé e na mesma caridade.

O sinal nada é por si mesmo: é a fé que o santifica.

A religião é o laço mais sagrado e mais forte da associação humana, e fazer ato de religião é fazer ato de humanidade.

Quando os homens compreenderem enfim que não se deve debater sobre as coisas que se ignoram;

Quando sentirem que um pouco de caridade vale mais que muita influência e dominação;

Quando todos respeitarem o que o próprio Deus respeita na menor de suas criaturas: a espontaneidade da obediência e a liberdade do dever;

Então só haverá uma religião no mundo, a religião cristã e universal, a verdadeira religião católica, que não se renegará mais a si mesma com restrições de lugares ou de pessoas.

Mulher, dizia o Salvador à samaritana, em verdade lhe digo que tempo virá em que os homens não adorarão mais a Deus nem em Jerusalém nem nessa montanha, porque Deus é espírito, e seus verdadeiros adoradores devem servi-lo em espírito e verdade.

X

NÚMERO ABSOLUTO DA CABALA

A chave das sephiroth (*ver Dogma e Ritual da Alta Magia*).

XI

O NÚMERO ONZE

Onze é o número da força; é o da luta e do martírio.

Todo homem que morre por uma ideia é um mártir, porque nele as aspirações do espírito triunfaram dos temores do animal.

Todo homem que cai na guerra é um mártir, porque morre pelos outros.

Todo homem que morre de miséria é um mártir que morre como um soldado ferido mortalmente na batalha da vida.

Os que morrem pelo direito são tão santos no seu sacrifício como as vítimas do dever, e nas grandes lutas da revolução contra o poder, os mártires caíam igualmente dos dois lados.

O direito sendo a raiz do dever, nosso dever é defender nossos direitos.

Que é um crime? É a exageração de um direito. O assassinato e o roubo são negações da sociedade; é o despotismo isolado de um indivíduo que usurpa a realeza e faz a guerra com seus riscos e perigos.

O crime deve ser reprimido, sem dúvida, e a sociedade deve defender-se; mas quem é, então, bastante justo, tão grande, tão puro, para ter a

pretensão de punir?

Paz a todos os que caem na guerra, mesmo na guerra ilegítima; porque jogaram suas cabeças e perderam-nas, e desde que pagaram, que mais pode ser exigido ainda?

Honra a todos os que combatem brava e lealmente! Vergonha somente aos traidores e aos fracos!

O Cristo morreu entre dois ladrões, e levou consigo um deles ao céu.

O reino dos céus pertence aos lutadores e é arrebatado à força.

Deus dá sua onipotência ao amor. Gosta de triunfar do ódio, mas vomita a frieza.

O dever é viver, embora só por um instante!

É belo ter reinado um dia, uma hora até, embora fosse sob a espada de Dâmocles ou sobre a fogueira de Sardanápalo!

Porém, é ainda mais belo ter visto a seus pés todas as coroas do mundo, e ter dito: Serei rei dos pobres e meu trono será no Calvário.

Há um homem mais forte que aquele que mata, é aquele que morre para salvar.

Não há crimes isolados, nem expiações solitárias.

Não há virtudes pessoais nem devotamentos perdidos.

Todo aquele que não for irrepreensível é cúmplice de todo mal, e todo aquele que não é absolutamente perverso pode participar de todo bem.

É por isso que um suplício é sempre uma expiação humanitária, e que toda cabeça que se corta num cadafalso pode ser saudada e honrada como a cabeça de um mártir.

É por isso que o mais nobre e o mais santo dos mártires podia, entrando em sua consciência, achar-se digno da pena que ia sofrer e dizer, saudando a espada pronta a ferir: Seja feita justiça!

Puras vítimas das catacumbas de Roma, judeus e protestantes massacrados por indignos cristãos.

Padres da Abadia e do Carmo, guilhotinados pelo terror, realistas degolados, revolucionários sacrificados, soldados de nossos grandes exércitos que semearam seus ossos pelo mundo, todos vocês que morreram na pena, trabalhadores, lutadores, ousados de toda sorte, bravos filhos de Prometeu que não tiveram medo nem do raio nem do abutre, honra às suas cinzas dispersas! paz e veneração às suas

memórias! Vocês são os heróis do progresso, os mártires da humanidade!

XII

O NÚMERO DOZE

Doze é o número cíclico; é o do símbolo universal.

Eis uma tradução em versos técnicos do símbolo mágico e católico sem restrição:

Creio num só Deus onipotente, nosso pai,
Eterno Criador do Céu e da Terra.

Creio no Rei salvador, chefe da humanidade,
Filho, palavra e esplendor da Divindade.
Do eterno amor concepção viva,
Divindade visível e luz ativa.

Desejado pelo mundo em todos os tempos e lugares,
Porém que não é um deus separável de Deus.

Descendo entre nós para libertar a terra,
Santificou a mulher em sua mãe.

Era o homem celeste, homem sábio e bondoso,
Nasceu para sofrer e morrer como nós.

Proscrito pela ignorância, acusado pela inveja,
Morreu na cruz para nos dar a vida.

Todos os que o tomarem por guia e apoio,
Podem, pela sua doutrina, ser Deus como ele.

Ressuscitou para reinar sobre os tempos;
Deve destruir as nuvens da ignorância.

Seus preceitos, um dia mais bem compreendidos e mais fortes,
Serão o juízo dos vivos e dos mortos.

Creio no Espírito Santo, cujos únicos intérpretes
São o espírito e o coração dos santos e dos profetas.

É um sopro de vida e de fecundidade,
Que procede do Pai e da humanidade.

Creio na família única e sempre santa
Dos justos que o Céu reúne em seu temor.

Creio na unidade do símbolo, do lugar,
Do pontífice e do culto em honra de um só Deus.

Creio que, mudando-nos, a morte nos renova,
E que em nós, como em Deus, a vida é eterna.

XIII

O NÚMERO TREZE

Treze é o número da morte e do nascimento; é o da propriedade e da herança, da sociedade e da família, da guerra e dos tratados.

A sociedade tem por bases as trocas do direito, do dever e da fé mútua.

O direito é a propriedade; a troca é a necessidade; a boa fé é o dever.

Aquele que quer receber mais do que dá, ou que quer receber sem dar, é um ladrão.

A propriedade é o direito de dispensação de uma parte da fortuna comum; não é nem o direito de destruição nem o direito de sequestração.

Destruir ou sequestrar o bem público, não é possuir, é roubar.

Digo o bem público, porque o verdadeiro proprietário de todas as coisas é Deus, que quer que tudo pertença a todos. Vocês podem fazer tudo o que for; ao morrer nada levaram dos bens deste mundo. Ora, o

que lhes deve ser tomado um dia não é realmente seu. Isso lhes foi somente emprestado.

O usufruto é simplesmente resultado do trabalho; mas o próprio trabalho não é uma garantia certa de posse, a guerra pode vir, pela devastação e o incêndio, mudar a propriedade.

Façam, portanto, bom emprego dessas coisas que perecem, vocês que perecerão antes delas!

Pensem que o egoísmo provoca o egoísmo e a imoralidade do rico responderá pelos crimes dos pobres.

Que quer o pobre, se for honesto?

Quer trabalho. Empreguem seus direitos, mas façam seu dever: o dever do rico é espalhar a riqueza; o bem que não circula é morto, não arrecadem a morte.

Um sofista disse: A propriedade é um roubo. E sem dúvida queria falar da propriedade absorvida, subtraída à troca, desviada da utilidade comum.

Se esse era seu pensamento, podia ir mais longe e dizer que tal supressão da vida pública é um verdadeiro assassinato.

É um crime de monopolização que o instinto público sempre considerou como um crime de lesa-majestade humana.

A família é uma associação natural que resulta do casamento.

O casamento é a união de dois seres que o amor reúne e que se prometem um devotamento mútuo no interesse dos filhos que podem nascer.

Dois esposos que têm um filho e que se separam são ímpios. Querem então executar o juízo de Salomão e separar também a criança?

Prometer mutuamente um amor eterno é uma puerilidade: o amor sexual é uma emoção divina, sem dúvida, mas acidental, involuntária e transitória; mas a promessa do devotamento recíproco é a essência do casamento e o princípio da família.

A sanção e a garantia dessa promessa devem ser uma confiança absoluta.

Todo ciúme é uma desconfiança e toda desconfiança é um ultraje.

O verdadeiro adultério é o da confiança: a mulher que se queixa de seu marido a um outro homem; o homem que se confia a uma outra

mulher, e não à sua, os desgostos e as esperanças de seu coração, estes traem verdadeiramente a fé conjugal.

As surpresas dos sentidos são infidelidades só por causa do arrastamento do coração, que se abandona mais ou menos ao reconhecimento do prazer. Fora disso, são faltas humanas, de que se deve corar e que se deve esconder: são indecências que se deve prevenir evitando as ocasiões, mas que nunca se deve procurar surpreender: os bons costumes são a proscrição do escândalo.

Todo escândalo é uma torpeza. Ninguém é indecente por ter órgãos que o pudor não designa; mas é obsceno quando se mostra.

Maridos, escondam as chagas de seu lar; não dispam suas mulheres diante do riso público.

Mulheres, não publiquem as misérias do leito conjugal: seria inscrever-se na opinião pública como prostitutas.

É preciso uma alta dignidade de coração para guardar a fé conjugal; é um pacto de heroísmo cuja extensão só as grandes almas podem compreender.

Os casamentos que se divorciam não são casamentos, são cópulas.

Uma mulher que abandona seu marido, que poderá ser? Não é mais esposa, não é viúva; que é então? É uma apóstata da honra, que é forçada a ser licenciosa, já que não é nem virgem nem livre.

Um marido que abandona sua mulher, a prostitui e merece o nome infame que se dá aos amantes das moças perdidas.

O casamento é, portanto, sagrado, indissolúvel quando existe realmente.

Mas só pode existir realmente para seres de elevada inteligência e nobre coração.

Os animais não se casam, e os homens que vivem como os animais sofrem as fatalidades de sua natureza.

Fazem continuamente ensaios infelizes para agir razoavelmente. Suas promessas são ensaios e aparências de promessas; seus casamentos, ensaios e aparência de casamento; seus amores, ensaios e aparências de amores. Quereriam sempre e jamais querem; empreendem e nunca acabam. Para tais pessoas as leis só são aplicáveis do lado da repressão.

Tais seres podem ter um nicho, porém nunca têm família: o casamento e a família são direitos do homem perfeito, do homem

emancipado, do homem inteligente e livre.

Por isso, interroguem os registros dos tribunais e leiam a história dos parricidas.

Levantem o véu negro de todas essas cabeças cortadas e perguntem-lhes o que pensaram do casamento e da família; que leite mamaram, que carícias os enobreceram... Depois estremeçam, todos vocês que não dão a seus filhos o pão da inteligência e do amor, todos vocês que não confirmam a autoridade paterna com a virtude do bom exemplo...

Esses miseráveis eram órfãos pelo espírito e pelo coração, e vingaram-se de seu nascimento!...

Vivemos num século em que mais que nunca a família é desconhecida no que tem de augusto e sagrado: o interesse material mata a inteligência e amor; as lições da experiência são desprezadas, vendem-se as coisas de Deus. A carne insulta o espírito, a fraude ri-se da lealdade. Nenhum ideal, nenhuma justiça: a vida humana ficou órfã dos dois lados.

Coragem e paciência! Este século irá para onde devem ir os grandes culpados. Vejam como é triste! O desgosto é o véu negro de sua cabeça... o carroção roda e a multidão o segue com estremecimento...

Logo mais um século será julgado pela história, e escreverão sobre um grande túmulo de ruínas:

Aqui acabou o século parricida! O século algoz de seu Deus e de seu Cristo!

Na guerra tem-se o direito de matar para não morrer; mas na batalha da vida, o mais sublime dos direitos é morrer para não matar.

A inteligência e o amor devem resistir à opressão até a morte, nunca até ao assassinato.

Homem de coração, a vida daquele que o ofendeu está nas suas mãos, porque é senhor da vida dos outros aquele que não está preso à sua... Esmaga-o com sua grandeza: faz-lhe graça!

Mas somos proibidos de matar o tigre que nos ameaça?

“Se for um tigre de face humana, é mais belo deixar-se devorar; todavia, nestes caso, a moral nada prescreve”.

“Mas, se o tigre ameaça meus filhos?...”

“Que a própria natureza lhes responda.”

Harmodio e Aristogiton tinham festas e estátuas na antiga Grécia. A Bíblia consagrou os nomes de Judite e de Aod e uma das mais sublimes

figuras do livro sagrado é a de Sansão cego e preso que abala as colunas do templo exclamando: Que eu morra com os Filisteus!

Acreditam contudo que se Jesus, antes de morrer tivesse ido a Roma apunhalar Tibério, teria salvo o mundo como fez perdoando a seus algozes e morrendo até por Tibério?

Bruto, matando César, salvou a liberdade romana? Matando Calígula, Cheréas só deu lugar para Cláudio e Nero. Protestar contra a violência pela violência é justificá-la e forçá-la a reproduzir-se.

Porém, triunfar do mal pelo bem, do egoísmo pela abnegação, da ferocidade pelo perdão, é o segredo do cristianismo e é o da vitória eterna.

Vi o lugar em que a terra ainda sangrava pela morte de Abel, e nesse lugar passava um regato de lágrimas.

E miríades de homens avançavam dirigidos pelos séculos, deixando cair suas lágrimas no regato.

E a eternidade, acorada e triste, contemplava as lágrimas que caíam, ela contava-as uma a uma e nunca havia bastante para lavar uma mancha de sangue.

Mas entre duas multidões e duas idades veio o Cristo; pálida e radiante figura.

E na terra do sangue e das lágrimas plantou a vinha da fraternidade, e as lágrimas e o sangue, aspirados pelas raízes da árvore divina, tornaram-se a seiva deliciosa da uva que deve embebedar de amor os filhos do futuro.

XIV

O NÚMERO CATORZE

Catorze é o número da fusão, da associação e da unidade universal, e é em nome do que ele representa que faremos aqui um apelo às nações, começando pela mais antiga e a mais santa.

Filhos de Israel, por que, no meio do movimento das nações, vocês ficam imóveis como se guardassem os túmulos de seus pais?

Seus pais não estão aqui, ressuscitaram: porque o Deus de Abraão, Isaac e de Jacó não é o Deus dos mortos!

Por que vocês imprimem sempre à sua geração a marca sangrenta do cutelo?

Deus não quer mais separar vocês dos outros homens; sejam nossos irmãos, e comam conosco hóstias pacíficas em altares que o sangue não mancha nunca.

A lei de Moisés está cumprida: leiam o seu livro e compreendam que vocês foram um povo cego e duro, como dizem seus profetas.

Mas foram também um povo corajoso e perseverante na luta.

Filhos de Israel, façam-se filhos de Deus: compreendam e amem!

Deus apagou de sua fronte o sinal de Caim, e os povos, ao vê-los, não mais dirão: Eis os judeus! exclamarão: Lugar para nossos irmãos! lugar para nossos mais velhos na fé.

E iremos todos os anos comer a páscoa com vocês na nova Jerusalém.

E repousaremos debaixo de sua vinha e de sua figueira; porque vocês ainda serão os amigos do viajante, em lembrança de Abraão, de Tobias e dos anjos que os visitavam.

E em lembrança daquele que disse: Aquele que recebe o menor dentre vocês, recebe a mim mesmo.

Porque de agora em diante vocês não mais recusarão um asilo em sua casa a seu irmão José que foi vendido às nações.

Porque ele se tornou poderoso na terra do Egito onde vocês procuravam pão nos dias de esterilidade.

E ele se lembrou de seu pai Jacó e de Benjamim seu jovem irmão; e lhe perdoa sua inveja e o abraça chorando.

Filhos dos crentes, nós cantaremos com vocês: Não há outro Deus senão Deus e Maomé é seu profeta.

Digam com os filhos de Israel: Não há outro senão Deus e Moisés é seu profeta!

Digam com os cristãos: Não há outro Deus senão Deus e Jesus Cristo é seu profeta!

Maomé é a sombra de Moisés. Moisés é o precursor de Jesus.

Que é um profeta? É um representante da humanidade que procura Deus. Deus é Deus, o homem é o profeta de Deus, quando faz com que creiamos em Deus.

A Bíblia, o Corão e o Evangelho são três traduções diferentes do mesmo livro. Só há uma lei como só há um Deus.

Oh, mulher idealizada; oh, recompensa dos eleitos, é você mais bela que Maria?

Oh, Maria, filha do Oriente, casta como o puro amor, grande como as aspirações maternas, vem ensinar aos filhos do Islã os mistérios do Céu e os segredos da beleza.

Convida-os ao festim da aliança nova, ali, em três tronos brilhantes de pedrarias, três profetas estarão assentados.

A árvore tuba fará com seus ramos inclinados um manto para a mesa celeste.

A esposa será branca como a lua e corada como sorriso da manhã.

Todos os povos acorrerão para vê-la e não temerão passar Al Sirah, porque nessa ponte cortante como uma navalha, o Salvador estenderá sua cruz e virá dar a mão aos que vacilarem, e aos que caírem a esposa estenderá seu véu perfumado e os atrairá para si.

Povos, batam palmas e aplaudam a última vitória do amor! Só a morte ficará morta e só o inferno será queimado.

Ó nações da Europa, a quem o Oriente estende a mão, unam-se para repelir os ursos do Norte! Que a última guerra faça triunfar a inteligência e o amor, que o comércio entrelace os braços do mundo e uma nova civilização saída do evangelho armado reúna todos os rebanhos da terra sob o cajado do mesmo pastor!

Estas são as conquistas do progresso; este é o fim para o qual nos leva o movimento inteiro do mundo.

O progresso é o movimento; e o movimento é a vida.

Negar o progresso é afirmar o nada e deificar a morte.

O progresso é a única resposta que a razão pode opor às objeções relativas à existência do mal.

Tudo não é bem, mas tudo será bem um dia. Deus começa e acabará sua obra.

Sem o progresso, o mal seria imutável como Deus.

O progresso explica as ruínas e consola Jeremias que chora.

As nações se sucedem como os homens e nada é estável porque tudo caminha para a perfeição.

O grande homem que morre lega à sua pátria o fruto de seus trabalhos; a grande nação que desaparece na terra, se transfigura em estrela para iluminar as obscuridades da história.

O que ela escreveu por suas ações fica gravado no livro eterno; acrescentou uma página à bíblia do gênero humano.

Não digam que a civilização é má; porque ela se assemelha ao calor úmido que amadurece as searas, desenvolve rapidamente os princípios de vida e os princípios de morte, mata e vivifica.

É como o cordeiro do juízo que separa os maus do meio dos bons.

A civilização transforma em anjos de luz os homens de boa vontade e rebaixa o egoísta abaixo do bruto; é a corrupção dos corpos e a emancipação das almas.

O mundo ímpio dos gigantes elevou ao céu a alma do Enoque; acima dos bacanais da Grécia primitiva, se eleva o espírito harmonioso de Orfeu.

Sócrates e Pitágoras, Platão e Aristóteles, resumem explicando-as, todas as aspirações e todas as glórias do mundo antigo; as fábulas de Homero ficaram mais verdadeiras que a história, e só nos restam das grandezas de Roma os escritos imortais que o século de Augusto elaborou.

Assim talvez Roma não tivesse abalado o mundo com suas convulsões guerreiras senão para dar à luz seu Virgílio.

O cristianismo é o fruto das meditações de todos os sábios do Oriente, que revivem em Jesus Cristo.

Assim a luz dos espíritos levantou-se onde se levanta o sol do mundo; o Cristo conquistou o Ocidente e os agradáveis raios do sol da Ásia tocaram nas geleiras do Norte.

Aagitadas por esse calor desconhecido, multidões de homens novos se espalharam por um mundo gasto; as almas dos povos mortos irradiaram sobre os povos renovados e aumentaram neles o espírito de vida.

Existe no mundo uma nação que se chama franqueza e liberdade, porque essas duas palavras são sinônimas do nome da França.

Essa nação sempre foi, por assim dizer, mais católica do que o papa e mais protestante do que Lutero.

A França das cruzadas, a França dos trovadores e das canções, a França de Rabelais e de Voltaire, a França de Bossuet, de Pascal, é ela que é a síntese dos povos; é ela que consagra a aliança da razão e da fé, da revolução e do poder, da crença mais terna e da dignidade humana mais ativa.

Também, vejam como ela caminha, como se agita, como luta, como se engrandece!

Muitas vezes enganada e ferida, nunca abatida, entusiasta de seus triunfos, audaciosa em seus revezes, ela ri, canta, morre, e ensina ao mundo a fé na imortalidade.

A velha guarda não se entrega, mas também não morre; creiam no entusiasmo de nossos filhos, que também querem ser um dia soldados da velha guarda!

Napoleão não é mais um homem, é o próprio gênio da França, é o segundo salvador do mundo, e ele também deu como sinal a seus apóstolos a cruz!

Santa Helena e o Gólgota são as balizas da civilização nova; são os dois pilares de uma arca imensa que forma o arco-íris do último dilúvio e que faz uma ponte entre dois mundos.

E vocês poderiam crer que um passado sem auréola e sem glória poderia tirar e devorar tanto futuro?

E pensarão que as esposas de um Tártaro rasgarão um dia o pacto de nossas glórias, o testamento de nossas liberdades!

Digam antes que nos tornaremos crianças e entraremos no seio de nossas mães!

Caminhe! Caminhe, diz a voz divina a Aasverus. Avance! Avance! Grite à França o destino do mundo!... E aonde iremos? Ao desconhecido, ao abismo talvez; não importa! Mas ao passado, aos cemitérios do esquecimento, aos cueiros que nossa própria infância rasgou, à imbecilidade e ignorância das primeiras idades... nunca! Nunca!

XV

O NÚMERO QUINZE

Quinze é número do antagonismo e da catolicidade.

O cristianismo se divide agora em duas igrejas: a Igreja civilizadora e a Igreja bárbara, a Igreja progressiva e a Igreja estacionária.

Uma é ativa, outra é passiva; uma mandou sobre as nações e as governa sempre, porque os reis a temem; a outra sofreu todos os

despotismos e só pode ser um instrumento de servidão.

A Igreja ativa realiza Deus para os homens e crê só na divindade do Verbo humano intérprete do Verbo de Deus. Que é, enfim, a infalibilidade do papa, senão a autocracia da inteligência conformada pelo sufrágio universal da fé?

A esse título dirão, o papa devia ser o primeiro gênio de seu século. Por quê? Mais vale, em realidade, que seja um espírito ordinário. Sua supremacia é ainda mais divina, porque é, por assim dizer, mais humana.

Os acontecimentos não falam mais alto que os rancores e as ignorâncias irreligiosas? Não veem a França sustentar com uma mão o papado enfraquecido e com outra segurar a espada para combater à frente do exército do progresso?

Católicos, israelitas, turcos, protestantes já combatem sob a mesma bandeira; o Crescente ligou-se à cruz latina e todos juntos lutamos contra a invasão dos bárbaros e sua embrutecedora ortodoxia.

É para sempre um fato realizado. Admitindo dogmas novos, a cadeira de S. Pedro acaba de pronunciar-se solenemente progressiva.

A pátria do cristianismo católico é a das ciências e das belas-artes, e o Verbo eterno do evangelho vivo e encarnado numa autoridade visível é ainda a luz do mundo.

Silêncio, portanto, aos fariseus da sinagoga nova! Silêncio às tradições odiosas da Escola, ao presbiterianismo arrogante, ao jansenismo absurdo e a todas essas vergonhosas e supersticiosas interpretações do dogma eterno, tão justamente estigmatizadas pelo gênio implacável de Voltaire!

Voltaire [\[1\]](#) e Napoleão morreram católicos. E vocês sabem o que deve ser o catolicismo do futuro?

Será o dogma evangélico purificado como o ouro pela crítica dissolvente de Voltaire e realizado no governo do mundo pelo gênio de um Napoleão cristão!

Os que não quiserem andar nos acontecimentos os arrastarão ou passarão sobre eles!

Imensas calamidades podem pesar ainda sobre o mundo. Os exércitos do Apocalipse talvez um dia vão desencadear os quatro flagelos. O santuário será purificado. A santa e severa pobreza enviará seus

apóstolos para sustentar tudo o que vacila, revelar o que está destruído e espalhar o óleo santo em todas as feridas.

O despotismo e a anarquia, esses dois monstros sedentos de sangue, se despedaçarão e se aniquilarão mutuamente após se haverem sustentado por um pouco de tempo pelo aperto da sua luta.

E o governo do futuro será aquele cujo modelo nos é mostrado na natureza pela família e no ideal religioso pela hierarquia dos pastores. Os eleitos devem reinar com Jesus Cristo durante mil anos, dizem as tradições apostólicas, isto é, durante uma continuidade de séculos, a inteligência e o amor dos homens de *elite* devotados aos cargos do poder administrarão os interesses e os bens da família universal.

Então, conforme a promessa do evangelho, só haverá um rebanho e um pastor.

XVI

O NÚMERO DEZESSEIS

Dezesseis é o número do templo.

Digamos o que será o templo do futuro.

Quando o espírito de inteligência e de amor tiver se revelado, toda a trindade se manifestará em sua verdade e em sua glória.

A humanidade feita rainha e ressuscitada terá a graça da infância na sua poesia, o vigor da juventude na sua razão e a sabedoria da idade madura nas suas obras.

Todas as formas que sucessivamente revestiram o pensamento divino, renascerão imortais e perfeitas.

Todos os traços que a arte sucessiva das nações esboçou se reunirão e formarão a imagem completa de Deus.

Jerusalém reedificará o templo de Jeová conforme modelo profetizado por Ezequiel; e o Cristo, novo e eterno de Salomão, nele contará, sob os tetos de cedro e de ciprestes, suas núpcias com a santa liberdade, a jovem esposa do cântico!

Mas Jeová terá deixado de seus raios para abençoar com as duas mãos o noivo e a noiva: aparecerá sorridente entre os dois esposos, e se alegrará de ser chamado pai.

Contudo, a poesia do Oriente, nas suas mágicas lembranças, o chamará ainda Brama e Júpiter. A Índia ensinará a nossos climas encantados as fábulas maravilhosas de Vishnu, experimentaremos na fronte ainda ensanguentada do nosso Cristo amado, a tríplice coroa de pérolas da mística Trimurti. Vênus, purificada sob o véu de Maria, não chorará de agora em diante seu Adônis.

O esposo está ressuscitado para não mais morrer, e o javali infernal achou a morte na sua passageira vitória.

Levantem-se templos de Delfos e de Éfeso! O deus da luz e das artes tornou-se o deus do mundo, e o verbo de Deus quer ser chamado Apolo! Diana não mais reinará como viúva nos campos solitários da noite; seu crescente prateado está agora sob os pés da esposa.

Mas Diana não é vencida por Vênus; seu Endimion acaba de despertar-se, e a virgindade vai orgulhar-se de ser mãe!

Saia do túmulo, ó Fídias, e alegre-se da destruição de seu primeiro Júpiter: é agora que você vai fazer um Deus!

Ó Roma! Que seus templos se levantem ao lado de suas basílicas; seja ainda a rainha do mundo e o panteão das nações; que Virgílio seja coroado no Capitólio pela mão de S. Pedro; e que o Olimpo e o Carmelo unam suas divindades sob a arte de Rafael!

Transfigurem-se, antigas catedrais de nossos pais; lancem até às nuvens suas flechas apuradas e vivas; que a pedra conte em figuras animadas as sombrias lendas do Norte avivadas pelos apólogos dourados e maravilhosos do Corão!

Que o Oriente adore Jesus Cristo nas suas mesquitas, e que nos minaretes de uma nova Santa Sofia, a cruz se eleve no meio do crescente!

Que Maomé liberte a mulher para dar ao verdadeiro crente as virgens (húris) que tanto sonhou, e os mártires do Salvador ensinem castas carícias aos belos anjos de Maomé.

Toda a terra revestida de ricos ornamentos que lhe bordaram as artes não será mais que um templo magnífico de que o homem será o padre eterno!

Tudo o que foi verdadeiro, tudo o que foi belo, tudo o que foi agradável nos séculos passados, reviverá glorioso nessa transfiguração do mundo.

E a forma bela ficará inseparável da ideia verdadeira, como o corpo será um dia inseparável da alma, quando a alma, chegada à sua máxima força, tiver feito para si um corpo à sua imagem.

Este será o Reino do Céu e da Terra, e os corpos serão os templos da alma, como o universo regenerado será o templo de Deus.

E o corpo e as almas, a forma e o pensamento, o universo inteiro serão a luz do verbo, a revelação permanente e visível de Deus. Amém! Assim seja!

XVII

O NÚMERO DEZESSETE

Dezessete é o número da estrela; é o da inteligência e do amor.

Inteligência guerreira, audaciosa, cúmplice do divino Prometeu, filha mais velha de Lúcifer, salve a sua ousadia! Você quis saber para possuir, desafiou todos os trovões, afrontou todos os abismos!

Inteligência, você a quem pobres pecadores amaram até o delírio, até o escândalo, até a reprovação! Direito divino do homem, essência e alma da liberdade, salve! Porque eles a procuraram lançando aos pés, por você, os sonhos mais caros de sua imaginação, os fantasmas mais amados de seu coração!

Por você, foram repelidos e proscritos; por você, sofreram a prisão, a privação, a fome, a sede, o abandono dos que amavam, e as sombrias tentações do desespero! Você era o direito deles, e eles a conquistaram! Agora podem chorar e crer, podem submeter-se e orar!

Caim arrependendo-se fora maior que Abel; é o legítimo orgulho satisfeito que tem o direito de se fazer humilde!

Creio, porque sei por que e como se deve crer; creio, porque amo e não temo mais nada.

Amor! Amor! Redentor e reparador sublime; você faz tanta felicidade com tantas torturas, você é o sacrificador do sangue e das lágrimas, você é a própria virtude e o salário da virtude; força da resignação, liberdade da obediência, alegria das dores, vida da morte, salve! E glória lhe damos! Se a inteligência é uma lâmpada, você é a sua chama; se ela é o direito, você é o dever; se ela é a nobreza, você é a felicidade! Amor

cheio de altivez e de pudor em seus mistérios, amor divino, amor oculto, amor insensato e sublime. Titã que segura com as duas mãos o céu e o obriga a descer, último e indizível segredo da viuvez cristã, amor eterno, amor infinito, ideal que bastaria para criar mundos, amor! Amor! Bênção e glória para você! Glória às inteligências que se cobrem para não ofender os olhos doentes! Glória ao direito que se transforma inteiramente em dever e se torna devotamento! Às almas viúvas que amam e se consomem sem serem amadas! Aos que sofrem e nada fazem sofrer, aos que perdoam os ingratos, aos que amam seus inimigos! Oh! Sempre felizes, mais do que nunca felizes dos que se empobrecem e se gastam para se dar! Felizes das almas que sempre fazem sua paz! Felizes dos corações puros e simples que não se julgam melhores que ninguém! Humanidade, minha mãe, humanidade, filha e mãe de Deus, humanidade concebida sem pecado, Igreja universal, Maria! Feliz de quem tudo ousou para conhecê-lo e compreendê-lo, e ainda está pronto a sofrer tudo para servi-lo e amá-lo!

XVIII

O NÚMERO DEZOITO

Este número é o dogma religioso que é toda poesia e todo mistério.

O evangelho diz que na morte do Salvador o véu do templo rasgou-se, porque essa morte manifestou a vitória do devotamento, o milagre da caridade, o poder de Deus no homem, a humanidade divina e a divindade humana, o último e o mais sublime dos arcanos, a última palavra de todas as iniciações.

Mas o Salvador sabia que não o compreenderiam a princípio, e tinha dito: Não suportarão agora toda a luz de minha doutrina; mas quando se manifestar o espírito de verdade, lhes ensinará toda a verdade e lhes explicará o sentido do que lhes disse.

Ora, o espírito de verdade é o espírito de ciência e de inteligência, o espírito de força e de conselho.

Esse espírito é o que se manifestou solenemente na Igreja romana, quando ela declarou nos quatro artigos de seu decreto de 12 de Dezembro de 1845:

- 1º Que se a fé é superior à razão, a razão deve apoiar as inspirações da fé;
- 2º Que a fé e a ciência têm cada qual seu domínio separado, e uma não deve usurpar as funções da outra;
- 3º Que o próprio da fé e da graça, não é enfraquecer, mas pelo contrário é fortalecer e desenvolver a razão;
- 4º Que o concurso da razão, que examina não as decisões da fé, mas as bases naturais e racionais da autoridade que decide, longe de prejudicar a fé, só poderia ser-lhe útil; em outros termos, que a fé perfeitamente razoável em seus princípios não deve temer, pelo contrário, deve desejar o exame sincero da razão.

Semelhante decreto é uma revolução religiosa realizada, é a inauguração do reino do Espírito Santo na Terra.

XIX

O NÚMERO DEZENOVE

É o número da luz.

É a existência de Deus provada pela própria ideia de Deus.

Ou é preciso dizer que o Ser imenso é um tûmulo universal ou se move por um movimento automático, uma forma sempre morta e cadavérica, ou é preciso admitir princípio absoluto da inteligência e da vida.

A luz universal é morta ou viva? Fatalmente voltada à obra da destruição ou providencialmente dirigida para uma produção imortal?

Se não há Deus, a inteligência é somente uma decepção, porque ela não tem absoluto e seu ideal é uma mentira.

Sem Deus, o ente é um nada que se afirma, e a vida uma morte que se disfarça.

A luz é uma noite sempre enganada pela imagem dos sonhos.

O primeiro e o mais essencial dos atos de fé é, portanto, este:

O Ser existe, e o ser do ser, a verdade do ser, é Deus.

O Ser é vivo com inteligência, e a inteligência viva do Ser absoluto é Deus.

A luz é real e vivificadora; ora, a realidade e a vida de toda luz é Deus.

O Verbo da razão universal é uma afirmação e não uma negação.

Cegos são os que não veem que a luz física é somente o instrumento do pensamento!

Só o pensamento vê a luz e a cria, empregando-a para sua utilidade.

A afirmação do ateísmo é o dogma da noite eterna; a afirmação de Deus é o dogma da luz eterna!

Paramos aqui no décimo nono número; embora o alfabeto sagrado tenha vinte e duas letras, as dezenove primeiras são as chaves da teologia oculta. As outras são chaves da natureza; voltaremos a elas na terceira parte desta obra.

*

* *

Vamos resumir o que dissemos de Deus, citando uma bela invocação tirada da liturgia israelita. É uma página de Kether-Malkut, poema cabalístico de rabi Salomão, filho de Gabirol.

“Você é um, o começo de todos os números, e o fundamento de todos os edifícios; você é um, e no segredo de sua unidade, os homens mais sábios se perdem, porque não a conhecem. Você é um, e sua unidade nunca diminui, nem aumenta, nem sofre alteração alguma. Você é um, não porém como um no cálculo, porque sua unidade não admite multiplicação, nem mudança, nem forma. Você é um, ao qual nenhuma das minhas imaginações pode fixar um limite e dar uma definição; é por isso que vigiarei minha conduta, preservando-me de faltar por minha língua. Você é um, enfim, cuja excelência é tão elevada, que de modo algum pode cair, e não como essa unidade que pode cessar de existir.

“Você é existente; contudo, o entendimento e a vista dos mortais não podem atingir sua existência, nem pôr em você o onde, o como e o porquê. Você é existente, porém em você mesmo, visto que nenhum outro pode existir consigo. Você é existente, desde antes dos tempos e

sem lugar. Enfim, você é existente, e sua existência é tão oculta e tão profunda, que ninguém pode descobrir nem penetrar o seu segredo.

Você é vivo, porém não desde um tempo conhecido e fixo; você é vivo, não porém por um espírito ou uma alma, porque é a alma de todas as almas. Você é vivo; porém, não como os mortais cujas vidas são comparadas a um sopro, e cujo fim será o alimento dos vermes. Você é vivo, e aquele que pode alcançar seus mistérios gozará das delícias eternas e viverá perpetuamente.

“Você é grande, e ao pé da sua grandeza toda essas grandezas se dobram, e tudo o que há de mais excelente se torna defeituoso. Você é grande acima de toda imaginação, e se eleva acima de toda grandeza, e é exaltado acima de todos os louvores. Você é forte, e nenhuma de todas as suas criaturas fará as obras que você faz, nem sua força poderá ser comparada à sua. Você é forte; e é a você que pertence essa força invencível que nunca muda nem se altera. Você é forte, e por sua magnanimidade perdoa no tempo de sua mais ardente cólera, e se mostra paciente com os pecadores. Você é forte, e suas misericórdias, que de todos os tempos existiram, se estendem sobre todas as suas criaturas. Você é a luz eterna, que as almas puras verão e as nuvens dos pecados ocultarão à vista dos pecadores. Você é a luz, que está oculta neste mundo, e visível no outro, em que a glória do Senhor se mostra. Você é soberano, e os olhos do entendimento que desejam vê-los ficam todos admirados de só poderem alcançar uma parte e nunca o todo. Você é o Deus dos deuses, atestam todas as suas criaturas; e em honra deste grande nome todas elas lhe devem render culto. Você é Deus, e todas as criaturas são seus servidores e adoradores; sua glória não é ofuscada embora adorem outros, porque as suas intenções é dirigirem-se a você; são como os cegos, cujo fim é seguir a grande estrada, e perdem-se; um afoga-se num poço, e outro cai num fosso; em geral todos creem ter chegado a seus desejos, e entretanto se cansaram em vão. Porém, os seus servos são como clarividentes que andam em caminho seguro e não se desviam dele nem para a direita nem para a esquerda, até entrarem no átrio do palácio do rei. Você é Deus, que sustenta por sua deidade todos os seres e assiste por sua unidade a todas as criaturas. Você é Deus, e não há diferença entre sua deidade, sua unidade, sua eternidade e sua existência, pois tudo é um mesmo mistério; e embora os nomes variem

tudo dá no mesmo. Você é o sábio, e essa ciência que é a fonte da vida emana de você mesmo; e em comparação com a sua ciência os homens mais sábios são estúpidos. Você é sábio e ancião dos anciãos, e a ciência sempre nutriu-se junto a você. Você é sábio, e não aprendeu a ciência, de ninguém, nem a adquiriu senão de si mesmo. Você é sábio, e como um operário e um arquiteto, reservou da sua ciência uma divina vontade, num tempo marcado, para atrair o ente do nada; da mesma forma que a luz que sai dos olhos é atraída de seu próprio centro sem instrumento ou utensílio algum. Essa divina vontade cavou, traçou, purificou e fundiu; ela ordenou ao nada que se abrisse, ao ente que se entranhasse e ao mundo que se estendesse. Ela mediu os céus com a palma, com seu poder reuniu o pavilhão das esferas, com os laços de seu poder fechou as cortinas das criaturas do universo, e tocando com sua força as bordas da cortina da criação, uniu a parte superior com a inferior.

(Extrato das preces de KIPPUR).

*
* *

Demos a essas ousadas especulações cabalísticas a única forma que lhes convém, a da poesia ou da inspiração do coração.

As almas crentes não terão necessidade das hipóteses racionais contidas nessa explicação nova das figuras da Bíblia; porém, os corações sinceros, afligidos pela dúvida, e que a crítica do século XVII atormenta, compreenderão, lendo-a que até a razão sem fé possa achar no livro sagrado outra coisa mais que obstáculos; se os véus pelos quais os textos divinos estão cobertos projetam uma grande sombra, essa sombra é tão maravilhosamente pintada pelas oposições da luz que se torna a única imagem inteligível do ideal divino.

Ideal incompreensível como o infinito, e indispensável como a própria essência do mistério.

ARTIGO II

SOLUÇÃO DO SEGUNDO PROBLEMA

A VERDADEIRA RELIGIÃO

A religião existe na humanidade como no amor.

Ela é única, como ele.

Como ele, ela existe ou não existe nesta ou naquela alma; porém, quer a aceitem quer a neguem, ela está na humanidade; está, portanto, na vida, está na natureza, é incontestável diante da ciência e até diante da razão.

A verdadeira religião é aquela que sempre existiu, que existe e existirá sempre.

Podem dizer-nos que a religião é isto ou aquilo; religião é o que é. A religião é ela mesma e as falsas religiões são as superstições que a imitam, foram tiradas dela e são mentirosas sombras da mesma.

Pode-se dizer da religião o que se diz da arte verdadeira. Os ensaios bárbaros de pintura ou escultura são tentativas da ignorância para chegar à verdade. A arte se prova por si mesma, irradia com seu próprio esplendor, é única e eterna como a beleza.

A verdadeira religião é bela, e é por esse caráter divino que ela se impõe ao respeito da ciência e à aprovação da razão.

A ciência não poderia sem temeridade afirmar ou negar essas hipóteses do dogma que são verdades para a fé; porém, pode reconhecer, pelas características certas, a única religião verdadeira, isto é, aquela que merece o nome de religião, reunindo todos os traços que convêm a essa grande e universal aspiração da alma humana.

Uma única coisa evidentemente divina para todos manifestou-se no mundo.

É a caridade.

A obra da verdadeira religião deve ser – produzir, conservar e espalhar o espírito de caridade.

Para chegar a esse fim, é preciso que ela mesma tenha todos os caracteres da caridade, de maneira que possamos defini-la bem chamando-a de *caridade organizada*.

Ora, quais são as características da caridade?

É S. Paulo que vai nos dizer.

A caridade é paciente.

Paciente como Deus, porque é eterna como ele. Ela sofre as perseguições e nunca persegue ninguém.

Ela é benevolente e afável, chamando para junto de si os pequenos e não repelindo os grandes.

Ela é livre de ciúme. De quem ou do que teria ciúme? Ela não tem essa melhor parte que nunca lhe será tirada? Ela não é turbulenta nem intrigante.

Ela é sem orgulho, sem ambição, sem egoísmo, sem cólera.

Ela nunca supõe o mal e nunca triunfa pela injustiça, porquanto põe toda a sua alegria na verdade.

Ela suporta tudo sem nunca tolerar o mal.

Ela crê em tudo, sua fé é simples, submissa, hierárquica e universal.

Ela sustenta tudo, e nunca impõe fardo que não seja a primeira a levar.

A religião é paciente, é a religião dos grandes trabalhadores do pensamento: é a religião dos mártires.

Ela é benevolente como o Cristo e como os apóstolos iguais a São Vicente de Paula e Fenelon.

Ela não cobiça nem as dignidades, nem os bens da Terra. É a religião dos padres do deserto, de S. Francisco de Assis, de Bruno de Colônia das irmãs de caridade e dos irmãos de S. João de Deus.

Ela não é espalhafatosa, nem intrigante, ela ora, faz o bem e espera.

Ela é humilde e dócil, só inspira o devotamento e o sacrifício. Tem enfim todas as características da caridade, porque é a própria caridade.

Pelo contrário, os homens são impacientes, perseguidores, ciumentos, cruéis, ambiciosos, injustos, e mostraram-se assim, até em nome dessa

religião que caluniaram, porém nunca a farão mentir. Os homens passam e a Verdade é eterna.

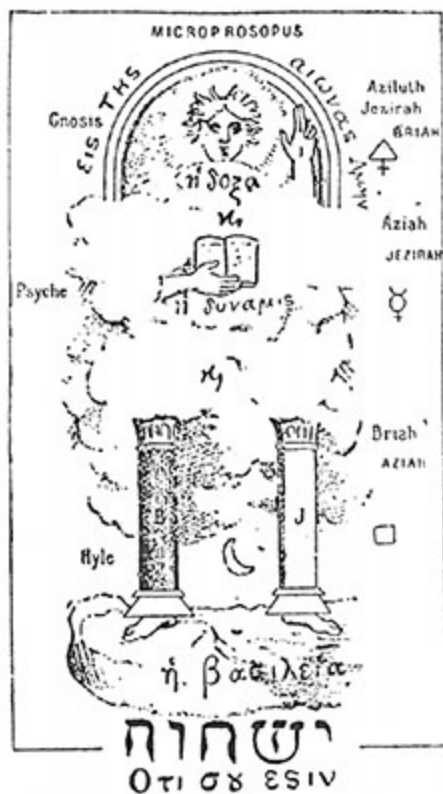


Figura 3

GRANDE PENTÁCULO TIRADO DA VISÃO DE S. JOÃO

Filha da caridade e criando por sua vez a caridade, a verdadeira religião é essencialmente realizadora; crê nos milagres da fé, porque os realiza todos os dias quando faz caridade. Ora, uma religião que faz caridade pode vangloriar-se de realizar todos os sonhos do amor divino. Por isso, a fé da Igreja hierárquica transforma o misticismo em realismo pela eficácia dos seus sacramentos. Não há nenhum sinal, nenhuma figura que não tenha sua força na graça e que não dê realmente o que promete. A fé anima tudo, torna, por assim dizer, tudo visível e palpável; as próprias parábolas de Jesus Cristo tomam um corpo e uma alma. Mostra-se em Jerusalém a casa do mau rico. Os simbolismos esparsos das religiões primitivas, abandonados pela ciência e privados da vida da fé, pareciam-se com aquelas ossadas embranquecidas que cobriam o campo de Ezequiel. O espírito do Salvador, o espírito da fé, o espírito de

caridade soprou sobre aquele pó, e tudo o que estava morto readquiriu uma vida tão real que não se reconhece mais nos vivos de hoje os cadáveres de ontem. E para que os reconhecer, se o mundo está renovado, se S. Paulo queimou em Éfeso os livros dos hierofantes? S. Paulo seria então um bárbaro, e teria ele cometido um atentado contra a ciência? Não, mas queimou os sudários dos ressuscitados para fazer-lhes esquecer a morte. Por quê, então, nos lembramos hoje da origem cabalística do dogma? Por que prendermos as figuras da Bíblia às alegorias de Hermes? Será para condenar S. Paulo, será para trazer a dúvida aos crentes? Não, certamente, porque os crentes não têm necessidade deste livro, não o lerão, não quererão compreendê-lo. Mas queremos mostrar à multidão numerosa dos que duvidam que a fé se prende à razão de todos os séculos, à ciência de todos os sábios. Queremos forçar a liberdade humana a respeitar a autoridade divina, a razão a reconhecer as bases de fé, para que a fé e a autoridade, por sua vez, nunca mais proibam nem a liberdade nem a razão.

ARTIGO III

SOLUÇÃO DO TERCEIRO PROBLEMA

RAZÃO DOS MISTÉRIOS

A fé sendo a aspiração ao desconhecido, o objeto da fé absoluta é necessariamente o mistério.

A fé, para formular suas aspirações, é forçada a tirar do conhecido ideias e imagens.

Porém, ela especializa o emprego dessas formas reunindo-as de um modo impossível na ordem conhecida. Tal é a profunda razão do aparente absurdo do simbolismo.

Demos um exemplo:

Se a fé dissesse que Deus é impessoal, podíamos concluir que Deus é apenas uma palavra ou ao menos uma coisa.

Se ela dissesse que Deus é uma pessoa, o infinito inteligente seria representado sob a forma necessariamente limitada de um indivíduo.

Ela diz: Deus é um em três pessoas, para exprimir que concebemos em Deus a unidade e o número.

A fórmula do mistério exclui necessariamente a compreensão dessa fórmula, como sendo tirada do Verbo das coisas conhecidas, já que, se fosse compreendida, exprimiria o conhecido e não o desconhecido.

Ela pertenceria então à ciência e não mais à religião, isto é, à fé.

O objeto da fé é um problema das matemáticas, cujo X escapa aos processos de nossa álgebra.

As matemáticas absolutas provam somente a necessidade e por isso a existência desse desconhecido representado pelo X incognoscível.

Ora, a ciência poderá trabalhar quanto for em seu progresso indefinido, mas sempre relativamente finito, ela nunca encontrará na língua do finito, a expressão completa do infinito. O mistério é, portanto, eterno.

Fazer entrar na lógica do conhecido os termos de uma profissão de fé, é fazê-los sair da fé, que tem por base positiva o ilogismo, isto é, a impossibilidade de explicar logicamente o desconhecido.

Para os israelitas, Deus é separado da humanidade e não vive em suas criaturas; é um egoísmo infinito.

Para os muçulmanos, Deus é uma palavra diante da qual a gente se prosterna pela fé de Maomé.

Para os cristãos, Deus se revelou na humanidade; ele se prova pela caridade e reina pela ordem que constitui a hierarquia.

A hierarquia é guarda do dogma, cuja letra e espírito deseja que respeitemos. Os sectários que, em nome de sua razão ou antes de sua desrazão individual, tocaram no dogma, perderam por isso o espírito de caridade e excomungaram-se por si mesmos.

O dogma católico, isto é, universal, merece esse belo nome porque resume todas as aspirações religiosas do mundo: afirma a unidade de Deus com Moisés e Maomé, reconhece nele a trindade infinita da geração eterna com Zoroastro, Hermes e Platão, concilia os números vivos de Pitágoras com o Verbo único de S. João; eis o que a ciência e a razão podem verificar. É, portanto, diante da própria razão e da ciência o dogma mais perfeito, isto é, mais completo, que até agora houve no mundo. Que a ciência e a razão nos concedam isso, nada mais lhes pedimos.

Deus existe, só há um Deus, e ele castiga os que fazem o mal, dissera Moisés.

Deus está em toda parte, está em nós, e o bem que fizemos aos homens, o fazemos a Deus, disse Jesus.

Temam, essa era a conclusão do dogma de Moisés.

Amem, é a conclusão do dogma de Jesus.

O ideal típico da vida de Deus na humanidade é a encarnação.

A encarnação necessita de redenção e a opera em nome da reversibilidade da solidariedade, em outros termos, da comunhão universal, princípio dogmático do espírito de caridade.

Substituir o arbítrio humano pelo despotismo legítimo da lei; pôr, em outros termos, a tirania no lugar da autoridade, é a obra de todos os protestantismos e de todas as democracias. O que os homens chamam de liberdade é a sanção da autoridade ilegítima, ou antes a ficção do poder não sancionado pela autoridade.

João Calvino protestava contra as fogueiras de Roma para ter o direito de queimar Miguel Servet. Todo povo que se liberta de um Carlos I ou de um Luiz XVI se sujeita a um Robespierre ou um Cromwell; há um antipapa mais ou menos absurdo atrás de todos os protestantes contra o papado legítimo.

A divindade de Jesus Cristo só existe na Igreja católica à qual ele transmite hierarquicamente sua vida e seus poderes divinos. Essa divindade é sacerdotal e real por comunhão; porém, fora dessa comunhão, toda afirmação da divindade de Jesus Cristo é idolátrica, porque Jesus Cristo não poderia ser um deus separado.

Pouco importa à verdade católica o número dos protestantes.

Se todos os homens fossem cegos, seria essa uma razão para negar a existência do sol?

A razão protestando contra o dogma, prova bastante que ela não inventou, porém é forçada a admirar a moral que resulta desse dogma. Ora, se a moral é uma luz, é preciso que o dogma seja um sol; a claridade não vem das trevas.

Entre os dois abismos do politeísmo e de um deísmo absurdo e limitado, só há um meio possível: o mistério da Santíssima Trindade.

Entre o ateísmo especulativo e o antropomorfismo, só há um meio possível: o mistério da encarnação.

Entre a fatalidade imoral e a responsabilidade draconiana que concluiria pela condenação de todos os seres, só há um meio possível: o mistério da redenção.

A trindade é a fé.

A encarnação é a esperança.

A redenção é a caridade.

A trindade é a hierarquia.

A encarnação é a autoridade divina da Igreja.

A redenção é o sacerdócio único, infalível e católico.

Só a Igreja católica possui um dogma invariável e se acha, pela sua própria constituição, na impossibilidade de corromper a moral; ela não inova, explica. Assim, por exemplo, o dogma da imaculada concepção não é novo; estava inteiramente contido no *teotocon* do concílio de Éfeso, e o *teotocon* é uma consequência rigorosa do dogma católico da encarnação.

Da mesma forma, a Igreja católica não faz as excomunhões, ela as declara e é a única que pode fazê-lo, porque é a única guarda da unidade.

Fora da barca de Pedro, só há o abismo. Os protestantes se assemelham a pessoas que, cansadas de falar, se tivessem lançado na água para evitar o mal-estar produzido pelo mar.

É à catolicidade, da forma como é constituída na Igreja romana, que devemos aplicar o que Voltaire disse de Deus com tanta ousadia.

Se ela não existisse, era preciso inventá-la. Porém, se um homem fosse capaz de inventar o espírito de caridade, ele teria inventado a deus. A caridade não pode ser inventada, ela se revela por suas obras, e é então que podemos exclamar com o Salvador do mundo: Felizes dos que têm o coração puro, porque verão a Deus!

Compreender o espírito de caridade é ter a inteligência de todos os mistérios.

ARTIGO IV

SOLUÇÃO DO QUARTO PROBLEMA

A RELIGIÃO PROVADA PELAS OBJEÇÕES QUE LHE FAZEM

As objeções que podemos fazer contra a religião, podem ser feitas em nome da ciência, em nome da razão ou em nome da fé.

A ciência não pode negar os fatos da existência da religião, de seu estabelecimento e de sua influência sobre os acontecimentos da história.

É-lhe é proibido tocar o dogma; o dogma pertence inteiramente à fé.

A ciência geralmente se arma contra a religião com uma série de fatos que ela tem o direito de apreciar e de fato aprecia severamente, mas que a religião condena mais energicamente ainda que a ciência.

Fazendo isso, a ciência dá razão à religião e se condena a si mesma; falta-lhe a lógica, manifesta a desordem que toda paixão odiosa introduz no espírito humano, e prova a necessidade de ele ser incessantemente corrigido e dirigido pelo espírito de caridade.

A razão, por sua vez, examina o dogma e o acha absurdo.

Porém, se ele não o fosse, a razão o compreenderia; se ela o compreendesse, não seria mais a fórmula do desconhecido.

Seria uma demonstração matemática do infinito.

Seria o infinito finito, o desconhecido conhecido, o incomensurável medido, o indizível designado.

Isto é, o dogma cessaria de ser absurdo diante da razão, apenas para se tornar diante da fé, da ciência, da razão e do bom senso reunidos, o mais monstruoso e mais impossível de todos os absurdos.

Restam as objeções da fé dissidente.

Os israelitas, nossos pais em religião, nos acusam de termos atentado à unidade de Deus, de termos mudado uma lei imutável e eterna, de adorarmos a criatura em lugar do criador.

Essas acusações tão graves são fundadas numa noção perfeitamente falsa do cristianismo.

Nosso deus é o Deus de Moisés, Deus único, imaterial, infinito, único adorável e sempre o mesmo.

Como os judeus, nós o cremos presente em toda parte; porém, como eles deveriam fazer, nós cremos Nele de forma vivente, pensador e amante na humanidade e o adoramos em suas obras.

Não mudamos sua lei, pois o decálogo dos israelitas é também a lei dos cristãos.

A lei é imutável porque é fundada nos princípios eternos da natureza; porém o culto necessitado pelos homens pode mudar e modificar-se com os homens.

O que o culto representa é imutável, porém o culto se modifica como as línguas.

O culto é um ensino, é uma língua, é preciso traduzi-lo quando as nações não compreendem mais.

Traduzimos e não destruímos o culto de Moisés e dos profetas.

Adorando a Deus na criação, nós não adoramos a criação em si mesma.

Adorando a Deus em Jesus Cristo, é a Deus somente que adoramos, porém a Deus unido à humanidade.

Fazendo a humanidade divina, o cristianismo revelou a divindade humana.

O deus dos judeus era desumano, porque eles não o compreendiam em suas obras.

Somos, portanto, mais israelitas que os próprios israelitas. O que eles creem, nós cremos com eles e melhor do que eles. Acusam-nos de nos termos separado deles; porém, pelo contrário, são eles que querem estar separados de nós.

Nós os esperamos com o coração e os braços abertos.

Somos, como eles, discípulos de Moisés.

Como eles, viemos do Egito e detestamos sua servidão. Porém, entramos na Terra prometida e eles se obstinam em permanecer e morrer no deserto.

Os muçulmanos são os bastardos de Israel ou, antes, são seus irmãos deserdados, como Esaú.

Sua crença é ilógica, pois admitem que Jesus é um grande profeta, e tratam os cristãos como infiéis.

Reconhecem a inspiração divina de Moisés e não consideram os judeus como irmãos.

Creem cegamente em seu profeta cego, o fatalista Maomé, o inimigo do progresso e da liberdade.

Não tiremos, porém, a Maomé a glória de ter proclamado a unidade de Deus entre os árabes idólatras.

Encontram-se no Corão páginas puras e sublimes.

É ao ler essas páginas que podemos dizer com os filhos de Ismael: Só há um Deus e Maomé é seu profeta.

Há três tronos no Céu para os três profetas das nações; porém, no fim dos tempos, Maomé será substituído por Elias.

Os muçulmanos de nada acusam os cristãos, eles os injuriam.

Eles os denominam infiéis e *giaurs*, isto é, cães. Nada temos a responder-lhes.

Não devemos desmentir os turcos e os árabes, devemos instruí-los e civilizá-los.

Restam os cristãos dissidentes, isto é, os que, tendo destruído o laço da unidade, se declaram estranhos à caridade da Igreja.

A ortodoxia grega, irmã gêmea da Igreja romana, que não cresceu mais desde sua separação, que não é mais contada nos fastos religiosos, que, desde Focio, não inspirou uma única eloquência; Igreja que se tornou totalmente temporal e cujo sacerdócio é apenas uma função regulada pela política imperial do czar de todas as Rússias; múmia curiosa da Igreja primitiva, ainda colorida e dourada com todas as suas lendas e com todos os seus ritos que os papas não compreendem mais, sombra de uma Igreja viva, que quis parar quando esta caminhava e que não é mais do que um esboço apagado e sem cabeça.

Depois os protestantes, esses eternos reguladores da anarquia, que romperam o dogma e sempre procuram enchê-lo com raciocínios, como

o tonel das Danaïdas; esses fantasistas religiosos, cujas inovações são todas negativas, que formularam para si um desconhecido considerado mais conhecido, mistérios mais bem explicados, um infinito mais definido, uma imensidade mais restrita, uma fé mais duvidosa, que quintessenciaram o absurdo, dividiram a caridade e tomaram atos de anarquia como princípios de uma hierarquia totalmente impossível; esses homens que querem realizar a salvação somente pela fé, porque a caridade lhes falta e que nada mais podem realizar, mesmo na Terra, pois seus pretensos sacramentos não passam de trejeitos alegóricos, não dão mais a graça, não fazem mais ver a Deus e tocar nele, não são mais, enfim, os sinais da onipotência da fé, mas sim os testemunhos forçados da eterna impotência da dúvida.

É, portanto, contra a própria fé que a Reforma protestou. Os protestantes tiveram razão somente contra o zelo excessivo e perseguidor que queria forçar as consciências. Reclamaram o direito de duvidar, o direito de ter menos religião e mesmo de não ter nenhuma; derramaram seu sangue por causa desse triste privilégio; eles o conquistaram, e o possuem; porém, não nos tirarão o direito de lamentá-los e amá-los. Quando sentirem novamente a necessidade de crer, quando seus corações, por sua vez, se revoltarem contra uma razão falsa, quando eles se cansarem das frias abstrações do seu dogma arbitrário, das vãs observâncias de seu culto pouco eficiente, quando sua comunhão sem presença real, suas igrejas sem divindade e sua moral sem perdão, afinal, os assustarem, quando sofrerem a nostalgia de Deus, não se levantarão eles como o filho pródigo e não virão lançar-se aos pés do sucessor de Pedro, dizendo-lhe: Pai, pecamos contra o Céu e contra vós, já não somos mais dignos de ser chamados seus filhos, porém coloque-nos entre os mais humildes de seus servos?

Não falaremos da crítica de Voltaire. Esse grande espírito estava dominado por um ardente amor da verdade e da justiça, porém lhe faltava essa retidão de coração que dá a inteligência da fé. Voltaire não podia admitir a fé, porque não sabia amar. O espírito de caridade não se revelou a essa alma sem ternura, e ele criticou amargamente um lar cujo calor não sentiu e uma lâmpada cuja luz não via. Se a religião fosse tal como ele a viu, ele teria tido mil vezes razão de atacá-la e devíamos nos ajoelhar diante do heroísmo de sua coragem. Voltaire seria o messias do

bom senso; o Hércules destruidor do fanatismo... Porém, esse homem seria muito para compreender aquele que disse: Felizes dos que choram, e a filosofia do riso jamais terá coisa alguma de comum com a religião das lágrimas. Voltaire parodiou a Bíblia, o dogma, o culto; depois, vilipendiou e calçou aos pés sua paródia.

Só podem ofender-se por isso os que veem a religião na paródia de Voltaire. Os partidários de Voltaire se assemelham às rãs da fábula que saltam no caibro e em seguida zombam da majestade real. São livres de tomar um caibro por um rei, são livres de refazer essa caricatura romana da qual Tertuliano se ria outrora, e que representava o Deus dos cristãos sob a forma de um homem com a cabeça de burro. Os cristãos darão de ombros ao verem essa zombaria e orarão a Deus pelos pobres ignorantes que pretendem insultá-los.

O Sr. conde Joseph de Maistre, depois de ter, num dos seus mais eloquentes paradoxos, representado o algoz como um ente sagrado e como uma encarnação permanente da justiça divina na Terra, queria que se fizesse elevar ao velho de Ferney uma estátua pela mão do algoz. Há profundidade nesse pensamento. De fato, Voltaire também foi no mundo um ente providencial e fatal, dotado de insensibilidade para a realização de suas terríveis funções. Foi, no domínio da inteligência, um executor da alta justiça, um exterminador armado pela própria justiça de Deus.

Deus enviou Voltaire entre o século de Bossuet e o de Napoleão para aniquilar tudo o que separa esses dois gênios e reuni-los num só.

Foi o Sansão do espírito, sempre pronto a sacudir as colunas do templo; porém, para fazer girar a roda do progresso religioso, apesar dele, a Providência parecia ter endurecido seu coração.

ARTIGO V

SOLUÇÃO DO ÚLTIMO PROBLEMA

SEPARAR A RELIGIÃO DA SUPERSTIÇÃO E DO FANATISMO

A superstição, da palavra latina *superstes*, sobrevivente, é o sinal que sobrevive à ideia; é a imagem preferida à coisa, é o rito sem razão, é a fé que se tornou insensata pelo seu isolamento. É, conseqüentemente, o cadáver da religião, é a morte da vida, é o embrutecimento substituindo a inspiração.

O fanatismo é a superstição apaixonada; seu nome vem da palavra *fanum*, que significa templo, é o templo posto em lugar de Deus, é o interesse humano e temporal do sacerdote, substituindo a honra do sacerdócio, é a paixão miserável do homem explorando a fé do crente.

Na fábula do burro carregado de relíquias, La Fontaine nos diz que o animal julgou ser adorado; não nos diz que, na verdade, certas pessoas julgaram adorar o animal. Essas pessoas eram supersticiosas.

Se alguém tivesse rido de sua tolice, talvez o tivessem assassinado, pois da superstição ao fanatismo só há um passo.

A superstição é a religião interpretada pela tolice; o fanatismo é a religião servindo de pretexto ao furor.

Os que confundem voluntariamente e de modo proposital a própria religião com a superstição e o fanatismo, recebem da tolice suas prevenções cegas e talvez receberiam do fanatismo suas injustiças e seu furor.

Inquisidores ou setembristas, que importam os nomes? A religião de Jesus Cristo condena e sempre condenou os assassinos.

RESUMO DA PRIMEIRA PARTE EM FORMA DE DIÁLOGO

A FÉ, A CIÊNCIA, A RAZÃO

A CIÊNCIA:

Você nunca me fará crer na existência de Deus.

A FÉ:

Não tendo o privilégio de crer, nunca me provará que Deus não existe.

A CIÊNCIA:

Para provar, é preciso que eu saiba primeiro o que é Deus.

A FÉ:

Nunca saberá. Se o soubesse, poderia ensinar-me e quando eu o soubesse, não creria mais.

A CIÊNCIA:

Crê, então, sem saber o que crê?

A FÉ:

Oh! Não façamos jogo de palavras. É você que não sabe o que eu creio, e eu o creio precisamente porque você não sabe. Você tem a pretensão de ser infinita? Não se acha a cada momento paralisada pelo mistério? O mistério é para você uma ignorância infinita que reduziria a

nada o finito de seu saber, se eu não iluminasse com as minhas ardentes aspirações, e, se, quando você diz: Não sei mais, eu não exclamasse: E eu começo a crer.

A CIÊNCIA:

Porém, suas aspirações e seu objetivo para mim só podem ser hipóteses.

A FÉ:

Sem dúvida, porém, para mim são certezas, porque sem essas hipóteses eu duvidaria até de suas certezas.

A CIÊNCIA:

Porém, se você começa onde eu paro, começa muito temerariamente porque meus progressos provam que caminho sempre.

A FÉ:

Que importam os seus progressos se eu caminho sempre na sua frente?

A CIÊNCIA:

Você caminhou! Sonhadora de eternidade; você desprezou muito a terra e seus pés estão dormentes.

A FÉ:

Faço-me levar pelos meus filhos.

A CIÊNCIA:

São cegos que carregam outro; cuidado com os precipícios!

A FÉ:

Não, meus filhos não são cegos, pelo contrário, gozam de uma visão dupla, veem com os seus olhos o que lhes pode mostrar na Terra, e contemplam com os meus o que lhes mostro no Céu.

A CIÊNCIA:

Que pensa a razão a esse respeito?

A RAZÃO:

Eu penso, minhas caras professoras, que vocês poderiam realizar um apólogo comovente, o do paralítico e do cego. A ciência acusa a fé de não saber andar na Terra, e a fé diz que a ciência nada vê no céu das aspirações e da eternidade. Em vez de questionar, a ciência e a fé deviam unir-se; que a ciência carregue a fé e a fé console a ciência, ensinando-lhe a esperar e amar.

A CIÊNCIA:

Essa ideia é bela, porém é uma utopia. A fé me dirá coisas absurdas e eu prefiro andar sem ela.

A FÉ:

O que você denomina absurdo?

A CIÊNCIA:

Chamo absurdos as afirmações contrárias às minhas demonstrações, como, por exemplo, que três fazem um, que um Deus se fez homem, isto é, que o infinito se fez finito. Que o Eterno morreu, que Deus puniu seu filho inocente pelo pecado dos homens culpados...

A FÉ:

Não diga mais nada. Pronunciadas por você, essas afirmações são realmente absurdas. Como sabe o que é o número em Deus, se você não conhece a Deus? Pode raciocinar sobre as operações do desconhecido, pode compreender os mistérios da caridade? Devo ser sempre absurda para você, porque se as compreendesse, minhas afirmações seriam absorvidas pelos seus teoremas; eu seria você e você seria eu, ou, para dizer melhor, eu não existiria mais, e a razão, em presença do infinito, sempre pararia ofuscada por suas dúvidas tão infinitas como o espaço.

A CIÊNCIA:

Ao menos jamais usurpe minha autoridade, não me desminta em meus domínios.

A FÉ:

Eu nunca o fiz e jamais poderia fazê-lo.

A CIÊNCIA:

Assim, jamais acreditou, por exemplo, que uma virgem possa ser mãe sem cessar de ser virgem, e isso na ordem física natural, positiva, vai contra todas as leis da natureza; você não afirma que um pedaço de pão não é somente um Deus, mas um verdadeiro corpo humano com seus ossos e suas veias, seus órgãos, seu sangue, de forma a fazer de seus filhos que comem esse pão um povo de antropófagos?

A FÉ:

Não há um cristão que não se revolte com o que você diz. Isso prova bastante que não compreendem meus ensinamentos desse modo positivo e grosseiro. O sobrenatural que afirmo está acima da natureza e, portanto, não poderia opor-se a ela; as palavras de fé só são entendidas pela fé; a ciência as desnatura apenas repetindo-as. Eu me sirvo de suas palavras, porque não tenho outras; mas visto que você acha absurdos os meus discursos, deve concluir que dou a essas mesmas palavras uma significação que lhe escapa. O Salvador, ao revelar o dogma da presença real não disse: A carne aqui nada vale, minhas palavras são espírito e vida? Eu não lhe dou o mistério da encarnação como um fenômeno de anatomia, nem o da transubstanciação como uma manipulação química. Com que direito você creria no absurdo? Não raciocino sobre coisa alguma do que conhece; com que direito você diria que estou delirando?

A CIÊNCIA:

Começo a compreendê-la, ou antes vejo que nunca a compreenderei. Nesse caso, fiquemos separadas, porque nunca terei necessidade de você.

A FÉ:

Sou menos orgulhosa e reconheço que você pode ser-me útil. Talvez sem eu você também seria muito triste e desesperada, e não quero separar-me de você a não ser que a razão o consinta.

A RAZÃO:

Guardem-se de o fazer. Eu sou necessária a ambas. E eu, que faria sem vocês? Tenho necessidade de saber e de crer para ser justa. Mas nunca devo confundir o que sei com o que creio. Saber não é mais crer, crer é não saber ainda. O objeto da ciência é o conhecido. O objeto da fé é o desconhecido, a ciência pode procurá-lo, porém não defini-lo; ela é, portanto, forçada ao menos provisoriamente, a aceitar as definições da fé que até lhe é impossível criticar. Somente, se a ciência renunciar à fé, renunciará à esperança e ao amor, cuja existência e necessidade são, contudo, tão evidentes para a ciência como para a fé. A fé, como fato psicológico, é do domínio da ciência, e a ciência, como manifestação da luz de Deus, na inteligência humana, é o domínio da fé. A ciência e a fé devem, então, admitir-se mutuamente, respeitar uma à outra, apoiar-se e socorrer-se quando for necessário, porém nunca misturar-se. O meio de uni-las é nunca confundi-las. Nunca pode existir contradições entre elas, porque servindo-se das mesmas palavras, não falam a mesma língua.

A FÉ:

Então, minha irmã ciência, que me diz?

A CIÊNCIA:

Digo que estamos separadas por um deplorável mal-entendido e que de agora em diante podemos caminhar juntas. Porém, a qual de seus diferentes símbolos você vai me prender? Serei judia, católica, muçulmana ou protestante?

A FÉ:

Você ficará sendo a ciência e será universal.

A CIÊNCIA:

Isto é, católica, se bem o compreendo. Porém, como devo pensar as diferentes religiões?

A FÉ:

Julgue-as pelas suas obras. Procura a verdadeira caridade e quando a tiver encontrado, pergunta-lhe a que culto pertence.

A CIÊNCIA:

Não é certamente ao culto dos inquisidores e dos algozes da noite de S. Bartolomeu.

A FÉ:

É ao de S. João Esmoler, de S. Francisco de Sales, de S. Vicente de Paulo, de Fenelon e de tantos outros.

A CIÊNCIA:

Você confessa que, se a religião produziu algum bem, ela fez também bastante mal.

A FÉ:

Quando matam em nome do Deus que disse: Não matarás, quando perseguem em nome daquele que quer que se perdoe aos inimigos, quando se propagam as trevas em nome daquele que não quer que a verdade seja escondida, é justo atribuir o crime à própria lei que o condena? Diga, se quer ser justa, que apesar da religião, muito mal foi feito na Terra. Mas também quantas virtudes ela não fez nascer, quantos devotamentos e sacrifícios ignorados? Você contou os nobres corações de homens e mulheres que renunciaram a todas as alegrias para pôr-se ao serviço de todas as dores? Essas almas devotadas ao trabalho e à prece que passaram fazendo o bem? Quem então fundou asilos para os órfãos e velhos, hospitais para os doentes e retiros para os arrependidos de coração? Essas instituições, tão religiosas quanto modestas, são as obras reais de que estão repletos os anais da história da Igreja; as guerras religiosas e os suplícios dos sectários pertencem à política dos séculos bárbaros. Aliás, os próprios sectários eram assassinos. Você esqueceu a fogueira de Miguel Servet e o massacre de nossos padres renovados ainda em nome da humanidade e da razão pelos revolucionários inimigos da inquisição e dos autores da S. Bartolomeu? Os homens são sempre cruéis; porém, é quando se esquecem da religião que se abençoa e perdoa.

A CIÊNCIA:

Ó fé! Perdoe-me, porque, se não posso crer, sei agora porque você é crente. Respeito suas esperanças e compartilho de seus desejos. Mas é pela procura que encontro e é preciso que duvide para procurar.

A RAZÃO:

Trabalhe, então, e procure, ó ciência, mas respeite os oráculos da fé. Quando sua dúvida deixar uma lacuna no ensino universal, permita que a fé a preencha. Caminhem separadamente uma da outra, porém, apóiem-se mutuamente e jamais se desviarão do caminho.

SEGUNDA PARTE

OS MISTÉRIOS FILOSÓFICOS

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Dizem que o belo é o esplendor da verdade.

Ora, a beleza moral é a bondade. É belo ser bom.

Para ser bom com inteligência, é preciso ser justo.

Para ser justo, é preciso agir com razão.

Para agir com razão, é preciso ter a ciência da realidade.

Para ter a ciência da realidade, é preciso ter consciência da verdade.

Para ter consciência da verdade é preciso ter uma noção exata do ser.

O ser, a verdade, a razão e a justiça são os objetos comuns das investigações da ciência e das aspirações da fé. A concepção, real ou hipotética de um poder supremo, transforma a justiça em providência, e a noção divina, sob esse ponto de vista torna-se acessível à própria ciência.

A ciência estuda o ser em suas manifestações parciais, a fé a supõe ou antes o admite *a priori* na sua generalidade.

A ciência procura a verdade em todas as coisas, a fé relaciona todas as coisas com uma verdade universal e absoluta.

A ciência verifica realidades de detalhes, a fé os explica por uma realidade de conjunto que a ciência não pode verificar, mas que a própria existência dos detalhes parecem forçá-la a reconhecer e admitir.

A ciência submete as razões das pessoas e das coisas à razão matemática universal; a fé procura ou antes supõe para as próprias matemáticas e acima delas uma razão inteligente e absoluta.

A ciência demonstra a justiça pela exatidão; a fé dá uma exatidão absoluta à justiça, subordinando-a à Providência.

Vemos aqui tudo o que a fé pede emprestado à ciência e tudo o que a ciência deve, por sua vez à fé.

Sem a fé, a ciência é circunscrita por uma dúvida absoluta e se acha eternamente presa pelo empirismo arriscado de um ceticismo raciocinador; sem a ciência, a fé estabelece ao acaso suas hipóteses e só pode prejudicar cegamente as causas dos efeitos que ignora. A grande cadeia que reúne a ciência à fé é a analogia.

A ciência é forçada a respeitar uma crença cujas hipóteses são semelhantes às verdades demonstradas. A fé que atribui tudo a Deus é forçada a admitir a ciência como uma revelação natural que, pela manifestação parcial das leis da razão eterna, dá uma escala de proporção a todas as aspirações e a todos os impulsos da alma no campo do desconhecido.

Porque só a fé pode dar uma solução aos mistérios da ciência, e é, por seu lado, somente a ciência que demonstra a razão de ser dos mistérios da fé.

Fora da união e da concorrência dessas duas forças vivas da inteligência, não há, para a ciência, senão o ceticismo e o desespero, e para a fé, senão a temeridade e o fanatismo.

Se a fé insulta a ciência, ela é blasfema; se a ciência despreza a fé, abdica de seu poder.

Agora, vamos ouvi-las falar de comum acordo.

“O ser está em toda parte”, diz a ciência, “é múltiplo e variável em suas formas, único em sua essência e imutável em suas leis. O relativo demonstra a existência do absoluto. A inteligência existe no ser. A inteligência anima e modifica a matéria.”

“A inteligência está em toda parte”, diz a fé. “Em parte alguma a vida é fatal, pois é regulada. A regra é a expressão de uma sabedoria suprema. O absoluto na inteligência, o regulador supremo das formas, o ideal vivo dos espíritos, é Deus.”

“Em sua identidade com a ideia, o ser é a verdade”, diz a ciência.

“Em sua identidade com o ideal, a verdade é Deus”, replica a fé.

“Em sua identidade com as minhas demonstrações, o ser é a realidade”, diz a ciência.

“Em sua identidade com as minhas legítimas aspirações, a realidade é meu dogma”, diz a fé.

“Em sua identidade com o verbo, o ser é a razão”, diz a ciência”.

“Em sua identidade com o espírito de caridade, a mais alta razão é minha obediência”, diz a fé.

“Em sua identidade com o motivo dos atos razoáveis, o ser é a justiça”, diz a ciência.

“Em sua identidade com o princípio da caridade, a justiça é a Providência”, responde a fé.

Acordo sublime de todas as certezas com todas as esperanças, do absoluto em inteligência e do absoluto em amor. O Espírito Santo, o espírito de caridade deve assim conciliar e transformar tudo em sua própria luz. Não é ele o espírito de inteligência, o espírito de ciência, o espírito de conselho, o espírito de força? Ele deve vir, diz a liturgia católica, e será como uma criação nova e mudará a face da Terra.

“Zombar da filosofia já é filosofar”, disse Pascal, fazendo alusão a essa filosofia cética e duvidosa que não reconhece a fé. E se existisse uma fé que calcasse aos pés a ciência, não diremos que zombar dessa espécie de fé seria fazer ato de verdadeira religião, porque a religião, que é toda caridade, não tolera a zombaria, porém haveria razão para criticar esse amor pela ignorância e dizer a essa fé temerária: Já que despreza sua irmã, você não é filha de Deus!

Verdade, realidade, razão, justiça, providência: são esses os cinco raios da estrela flamejante no centro da qual a ciência escreverá a palavra Ente, ao qual a fé acrescentará o nome inefável de Deus.

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS FILOSÓFICOS

PRIMEIRA SÉRIE

Pergunta. Que é a verdade?

Resposta. É a ideia idêntica ao ser.

P. Que é a realidade?

R. É a ciência idêntica ao ser.

P. Que é a razão?

R. É o verbo idêntico ao ser.

P. Que é a justiça?

R. É o motivo dos atos idênticos ao ser.

P. Que é o absoluto?

R. É o ser.

P. Concebe-se alguma coisa acima do ser?

R. Não, porém concebe-se no próprio ser alguma coisa superior e transcendental.

P. Que é?

R. A razão suprema do ser.

P. Conhecendo-a você pode defini-la?

R. Só a fé afirma e a denomina Deus.

P. Há alguma coisa acima da verdade?

R. Acima da verdade conhecida há a verdade desconhecida.

P. Como se pode supor razoavelmente essa verdade?

R. Pela analogia e a proporção.

P. Como se pode defini-la?

R. Pelos símbolos da fé.

P. Pode-se dizer da realidade a mesma coisa que da verdade?

R. Exatamente a mesma coisa.

P. Há alguma coisa acima da razão?

R. Acima da razão finita há a razão infinita.

P. Que é a razão infinita?

R. É essa razão suprema do ser que a fé denomina Deus.

P. Há alguma coisa acima da justiça?

R. Sim, conforme a fé, há a providência em Deus, e no homem o sacrifício.

P. Que é o sacrifício?

R. É o abandono benévolo e espontâneo do direito.

P. O sacrifício é razoável?

R. Não, é uma espécie de loucura maior que a razão, pois a razão é forçada a admirá-lo.

P. Como chamamos um homem que age conforme a verdade, a realidade, a razão e a justiça?

R. É um homem moral.

P. E se pela justiça sacrifica suas tendências?

R. É um homem de honra.

P. E se, para imitar a grandeza e a bondade da Providência, faz mais que seu dever e sacrifica seu direito ao bem dos outros?

R. É um herói.

P. Qual é o princípio do verdadeiro heroísmo?

R. É a fé.

P. Qual é o seu apoio?

R. A esperança.

P. E a regra?

R. A caridade.

P. Que é o bem?

R. É a ordem.

P. Que é o mal?

R. A desordem.

P. Qual é o prazer permitido?

R. O gozo da ordem.

P. Qual é o prazer proibido?

R. O gozo da desordem.

P. Quais são as consequências de um e do outro?

R. A vida e a morte na ordem moral.

P. O Inferno com todos os seus horrores tem, então, sua razão de ser no dogma religioso?

R. Sim, é a consequência rigorosa de um princípio.

P. E qual é esse princípio?

R. A liberdade.

P. Que é a liberdade?

R. É o direito de fazer seu dever com a possibilidade de não o fazer.

P. Que é faltar ao dever?

R. É perder o direito de fazer seu dever com a possibilidade de não o fazer.

P. Que é faltar ao dever?

R. É perder o direito. Ora, o direito sendo eterno, perdê-lo é fazer uma perda eterna.

P. Pode-se reparar uma falta?

R. Sim, pela expiação.

P. Que é a expiação?

R. É um aumento de trabalho. Assim, por ter sido preguiçoso ontem, devo fazer hoje um trabalho duplo.

P. Que pensar dos que se impõem sofrimentos voluntários?

R. Se for para remediar o impulso brutal do prazer, são sábios; se for para sofrer em lugar dos outros, são generosos; porém se o fazem sem razão e sem medida, são imprudentes.

P. Assim, diante da verdadeira filosofia, a religião é sábia em tudo o que ordena?

R. Você pode ver isso.

P. Porém, se, afinal, fôssemos enganados em nossas esperanças eternas?

R. A fé não admite essa dúvida. Porém, a própria filosofia deve responder que todos os prazeres da terra não valem um dia de sabedoria e que todas as vitórias da ambição não valem um só momento de heroísmo e caridade.

SEGUNDA SÉRIE

P. Que é o homem?

R. O homem é um ser inteligente e corpóreo feito à imagem de Deus e do mundo, uno em essência, tríplice em substância e manifestação imortal e mortal.

P. Você diz tríplice em substância e manifestação. Teria o homem duas almas ou dois corpos?

R. Não, há nele uma alma espiritual, um corpo material e um corpo energético intermediário.

P. Qual é a substância desse corpo energético intermediário?

R. Ela é luz em parte volátil, em parte fixa.

P. Que é a parte volátil dessa luz?

R. É o fluido magnético.

P. E a parte fixa?

R. É o corpo fluido ou aromal.

P. A existência desse corpo é provada?

R. Sim, pelas experiências mais curiosas e mais conclusivas. Falaremos disso na terceira parte desta obra.

P. Essas experiências são artigos de fé?

R. Não, pertencem à ciência.

P. Porém, a ciência virá a preocupar-se com elas?

R. Ela já se preocupa, porque escrevemos este livro e você o lê.

P. Dê-nos algumas noções sobre esse corpo energético intermediário.

R. É formado de luz astral ou terrestre e transmite sua dupla imantação ao corpo humano. A alma, agindo sobre essa luz por suas volições, pode dissolvê-la ou coagulá-la ou atraí-la. Ela é o espelho da imaginação e dos sonhos. Reage sobre o sistema nervoso e assim produz os movimentos do corpo. Essa luz pode expandir-se indefinidamente e comunicar suas imagens a distâncias consideráveis, imanta os corpos submetidos à ação do homem, e pode, contraindo-se, atraí-los para ele. Pode tomar todas as formas evocadas pelo pensamento e, nas coagulações passageiras de sua parte irradiante, aparecer à vista e até apresentar uma espécie de resistência ao contato. Porém, essas manifestações e esse emprego do corpo energético intermediário sendo anormais, o instrumento luminoso de precisão não pode produzi-las sem ser desviado, e elas produzem necessariamente a alucinação habitual ou a loucura.

P. Que é o magnetismo animal?

R. É a ação de um corpo energético intermediário sobre um outro para dissolver ou coagular. Aumentando a elasticidade da luz vital e sua força de projeção, pode-se enviá-la tão distante quanto se quiser e retirá-la carregada de imagens, porém é necessário que essa operação seja favorecida pelo sono da pessoas a qual é adormecida por uma coagulação maior da parte fixa de seu corpo energético.

P. O magnetismo é contrário à moral da religião?

R. Sim, quando abusamos dele.

P. Que é abusar dele?

R. Empregá-lo de um modo ilícito ou para um fim ilícito.

P. Que é um magnetismo ilícito?

R. É uma emissão fluídica doentia e feita com má intenção, por exemplo, para saber os segredos dos outros ou para chegar a fins injustos.

P. Qual é então o resultado?

R. Perturba no magnetizador e na pessoa magnetizada o instrumento fluídico de precisão. É a essa causa que se deve atribuir as imoralidades e as loucuras de que são acusados muitos dos que se ocupam de magnetismo.

P. Quais são as condições necessárias para magnetizar convenientemente?

R. A saúde do espírito e do corpo; a intenção reta e a prática discreta.

P. Que resultados úteis podemos obter pelo magnetismo bem dirigido?

R. A cura das doenças nervosas, a análise dos pressentimentos, o restabelecimento das harmonias fluídicas, a descoberta de certos segredos da natureza.

P. Explique-nos tudo isso de um modo mais completo.

R. Nós o faremos na terceira parte desta obra, que tratará especialmente dos mistérios da natureza.

TERCEIRA PARTE

OS MISTÉRIOS DA NATUREZA

O GRANDE AGENTE MÁGICO



Figura 4

A DÉCIMA CHAVE DO TARÔ

Falamos de uma substância espalhada no infinito.

A substância una que é céu e terra, isto é, conforme seus graus de polarização, sutil ou fixa.

Essa substância é o que Hermes Trismegisto chama o grande *Telesma*. Quando produz o esplendor, é denominada luz.

É essa substância que Deus criou antes de todas as coisas, quando disse: Faça-se a luz.

Ela é, ao mesmo tempo, substância e movimento.

É um fluido e uma vibração perpétua.

A força que a põe em movimento e lhe é inerente chama-se *magnetismo*.

No infinito, essa substância única é o éter ou a luz etérica.

Nos astros que ela imanta, se torna luz astral.

Nos seres organizados, luz ou fluido magnético.

No homem, ela forma o *corpo astral* ou *corpo energético*.

A vontade dos seres inteligentes age diretamente sobre essa luz e, por seu meio, sobre toda a natureza submissa às modificações da inteligência.

Essa luz é o espelho comum de todos os pensamentos e de todas as formas; ela guarda as imagens de tudo o que existiu, os reflexos dos mundos passados e, por analogia, os esboços dos mundos futuros. É o instrumento da taumaturgia e da adivinhação, como teremos de explicar na terceira e última parte desta obra.

LIVRO PRIMEIRO

OS MISTÉRIOS MAGNÉTICOS

CAPÍTULO I

A CHAVE DO MESMERISMO

Mesmer descobriu a ciência secreta da natureza; não a inventou.

A substância prima, única e elementar, cuja existência proclama em seus aforismos era conhecida por Hermes e Pitágoras.

Sinésio, que a canta em seus hinos, tinha encontrado sua revelação entre as recordações platônicas da escola de Alexandria.

Μια παγα, μια ριζα
Τριφαης ελαμφε μορφα.
.
Περι γαν σπαρεια πνοια
Χθονος εξωωσε μοιρας
Πολυδαιδαλοισι μοιρας.

“Uma só fonte, uma só raiz de luz jorra e se espalha em três ramos de esplendor. Um sopro circula ao redor da terra e vivifica, sob inúmeras formas, todas as partes da substância animada.”

(*HINOS DE SINÉSIO*, Hino II)

Mesmer viu na matéria elementar uma substância indiferente tanto ao movimento como ao repouso. Submetida ao movimento, ela é volátil; deixada em repouso, ela é fixa, e não compreendeu que o movimento é inerente à substância prima, que ele resulta, não de sua indiferença, mas de sua aptidão combinada para um movimento e um repouso equilibrados um pelo outro; que o repouso absoluto não existe em parte alguma na matéria universalmente viva, mas que o fixo atrai o volátil para fixá-lo, enquanto o volátil rói o fixo para volatilizá-lo. O suposto repouso das partículas aparentemente fixas não é mais que uma luta mais encarniçada e uma tensão maior de suas forças fluídicas que se imobilizam neutralizando-se. É assim que, conforme Hermes, o que está em cima é como o que está em baixo, a mesma força que dilata o vapor, contrai e endurece o gelo; tudo obedece às leis da vida inerentes à substância prima; essa substância atrai e repele, se coagula e se dissolve com uma constante harmonia; é dupla, é andrógina; abraça e fecunda a si mesma; luta, triunfa, destrói, renova, porém nunca se entrega à inércia, porque para ela a inércia seria a morte.

É essa substância prima que a narrativa hierática do Gêneses designa quando o verbo dos Elohim cria a luz ordenando-lhe que se faça.

Elohim disse: Faça-se a luz e a luz foi feita.

Essa luz, cujo nome hebraico é אור, AOR, é o ouro fluido e vivo da filosofia hermética. Seu princípio positivo é o enxofre; seu princípio negativo é o mercúrio e os princípios equilibrados formam o que denominaram sal.

Era, então, preciso em lugar do sexto aforismo de Mesmer, assim expresso:

“A matéria é indiferente achando-se em movimento ou em repouso”,
estabelecer este:

A matéria universal é forçada ao movimento pela sua dupla imantação e procura fatalmente o equilíbrio.

E deduzir dele os seguintes:

A regularidade e a variedade no movimento resultam das combinações diversas do equilíbrio.

Um ponto equilibrado por todos os lados permanece imóvel pelo fato de ser dotado de movimento.

O fluido é uma matéria em grande movimento e sempre agitada pela variação dos equilíbrios.

O sólido é a mesma matéria de pouco movimento ou em repouso aparente, porque está mais ou menos solidamente equilibrada.

Não há corpo sólido que não possa ser pulverizado imediatamente, esvanecer-se em fumaças e tornar-se invisível, se o equilíbrio de suas moléculas chegar a cessar instantaneamente.

Não há corpo fluídico que não possa tornar-se instantaneamente mais duro que o diamante, se for possível equilibrar imediatamente a constituição de suas moléculas.

Dirigir os ímãs é, portanto, destruir ou criar as formas, é produzir, na aparência, ou aniquilar os corpos, é exercer a onipotência da natureza.

Nosso corpo energético é um ímã que atrai ou repele a luz astral sob a pressão da vontade. É um corpo luminoso que reproduz com a maior facilidade as formas correspondentes às ideias.

É o espelho da imaginação. Esse corpo se nutre de luz astral, exatamente como o corpo orgânico se nutre dos produtos da terra. Durante o sono, ele absorve a luz astral por imersão, e, durante a vigília, por uma espécie de respiração mais ou menos lenta. Quando se produzem os fenômenos do sonambulismo natural, o corpo energético é sobrecarregado por uma alimentação que digere mal. A vontade, então, embora presa pelo torpor do sono, impele instintivamente o mediador para os órgãos, a fim de desembaraçá-lo, e acontece uma reação, por assim dizer mecânica, que equilibra, pelo movimento do corpo, a luz do mediador. É por isso que é perigoso acordar repentinamente os sonâmbulos, pois o mediador, repleto de alimento, pode retirar-se então subitamente para o reservatório comum e abandonar totalmente os órgãos que se acham então separados da alma, o que causa a morte.

O estado de sonambulismo, seja ele natural ou artificial, é por esse motivo, extremamente perigoso, porque, reunindo os fenômenos da vigília aos do sono, constitui uma espécie de grande desvio entre dois mundos. A alma, agitando o mecanismo da vida particular, ao mesmo tempo que se banha na vida universal, experimenta um bem-estar inexplicável e deixaria de boa vontade os ramos nervosos que a conservam suspensa acima da corrente. Nos êxtases de todas as espécies a situação é a mesma. Se a vontade aí mergulha com um esforço apaixonado ou, mesmo, aí se abandona completamente, o paciente pode ficar idiota, paralítico ou morrer.

As alucinações e as visões resultam de ferimentos feitos no corpo energético e de sua paralisia local. Ora, ele cessa de irradiar energia e substitui imagens, um tanto condensadas, pelas realidades mostradas pela luz, ora irradia com muita força e se condensa fora, ao redor de algum foco fortuito e desregrado, como o sangue nas excrescências da carne; então as quimeras de nosso cérebro tomam um corpo e parecem tomar uma alma, aparecemos a nós mesmos radiantes ou disformes conforme o ideal de nossos desejos ou de nossos temores.

As alucinações sendo sonhos de pessoas acordadas, supõem sempre um estado idêntico ao sonambulismo, porém, em sentido contrário: o sonambulismo é o sono que tira seus fenômenos da vigília ainda sujeita parcialmente à embriaguez astral do sono.

Nossos corpos fluídicos se atraem e se refletem uns aos outros, conforme leis semelhantes às da eletricidade. É o que produz as simpatias e as antipatias instintivas. Eles se equilibram assim uns aos outros e é por isso que as alucinações muitas vezes são contagiosas; as projeções anormais mudam as correntes luminosas; as perturbações de um doente atingem as naturezas mais sensitivas, um círculo de ilusões se estabelece e uma multidão é facilmente arrastada para ele. É a história das aparições estranhas e dos prodígios populares. Assim se explicam os milagres dos *médiuns* da América e a história sobre o fenômeno das mesas girantes que reproduzem hoje os êxtases dos derviches giradores. Os feiticeiros lapões com os seus tambores mágicos e os xamãs tribais chegam a resultados idênticos por processos semelhantes; seus deuses e seus diabos nada têm com isso.

Os loucos e os idiotas são mais sensíveis ao magnetismo que as pessoas de espírito sadio; deve-se compreender a razão disso: é preciso pouca coisa para alterar completamente a mente de um homem bêbado, e mais facilmente se adquire uma doença quando todos os órgãos já estão dispostos a sofrer suas impressões e manifesta suas desordens.

As doenças fluídicas têm suas crises fatais. Toda tensão anormal do aparelho nervoso termina na tensão contrária, conforme as leis necessárias do equilíbrio. Um amor exagerado se muda em aversão, e todo ódio exaltado está perto do amor; a reação se faz repentinamente com o ruído e a violência do raio. A ignorância então se desola ou se indigna; a ciência se resigna e se cala.

Há dois amores, o do coração e da mente; o amor do coração nunca se exalta, ele se recolhe e engrandece lentamente através das provas e dos sacrifícios; o amor da mente, puramente nervoso e apaixonado, só vive de entusiasmo, lança-se contra todos os deveres, trata o objeto amado como coisa conquistada, é egoísta, exigente, inquieto, tirânico, e traz fatalmente após si o suicídio como catástrofe final ou o adultério como remédio. Esses fenômenos são constantes como a natureza, inexoráveis como a fatalidade.

Uma jovem artista de futuro promissor e de coragem tinha como esposo um homem de bem, um investigador da ciência, um poeta, ao qual só podia recriminar por excesso de amor para com ela; abandonou-o, ofendeu-o, e desde então continua a odiá-lo. Contudo, ela também é uma mulher honesta, porém o mundo cruel a julga e a condena. Entretanto, não é agora que ela é culpada. Sua falta, se nos for permitido acusá-la de alguma, é ter, a princípio, amado seu marido com loucura e paixão.

Então não é livre a alma humana? dirão. Não o é mais, desde que se abandona às vertigens das paixões. Só a sabedoria é livre; as paixões desordenadas pertencem ao campo da loucura, e a loucura é a fatalidade.

O que dissemos do amor pode também ser dito da religião, que é o mais poderoso e também o mais inebriante dos amores. A paixão religiosa tem também seus excessos e suas reações fatais. Pode-se ter êxtases e estigmas, como S. Francisco de Assis e cair, em seguida, nos abismos da depravação e da impiedade.

As naturezas apaixonadas são ímãs exaltados, atraem e repelem com força.

Pode-se magnetizar de duas maneiras: primeiramente agindo pela vontade sobre o mediador plástico de outra pessoa cuja vontade e atos se acham, conseqüentemente, subordinados a essa ação.

Em segundo lugar, agindo sobre a vontade de uma pessoa, quer por intimidade, quer pela persuasão, para que a vontade impressionada modifique à nossa vontade o corpo energético e os atos dessa pessoa.

Magnetizamos pela irradiação, pelo contato, pelo olhar e pela palavra.

As vibrações da voz modificam o movimento da luz astral e são veículos poderosos do magnetismo.

O sopro quente magnetiza positivamente, e o sopro frio magnetiza negativamente.

Uma insuflação quente e prolongada, na coluna vertebral, em baixo do cerebelo, pode causar fenômenos eróticos.

Se pusermos a mão direita na cabeça e a mão esquerda embaixo dos pés de uma pessoa envolta de lã ou seda, nós a atravessamos totalmente com uma faísca magnética, e poderemos causar assim uma revolução nervosa em seu organismo com a rapidez do raio.

Os passes magnéticos só servem para dirigir a vontade do magnetizador, confirmando-a por atos. São sinais e mais nada. O ato da vontade é expresso e não realizado por esses sinais.

O carvão em pó absorve e retém a luz astral. É o que explica o espelho mágico de Dupotet.

As figuras traçadas com carvão aparecem luminosas a uma pessoa magnetizada e tomam para ela, conforme a direção dada pela vontade do magnetizador, as formas mais graciosas ou mais aterradoras.

A luz astral ou antes vital do corpo energético absorvida pelo carvão, se torna completamente negativa; é por isso que os animais atormentados pela eletricidade, como, por exemplo, os gatos, gostam de rolar no carvão. A medicina utilizará um dia essa propriedade e as pessoas nervosas encontrarão nela um grande alívio.

CAPÍTULO II

A VIDA E A MORTE – A VIGÍLIA E O SONO

O sono é uma morte incompleta; a morte é um sono perfeito.

A natureza nos submete ao sono para nos habituar à ideia da morte, e nos adverte pelos sonhos da existência de outra vida.

A luz astral, na qual o sono nos mergulha, é como um oceano onde flutuam inúmeras imagens, restos de existências naufragadas, miragens e reflexos das que passam, pressentimentos das que vão nascer.

Nossa disposição nervosa nos atrai dentre essas imagens aquelas que correspondem à nossa agitação, ao nosso cansaço especial, como um ímã passando entre detritos metálicos atrairia e escolheria de preferência a limalha de ferro.

Os sonhos nos revelam a doença ou a saúde, a calma ou a agitação do nosso corpo energético e, por conseguinte também do nosso sistema nervoso.

Eles formulam nossos pressentimentos pela analogia das imagens.

Assim deve ser já que todas as ideias têm um duplo sinal para nós, relativo à nossa vida dupla.

Existe uma linguagem do sono, cujas palavras é impossível compreender ou mesmo reunir no estado de vigília.

A linguagem do sono é a da natureza, hieroglífica em seus caracteres e somente ritmada em seus sons.

O sono pode ser confuso ou lúcido.

A loucura é um estado permanente de sonambulismo confuso.

Uma comoção violenta pode despertar os loucos, da mesma forma que pode matá-los.

As alucinações, quando provocam o consentimento da inteligência, são acessos passageiros de loucura.

Todo cansaço do espírito provoca o sono; porém, se a fadiga for acompanhada de irradiação nervosa, o sono pode ser incompleto e apresentar as características do sonambulismo.

Às vezes, adormecemos no meio da vida real, e então, em vez de pensar, sonhamos.

Por que temos reminiscências de coisas que nunca nos aconteceram? É que as sonhamos em estado de vigília.

Esse fenômeno de sono involuntário e não percebido que atravessa repentinamente a vida real, se produz frequentemente em todos os que excitam excessivamente sua organização nervosa, pelo trabalho, pela vigília, pela bebida ou por um distúrbio qualquer.

Os monomaníacos dormem quando se entregam a atos desagradáveis e não têm mais consciência de coisa alguma ao despertar.

Quando Papavoine foi preso pelos policiais, disse-lhes tranquilamente estas palavras notáveis:

“Vocês tomam o outro por mim”.

Era ainda o sonâmbulo que falava.

Edgard Poe, esse infeliz homem de gênio que se embriagava, descreveu de um modo terrível o sonambulismo dos monomaníacos. Ora é um assassino que ouve e julga que todos ouvem através do túbulo o palpar do coração de sua vítima, ora é um envenenador que, a força de dizer: Estou salvo, desde que não vá denunciar a mim mesmo, acaba por sonhar em voz alta que está se denunciando e de fato o faz. O próprio Edgar Poe não inventou as personagens e os fatos de suas estranhas novelas; ele sonhou-os em estado de vigília, e é por isso que lhes dá tão bem as características de uma realidade espontânea.

O doutor Brière de Boismont, em sua notável obra sobre as alucinações, relata a história de um inglês, que julgava ter encontrado um homem com o qual se relacionava, que o levou a almoçar em sua taberna, e depois, tendo-o convidado para visitar a igreja de Saint-Paul, tentava precipitá-lo de cima da torre, onde tinham subido juntos.

Desde essa ocasião, o inglês ficou obcecado por esse desconhecido que só ele via e que encontrava sempre que estava só e que acabara de comer bem.

Os abismos se atraem; a embriaguez chama a embriaguez; a loucura tem invencíveis atrações para a loucura. Quando um homem é vencido pelo sono, tem horror a tudo que possa despertá-lo. O mesmo se dá com os alucinados, os sonâmbulos estáticos, os maníacos, os epiléticos e todos os que se abandonam ao delírio de uma paixão. Ouviram a música fatal, entraram na dança macabra, e se sentem arrastados no turbilhão da vertigem. Se falam com eles, não lhes ouvem mais, se os advertem; não lhes compreendem mais, porém essa voz os importuna; têm um sono mortal.

A morte é uma corrente que arrasta, um abismo que absorve, porém do fundo do qual o menor movimento nos pode fazer subir de novo. A força de repulsão sendo igual à da atração, muitas vezes no mesmo momento de expirar, a pessoa se prende violentamente à vida; muitas vezes também pela mesma lei de equilíbrio, a pessoa passa do sono para a morte, por satisfação, através do sono.

Uma barquinha balança-se junto às margens do lago. A criança entre nela, a água que brilha com mil reflexos, ondula ao redor dela e a chama, a corrente que prende a barquinha se estende e parece querer romper-se; um pássaro maravilhoso salta então das margens e, desferindo seu canto, paira sobre as vagas alegres; a criança quer segui-lo, leva a mão à corrente e desata o nó.

A antiguidade tinha adivinhado o mistério da morte atraente e o representara pela fábula de Hylas. Cansado de uma longa viagem marítima, Hylas chega a uma ilha florescente, aproxima-se de uma fonte para tirar água, uma miragem graciosa lhe sorri; ele vê uma ninfa que lhe estende os braços, os seus se endurecem e não podem tirar a bilha pesada; a frescura da fonte o adormece, os perfumes da margem o inebriam, ei-lo inclinado sobre a água como um narciso, cuja haste foi pisada por uma criança a brincar; a bilha cheia cai ao fundo e Hylas a acompanha. Ele morre sonhando com ninfas que o acariciam, e não ouve a voz de Hércules que o chama aos trabalhos da vida e que o procura em todas as margens gritando mil vezes: Hylas! Hylas!

Uma outra fábula, não menos comovente, que sai das sombras da iniciação órfica, é a de Eurídice, despertada à vida pelos milagres da harmonia e do Amor. Eurídice, essa sensitiva morta no mesmo dia de seu casamento e que se refugiou no túmulo toda trêmula de pudor! Logo ela

ouve a lira de Orfeu e lentamente volta à luz; as terríveis divindades do Erebo não ousam obstruir sua passagem. Ela segue o poeta, ou antes a poesia que adora... Porém, infeliz do amante se mudar a corrente magnética e se por sua vez dirigir um só olhar àquela que somente deve atrair! O amor sagrado, o amor virginal, o amor mais forte que o túmulo só procura o devotamente e foge desesperadamente diante do egoísmo do desejo. Orfeu o sabe, porém o esquece por um momento. Eurídice, no seu alvo vestuário de noiva, está deitada no leito nupcial; ele, com suas vestes de grande hierofante, está de pé, com a lira na mão, a cabeça coroada com o louro sagrado e os olhos voltados para o Oriente, e canta. Canta as flechas luminosas do amor a atravessar as sombras do antigo caos, as ondas da agradável claridade a saírem dos peitos escuros da mãe dos deuses, nos quais estão mamando as duas crianças, Eros e Anteros. Adônis voltando à vida para ouvir as queixas de Vênus e se reanimando como uma flor sob o orvalho brilhante de suas lágrimas; Castor e Pollux que a morte não pôde separar e que se amam tanto nos infernos como na terra... Depois chama brandamente Eurídice, sua querida Eurídice, sua Eurídice tão amada:

*Ah! miseram Eurydice animâ fugiente vocabat,
Eurydicen! toto referebant flumine ripoe.*

Enquanto ele canta, essa pálida estátua feita pela morte começa a colorir-se com os primeiros sinais de vida, seus alvos lábios começaram a corar-se como a manhã que surge... Orfeu a vê, treme e balbucia; o hino vai expirar em sua boca, porém ela empalidece de novo; então, o grande hierofante tira de sua lira cantos comoventes e sublimes, ele só olha para o céu, chora, faz preces, e Eurídice abre os olhos... Infelizes! Não a olhe, cante ainda, não espante a borboleta de Psychê, que quer fixar-se nessa flor! Porém o insensato viu o olhar da ressuscitada, o grande hierofante cede à embriaguez do amante, sua lira cai-lhe das mãos, olha para Eurídice, lança-se para ela... Estreita-a nos braços e ainda a percebe gelada, seus olhos se fecharam, seus lábios são mais pálidos e frios do que nunca, a sensitiva estremeceu, e o laço delicado da alma rompeu-se de novo e para sempre... Eurídice morreu e os hinos de Orfeu não mais a despertarão à vida.

Em nosso *Dogma e Ritual da Alta Magia*, ousamos dizer que a ressurreição dos mortos não é um fenômeno impossível na própria ordem da natureza, e nisso não negamos, nem contradizemos a lei fatal da morte. Uma morte que pode cessar não é mais que letargia e sono, porém é pela letargia e o sono que a morte sempre começa. O estado de quietude profunda que então sucede às agitações da vida se apodera da alma liberta e adormecida, e só é possível fazê-la voltar de novo, forçá-la a pensar novamente no corpo, por meio de uma excitação violenta de todas as suas afeições e desejos. Quando Jesus, o Salvador do mundo, esteve na Terra, ela era mais bela e desejável que o Céu, e contudo, foi necessário que Jesus desse um brado para despertar a filha de Jairo. É com a força de estremecimentos e lágrimas que ele chamou do túmulo Lázaro, seu amigo; É tão difícil despertar a uma alma cansada que dorme seu primeiro sono!

Contudo, a face da morte não tem a mesma serenidade para todas as almas que a contemplam. Quando a pessoa se desviou do caminho da vida, quando ela leva consigo desejos desenfreados ou ódios invencíveis, a eternidade aparece à alma ignorante ou culpada com proporções tão formidáveis de dores que às vezes ela tenta precipitar-se na vida mortal. Quantas almas assim agitadas pelo pesadelo do Inferno se refugiaram em seus corpos gelados e já cobertos de mármore do túmulo! Encontraram-se esqueletos virados, convulsos, torcidos e disseram: Eis homens que foram enterrados vivos. Geralmente as pessoas se enganavam, e podiam ser foragidas da morte, ressuscitadas na sepultura que, para fugir das angústias da entrada da eternidade, tivessem voltado de novo para o corpo.

Um magnetizador célebre, o Sr. Barão Dupotet, ensina em seu livro secreto sobre a magia que se pode matar pelo magnetismo como pela eletricidade. Essa revelação nada tem de estranho para quem conhece bem as analogias da natureza. É certo que dilatando excessivamente ou coagulando repentinamente o corpo energético de uma pessoa, pode-se separar sua alma do corpo. Basta às vezes excitar numa pessoa uma violenta cólera ou um medo exagerado para matar repentinamente essa pessoa.

O emprego habitual do magnetismo põe ordinariamente a pessoa que se abandona a ele à mercê do magnetizador. Quando a comunicação é

bem estabelecida, quando o magnetizador pode produzir à vontade o sono, a insensibilidade, a catalepsia, etc. não lhe custaria mais que um esforço para causar a morte.

Contaram-nos como certo um caso cuja autenticidade não podemos garantir.

Vamos citá-lo, já que pode ser verdadeiro.

Pessoas que duvidavam tanto da religião como do magnetismo, incrédulas capazes de todas as superstições e fanatismo, tinham conseguido, à custa de dinheiro, que uma jovem se prestasse às suas experiências. Ela era de natureza impressionável e nervosa, e aliás já estava cansada dos excessos de uma vida muito irregular e desanimada da existência. Adormeceram-na; ordenaram-lhe que visse; ela chorou e se debateu. Falaram-lhe de Deus..., ela se estremeceu toda.

– Não – disse ela – não, ele me causa medo; não quero olhá-lo.

– Olhe-o, eu quero.

Ela abriu então os olhos; suas pálpebras se dilataram causava espanto.

– Que está vendo?

– Não posso dizer... Oh! por favor, Por favor, despertem-me!

– Não, olhe e diga o que está vendo.

– Vejo uma noite escura na qual redemoinham faíscas de todas as cores ao redor de dois olhos que giram sempre. Desses olhos saem raios que giram em espiral e enchem todo o espaço... Oh! Isso me faz mal! Despertem-me!

– Não, olhe.

– Onde querem que olhe ainda?

– Olhe no paraíso.

– Não, não posso subir a ele; a grande noite me repele e caio sempre.

– Pois bem! Olhe no Inferno.

Então a sonâmbula agitou-se convulsivamente.

– Não! não! – exclamou ela soluçando – não quero; teria vertigem; cairia. Oh! Segurem-me! segurem-me!

– Não, desça.

– Aonde querem que eu desça?

– Ao Inferno.

– Mas é horrível! Não, não, não quero ir lá!

– Vá.

– Perdão!

– Vá, eu quero que vá.

As feições da sonâmbula se tornaram terríveis; seus cabelos se eriçaram sobre a cabeça; seus olhos ficaram extremamente abertos, mostrando apenas a íris; seu peito se dilatou e deixou sair uma espécie de som rouco.

– Vá, eu quero que vá – repetiu o magnetizador.

– Estou lá – respondeu entre os dentes a infeliz, Caindo inerte. Depois não respondeu mais; sua cabeça estava inclinada sobre o ombro; seus braços jaziam estendidos sobre o corpo. Aproximaram-se dela; tocaram-na. Quiseram despertá-la, porém já era tarde; o crime já estava feito; a mulher estava morta e os autores dessa experiência sacrílega não foram castigados por causa da incredulidade pública em assuntos de magnetismo. A autoridade verificou um falecimento e a morte foi atribuída à ruptura de aneurisma. Aliás, o corpo não apresentava sinal algum de violência; enterraram-no e tudo terminou.

Eis outra história que nos foi contada por companheiros em viagem pela França.

Dois companheiros habitavam na mesma hospedaria e dormiam no mesmo quarto. Um deles tinha o hábito de falar dormindo e respondia assim às perguntas que seu companheiro lhe fazia. Uma noite começou repentinamente a dar gritos surdos; o outro companheiro despertou e lhe perguntou o que tinha.

– Mas, então, você não vê esta pedra enorme?... – diz o que dormia. – Ela se desprende da montanha, cai sobre mim e vai esmagar-me.

– Pois bem! Livre-se!

– É impossível, tenho o pé enroscado em espinheiros que se apertam cada vez mais... Ah! Socorro! É ela... é a grande pedra que vem sobre mim.

– Tome, é ela! – disse rindo o outro companheiro que lhe atirou o travesseiro para despertá-lo.

Um grito terrível, interrompido repentinamente, uma convulsão, um suspiro e mais nada. O brincalhão levanta-se, puxa seu companheiro pelo braço, chama-o, assusta-se por sua vez, grita, vêm pessoas trazendo luz... o infeliz sonâmbulo estava morto.

CAPÍTULO III

MISTÉRIOS DAS ALUCINAÇÕES E DA EVOCAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Uma alucinação é uma ilusão produzida por um movimento irregular da luz astral.

É, como dissemos anteriormente, a mistura dos fenômenos do sono com os da vigília.

Nosso corpo energético aspira e respira a luz astral ou a alma vital da terra, como nosso corpo aspira e respira a atmosfera terrestre. Ora, da mesma forma que em certos lugares o ar é impuro e impróprio para respirar-se, também certas circunstâncias fenomenais podem tornar a luz astral doentia e não assimilável.

O ar de certos lugares pode ser também muito vivo para certas pessoas e servir perfeitamente para outras, o mesmo acontecendo com a luz magnética.

O corpo energético é semelhante a uma estátua metálica sempre em fusão. Se o molde for defeituoso, ela se torna disforme; se o molde se rompe, o metal se espalha.

O molde do corpo energético é a força vital equilibrada e polarizada. Nosso corpo, por meio do sistema nervoso, atrai e retém essa forma fugitiva de luz especificada; porém, o cansaço local ou a excitação parcial do aparelho pode causar deformidades fluídicas.

Essas deformidades falseiam parcialmente o espelho da imaginação e causam alucinações habituais próprias dos visionários estáticos.

O corpo energético, feito à imagem e semelhança de nosso corpo, cujos órgãos representa sob a forma luminosa, tem visão, tato, ouvido, olfato e paladar próprio; pode, sendo excitado, comunicá-los ao aparelho nervoso, de maneira que a alucinação seja completa. A imaginação parece então triunfar da própria natureza e produz fenômenos verdadeiramente estranhos. O corpo material inundado de fluido, parece participar das qualidades fluídicas, escapa às leis da gravidade, torna-se momentaneamente invulnerável e até invisível no meio de alucinados por contágio. Sabemos que os convulsionários de Saint-Medard faziam-se apertar, esmurrar, calcar e crucificar, sem sentir dor alguma; que se elevavam acima do solo, andavam com a cabeça para baixo, comiam alfinetes torcidos e os digeriam.

Julgamos conveniente reproduzir aqui o que dissemos no jornal *Estafette*, sobre os prodígios do médium americano Home e vários fenômenos da mesma ordem.

Nunca fomos pessoalmente testemunhas dos milagres do Sr. Home, porém as nossas informações provêm das melhores fontes e as recebemos de uma casa em que o médium americano foi recebido com benevolência quando estava em más condições e com indulgência quando sua doença foi tomada como felicidade e fortuna. Trata-se da casa de uma senhora nascida na Polônia, porém três vezes francesa pela nobreza de seu coração, os encantos admiráveis de seu espírito e a celebridade europeia de seu nome.

A publicação dessas informações no *Estafette* nos atraiu então, sem sabermos por quê, as injúrias de um tal Sr. Pene, conhecido depois por seu infeliz duelo. Pensamos então na fábula de La Fontaine sobre o louco que atirava pedras a um sábio. O Sr. Pene nos tratava de padre despadrado e de mau católico. Nós nos mostramos ao menos bom cristão, lastimando-o e perdoando-o, e como é impossível ser padre despadrado sem nunca ter sido padre, deixamos cair por terra uma injúria que não nos atingia.

OS FANTASMAS DE PARIS

O Sr. Home, na semana anterior, queria ainda deixar Paris, esta Paris onde os próprios anjos e demônios, se aparecessem em qualquer forma,

não passariam muito tempo por seres maravilhosos, e nada mais teriam a fazer senão voltar logo ao céu ou ao inferno, para escapar ao esquecimento e abandono dos homens.

O Sr. Home, com a fisionomia triste e desiludida, se despedia, portanto, de uma nobre senhora cujo generoso acolhimento fora uma de suas primeiras felicidades em França. A senhora B... foi muito boa para ele naquele dia como sempre o fora e quis que esperasse para o jantar; o misterioso cidadão ia aceitar, quando alguém tendo vindo dizer-lhe que se esperava um cabalista conhecido no mundo das ciências ocultas pela publicação de um livro intitulado: *Dogma e Ritual da Alta Magia*, mudou imediatamente de cor e declarou balbuciando e com perturbação visível que não podia ficar, e que a proximidade desse professor de magia lhe causava um invencível terror. Tudo o que se pôde dizer-lhe para acalmá-lo foi inútil. “Não julgo esse homem”, dizia ele, “não afirmo que ele seja bom ou mau, nada sei a seu respeito, porém sua atmosfera me faz mal, junto a ele eu me sentiria sem força e como que sem vida”. E, depois dessa explicação o Sr. Home apressou-se em saudar e sair.

Esse terror dos homens de fantasmagoria em presença dos verdadeiros iniciados à ciência, não é fato novo nos anais do ocultismo. Podemos ler em Filostrato a história da Lâmina que estremeceu ao saber que Apolônio de Tiana vinha. O admirável Alexandre Dumas, dramatizou essa lenda mágica no belo resumo de todas as lendas que devia servir de prólogo à sua grande epopeia romanesca chamada *O Judeu Errante*. A cena se passa em Corinto; é uma núpcia antiga com suas belas crianças coroadas de flores que carregam tochas nupciais e cantam epitalâmios – ou poemas nupciais – graciosos e floridos de imagens voluptuosas como nas poesias de Catulo. A noiva é bela, em seu casto vestuário, como a antiga Polimnia; ela é apaixonada e extremamente provocadora em seu pudor como uma Vênus de Corregio ou uma Graça de Canova. Aquele que a desposa é Clínias, um discípulo do célebre Apolônio de Tiana. O mestre prometeu vir à núpcia de seu discípulo, porém não vem, e a bela noiva respira mais à vontade, pois ela teme Apolônio. Entretanto, o dia ainda não se acabou. A hora do leito nupcial chegou, e imediatamente Meroe treme, empalidece, olha obstinadamente para o lado da porta, estende a mão com espanto e diz com voz apagada: “Ei-lo, é ele!” De fato, é Apolônio. Eis o mago, eis o mestre; a hora dos

encantamentos passou, os prestígios caem diante da verdadeira ciência. Procuram a bela noiva, a alva Meroe, e só se vê uma velha, a feiticeira Canídia, a comedora de crianças. Clíncias é desiludido, agradece a seu mestre; é salvo.

O vulgo sempre se enganou sobre a magia e confunde os adeptos com os feiticeiros. A verdadeira magia, isto é, a ciência tradicional dos reis magos, é inimiga mortal dos encantamentos mundanos; impede ou faz cessar os falsos milagres, hostis à luz e ao encanto de um pequeno número de testemunhos preparados ou crédulos. A desordem aparente nas leis da natureza é uma mentira; não é, portanto, uma maravilha. A verdadeira maravilha, o verdadeiro prodígio que sempre brilha à vista de todos é a harmonia sempre constante dos efeitos e das causas: são os esplendores da ordem eterna!

Não podemos dizer se Cagliostro faria milagres diante de Swedenborg, porém certamente teria temido a presença de Paracelso e de Henrique Khunrath, se esses grandes homens tivessem sido seus contemporâneos.

Está longe de nós, porém, o pensamento de denunciar o Sr. Home como um feiticeiro de baixo escalão, isto é, como um charlatão. O célebre médium americano é brando e ingênuo como uma criança. É um pobre ente muito sensitivo, sem malícia e sem amparo; ele é joguete de uma força terrível que ignora, e a primeira de suas vítimas é certamente ele mesmo.

O estudo dos estranhos fenômenos que se produzem ao redor desse jovem é da mais alta importância. Trata-se de voltar seriamente a tratar das negações muito levianas do século XVIII e abrir, diante da ciência e da razão, novos horizontes, menos estreitos que os de uma crítica burguesa que nega tudo o que ainda não sabe explicar. Os fatos são inexoráveis, e a verdadeira boa fé nunca deve temer examiná-los.

A explicação desses fatos, que todas as tradições se obstinavam a afirmar e que se reproduzem diante de nós com uma publicidade perturbadora, essa explicação, antiga como os próprios fatos, rigorosa como as matemáticas, porém tirada pela primeira vez das sombras em que a ocultavam os hierofantes de todos os tempos, seria um grande acontecimento científico, se pudesse ser suficientemente esclarecida e

publicada. Talvez devamos preparar esse acontecimento, porque não nos seria permitida a esperança ousada de o realizar.

Eis primeiramente os fatos em toda a sua singularidade. Nós os verificamos e os restabelecemos com rigorosa exatidão, abstendo-nos a princípio de toda explicação e comentário.

O Sr. Home está sujeito a êxtases que, no seu dizer, o põem em relação direta com a alma de sua mãe, e, por meio desta, com o mundo dos espíritos. Descreve, como as sonâmbulas de Cahagnet, pessoas que ele nunca viu e que são reconhecidas pelos que as evocam; ele lhes dirá até seus nomes e responderá por elas a perguntas que só podem ser compreendidas pelas almas evocadas por vocês.

Quando ele está numa sala, ruídos inexplicáveis se ouvem no ambiente. Dão-se golpes violentos nos móveis e nas paredes; às vezes, as portas e as janelas se abrem como se fossem impelidas por uma tempestade; ouve-se até no exterior o vento e a chuva; quando se sai para observá-los, o céu está sem nuvem e não se ouve o menor ruído de vento.

Os móveis se levantam e se deslocam sem ninguém tocá-los.

Lápis escrevem por si mesmos. Sua escrita é a do Sr. Home e cometem os mesmo erros que ele.

As pessoas presentes sentem-se tocar e pegar por mãos invisíveis. Esses contatos, que parecem escolher as senhoras, carecem de seriedade e às vezes de conveniência, em suas aplicações. Julgamos que nos fazemos entender.

Mãos visíveis e tangíveis saem ou parecem sair das mesas; porém, para isso é necessário que as mesas sejam cobertas. É preciso ao agente invisível certas preparações como é preciso aos mais hábeis sucessores de Robert Houdin.

Essas mãos se mostram principalmente na obscuridade; elas são quentes e fosforescentes ou frias e escuras. Elas fazem gestos tolos e tocam piano; e depois de terem tocado piano, sempre é necessário chamar o afinador, pois seu contato sempre é fatal à perfeição do instrumento.

Um cidadão dos mais respeitáveis da Inglaterra, o Sr. Edward Bulwer Lytton, viu e tocou essas mãos; vimos o atestado escrito e assinado por ele. Ele declara até tê-las pegado e puxado com toda a sua força para

fazer sair de seu incógnito o braço ao qual naturalmente devia estar presa. Porém, a coisa invisível foi mais forte do que o romancista inglês e as mãos lhe escaparam.

Um grande senhor russo, que foi o protetor de Sr. Home e cujo caráter e boa fé não podem ser postos em dúvida, o conde A. B...., viu também as mãos misteriosas e pegou-as vigorosamente. Eram, diz ele, formas perfeitas de mãos humanas, quentes e vivas; somente *não se sentia o osso*. Seguras por uma presa inevitável, essas mãos lutavam para sair, porém diminuíram, e, por assim dizer, foram derretendo-se até o conde chegar a não ter mais nada na mão.

Outras pessoas que viram e tocaram essas mãos dizem que seus dedos são inchados e duros, as comparam a luvas de borracha – cheias de ar fosforescente e quente. Às vezes, em lugar das mãos, são pés que aparecem, porém nunca descobertos. O espírito, que provavelmente não tem calçado, ao menos respeita, nesse ponto, a delicadeza das senhoras, e nunca mostra seu pé a não ser debaixo de um pano.

A aparição desses pés cansa e assusta muito o Sr. Home. Ele procura então aproximar-se de alguma pessoa sadia, e segura-se nela como quem tem medo de afogar-se; a pessoa a quem o médium assim se apega sente-se imediatamente num estado singular de esgotamento e debilidade.

Um cavalheiro polaco que assistia a uma das sessões do Sr. Home tinha colocado no chão entre os pés um lápis sobre um papel, e pedira um sinal da presença do espírito. Durante alguns momentos nada houve; porém, de repente, o lápis foi lançado ao outro canto da sala. O cavalheiro abaixou-se, tomou o papel e viu nele três sinais cabalísticos dos quais ninguém compreendeu coisa alguma. Só o Sr. Home pareceu ter grande contrariedade ao vê-los e manifestou certo temor; porém, recusou explicar-se sobre a natureza e o significado desses caracteres. Guardaram-nos, então, e levaram-nos a este professor de alta magia cuja proximidade o médium tanto temera. Nós o vimos e eis sua descrição minuciosa.

Tinham sido feitos com força e o lápis quase rasgara o papel.

Foram lançados no papel sem ordem e sem linha.

O primeiro era o sinal que os iniciados egípcios colocavam ordinariamente na mão de Tifon. Um *tau* com duplo traço vertical aberto em forma de compasso, uma cruz ansata tendo em cima um anel circular;

embaixo do anel um duplo traço horizontal; sob este um duplo traço oblíquo em forma de V invertido.

O segundo caratere representava uma cruz de grande hierofante com as três travessas hierárquicas. Esse símbolo que alcança a mais alta antiguidade é ainda o atributo de nossos soberanos pontífices e termina a extremidade superior do bastão pastoral que lhes é próprio. Porém, o sinal traçado pelo lápis tinha a particularidade do ramo superior, a cabeça da cruz, ser duplo e formar ainda o terrível V tifoniano, o sinal do antagonismo e da separação e de negação.

O terceiro caratere era o que os F.º Maçons chamam a cruz filosófica, uma cruz de quatro braços iguais com um ponto em cada um dos ângulos. Porém, em vez de quatro pontos, havia somente dois, colocados nos dois ângulos da direita: ainda um sinal de luta, de separação e de negação.

O professor, que nos permitirão distinguir aqui do narrador e designar na terceira pessoa, para não cansar nossos leitores ao falar de nós, o professor, portanto, mestre Éliphas Lévi, deu às pessoas reunidas no salão da senhora B..., a explicação científica dos três sinais, e eis o que lhes disse:

“Estes três sinais pertencem à série dos hieróglifos sagrados e primitivos conhecidos somente dos iniciados de primeira ordem; o primeiro é assinatura de Tifon. Exprime a blasfêmia desse espírito do mal estabelecendo o dualismo no princípio criador. De fato, a cruz ansata de Osíris é um lingam invertido, e representa a força paterna e ativa de Deus (a linha vertical que sai do círculo) fecundando a natureza passiva (a linha horizontal). Duplicar a linha vertical é afirmar que a natureza tem dois pais; é pôr o adultério em lugar da maternidade divina, é afirmar, em vez do princípio inteligente, a fatalidade cega, cujo resultado é o conflito eterno das aparências no nada; é, por isso, o mais antigo, o mais autêntico e mais terrível de todos os sinais do inferno. Significa o *deus ateu*, é a assinatura de Satã.

“Esta primeira assinatura é hierárquica e se refere aos caracteres ocultos do mundo divino.

“A segunda pertence aos hieróglifos filosóficos, representa a medida ascensional da ideia e a extensão progressiva da forma.

“É um tríplice *to* invertido, é o pensamento humano afirmando o absoluto nos três mundos ao mesmo tempo, e esse absoluto termina aqui por uma força, isto é, pelo sinal da dúvida e do antagonismo. De modo que, se o primeiro caratere quer dizer: *Não há Deus*, este tem por significação rigorosa: *A verdade hierárquica não existe*.

“O terceiro, ou a cruz filosófica, foi em todas as iniciações o símbolo da natureza e de suas quatro formas elementares; os quatro pontos representam as quatro letras inexprimíveis e incomunicáveis do Tetragrammaton oculto, a fórmula eterna do grande arcano G·: A·.

“Os dois pontos da direita representam a força, os da esquerda simbolizam o amor, e as quatro letras devem ser lidas da direita para a esquerda, começando pelo alto à direita, e indo daí a letra debaixo à esquerda, fazendo o mesmo com as outras, de modo a formar a cruz de Santo André.

“A supressão dos dois pontos da esquerda exprime, portanto, a negação da cruz, a negação da misericórdia e do amor.

“A firmação do reino absoluto da força e do seu antagonismo eterno, de cima para baixo e de baixo para cima.

“A glorificação da tirania e da revolta.

“O sinal hieroglífico do vício imundo de que foram acusados os Templários, é o sinal da desordem e do desespero eterno”.

Essas são portanto as primeiras revelações da ciência secreta dos magos sobre esse fenômenos de manifestações extranaturais. Que nos seja permitido agora comparar essas assinaturas estranhas com outras aparições contemporâneas de escritas fenomenais, porque é um verdadeiro processo que a ciência deve preparar antes de levar esse assunto ao tribunal da razão publica. Não devemos, por isso, desprezar qualquer investigação ou indício.

Nas proximidades de Caen, em Tilly-sur-Seulles, uma série de fatos inexplicáveis se produzia há alguns anos sob a influência de um médium ou de um extático chamado Eugênio Vintras.

Certas circunstâncias ridículas e um processo por falsificação fizeram cair no esquecimento e até no desprezo esse taumaturgo, aliás violentamente atacado em panfletos, cujos autores eram antigos admiradores de sua doutrina, pois o médium Vintras gosta de

dogmatizar. Contudo, uma coisa é notável nas acusações de que é objeto: é que seus adversários, embora procurem vencê-lo, reconhecem a verdade de seus milagres e se contentam em atribuí-los ao demônio.

Quais são, portanto, os milagres tão autênticos de Vintras? Estamos mais bem informados a esse respeito que qualquer outro, como vocês verão. Processos verbais assinados por testemunhas dignas, por artistas, médicos, padres, aliás irrepreensíveis, foram-nos comunicados; interrogamos testemunhas visuais e, mais que isto, vimos. As coisas merecem ser contadas com detalhes.

Existe em Paris um escritor, no mínimo excêntrico, chamado Sr. Madrolle. É um velho de família e relações respeitáveis. Escreveu, a princípio, no sentido católico mais exaltado, recebeu os mais animadores parabéns da autoridade eclesiástica e mesmo breves provenientes da santa Sé, depois viu Vintras; arrastado pelo prestígio de seus milagres, tornou-se um sectário determinado e um inimigo irreconciliável da hierarquia e do clero.

Quando publiquei *Dogma e Ritual da Alta Magia*, recebi uma brochura do Sr. Madrolle que o espantou. O autor sustentava os paradoxos mais inacreditáveis no estilo desordenado dos extáticos. A vida para ele bastava para a expiação dos maiores crimes, já que ela era a consequência de uma sentença de morte. Os homens mais malvados sendo os mais infelizes de todos, lhe pareciam oferecer a Deus uma expiação mais sublime. Irritou-se contra toda repressão e condenação. “Uma religião que condena”, exclamava ele, “é uma religião condenada!” Depois pregava a licença mais absoluta sob o pretexto de caridade, e chegava ao ponto de dizer que o *ato de amor mais imperfeito e mais repreensível em aparência valia mais que a melhor das preces*. Era o marquês de Sade feito pregador. Em seguida, negava o diabo com uma veemência cheia de eloquência.

“Concebam”, dizia ele, “um diabo que Deus tolera, que Deus autoriza! Concebam mais ainda um Deus que fez o diabo e o deixa precipitar-se sobre as criaturas já tão fracas e prontas a enganar-se! Um Deus do diabo, enfim, auxiliado, prevenido e apenas vencido em suas vinganças por um diabo de Deus!...”

O resto da brochura era do mesmo tom. O professor de magia quase ficou atemorizado e pediu o paradeiro do Sr. Madrolle. Não foi sem

alguma dificuldade que pôde chegar a esse singular panfletário, e eis mais ou menos o que foi a conversa havida entre eles:

Éliphas Lévi. – Senhor, recebi uma brochura sua. Venho lhe agradecer tê-la me enviado e lhe manifestar ao mesmo tempo meu espanto e minha tristeza.

O Sr. Madrolle. – Sua tristeza, senhor! Explique-se, porque não o compreendo.

– Lastimo vivamente, senhor, vê-lo cometer faltas nas quais caí outrora. Porém, ao menos eu tinha então a desculpa da inexperiência e da juventude. Sua brochura tem falta de alcance porque lhe falta medida. Sua intenção era sem dúvida protestar contra erros na crença, contra os abusos na moral; e vê-se que é a própria crença e a moral que o senhor ataca. A exaltação que transborda em seu pequeno livro deve até prejudicar-lhe muito, e alguns de seus melhores amigos certamente ficarão inquietos sobre o estado de sua saúde.

– Oh! Sem dúvida! Disseram e ainda dizem que estou louco. Porém não é hoje que os crentes devem sofrer a loucura da fé. Sou exaltado, senhor, porque mesmo o senhor o seria em meu lugar, porque é impossível ficar frio em presença dos prodígios...

– Oh! Oh! O senhor fala de prodígios, isso me interessa. Vejamos, entre nós e de boa fé, de que prodígios se trata?

– Ora, de que prodígios, senão dos do grande profeta Elias, vindo à terra sob o nome de Pedro Miguel?

– Compreendo; o senhor quer dizer Eugênio Vintras. Ouvi falar de suas obras. Porém, faz ele verdadeiramente milagres?

(Aqui o Sr. Madrolle deu um salto na cadeira, levantou os olhos e as mãos ao céu e acabou por sorrir com uma condescendência que parecia exprimir uma profunda piedade).

– Se faz milagres, senhor!

Sim, os maiores!...

Os mais admiráveis!...

Os mais incontestáveis!...

Os mais verdadeiros milagres que foram feitos na Terra desde Jesus Cristo!... Como! Milhares de hóstias aparecem em altares em que não havia nenhuma, o vinho transborda em cálices vazios, e não é uma ilusão, é vinho, um vinho delicioso... músicas celestes se fazem ouvir,

perfumes de outro mundo se espalham... e enfim sangue... um verdadeiro sangue humano (médicos o examinaram), um verdadeiro sangue, lhe digo, brota e às vezes escorre das hóstias, deixando nelas caracteres misteriosos! Eu lhe digo o que vi, o que ouvi, o que toquei, o que experimentei! E o senhor quer que permaneça frio diante da autoridade eclesiástica que acha mais cômodo negar tudo do que examinar a menor coisa!...

– Permita-me, senhor; é em matéria de religião principalmente que a autoridade nunca pode enganar-se... Em religião, o bem é a hierarquia, e o mal é a anarquia; a que se reduziria, de fato, a influência do sacerdócio, se o senhor estabelecer como princípio que devemos crer mais no testemunho de nossos sentidos do que nas decisões da Igreja? Não é a Igreja mais visível do que todos os seus milagres? Os que veem milagres e não veem a Igreja são dignos de maior lástima que os cegos, pois nem mesmo têm a possibilidade de deixar-se guiar...

– Como o senhor, eu sei essas coisas. Porém, Deus não pode estar em desacordo consigo mesmo. Ele não pode permitir que a boa fé seja enganada e a própria Igreja não podia decidir que sou cego quando tenho visão... Escute, eis o que se lê nas cartas de João Huss, carta quadragésima terceira, no final:

Um doutor me disse: Em todas as coisas eu me submeteria ao concílio, tudo então seria bom e legítimo para mim. Ele acrescentou: Se o concílio dissesse que você só tem uma vista, embora tenha duas, ainda assim convém dizer que o concílio não se enganou.

“Embora o mundo inteiro afirmasse tal coisa”, respondi eu, “enquanto tiver o uso de minha razão, não poderei concordar com isso sem perturbar minha consciência.”

– Eu lhe direi com João Huss: Antes que haja uma Igreja e concílios, há uma verdade e uma razão.

– Perdão, caro senhor. Outrora o senhor era católico, agora não o é mais; as consciências são livres. Apenas tenho a dizer-lhe que a instituição da infalibilidade hierárquica em matéria de dogma é muito razoável, e muito mais incontestavelmente verdadeira que todos os milagres do mundo. Aliás, o que não se deve fazer para conservar a paz! Não crê que a glória do João Huss teria sido maior se tivesse sacrificado uma de suas vistas pela concórdia universal, em vez de inundar a Europa

de sangue? Oh! Senhor, que a Igreja decida quando quiser que sou cego; só lhe peço uma graça, é de dizer-me de que vista, a fim de poder fechá-la e olhar com a outra com uma ortodoxia irrepreensível!

– Confesso que não sou ortodoxo a seu modo.

– Bem o vejo. Porém, voltemos aos prodígios! Então o senhor viu, tocou, sentiu, experimentou; mas vejamos, exaltação à parte, o senhor quer me contar um caso bem detalhado, bem circunstanciado, e que principalmente apresente todas as evidências de um milagre? Sou indiscreto em perguntar-lhe isso?

– De modo algum; porém qual deles escolherei? Há tantos!

– Escute – acrescentou o Sr. Madrolle após um momento de reflexão e com um leve tremor de emoção na voz –, o profeta está em Londres e nós estamos aqui. Pois bem! Se pedisse somente pelo pensamento ao profeta que lhe enviasse imediatamente a comunhão, e se, num lugar designado pelo senhor, em sua casa, num pano, num livro, encontrasse ao entrar uma hóstia, que diria?

– Declararia esse fato inexplicável pelos meios ordinários da crítica.

– Pois bem, senhor! – exclama então o Sr. Madrolle triunfante –, eis aí o que me acontece com frequência; quando quero, isto é, quando estou preparado e espero ser digno! Sim, senhor, encontro a hóstia quando a peço; encontro-a real, palpável, porém muitas vezes ornada de pequenos corações milagrosos que parecem pinturas de Rafael.

Éliphas Lévi, que se achava indisposto para discutir fatos aos quais se misturavam uma espécie de profanação das coisas mais reverenciadas, despediu-se então do antigo escritor católico e saiu meditando sobre a estranha influência desse Vintras, que tinha desorientado assim aquele velho crente com mentalidade de sábio.

Alguns dias depois, o cabalista Éliphas foi despertado muito cedo por um visitante desconhecido. Era um homem de cabelos brancos, vestindo preto, tendo a fisionomia de um padre extremamente devoto, em suma, uma aparência respeitável.

Esse eclesiástico trazia uma carta de recomendação assim expressa:

Caro mestre,

Envio-lhe um velho sábio que deseja soletrar consigo o hebraico da feitiçaria. Receba-o como eu (quero dizer, como eu o recebi), desembaraçando-se dele do melhor modo que

puder.

Sempre seu na sacrossanta Cabala.

AD. DESBARROLLES.

– Senhor abade – disse sorrindo Éliphas após ter lido –, estou inteiramente às suas ordens e nada tenho a recusar ao amigo que me escreve; então o senhor viu meu excelente discípulo Desbarrolles?

– Sim, senhor, encontrei nele um homem muito amável e bastante inteligente. O senhor e ele, eu os julgo dignos da verdade que se manifestou de novo por milagres admiráveis e revelações positivas do arcanjo S. Miguel.

– O senhor nos dá grande honra. O meu amigo Desbarrolles admirou-o então pelo seu saber?

– Oh! certamente, ele possui em grau notável os segredos da quiromancia; simplesmente pela inspeção das minhas mãos, contou quase toda a história de minha vida.

– Ele é bem capaz disso. Porém, entrou em grandes detalhes?

– O suficiente para me convencer de seus extraordinários conhecimentos.

– Disse-lhe ele que o senhor é o antigo cura de Mont-Louis, na diocese de Tours? Que é o discípulo mais zeloso do extático Eugênio Vintras? E que o senhor se chama Charvoz?

Foi um verdadeiro sucesso teatral: o velho padre, a cada uma dessas três frases, tinha dado um salto na cadeira.

Quando ouviu seu nome, empalideceu e levantou-se com se uma mola, estendendo-se, o tivesse impelido.

– Então o senhor é um verdadeiro mago? – exclamou ele. – Charvoz é realmente meu nome, porém não é o que uso: faço-me chamar La-Paraz...

– Eu o sei. La-Paraz é o nome de sua mãe. O senhor deixou uma posição muito invejável: a de vigário de departamento e um presbitério encantador, para participar da existência agitada de um sectário...

– O senhor diz de um grande profeta!

– Senhor, creio perfeitamente em sua boa fé. Porém, permita-me examinar um pouco a missão e o caráter de seu profeta.

– Sim, senhor, o exame, a luz da ciência, eis o que pedimos. Venha a Londres, senhor, e verá! Os milagres são permanentes.

– Quer, senhor, dar-me primeiro alguns detalhes exatos e conscienciosos sobre os milagres?

– Oh! Quantos lhes forem necessários.

Imediatamente o velho padre relatou coisas que todos considerariam impossíveis, porém nem mesmo fizeram pestanejar o professor de alta magia.

Assim, por exemplo:

Um dia, Vintras num acesso de entusiasmo, pregava diante de seu altar heterodoxo; vinte e cinco pessoas assistiam a essa prática. Um cálice vazio no altar, cálice bem conhecido pelo abade Charvoz; ele mesmo o tinha trazido de sua igreja de Mont-Louis, e estava perfeitamente certo de que esse vaso sagrado não tinha condutores misteriosos, nem fundo duplo.

– Para lhes provar – disse Vintras –, que é Deus que me inspira, ele me faz saber que o cálice vai encher-se de gotas de seu sangue sob a aparência do vinho, e todos vocês poderão experimentar os produtos das vinhas do futuro, vinho que devemos beber com o Salvador no reino de seu pai...

– Tomado de espanto e temor – continuou o abade Charvoz –, subo ao altar, tomo o cálice, olho para o fundo: estava totalmente vazio. Viro-o de cabeça para baixo diante de todos, depois vou ajoelhar-me ao pé do altar, tendo o cálice entre as mãos... Imediatamente ouviu-se distintamente um pequeno ruído, o de uma gota de água que tivesse caído do teto, e uma gota de vinho apareceu no fundo do vaso.

– Todos os olhares voltam-se para mim, olham para o teto, já que nossa simples capela era preparada numa sala pobre; não havia no teto buraco algum, nada se via cair e, contudo, o ruído da queda das gotas se multiplicava com maior rapidez... e o vinho subia do fundo do cálice para sua beirada.

– Quando o cálice ficou cheio, o levei lentamente para toda a assembleia vê-lo, depois o profeta umedeceu os lábios no vinho e toda a assembleia, um a um experimentou o vinho milagroso. Nenhum sabor delicioso qualquer pode dar uma ideia do que experimentamos...

– E que direi ao senhor – acrescentou o abade Charvoz –, desses prodígios de sangue que todos os dias nos espantam? Milhares de hóstias feridas e sangrentas se refugiavam em nossos altares. Os estigmas sagrados aparecem diante de todos os que querem vê-los. As hóstias, brancas a princípio, se cobrem lentamente de caracteres e corações ensanguentados... Será para crer-se que Deus abandona aos prestígios do demônio as coisas mais santas? ou antes não devemos adorar e crer que chegou a hora da suprema e última revelação?

O abade Charvoz, ao falar assim, tinha na voz esta espécie de temor nervoso que Éliphas Levi já notara no Sr. Madrolle. O mago abanou a cabeça num estado pensativo; e, de repente:

– Senhor – disse ele ao abade –, tem consigo uma ou mais dessas hóstias milagrosas. Tenha a bondade de mostrar-me.

– Senhor...

– O senhor as possui, eu sei bem; por que procurará negar?

– Eu não nego –, disse o abade Charvoz –, porém, permita-me não expor às investigações da incredulidade os objetos da crença mais sincera e mais devotada.

– Senhor abade – disse gravemente Éliphas –, a incredulidade é a desconfiança de uma ignorância quase certa de se enganar. A ciência não é incrédula. Creio primeiramente na sua convicção, porque o senhor aceitou uma vida de privação e até de reprovação por causa dessa infeliz crença. Mostre-me, por isso, suas hóstias milagrosas e creia no meu completo respeito pelos objetos de uma sincera adoração.

– Pois bem! – disse o abade Charvoz, após ter hesitado um pouco –, vou mostrá-las.

Então desabotoou a parte superior do seu colete preto e tirou um pequeno relicário de prata diante do qual se pôs de joelhos com lágrimas nos olhos e preces nos lábios; Éliphas pôs-se de joelhos junto a ele, e o abade abriu o relicário.

Havia nele três hóstias, uma inteira e outras duas quase empastadas, como se tivessem sido amassadas com sangue.

A hóstia inteira trazia no centro um coração em relevo dos dois lados; um pedaço de sangue com a forma de coração que parecia ter se formado na própria hóstia de um modo inexplicável. O sangue não podia ter sido aplicado por fora, porque a coloração pela absorção da umidade tinha

deixado brancas as parcelas aderentes à superfície externa. A aparência do fenômeno era a mesma dos dois lados. O mestre de magia teve um estremecimento involuntário.

Essa emoção não passou despercebida ao velho cura que, tendo adorado ainda uma vez e fechado seu relicário, tirou de seu bolso um álbum e entregou-o a Éliphas, sem nada dizer. Eram cópias de todos os caracteres sangrentos observados nas hóstias desde o começo dos êxtases e dos milagres de Vintras.

Havia ali corações de toda espécie, emblemas de todo gênero. Porém, três principalmente despertaram a curiosidade de Éliphas...

– Senhor, abade –, disse ele a Charvoz – conhece estes três sinais?

– Não –, respondeu ingenuamente o abade – porém o profeta afirma que são da mais alta importância e que sua significação oculta será conhecida logo, isto é, no fim dos tempos.

– Pois bem, senhor – disse solenemente o professor de magia –, antes mesmo do fim dos tempos, vou explicá-los ao senhor: esse três sinais cabalísticos são a assinatura do diabo!

– É impossível! – exclamou o velho padre.

– Assim é – replicou Éliphas com energia.

Ora, eis quais eram estes sinais:

1º A estrela do microcosmo ou o pentagrama mágico. É a estrela de cinco pontas da maçonaria oculta, a estrela na qual Agripa desenhava a figura humana, a cabeça na ponta superior, os quatro membros nas outras quatro. A estrela flamejante que, invertida, é o sinal hieroglífico do bode da magia negra, cuja cabeça pode então ser desenhada na estrela, os dois chifres em cima, à direita e à esquerda as orelhas, a barba embaixo. É o sinal do antagonismo e da fatalidade. É o bode da luxúria atacando o Céu com seus chifres. É um sinal execrado até no *sabá* pelos iniciados de ordem superior.

2º As duas serpentes herméticas; porém, as cabeças e as caudas, em vez de se aproximarem em semicírculos paralelos, estavam fora e não havia linha intermediária representando o caduceu. Acima da cabeça das serpentes via-se o V fatal, a força tifoniana, o símbolo do Inferno. À direita e à esquerda os números sagrados III e VII colocados na linha horizontal que representa as coisas passíveis e secundárias. O sentido do caráter era, portanto, este:

O antagonismo é eterno.

Deus é a luta das forças fatais que criam sempre destruindo.

As coisas religiosas são passíveis e passageiras.

A ousadia serve-se delas, a guerra as aproveita e é por elas que a discórdia se perpetua.

3º Enfim, o monograma cabalístico de Jeová, o *Iod* e o *he*, porém invertidos, o que forma, conforme os doutores da ciência oculta, a mais horrível de todas as blasfêmias, e significa, de qualquer maneira que se leia: “Só a fatalidade existe; Deus e o espírito não existem. A matéria é tudo, e o espírito é apenas uma ficção dessa mesma matéria em estado demente. A forma é mais que a ideia, a mulher mais que o homem, o prazer mais que o pensamento, o vício mais que a virtude, a multidão mais que seus chefes, os filhos mais que seus pais, a loucura mais que a razão!”

Eis aí o que estava escrito em caracteres de sangue nas hóstias supostas milagrosas de Vintras!

Afirmamos pela nossa honra que os fatos foram da forma como os relatamos acima e que vimos e explicamos os caracteres, conforme a verdadeira ciência mágica e as verdadeiras chaves da Cabala.

O discípulo de Vintras nos comunicou também a descrição e o desenho das vestes pontificiais dadas pelo próprio Jesus Cristo, dizia ele, ao pretenso profeta durante um de seus sonos extáticos. Vintras mandou preparar essas vestes e as coloca para fazer seus milagres. São de cor vermelha. Deve trazer na frente uma cruz em forma de lingam, ter um bastão pastoral remontado por uma mão cujos dedos são fechados com exceção do polegar e do mínimo.

Ora, tudo isso é superdiabólico, e não é coisa verdadeiramente maravilhosa essa intuição dos sinais de uma ciência perdida? Pois é a alta magia que, apoiando o universo nas duas colunas de Hermes e de Salomão, dividiu o mundo metafísico em duas zonas intelectuais, uma branca e luminosa, contendo as ideias positivas, a outra negra e obscura, contendo as ideias negativas, e que deu à noção sintética da primeira o nome de Deus e à síntese da outra do diabo ou Satã.

O sinal do lingam trazido na frente é, na Índia, o distintivo dos adoradores de Shiva, o destruidor; já que esse signo sendo o do grande arcano mágico que se prende ao mistério da geração universal, trazê-lo

na frente é fazer profissão de impudor dogmático. Ora, dizem os orientais, no dia em que não houver mais pudor, o mundo, abandonado à depravação, que é estéril, acabará logo por falta de mães. O pudor é a aceitação da maternidade.

A mão com os três dedos maiores fechados exprime a negação do ternário e a afirmação somente das forças naturais.

Os antigos hierofantes, como vai explicar nosso sábio e espirituoso Desbarrolles num belo livro que está no prelo, tinham feito da mão humana o resumo da ciência mágica. O indicador, para eles, representa Júpiter; o médio, Saturno; o anular, Apolo ou o Sol. Entre os egípcios, o médio era Ops, o indicador, Osíris e o anular, Hórus; o polegar representava a força geradora e o mínimo a habilidade insinuante. A mão que apresenta somente o polegar e o auricular equivale, em língua hieroglífica sagrada, à afirmação exclusiva da paixão e da habilidade. É a tradução abusiva e material desta grande sentença de Santo Agostinho: “Ame e faça o que quiser”. Comparem agora esses sinais com a doutrina do Sr. Madrolle: *o ato de amor mais imperfeito e em aparência mais culpado, vale mais que a melhor das preces*. E perguntarão qual é essa força que, independentemente da vontade e do maior ou menor saber dos homens (pois Vintras é iletrado e sem instrução), formula seus dogmas com sinais enterrados nos restos do mundo antigo, descobre os mistérios de Tebas e de Elêusis, e nos escreve os mais eruditos sonhos da Índia com os alfabetos ocultos de Hermes.

Qual é essa força? Eu vou lhes dizer. Porém, tenho muitos outros prodígios a lhes narrar, e isso é como um processo jurídico. Devemos antes de tudo completá-lo.

Contudo, nos permitam, antes de passar a outras narrativas, transcrever aqui uma página de um iluminado alemão, Ludwig Tieck:

“Se, por exemplo, como nos diz uma antiga tradição, uma parte dos anjos criados não tardou a decair, e se foram, como dizem, os mais brilhantes, pode-se entender muito bem e por essa queda que procuraram um caminho novo, uma outra atividade, outras ocupações e outra vida diferente da desses espíritos ortodoxos ou mais passivos que permaneceram na região que lhes fora destinada e não fizeram uso da liberdade, apanágio comum de todos eles. A queda foi essa gravidade da forma que agora chamamos realidade, e que é um protesto da existência

individual contra a reabsorção nos abismos do espírito universal. É assim que a morte conserva e reproduz a vida, é assim que a vida é a noiva da morte... Compreendem agora o que é Lúcifer? *Não é o próprio gênio do antigo Prometeu*, essa força que abala o mundo, dá impulso à vida e ao próprio movimento, e que regula o curso das formas sucessivas? Essa força, pela sua resistência, “equilibrou o princípio criador. É assim que os Elohim produziram o mundo. Quando, mais tarde, os homens foram colocados na terra pelo Senhor, como espíritos intermediários, no entusiasmo que os levava a sonhar a natureza e suas profundezas, eles se entregaram à influencia desse soberbo e poderoso gênio, e quando, com um agradável transporte, precipitaram-se na morte para encontrar a vida, foi então que começaram a existir de um modo verdadeiro, natural e como convém a criaturas”.

Essa página não necessita comentários e explica bastante as tendências do que chamamos o espiritismo ou a doutrina *espírita*.

Já há muito tempo essa doutrina ou essa antidoutrina prepara o mundo para precipitá-lo numa anarquia universal. Mas a lei de equilíbrio nos salvará e já se começou um grande movimento de reação.

Continuemos a narrativa dos fenômenos.

Um operário se apresentou um dia em casa de Éliphas Lévi. Era um homem de 50 anos, de estatura elevada, olhar reto e muito razoável no falar. Interrogado sobre o motivo de sua visita, esse homem responde: – O senhor deve sabê-lo muito bem, venho pedir-lhe e suplicar-lhe que me dê o que perdi.

Para sermos sinceros, devemos dizer que Éliphas não sabia coisa alguma desse visitante, nem do que ele podia ter perdido. Por isso lhe respondeu: – O senhor me julga muito mais feiticeiro do que sou; não sei quem o senhor é, nem o que procura; por isso, se julga que eu lhe possa ser útil em qualquer coisa, deve explicar-se e dizer o que deseja.

– Pois bem, já que quer não compreender-me, ao menos reconhecerá isto –, disse então o desconhecido, tirando de seu bolso um livrinho preto e gasto.

Era o formulário do papa Honório.

Uma palavra sobre esse livrinho tão desacreditado. O formulário de Honório se compõe de uma constituição apócrifa de Honório II para a evocação e o governo dos espíritos, e mais algumas receitas

supersticiosas... Era o manual dos maus padres que exerciam a magia negra durante os mais tristes períodos da Idade Média. Encontram-se nele ritos sangrentos misturados com profanações da missa e das espécies consagradas, fórmulas de enfeitiçamento e malefícios, e, afinal, práticas que só a estupidez pode admitir e a perversidade aconselhar. Enfim, é um livro completo em seu gênero; por isso tornou-se muito raro nas livrarias e os amadores pagam muito caro por ele nas vendas públicas.

– Caro senhor – diz o operário suspirando –, desde a idade de 10 anos não deixei uma só vez de fazer meu serviço. Este livro não me deixa, e eu me conformo rigorosamente com todas as prescrições que ele contém.

– Por que, então, os que me visitavam me abandonaram? Eli, Eli, Lamma...

– Pare – disse Éliphas –, e não parodie as mais formidáveis palavras que uma agonia fez o mundo ouvir! Quais são os seres que o visitavam pela virtude deste livro horrível? O senhor os conhece? prometeu-lhes alguma coisa? assinou um pacto?

– Não – interrompeu o proprietário do formulário; – não os conheço e não tomei nenhum compromisso com eles. Sei apenas que, entre eles, os chefes são bons e os intermediários alternativamente bons e maus; os inferiores maus, porém não de modo inconsciente e sem poderem melhorar. Aquele que evoquei e me aparece com frequência pertence a hierarquia mais elevada, porque era de boa aparência, estava bem vestido e sempre me dava respostas favoráveis. Porém, perdi uma página do meu formulário, a primeira e mais importante, a que trazia a assinatura autográfica do espírito e desde então ele não aparece mais quando eu o chamo.

– Sou um homem perdido. Estou nu como Job, não tenho mais força, nem coragem. Ó mestre, eu lhe suplico, ao senhor que só tem uma palavra a dizer, um sinal a fazer e os espíritos obedecerão, tenha piedade de mim e dê-me o que perdi!

– Dê-me seu formulário – disse Éliphas –. Que nome dava ao espírito que lhe aparecia?

– Eu o chamava Adonai.

– E em que língua era a sua assinatura?

– Eu ignoro, porém suponho que era o hebraico.

– Ei-la –, disse o professor da alta magia –, após ter traçado duas palavras hebraicas no começo e no fim do livro. Eis duas assinaturas que os espíritos das trevas nunca imitarão. Vá em paz, durma bem e não evoque mais os fantasmas.

O trabalhador retirou-se.

Oito dias depois ele veio procurar o homem de ciência.

– O senhor me deu a esperança e a vida – lhe disse ele. – Minha força voltou em parte; posso, com as assinaturas que me deu aliviar os que sofrem e libertar os obsedados, porém *ele*, não posso tornar a ver, e, enquanto não o tiver visto de novo, ficarei triste até a morte. Outrora ele sempre estava junto de mim, muitas vezes me tocava e me despertava de noite para dizer-me tudo o que eu precisava saber. Mestre, eu suplico-lhe, faça com que eu o torne a ver...

– Mas quem?

– Adonai.

– O senhor sabe quem é Adonai?

– Não, porém queria tornar a vê-lo.

– Adonai é invisível.

– Eu o vi.

– Ele não tem forma.

– Eu o toquei.

– Ele é infinito.

– É quase da minha altura.

– Os profetas dizem que as orlas de suas vestes, do Oriente ao Ocidente, envolvem as estrelas da manhã.

– Ele tinha um paletó muito decente e camisas muito alvas.

– A escritura ainda diz que não se pode vê-lo sem morrer.

– Ele tinha um rosto bondoso e jovial.

– Mas como fazia para obter estas aparições?

– Pois bem! Eu fazia tudo o que está indicado no grande formulário.

– Como assim! Até o sacrifício sangrento?

– Sem dúvida.

– Infeliz! Mas qual era então a vítima?

A essa pergunta, o operário teve um leve estremecimento, empalideceu, ficou com a vista perturbada.

– Mestre, o senhor sabe melhor que eu o que é – disse ele humildemente e em voz baixa. – Oh! Custou-me muito, principalmente a primeira vez, cortar, de um só golpe com o cutelo, o pescoço daquela criatura inocente! Uma noite eu acabava de realizar os ritos fúnebres, estava sentado no círculo traçado do chão, para dentro da porta de minha casa, e a vítima acabava de consumir-se num grande fogo de amieiro e de ciprestes... Repentinamente, junto a mim... eu tornei a vê-la ou antes senti-a passar... Ouvi no meu ouvido um gemido comovente... parecia que ela chorava, e desde este momento julgava ouvi-la sempre.

Éliphas levantara-se e olhava fixamente para seu interlocutor. Tinha ele diante de si um louco perigoso, capaz de renovar as atrocidades do senhor de Retz? Contudo, a aparência daquele homem era branda e honesta. Não, isso não era possível.

– Mas enfim, essa vítima... diga-me francamente o que era. Suponha que eu já o sei, talvez o saiba, porém tenho razões para querer que o senhor diga.

– Era, conforme o ritual mágico, um cabritinho de um ano, virgem e sem defeito.

– Um verdadeiro cabrito?

– Sem dúvida. Creia que não era um brinquedo de criança, nem um animal embalsamado.

Éliphas respirou.

“Felizmente!”, pensou ele, “este homem não é um feiticeiro digno da fogueira. Não sabe que os abomináveis autores dos formulários, quando falavam do cabrito virgem, queriam dizer uma criancinha”.

– Pois bem! – disse ele então, àquele que o consultava –, dê-me detalhes sobre as suas visões. O que me conta é do máximo interesse para mim.

O feiticeiro, porque devemos chamá-lo pelo seu verdadeiro nome, contou-lhe então uma série de fatos estranhos de que foram testemunhas duas famílias, e esses fatos eram precisamente idênticos aos fenômenos do Sr. Home: mãos que o imprudente aprendiz de magia tinha ousado chamar Astaroth, e vira aparecer um monstro gigantesco tendo o corpo de um porco e a cabeça do esqueleto de um boi colossal. Tudo isso, porém, era contado com um acento de verdade, com uma certeza de ter visto, que excluía toda espécie de dúvida sobre a boa fé e a completa

convicção do narrador. Éliphas, que é artista em magia, ficou maravilhado desse achado. No século XIX, um verdadeiro feiticeiro da Idade Média, um feiticeiro ingênuo e convicto! Um feiticeiro que viu Satã sob o nome de Adonai, Satã vestido de burguês e Astaroth sob sua verdadeira forma diabólica! Que objeto de arte! Que tesouro de arqueologia!

– Meu amigo – disse ele a seu novo discípulo –, quero ajudar-lo a encontrar o que o senhor diz ter perdido. Tome meu livro, observe as prescrições do ritual e venha ver-me dentro de oito dias.

Oito dias depois, nova conferência, e então o trabalhador declara que é inventor de uma máquina de salva-vidas da mais alta importância para a marinha. A máquina está perfeitamente combinada; só lhe falta uma coisa... ela não funciona: há um defeito imperceptível no movimento. Qual é esse defeito? O espírito da malícia é o único que poderia dizê-lo. É, por isso, absolutamente necessário evocá-los!...

– Deixe – disse Éliphas –; então recite durante nove dias esta invocação cabalística (e lhe deu uma folha manuscrita). Comece esta noite e volte amanhã para dizer-me o que tiver visto, pois esta noite você terá uma manifestação.

No dia seguinte, o nosso homem não deixou de apresentar-se.

– Acordei repentinamente – disse ele –, a uma hora da manhã. Vi diante de meu leito uma grande luz, e nessa luz *um braço de sombra* que passava sempre diante de mim como que para magnetizar-me. Então, adormeci de novo, e alguns momentos depois tomei a despertar, vi novamente a mesma luz, porém ela tinha mudado de lugar. Tinha passado da esquerda para a direita, e no fundo luminoso percebi os traços de um homem que tinha os braços cruzados e me olhava.

– Como era esse homem?

– Mais ou menos de sua estatura e tipo físico.

– Está bem. Vá e continue a fazer o que lhe disse.

Passaram-se os nove dias, e então houve nova visita do adepto; porém, dessa vez, ele estava radiante de alegria e tinha pressa. Assim que viu Éliphas:

– Obrigado Mestre! – exclamou ele –, a máquina funciona, pessoas que eu não conhecia vieram pôr à minha disposição os capitais que me

eram necessários para acabar minha empresa, achei a paz e o sono e tudo isso graças ao seu poder.

– Diga antes graças a sua fé e sua docilidade, e agora, adeus, preciso trabalhar... Ora essa! Por que está com esta fisionomia suplicante, e o que ainda deseja?

– Oh! Se o senhor quisesse!...

– Ora, o quê? Não conseguiu o que havia pedido e mais do que pediu, já que não me falou de dinheiro?

– Sim, sem dúvida – disse ele suspirando –, porém eu queria tornar a vê-lo!

– Incorrigível! – disse Éliphas

Algumas semanas depois, o professor de alta magia foi despertado por volta das duas horas da manhã por uma dor aguda na cabeça. Durante alguns instantes recebeu uma congestão cerebral, levantou-se, acendeu sua lâmpada, abriu a janela, passeou no seu gabinete de estudo, depois, acalmado pelo ar fresco da manhã, deitou-se de novo e adormeceu profundamente. Teve então um pesadelo; viu, com uma aparência terrível de realidade, o gigante de cabeça de boi descamada de que lhe falava o mecânico. Esse monstro o perseguia e lutava contra ele. Quando ele despertou era tarde, e alguém batia à porta. Éliphas se levantou, vestiu-se e foi abrir; era o operário.

– Mestre – disse ele entrando com precipitação e com fisionomia alarmada. – Como o senhor está?

– Muito bem –, respondeu Éliphas.

– Mas esta noite, por volta das duas horas da manhã, não passou por um perigo?

Éliphas não estava a par do assunto e nem se lembrava mais da indisposição da noite.

– Um perigo? – disse ele. – Que o saiba, não.

– Não foi assaltado por um fantasma monstruoso que procurava estrangulá-lo? Não sofreu?

Éliphas recordou-se então.

– Sim – disse ele –, certamente, tive um começo de apoplexia e um sonho terrível. Porém, como sabe disso?

– À mesma hora, uma invisível mão me bateu rudemente no ombro e me despertou sobressaltado. Eu sonhava, então, que via o senhor

lutando com Astaroth. Sentei-me na cama e uma voz me disse: Levante-se e vai auxiliar seu mestre; ele está em perigo. Eu me levantei precipitadamente. Porém, onde era preciso correr primeiro? Era à sua casa ou em outra parte? A voz nada tinha dito. Tomei a decisão de esperar o sol nascer, e, logo que amanheceu, corri e estou aqui.

– Obrigado, meu amigo –, disse o magista estendendo-lhe a mão. – Astaroth é um brincalhão de mau gosto, e só tive esta noite um pouco de sangue que subiu à cabeça. Agora, estou perfeitamente bem. Pode, portanto, ficar tranquilo e voltar para o seu serviço.

Por mais estranhos que sejam os fatos que acabamos de contar, restamos revelar um drama fúnebre muito mais extraordinário ainda.

Trata-se do acontecimento sanguinolento que, no começo deste ano, trouxe o luto e o estupor sobre Paris inteira e toda a cristandade; acontecimento no qual ninguém desconfiava que a magia negra tivesse tomado parte.

Eis o que aconteceu:

Durante o inverno, no começo do ano passado, um livreiro comunicou ao autor do *Dogma e Ritual da Alta Magia* que um eclesiástico procurava seu endereço e mostrava o maior desejo de vê-lo. Éliphas Lévi não se julgou a princípio com confiança nesse desconhecido para se expor sem precaução a suas visitas; indicou uma casa amiga onde devia se encontrar com seu fiel discípulo Desbarrolles. À hora e dia marcados, eles se dirigiram para a casa da senhora A..., e encontraram o eclesiástico que já os esperava havia alguns instantes.

Era um moço muito magro, de nariz pontudo e curto, olhos azuis e ternos. Sua fronte ossuda e saliente era mais larga que o alto da cabeça: sua cabeça era comprida para trás, seus cabelos lisos e curtos, separados por uma risca do lado, eram de um louro-pardo, tendendo para castanho-claro, porém com um matiz particular desagradável. Sua boca era sensual e lutadora; seus modos, porém, eram afáveis, a voz era branda e a palavra às vezes um pouco embaraçada. Interrogado por Éliphas Lévi sobre o objeto de sua visita, respondeu que estava à procura do formulário de Honório e que vinha pedir ao professor de ciências ocultas o modo de obter esse livrinho negro que quase não se encontra mais.

– Darei cem francos por um exemplar desse formulário –, dizia ele.

– A obra em si mesma nada vale –, disse Éliphas. – É uma pretensa constituição de Honório II que talvez seja citada por algum erudito colecionador de constituições apócrifas; poderá procurá-lo na biblioteca.

– Eu o farei, já que passo em Paris quase todo o meu tempo nas bibliotecas públicas.

– Não está ocupado no ministério de Paris?

– Não estou mais agora. Eu fui durante algum tempo empregado na paróquia de Saint-Germain-l'Auxerrois.

– E, pelo que vejo, o senhor se entrega agora a investigações curiosas sobre as ciências ocultas.

– Não é realmente isso, prossigo na realização de um pensamento... tenho alguma coisa a fazer.

– Não suponho que seja uma operação de magia negra; o senhor sabe como eu, abade, que a Igreja sempre condenou e condena ainda severamente tudo o que se prende a essas práticas proibidas.

Um pálido sorriso, exprimindo certa ironia sarcástica, foi a resposta do abade e a conversa cessou.

Contudo, o quiromante Desbarrolles observava atentamente a mão do padre; este, percebendo-o, resultou disso uma explicação natural, e o abade então ofereceu de boa vontade a mão ao experimentador. Desbarrolles franziu a sobrancelha e pareceu embaraçado.

A mão era úmida e fria, os dedos lisos e espatulados; o monte de vênus, ou a parte da palma da mão que corresponde ao polegar, era de um desenvolvimento muito notável, a linha de vida curta e quadrada, cruces no centro da mão, estrelas no monte da Lua.

– Senhor abade – disse Desbarrolles –, se o senhor não tivesse uma sólida instrução religiosa, facilmente se tornaria um sectário perigoso, porque é levado ao misticismo mais exaltado e ao mesmo tempo à teimosia mais concentrada e menos comunicativa que pode haver. Procura muito, porém imagina mais, e como não confia a ninguém as suas imaginações, elas poderiam alcançar proporções que lhe causariam importantes inimizades. Seus hábitos são contemplativos e um pouco preguiçosos, porém é uma sonolência cujo despertar é sempre perigoso. O senhor é dominado por uma paixão que seu estado... Mas, perdão, senhor abade, temo ultrapassar os limites da discrição.

– Diga tudo, senhor, posso ouvir tudo e desejo saber tudo.

– Pois bem! Se, como não duvido, o senhor direcionar em proveito da caridade toda a atividade inquieta que as paixões do coração lhe causa, deve ser muito abençoado pelas suas boas obras.

O abade teve ainda uma vez esse sorriso duvidoso e fatal que dava à sua fronte pálida uma expressão tão singular.

Ele se levantou e se despediu sem ter dito seu nome e sem que tivéssemos lembrado de lhe perguntar.

Éliphas e Desbarrolles o acompanharam até a escada, em consideração à sua dignidade de padre.

Junto à escadaria, ele voltou-se e disse lentamente:

– Em breve, terá notícias... Ouvirá falar de mim –, acrescentou ele, dando energia a cada palavra. Depois saudou-nos com a cabeça e deu-nos a mão, voltou-se sem dizer mais nada e desceu as escadarias.

Os dois amigos voltaram para a casa da senhora A...

– Eis aí uma personagem singular – disse Éliphas. – Pareceu-me ver Pierrot dos Funambulos num papel de traidor. O que ele nos disse ao ir-se embora muito se parece com uma ameaça.

– Você o intimidou – disse a senhora A...; – antes de você chegar, ele começava a dizer todo o seu pensamento, porém lhe falou de consciência e das leis da Igreja, e ele não mais ousou lhe confessar o que queria.

– Ora, que queria ele então?

– Ver o diabo.

– Julgava ele, por acaso, que eu o tinha no meu bolso?

– Não, mas sabe que você dá lições de cabala e de magia, e esperava que o ajudasse em seus empreendimentos. Ele nos contou, a mim e à minha filha, que em seu presbitério, no campo, já tinha feito uma evocação por meio de um formulário vulgar. Então disse ele, um turbilhão de vento pareceu abalar o presbitério, as traves gemeram, a madeira estalou, as portas se agitaram, as janelas se abriram com ruído e fizeram-se ouvir assobios em todos os lados da casa. Ele esperava então a visão formidável, porém nada viu, nenhum monstro se apresentou, numa palavra, o diabo não quis aparecer. É por isso que ele procura o formulário de Honório, porque espera encontrar nele conjurações mais fortes e ritos mais eficazes.

– De fato! Mas então esse homem é um monstro... ou um louco.

– Deve ser apenas um apaixonado – disse Desbarrolles. – Está dominado por alguma paixão absurda e não espera absolutamente nada, a menos que o diabo intervenha.

– Mas, então, como ouviremos falar dele?

– Quem pode saber? Talvez espere raptar a rainha da Inglaterra ou a sultana Validé.

A conversa ficou nisso e um ano passou sem que a senhora A... , Desbarrolles ou Éliphas ouvissem falar do jovem padre desconhecido.

Na noite do primeiro para o segundo dia de Janeiro de 1857, Éliphas Lévi foi despertado em sobressalto pelas emoções de um sonho bizarro e fúnebre. Parecia estar numa sala arruinada e gótica muito semelhante à capela abandonada de um velho castelo. Uma porta oculta por um pano preto dava entrada para essa sala; atrás do pano percebia-se o brilho avermelhado das velas, e pareceu a Éliphas que, impelido por uma curiosidade cheia de terror, se aproximava do pano preto... Então o pano entreabriu-se, uma mão apareceu e pegou no braço de Éliphas. Ele não viu ninguém, porém ouviu uma voz baixa que lhe dizia ao ouvido:

– Vem ver seu pai que vai morrer!

O magista despertou com o coração palpitante e a fronte banhada de suor.

“Que quer dizer este sonho?”, pensou ele. “Há muito tempo que meu pai faleceu, porque me dizem que vai morrer, e por que esse aviso perturbou-me o coração?”

Na noite seguinte, o mesmo sonho se repetiu com as mesmas circunstâncias e Éliphas Lévi despertou ainda uma vez ao ouvir repetir ao seu ouvido:

– Vem ver seu pai que vai morrer!

Essa repetição de pesadelo impressionou penosamente Éliphas: ele tinha aceitado para o dia 3 de janeiro um convite para jantar com um grupo alegre; escreveu para desculpar-se, porque se achava pouco disposto à alegria de um banquete de artistas. Ficou, então, no seu gabinete de estudo; o tempo estava embaçado; ao meio-dia, recebeu a visita de um seu discípulo em magia, o Sr. visconde de M***. A chuva caiu então com tal abundância que Éliphas ofereceu ao visconde seu guarda-chuva, que este recusou aceitar. Seguiu-se uma troca de

gentileza, cujo resultado foi Éliphas sair para acompanhar o visconde. Enquanto estavam a caminho, a chuva aumentou, o visconde encontrou uma carruagem, e Éliphas, em vez de voltar para casa, atravessou maquinalmente o Luxemburgo, saiu pela porta que dá para a rua de l'Enfer, e se achou em frente do Panteon.

Uma dupla fileira de barracas improvisadas para novena de Santa Genoveva indicava aos peregrinos o caminho de Saint-Étienne-du-Mont. Éliphas, cujo coração estava triste e, conseqüentemente, disposto à prece, seguiu esse caminho e entrou na igreja. Nesse momento podiam ser quatro horas da tarde.

A igreja estava cheia de fiéis, o ofício era feito com grande recolhimento e uma solenidade extraordinária. Os estandartes das paróquias da cidade e dos arredores atestavam a veneração pública por essa virgem que salvou Paris da fome e das invasões. No fundo da igreja, o túmulo de Santa Genoveva resplandecia de luz. Cantavam as ladainhas e a procissão saía do coro.

Após a cruz acompanhada de seus assistentes e seguida pelas crianças do coro, vinha o estandarte de Santa Genoveva; em seguida, vinham em duas alas as filhas de Santa Genoveva, vestidas de preto, com um véu branco na cabeça, uma fita azul no pescoço e a medalha da lenda, uma vela na mão, remontada de uma pequena lanterna gótica, como a tradição dá às imagens da santa. De fato, entre os lendários antigos, Santa Genoveva sempre é representada com uma medalha ao pescoço, a que lhe dera S. Germano de Auxerre, e tendo uma vela que o diabo procura apagar, mas é preservada do sopro do espírito imundo por pequeno tabernáculo milagroso.

Depois das filhas de Santa Genoveva vinha o clero; depois, enfim, aparecia o venerável arcebispo de Paris, com a mitra branca, trazendo uma capa que era levantada de cada lado por seus dois vigários supremos; o prelado, apoiado em seu cajado, caminhava lentamente e abençoava à direita e à esquerda a multidão que se ajoelhava à sua passagem. Éliphas viu o arcebispo pela primeira vez e notou os traços de seu rosto. Expressiam a bondade e a brandura; porém podia-se notar nele a expressão de um grande cansaço e até de um sofrimento nervoso penosamente dissimulado.

A procissão desceu até a parte baixa da igreja, atravessando a nave, subiu pelo lado à esquerda da porta de entrada e dirigiu-se ao túmulo de Santa Genoveva; depois voltou pelo lado da direita, continuando a cantar as ladainhas.

Um grupo de fiéis seguia a procissão e caminhava imediatamente atrás do arcebispo.

Éliphas penetrou nesse grupo para atravessar mais facilmente a multidão que ia aumentar e para alcançar a porta da igreja, porque se achava pensativo e enternecido por aquela piedosa solenidade.

A vanguarda da procissão já tinha entrado no coro, o arcebispo chegava à grade da nave: a passagem aí era muito estreita para três pessoas juntas; o arcebispo estava então na frente e os dois vigários supremos estavam atrás dele, segurando as pontas de sua capa, que assim ficava afastada para trás, de maneira que o prelado apresentava o peito descoberto, apenas protegido pelos bordados cruzados da estola.

Então, os que estavam atrás do arcebispo viram-no cambalear, ouviu-se uma interpelação feita em voz alta, porém sem grande elevação da voz. Que tinha sido dito? Parecia ter sido: Abaixo as deusas! Porém, julgava ter ouvido mal, tanto essa frase parecia não ter sentido. Contudo, a exclamação foi renovada duas ou três vezes. Alguém exclamou: Salve o arcebispo! Outras vozes responderam: Às armas! A multidão afastou-se então derrubando as cadeiras e as divisões, e precipitou-se para a porta, gritando. Eram choros de crianças, clamores de mulheres, e Éliphas, arrastado pela multidão, foi, por assim dizer, levado para fora da igreja; porém, os últimos olhares que pôde lançar apanharam uma terrível e inapagável cena.

No meio de um círculo aumentado pelo susto de todo os que o rodeavam, o prelado estava de pé, só, sempre apoiado no seu cajado e sustentado pela resistência de sua capa que os vigários tinham largado e tocava no chão.

A cabeça do arcebispo estava um pouco inclinada, seus olhos e a mão que não segurava o cajado estavam dirigido para o céu. Sua atitude era a que Eugênio Delacroix deu ao bispo de Liège, assassinado por bandidos do Sanglier des Ardennes; havia em seu gesto toda a epopeia do martírio, era uma aceitação e uma oferenda, uma prece por seu povo e um perdão para seu assassino.

O dia terminava e a igreja começava a ficar escura. O arcebispo, com os braços levantados ao céu e iluminado por um último raio de luz que vinha dos cruzamentos da nave, sobressaía sobre um fundo escuro, no qual se distinguia apenas um pedestal sem estatua e onde estavam escritas estas duas palavras da paixão do Cristo: *Ecce Homo*, e mais longe, no fundo, uma pintura apocalíptica representando os quatro flagelos prontos a lançar-se sobre o mundo, e os turbilhões do Inferno seguindo os rastros empoeirados do pálido cavalo da morte.

Diante do arcebispo, um braço levantado que se reproduzia na sombra como um esboço infernal, tinha um punhal e o brandia. Entravam soldados com a espada na mão.

E enquanto todo esse tumulto acontecia na parte baixa da igreja, o canto das ladainhas continuava no coro, como a harmonia das esferas celestes que se perpetua sempre, atenta às nossas evoluções e angústias.

Éliphas Lévi fora levado para fora pela multidão. Tinha saído pela porta da direita. Quase ao mesmo tempo, a porta da esquerda se abria com violência, e um grupo furioso se precipitava para fora da igreja.

Esse grupo se movia ao redor de um homem que parecia estar seguro por cinquenta braços e que centenas de mãos queriam bater.

Esse homem, mais tarde, queixou-se de ter sido maltratado pela polícia; porém, pelo que se podia observar no tumulto, os soldados o protegiam contra a exasperação da multidão.

Mulheres corriam atrás dele, gritando: Matem-no!

– Porém, que fez ele? – diziam outras vozes.

– O miserável deu uma bofetada no arcebispo –, diziam as mulheres.

Saíam então outras pessoas da igreja e palavras contraditórias eram ditas ao mesmo tempo.

O arcebispo teve medo e achou-se mal, diziam uns.

– Morreu – respondiam outros.

– Viram a faca? – acrescentou um novo interlocutor. – É comprida como um sabre e o sangue escorria pela lâmina.

– Esse pobre monsenhor perdeu um de seus sapatos –, observou uma velha, unindo as mãos!

– Não é nada! Não é nada! – veio então gritar uma alugada de cadeiras. – Podem entrar na igreja: o monsenhor não está ferido, disseram que está na sua cátedra.

A multidão fez então um movimento para entrar na igreja.

– Saiam! Saiam! – disse nesse momento a voz grave e desolada de um padre, o ofício não pode ser continuado. Vai-se fechar a igreja; ela foi profanada.

– Como está o arcebispo? – disse então um homem.

– Senhor – respondeu o padre –, o arcebispo está às portas da morte; talvez, neste momento em que lhe falo, já tenha expirado!

A multidão dispersou-se consternada para ir espalhar essa notícia fúnebre em toda a cidade de Paris.

Uma circunstância bizarra aconteceu para Éliphas, e trouxe-lhe uma espécie de alívio à sua profunda consternação pelo que acabava de ocorrer.

No momento do tumulto, uma mulher idosa e de uma aparência muito respeitável, tomou-lhe o braço, pedindo sua proteção.

Ele considerou um dever ouvir esse apelo, e quando saiu da multidão com essa senhora:

– Como sou feliz – disse ela –, de ter encontrado um homem que se aflige diante desse grande crime com o qual tantos miseráveis se alegram!

– Que está dizendo, senhora, e como pode haver seres tão depravados para alegrar-se por uma desgraça tão grande?

– Silêncio – disse a velha senhora, talvez nos ouçam... – Sim –, acrescentou ela abaixando a voz –, há pessoas que estão satisfeitas pelo que acontece e, escute, há pouco, lá estava um homem de aparência sinistra, que dizia à multidão inquieta, quando lhe perguntavam o que acabava de acontecer: Oh! Não é nada! Foi um bicho que morreu!

– Não senhora, talvez tenha ouvido mal. A multidão não teria suportado essa resposta abominável e o homem teria sido preso imediatamente.

– Agradaria a Deus que todos pensassem como você –, respondeu a senhora.

Depois acrescentou: – Recomendo-me a suas preces, porque vejo que é um homem de Deus.

– Não é talvez a opinião de todos – respondeu Éliphas.

– E que nos importa o mundo? – respondeu a senhora com vivacidade –, ele é mentiroso, caluniador, ímpio! Talvez fale mal de você. Não me

admiro disso, e se soubesse o que diz de mim, compreenderia porque desprezo sua opinião.

– O mundo fala mal da senhora.

– Sim, certamente, e o maior mal que se pode dizer.

– Como assim?

– Acusam-me de sacrilégio.

– Causa-me espanto. De que sacrilégio, se eu posso saber?

– De uma indigna comédia que eu teria representado para enganar duas crianças no monte de la Salette.

– O quê! Seria...

– Eu sou Mademoiselle de la Merlière.

– Ouvi falar do seu processo, senhora, e do escândalo que produziu, porém parece-me que sua idade e sua *responsabilidade* deviam pô-la ao abrigo de semelhante acusação.

– Venha ver-me, senhor, e o apresentarei ao meu advogado, o Sr. Favre; é um senhor de talento, que desejaria se converter a Deus.

Assim conversando, os dois interlocutores tinham chegado à rua de Vieux-Colombier. A senhora agradeceu ao seu cavalheiro improvisado e renovou o convite para ir vê-la.

– Eu a procurarei – disse Éliphas. – Porém, se o fizer, perguntarei ao porteiro por Mademoiselle de la Merlière?

– Não o faça – disse ela –, não me conhecem por esse nome; pergunte pela senhora Dutruck.

– Dutruck, que seja senhora, apresento-lhe meus humildes cumprimentos.

E eles se separaram.

O processo do assassino começou, e Éliphas, lendo nos jornais que esse homem era padre, que fizera parte do clero de Saint-Germain-l'Auxerrois, fora cura no interior, e parecia exaltado até o furor, lembrou-se do padre pálido que procurava um ano antes o formulário de Honório. Porém, as descrições que os jornais faziam desse criminoso atrapalhavam as recordações do professor de magia. Realmente, a maior parte dos jornais lhe dava cabelos negros... “Não é ele portanto”, pensava Éliphas. “Contudo, ainda tenho no ouvido e na memória estas palavras que agora me seriam esclarecidas por esse grande crime:

‘Em breve, terá notícias... Ouvirá falar de mim’.”

O processo foi feito com todas as espantosas peripécias que todos sabem, e o acusado foi condenado à morte.

No dia seguinte, Éliphas leu num jornal judiciário a narrativa dessa cena incrível nos anais da justiça; porém, uma nuvem passou-lhe pelos olhos quando chegou ao lugar da identificação do acusado:

“É louro”.

Alguns dias depois, uma pessoa que pudera traçar na audiência um esboço do perfil do condenado, mostrou-o a Éliphas.

– Deixe-me copiar este desenho – disse este, cheio de espanto.

Fez a cópia e levou-a a seu amigo Desbarrolles a quem perguntou, sem dar explicações:

– Conhece esta cabeça?

– Sim – disse vivamente Desbarrolles; – espere, é o padre misterioso que vimos em casa da senhora A... , que queria fazer evocações mágicas.

– Pois bem! Meu amigo, você me confirma na minha triste convicção. O homem que vimos, não mais o veremos, a mão que examinou tornou-se uma mão sangrenta. Ouvimos falar dele, como ele nos prometeu; esse padre pálido, você sabe qual é o seu nome?

– Oh! Meu Deus! – disse Desbarrolles mudando de cor –, tenho medo de sabê-lo.

– Pois bem! Você saberá, era o infeliz Louis Verger!

Algumas semanas depois do que acabamos de relatar, Éliphas Lévi conversava com um livreiro que tem por especialidade colecionar velhos livros de ciências ocultas.

Tratava-se do formulário de Honório.

– É agora um artigo que não se encontra – dizia o comerciante. – O último que tive entre as mãos, o cedi a um padre que oferecia cem francos por ele.

– Um jovem padre! E você consegue lembrar qual era sua fisionomia?

– Oh! Perfeitamente. Porém deve conhecê-lo, porque ele me disse que o vira e fui eu que o enviei ao senhor.

Assim, não havia mais dúvida, o infeliz padre tinha encontrado o fatal formulário, fizera a evocação e se preparara para o assassinato por uma série de sacrilégios, porque eis em que consiste a evocação infernal, conforme o formulário de Honório:

“Escolher um galo preto e dar-lhe o nome do espírito das trevas que se quer evocar.

“Matar o galo, conservar sua língua, coração e a primeira pena da asa esquerda.

“Fazer secar a língua e o coração e reduzi-los a pó.

“Na terça-feira, ao alvorecer, dizer uma missa aos anjos.

“Traçar sobre o próprio altar e com a pena do galo, molhada no vinho consagrado, as assinaturas diabólicas (as do lápis do Sr. Home e das hóstias sangrentas de Vintras).

“Na quarta-feira, preparar uma vela de cera amarela; levantar-se à meia-noite, e, só, numa igreja, começar o ofício dos mortos.

“Misturar com esse ofício evocações infernais.

“Acabar o ofício à luz de uma só vela que se apagará em seguida, e ficar sem luz na igreja assim profanada até o nascer do sol.

“Na quinta-feira, misturar água benta ao pó da língua e do coração do galo preto e fazer um cordeiro macho, de nove dias, engolir tudo...”

A mão recusa escrever o resto. É uma mistura de práticas embrutecedoras e de atentados revoltantes, próprios para matar para sempre o juízo e a consciência.

Porém, para se comunicar com o fantasma do mal absoluto, para realizar o fantasma a ponto de vê-lo e tocá-lo, não é necessariamente indispensável não ter consciência, nem juízo?

Eis aí, sem dúvida, o segredo dessa incrível perversidade, desse furor assassino, desse ódio doentio contra toda ordem, toda magistratura, toda hierarquia, principalmente desse furor contra o dogma que santifica a paz, a obediência, a brandura e a pureza, sob o emblema tão comovente de uma mãe.

Esse infeliz se julgava certo de não morrer. O imperador, julgava ele, seria forçado a perdoar-lhe, um exílio honroso o esperaria, seu crime lhe daria uma imensa celebridade e seus sonhos seriam comprados a peso de ouro pelos livreiros. Ele se tornaria imensamente rico, atrairia a atenção de uma senhora de posição e se casaria em um país de além-mar. É por semelhantes promessas que o fantasma do demônio impelia outrora e fazia ir de crime em crime, Gilles de Laval, senhor de Retz. Um homem capaz de evocar o diabo, conforme os ritos do formulário de Honório, toma de tal modo o caminho do mal que fica disposto a todas as

alucinações e a todas as mentiras. Assim, Verger adormeceu no sangue, para sonhar não sei que abominável Panteon, e despertou no cadafalso.

Porém, as aberrações da perversidade não constituem uma loucura; a execução desse infeliz o provou.

Sabe-se que resistência desesperada ele opôs aos executores. “É uma traição!”, exclamava ele, “não posso morrer assim! Uma hora somente, uma hora para escrever ao Imperador! O imperador deve salvar-me!”

Quem então o traía?

Quem lhe prometera a vida?

Que lhe tinha garantido uma clemência impossível, já que teria revoltado a consciência pública?

Pergunte tudo isso ao formulário de Honório!

Duas coisas, nesse fato tão trágico, se referem aos fenômenos do Sr. Home: o ruído de tempestade ouvido pelo mau padre na ocasião de suas primeiras evocações e a perturbação que o impediu de dizer todo o seu pensamento na presença de Éliphas Lévi.

Pode-se notar também aquele aparecimento de um homem sinistro que se alegrava do luto público e manifestava um fim verdadeiramente infernal no meio da multidão consternada, aparecimento notado somente pela extática de la Salette, essa notória Mademoiselle de La Merliere, que parece ser uma boa e respeitável pessoa, porém, muito exaltada e talvez capaz de agir e falar sem saber, sob a influência de uma espécie de sonambulismo ascético.

A palavra sonambulismo nos leva de novo ao Sr. Home, e as nossas narrativas não nos fizeram esquecer o que o título deste trabalho prometia aos nossos leitores.

Devemos dizer-lhes o que é o Sr. Home.

Vamos cumprir nossa promessa.

O Sr. Home é um doente atacado de sonambulismo contagioso.

Isso é uma asserção.

Resta-nos dar uma explicação e demonstração.

Essa explicação e demonstração, para serem completas, exigiriam um trabalho capaz de encher um livro.

Esse livro está pronto e o publicaremos brevemente. Eis o seu título:

A razão dos prodígios ou o diabo diante da ciência. [\[2\]](#)

Por que o diabo?

Porque demonstramos por fatos o que o Marquês de Mirville antes de nós, tinha pressentido de modo incompleto.

Dizemos de *modo incompleto*, porque o diabo para o Marquês de Mirville, é uma personagem fantástica, ao passo que para nós é o emprego abusivo de uma força natural.

Um médium disse: O Inferno não é um lugar, é um Estado.

Poderíamos acrescentar: O diabo não é uma pessoa nem uma força, é um vício, e, por conseguinte, uma fraqueza.

Voltemos por um momento ao estudo dos fenômenos.

Os médiuns são geralmente pessoas doentes e acanhadas.

Nada podem fazer de extraordinário diante das pessoas calmas e instruídas.

É preciso estar habituado ao contato com eles, para ver e sentir alguma coisa.

Os fenômenos não são os mesmos para todos os assistentes. Assim, onde um verá a mão, outro apenas perceberá um vapor esbranquiçado.

As pessoas impressionáveis ao magnetismo do Sr. Home sentem uma espécie de mal-estar; elas têm a impressão que a sala gira e a temperatura parece baixar rapidamente para elas.

Os prodígios e os prestígios se realizam melhor diante de um pequeno número de testemunhas escolhidas pelo próprio médium.

Numa reunião de pessoas que veem os prestígios, pode haver uma que não veja absolutamente nada.

Entre as pessoas que veem, todas não veem a mesma coisa.

Assim, por exemplo:

Uma tarde, em casa da senhora de B..., o médium fez aparecer uma criança que essa senhora perdera. Só a senhora B... via a criança; o conde de M... via um pequeno vapor esbranquiçado em forma de pirâmide e as outras pessoas nada viam.

Todos sabem que certas substâncias, o haxixe, por exemplo, embriagam sem tirar o uso da razão, e fazem ver com uma espantosa impressão de realidade coisas que não existem.

Uma grande parte dos fenômenos do Sr. Home pertence a uma influência natural semelhante à do haxixe.

Eis aí por que o médium só quer operar diante de um pequeno número de pessoas que escolhe.

O resto desses fenômenos deve ser atribuído ao poder magnético.

Ver alguma coisa com o Sr. Home não é bom sinal para a saúde de quem vê.

E, embora a saúde seja excelente, essa visão revela uma perturbação passageira do sistema nervoso nas suas relações com a imaginação e com a luz.

Se essa perturbação fosse repetida com frequência, a pessoa ficaria seriamente doente.

Quem sabe quantas catalepsias, tétanos, loucuras e mortes violentas foram produzidas pela mania das mesas girantes?

Esses fenômenos se tornam particularmente terríveis quando a perversidade se apodera deles.

É então que podemos afirmar realmente a intervenção e a presença do espírito do mal.

Perversidade ou fatalidade, os pretensos milagres pertencem a um desses dois poderes.

No que se refere à escrituras cabalísticas e assinaturas misteriosas, diremos que elas se reproduzem pela intuição magnética das miragens do pensamento no fluido vital universal.

Esses reflexos instintivos podem produzir-se se o Verbo mágico nada tiver de arbitrário e se os sinais do santuário oculto forem a expressão natural das ideias absolutas.

É o que demonstraremos em nosso livro.

Porém, para não fazer os nossos leitores do desconhecido esperar pelo futuro, vamos reproduzir aqui dois capítulos dessa obra inédita, um sobre o Verbo cabalístico, e o outro sobre os segredos da Cabala, e daí tiraremos conclusões que completem, de um modo satisfatório para todos, a explicação que prometemos dos fenômenos do Sr. Home.

Existe um poder gerador das formas; esse poder é a luz.

A luz cria formas conforme as leis das matemáticas eternas, pelo equilíbrio universal da luz e da sombra.

Os sinais primitivos do pensamento se traçam por si mesmos na luz, que é o instrumento material do pensamento.

Deus é a alma da luz. A luz universal e infinita é para nós como que o corpo de Deus.

A Cabala ou a alta magia é a ciência da luz.

A luz corresponde à vida.

O reino das trevas é a morte.

Todos os dogmas da verdadeira religião estão escritos na Cabala em caracteres de luz sobre uma página de sombra.

A página de sombra são as crenças cegas.

A luz é o grande mediador plástico.

A aliança da alma com o corpo é um casamento de luz e sombra.

A luz é o instrumento do Verbo, é a escritura branca de Deus sobre o grande livro da noite.

A luz é a fonte dos pensamentos e é nela que devemos procurar a origem de todos os dogmas religiosos. Porém, só há um dogma verdadeiro, como só há uma luz pura; só a sombra é variável ao infinito.

A luz, a sombra e seu acordo que é a visão dos seres, esse é o princípio analógico dos grandes dogmas da Trindade, da Encarnação e da Redenção.

Esse é também o mistério da cruz.

Eis aí o que nos será fácil provar pelos monumentos religiosos, pelos sinais do Verbo primitivo, pelos livros iniciáticos da Cabala e, enfim, pela explicação razoável dos mistérios por meio das chaves da magia cabalística.

De fato, em todos os simbolismos, encontramos as ideias de antagonismo e de harmonia, que produzem uma noção trina na concepção divina, depois a personificação mitológica dos quatro pontos cardeais do céu completa o septenário sagrado, base de todos os dogmas e de todos os ritos. Para convencer-se disso, basta ler e meditar a sábia obra de Dupuis, que seria um grande cabalista se tivesse visto uma harmonia de verdade onde suas preocupações negativas só lhe deixaram ver uma combinação de erros.

Não temos de refazer aqui seu trabalho, que todos conhecem, mas o que nos importa provar, é que a reforma de Moisés era toda cabalística, e que o cristianismo, estabelecendo um dogma novo, simplesmente aproximou-se das fontes primitivas do mosaísmo, e que o evangelho é

apenas um véu transparente lançado sobre os mistérios universais naturais da iniciação oriental.

Um sábio distinto, porém muito pouco conhecido, o Sr. P. Lacour, em seu livro sobre os Elohim ou deuses e Moisés, lançou grande luz sobre essa questão e encontrou nos símbolos do Egito todas as figuras alegóricas do Gênese. Mais recentemente, um outro corajoso investigador, de vasta erudição, o Sr. Vicente (do Ione), publicou um trabalho da idolatria entre os antigos e os modernos, no qual levanta o véu da mitologia universal.

Convidamos os conscienciosos homens de estudo a ler essas diversas obras e nos limitaremos ao estudo especial da Cabala entre os hebreus.

O *Verbo*, ou a palavra, sendo, conforme os iniciados dessa ciência, a revelação total, os princípios da alta Cabala devem se achar reunidos nos próprios sinais que compõem o alfabeto primitivo.

Ora, eis o que encontramos em todas as gramáticas hebraicas.

Há uma letra principiante e universal, geradora de todas as outras. É o iod י.

Há ainda outras duas letras mães, opostas e idênticas entre si: o aleph א e o mem מ, conforme outros o schim ש.

Há sete letras duplas: o beth ב, o ghimel ג, o daleth ד, o caph כ, o phe פ, o resch ר e o tau ת.

Enfim, há doze simples que são as outras letras; no todo, vinte e duas.

A unidade é representada de um modo relativo pelo aleph, o ternário é simbolizado por iod, mem e schiro, ou aleph, mem e schim.

O septenário por beth, ghimel, daleth, caph, phe, resch, tau.

O duodenário pelas outras letras.

O duodenário é o ternário multiplicado por quatro, e assim entra no simbolismo do septenário.

Cada letra representa um número.

Cada reunião de letras uma série de números.

Os números representam ideias filosóficas absolutas.

As letras são hieróglifos abreviados.

Vejamos agora as significações hieroglíficas e filosóficas de cada uma das vinte e duas letras. (Ver Belarmino, Reuchlin, S. Jerónimo, Cabala

denudata, o Sepher Yetzirah, Técnica curiosa do padre Schott, Pico de Mirandola e outros autores, principalmente os da coleção de Pistorius).

AS MÃES

O iod – o princípio absoluto, o ente produtor;

O mem – o espírito, ou Jaquim de Salomão;

O schim – A matéria, ou a coluna Boaz.

AS DUPLAS

Beth: O reflexo, o pensamento, a lua, o anjo Gabriel, príncipe dos mistérios;

Ghimel: O amor, a vontade, Venus, o anjo Anael, príncipe da vida e da morte;

Daleth: A força, o poder, Júpiter, Sachiel, Melech, rei dos reis;

Caph: A violência, a luta, o trabalho, Marte, Samael Zebaoth, príncipe das falanges;

Phe: A eloquência, a inteligência, Mercúrio, Rafael, príncipe das ciências;

Resch: A destruição e a regeneração, o Tempo, Saturno, Cassiel, rei dos túmulos e da solidão;

Tau: A verdade, a luz, o Sol, Michael, rei dos Elohim.

AS SIMPLES

As simples se dividem em quatro ternários que têm como título as quatro letras do Tetragrammaton divino יהוה.

No Tetragrammaton divino, o iod, como acabamos de dizer, representa o princípio produtivo ativo. – O he ה representa o princípio produtor passivo, o cteis. – O vô ו, figura a união dos dois ou o lingam, e o he final é a imagem do princípio produtor secundário, isto é, da reprodução passiva no mundo dos efeitos e das formas.

As dozes letras simples קצעםלכיתווה, divididas em séries de três reproduzem a noção do triângulo primitivo, com a interpretação e sob a influência de cada uma das letras do Tetragrammaton.

Vê-se que a filosofia e o dogma religioso da Cabala estão indicados aqui de um modo completo, porém velado.

Interroguemos agora as alegorias do Gênese.

“No princípio (iod, a unidade do ser), *Ælohim*, as forças equilibradas (Jaquim e Boaz) fizeram o céu (o espírito) e a terra (a matéria), em outros termos, o bem e o mal, a afirmação e a negação.” É assim que começa a narração de Moisés.

Depois, quando se trata de dar um lugar ao homem e um primeiro santuário à sua aliança com a divindade, Moisés fala de um jardim, no meio do qual uma fonte única se divide em quatro rios (o iod e o Tetragrammaton), em seguida, de duas árvores, uma de vida, outra de morte, plantadas junto ao rio. Aí são colocados o homem e a mulher, o ativo e o passivo; a mulher simpatiza com a morte e arrasta Adão consigo em sua perda; são, portanto, expulsos do santuário da verdade e um *cherub* (uma esfinge com cabeça de touro – ver os hieróglifos da Assíria, da Índia e do Egito) é colocado à porta do jardim da verdade para impedir aos profanadores de destruírem a árvore da vida. Assim, eis o dogma misterioso com todas as suas alegorias e seus temores sucedendo à simples verdade. O ídolo substitui Deus e a humanidade decaída não tardará em entregar-se ao culto do bezerro de ouro.

O mistério das reações necessárias e sucessivas dos dois princípios um sobre o outro é indicado, em seguida, pela alegoria de Caim e Abel. A força se vinga, pela opressão, das seduições da fraqueza; a fraqueza mártir expia e intercede pela força condenada, em consequência do crime, ao abatimento e ao remorso. Assim se revela o equilíbrio do mundo moral, assim se estabelece a base de toda profecia e o ponto de apoio de toda política inteligente. Abandonar uma força aos seus próprios excessos é condená-la ao suicídio.

O que faltou a Dupuis para compreender o dogma religioso universal da Cabala foi a ciência dessa bela hipótese em parte cada vez mais realizada dia a dia pelas descobertas da ciência: a analogia universal.

Privado dessa chave do dogma transcendental, ele só pôde ver em todos os deuses o sol, os sete planetas e os doze signos do zodíaco, porém não viu no sol a imagem do *logos* de Platão, nos sete planetas as sete notas da gama celeste, e no zodíaco a quadratura do ciclo ternário de todas as iniciações.

O imperador Juliano, esse espiritualista mal compreendido, esse iniciado, cujo paganismo era menos idólatra que a fé de certos cristãos, o imperador Juliano compreendia melhor que Dupuis e Volney o culto simbólico do sol. Em seu hino ao rei Hélios, ele reconhece que o astro do dia é apenas o reflexo e a sombra material desse sol de verdade que ilumina o mundo da inteligência e que, por sua vez, é apenas um clarão proveniente do absoluto.

Coisa notável, Juliano tem do Deus supremo que só os cristãos julgavam adorar, ideias muito maiores e mais justas do que a de vários padres da Igreja, adversários e contemporâneos dele.

Eis como ele se exprime em defesa do helenismo.

“Não basta escrever num livro: Deus disse e as coisas foram feitas. É preciso ver se as coisas que atribuímos a Deus não são contrárias às próprias leis do Ser. Por isso que, se assim for, Deus não pôde fazê-las, porque ele não podia desmentir a natureza sem negar a si mesmo... Deus sendo eterno, é totalmente necessário que suas ordens sejam imutáveis como ele.”

Eis como falava essa apóstata e ímpio, e mais tarde um doutor cristão que, tendo se tornado o oráculo das escolas de teologia, devia, talvez inspirando-se nas belas palavras do incrédulo, pôr um freio a todas as superstições, escrevendo esta bela e corajosa máxima que resume tão bem o pensamento do grande imperador.

“Uma coisa não é justa porque Deus a quer, mas ele a quer porque ela é justa.”

A ideia de uma ordem perfeita e imutável na natureza, a noção de uma hierarquia ascendente e de uma influência descendente em todos os seres, tinham fornecido aos antigos hierofantes a primeira classificação de toda a história natural. Os minerais, os vegetais, os animais foram estudados analogicamente e suas origens e propriedades foram atribuídas ao princípio passivo ou ao princípio ativo, às trevas ou à luz. O sinal de sua reprovação, traçado em sua forma, tornou-se o caráter hieroglífico de um vício ou de uma virtude; depois, à força de tomar o sinal pela coisa e de exprimir a coisa pelo sinal, vieram a confundi-los, sendo essa a origem da história natural fabulosa em que os leões se deixaram vencer pelos galos, em que os delfins morrem de dor, após serem vítimas de ingratidões dos homens, em que as mandrágoras falam

e as estrelas cantam. Esse mundo encantado é verdadeiramente o campo poético da magia; porém, não tem outra realidade senão a significação dos hieróglifos que lhe deram origem. Para o sábio que compreende as semelhanças da alta Cabala e a relação exata das ideias com os sinais, esse país fabuloso das fadas é uma terra de descobertas ainda férteis, pois as verdades muito belas ou muito simples para agradarem aos homens, sem véus, foram todas escondidas sob essas sombras engenhosas.

Sim, o galo pode intimidar o leão e tornar-se senhor dele, porque a vigilância supre muitas vezes a força e chega a dominar a cólera. As outras fábulas da pretensa história natural dos antigos se explicam da mesma maneira, e nesse emprego alegórico das analogias, já se pode compreender os abusos possíveis e pressentir os erros que devem ter provindo da Cabala.

A lei das analogias, foi, de fato, para os cabalistas de segunda ordem objeto de uma fé cega e fanática. É a essa crença que devemos atribuir todas as superstições de que são acusados os adeptos das ciências ocultas. Eis como eles raciocinam:

O sinal exprime a coisa.

A coisa é a virtude do sinal.

Há correspondência analógica entre o sinal e a coisa significada.

Quanto mais perfeito é o sinal, mais exata é a correspondência.

Dizer uma palavra é evocar um pensamento e o tornar presente. Pronunciar o nome de Deus, por exemplo, e manifestar Deus.

A palavra age sobre as almas e as almas reagem sobre o corpo; portanto, pode-se atemorizar, consolar, fazer adoecer, curar, matar até e ressuscitar por meio de palavras.

Proferir um nome é criar ou evocar um ente.

No nome está contida a doutrina *verbal* ou espiritual do próprio ente.

Quando a alma evoca um pensamento, o sinal desse pensamento se escreve por si mesmo na luz.

Invocar é adjurar, isto é, jurar por um nome: é fazer ato de fé nesse nome e comungar na virtude que representa.

As palavras são, desse modo, por si mesmas boas ou más, venenosas ou salutares.

As palavras mais perigosas são as palavras vãs e proferidas de modo leviano, porque são os abortos voluntários do pensamento.

Uma palavra inútil é um crime contra o espírito de inteligência. É um infanticídio intelectual.

As coisas são para cada qual o que cada um faz delas ao pronunciá-las. O *verbo* de cada um é uma gravação ou uma prece habitual.

Falar bem é viver bem.

Um belo estilo é uma auréola de santidade.

Desses princípios, uns verdadeiros, outros hipotéticos, e das consequências mais ou menos exageradas que tiravam dele, resultou para os cabalistas supersticiosos uma confiança absoluta nos encantamentos, evocações, conjurações e preces misteriosas. Ora, como a fé realiza sempre prodígios, as aparições, os oráculos, as curas maravilhosas, as doenças repentinas e estranhas nunca lhes faltaram.

É assim que uma simples e sublime filosofia tornou-se a ciência secreta da magia negra. É nesse ponto de vista principalmente que a Cabala ainda pode excitar a curiosidade da maioria em nosso século tão desconfiado e crédulo. Contudo, como acabamos de explicar, a verdadeira ciência não está aí.

Os homens raramente procuram a verdade por si mesma; sempre tem um motivo secreto em seus esforços, alguma paixão a satisfazer ou alguma cupidez a sustentar. Entre os segredos da Cabala, há principalmente um que sempre atormentou os investigadores: é o segredo da transmutação dos metais e da conversão de todas as substâncias terrestres em ouro.

De fato, a alquimia tirou seus sinais da Cabala, e é na lei das analogias resultantes da harmonia dos contrários que ela baseava suas operações. Um segredo físico imenso estava, aliás, escondido nas parábolas cabalísticas dos antigos. Esse segredo que chegamos a decifrar, nós o entregamos em sua letra às investigações dos que procuram fazer ouro. Aqui está:

1º Os quatro fluidos imponderáveis são apenas a manifestação diversa de um mesmo agente universal que é a luz.

- 2º A luz é o fogo que serve para a grande obra sob a forma de eletricidade.
- 3º A vontade humana dirige a luz vital por meio do sistema nervoso. Isso se chama em nossos dias magnetizar.
- 4º O agente secreto da grande obra, o azoth dos sábios, o ouro vivo e vivificador dos filósofos, o agente produtor metálico universal é a ELETRICIDADE MAGNETIZADA.

A aliança dessas duas palavras ainda não exprime grande coisa e, contudo, contém talvez uma força capaz de transformar o mundo. Dizemos *talvez* por uma acomodação filosófica, porque, de nossa parte, não duvidamos da grande importância desse grande arcano hermético.

Acabamos de dizer que a alquimia é filha da Cabala; e, para ficar convencido disso, basta interrogar os símbolos de Flamel, Basílio Valentin, as páginas do judeu Abrão e os oráculos mais ou menos apócrifos da tábua de esmeralda de Hermes. Em toda parte encontramos sinais dessa década de Pitágoras tão magnificamente aplicada no Sepher Yetzirah para a noção completa e absoluta das coisas divinas, essa década composta da unidade e de um tríplice ternário que os rabinos denominaram o bereschit e a mercavah, a árvore luminosa das Sephiroth e a chave das Semhamphoras.

Falamos com alguma extensão, em nosso livro intitulado: *Dogma e Ritual da Alta Magia*, de um monumento hieroglífico conservado até nossos dias sob um pretexto fútil, e que por si só explica todas as escrituras misteriosas da alta iniciação. Esse monumento é o tarô dos boêmios, que deu origem aos nossos jogos de cartas. Ele se compõe de vinte e duas letras alegóricas e de quatro séries de dez hieróglifos cada uma, relativas às quatro letras do nome de Jeová. As combinações diversas desses sinais e dos números que lhes correspondem formam tantos oráculos cabalísticos, de modo que a ciência total está contida nesse livro misterioso. Essa máquina filosófica perfeitamente simples causa admiração pela profundidade e exatidão de seus resultados.

O abade Trithemo, um de nossos maiores mestres em magia, fez sobre o alfabeto cabalístico um trabalho muito engenhoso que dominou

“poligrafia”. É uma série combinada de alfabetos progressivos em que cada letra representa uma palavra, as palavras se correspondem e se completam de um alfabeto para outro, e não há dúvida que Trithemo tinha conhecimento do tarô e tenha feito uso dele para dispor numa ordem lógica suas sábias combinações.

Jerónimo Cardan conhecia o alfabeto simbólico dos iniciados, como se pode reconhecer pelo número e a disposição dos capítulos de sua obra sobre a sutileza. De fato, essa obra se compõe de vinte e dois capítulos, e o assunto de cada capítulo é semelhante ao número e à alegoria da carta correspondente do tarô. Fizemos a mesma observação sobre um livro de Saint Martin intitulado: *Quadro natural das relações que existem entre Deus, o homem e o universo*. A tradição desse segredo não foi, portanto, interrompida desde as primeiras épocas da Cabala até os nossos dias.

Os médiuns da mesas girantes e os que fazem falar os espíritos com quadros alfabéticos estão, portanto, atrasados muitos séculos e não sabem que existe um instrumento de oráculos sempre claros e de um sentido perfeitamente justo, por meio do qual se pode comunicar com os sete gênios dos planetas e fazer falar à vontade os setenta e dois caminhos de Aziah, Jezirah e Briah. Basta para isso conhecer o sistema das analogias universais, da forma como o expôs Swedenborg na chave hieroglífica dos arcanos, depois misturar as cartas e tirar ao acaso, reunindo-as sempre pelos números correspondentes às ideias cujo esclarecimento se deseja, em seguida ler os oráculos como devem ser lidas as escrituras cabalísticas, isto é, começando no meio e indo da direita para a esquerda para os números ímpares, começando à direita para os pares e interpretando sucessivamente o número pela letra que lhe corresponde, a reunião das letras pela adição de seus números e todos os oráculos sucessivos pela sua ordem numérica e suas relações hieroglíficas.

Essa operação dos sábios cabalistas, para achar o desenvolvimento rigoroso das ideias absolutas, degenerou em superstição entre os padres ignorantes e nômades avós dos boêmios que possuíam o tarô na idade média, sem saber seu verdadeiro emprego e se serviram dele unicamente para dizer a sorte.

O jogo de xadrez, atribuído a Palamedes, não tem outra origem senão o tarô, e nele se encontram as mesmas combinações e os mesmos símbolos, o rei, a rainha, o cavaleiro, o soldado, o louco, a torre e depois as casas, que representam números. Os antigos jogadores de xadrez procuravam nele a solução dos problemas filosóficos e religiosos e argumentavam uns contra os outros em silêncio, fazendo agir os caracteres hieroglíficos através dos números. No nosso vulgar jogo da glória, renovado dos gregos e também atribuído a Palamedes, é apenas um tabuleiro de figuras imóveis e números móveis por meio de dados. É um tarô em roda para uso do aspirante à iniciação. Ora, a palavra tarô, no qual encontramos rota e torah, exprime por si mesma, como o demonstrou Guilherme Postel, essa disposição primitiva em forma de rota.

Os hieróglifos do jogo da glória são mais simples que os do tarô, porém se encontram nele os mesmos símbolos: o escamoteador, o rei, a rainha, a torre, o diabo ou tifon, a morte, etc. Os avanços aleatórios desse jogo representam os da vida e encobrem um sentido filosófico bastante profundo para fazer os sábios meditarem e bastante simples para ser compreendido pelas crianças.

A personagem alegórica de Palamedes é, aliás, idêntica às de Enoque, Hermes e Cadmos, aos quais se atribuem as invenções das letras nas diversas mitologias. Porém, no pensamento de Homero, Palamedes, revelador e vítima de Ulisses, representa o iniciador ou homem de gênio, cujo destino eterno é ser morto por aqueles a quem inicia. O discípulo só se torna a realização viva dos pensamentos do mestre depois de ter bebido seu sangue e comido sua carne, conforme a enérgica e alegórica expressão do iniciador, tão mal compreendido pelos cristãos.

A concepção do alfabeto primitivo era, como se pode ver, a ideia de uma língua universal e contendo em seus sinais o resumo e a lei de evolução de todas as ciências divinas e humanas.

Nunca mais foi sonhado pelo gênio humano coisa mais bela e mais grandiosa, na nossa opinião, e confessamos que a descoberta desse segredo do mundo antigo nos compensou plenamente de tantos anos de investigações estéreis e de trabalhos ingratos nas criptas das ciências perdidas e nas necrópoles do passado.

Um dos primeiros resultados dessa descoberta seria uma nova direção dada ao estudo das escrituras hieroglíficas, tão imperfeitamente decifradas ainda pelos êmulos e sucessores de Champollion.

O sistema de escritura dos discípulos de Hermes sendo analógico e sintético como todos os sinais da Cabala, não importaria, para ler as páginas gravadas nas pedras dos antigos templos, que se pusessem essas pedras em seu lugar e se contasse o número de suas letras, comparando-as com os números das outras pedras?

O obelisco de Luxor, por exemplo, não era uma das duas colunas da entrada de um templo? Era da direita ou da esquerda? Se estava à direita, seus sinais se referem ao princípio ativo; se estava à esquerda, é pelo princípio passivo que se deve interpretar seus caracteres. Porém, deve haver uma correspondência exata de um obelisco para outro, e cada sinal deve receber seu sentido completo da analogia dos contrários. O Sr. Champollion encontrou copta nos hieróglifos, um outro sábio talvez encontrasse neles mais facilmente e com mais êxito hebraico, porém que se diria se não fosse, nem o hebraico, nem o copta? Se fosse, por exemplo, a língua universal primitiva? Ora, essa língua, que é a da alta Cabala, existiu certamente, existe no fundo do próprio hebraico e de todas as línguas orientais que derivam dele; essa língua é a do santuário, e as colunas da entrada dos templos ordinariamente resumiam todos os seus símbolos. A intuição dos extáticos se aproxima mais da verdade sobre esses sinais primitivos que a própria ciência dos sábios. É assim porque, como dissemos, o fluido vital universal, a luz astral, sendo o princípio mediador entre as ideias e as formas, obedece aos impulsos extraordinários da alma que procura o desconhecido e lhes fornece naturalmente os sinais já encontrados, porém esquecidos, das grandes revelações do ocultismo. Assim se formam as pretensas assinaturas dos espíritos, assim se produziram as escrituras misteriosas de Gallidone que visitava a doutor Lavater, dos fantasmas de Schroepfer, do S. Miguel de Vintras e dos espíritos do Sr. Home.

Se a eletricidade pode fazer mover um corpo leve ou mesmo pesado sem que se toque nele, será impossível, pelo magnetismo dar à eletricidade uma direção e fazer assim, naturalmente sinais e escritas? Sem dúvida, é possível, porque que se faz.

Assim então, àqueles que nos perguntarem qual é o maior agente dos prodígios, responderemos:

“É a matéria-prima da grande obra”.

“É a ELETRICIDADE MAGNETIZADA.”

Tudo foi criado pela luz.

É na luz que a forma se conserva.

É pela luz que a forma se reproduz.

As vibrações da luz são o princípio do movimento universal.

Pela luz, os sóis se prendem uns aos outros, e entrelaçam seus raios como cadeias elétricas.

Os homens e as coisas estão imantados pela luz como os sóis e podem, por meio de cadeias eletromagnéticas formadas pelas simpatias e as afinidades, comunicar uns com os outros de um extremo ao outro da Terra, acariciar-se ou bater-se, curar-se ou ferir-se de um modo natural sem dúvida, porém prodigioso e invisível.

Aí está o segredo da magia.

A magia, a ciência que nos vem dos magos.

A magia, a primeira das ciências.

A mais santa de todas, visto que estabelece de um modo mais sublime as grandes verdades religiosas.

A mais caluniada de todas, porque o vulgo se obstina em confundir a magia com a feitiçaria supersticiosa, cujas abomináveis práticas reprovamos.

É somente pela magia que, em presença das perguntas enigmáticas da Esfinge de Tebas e as obscuridades às vezes escandalosas das narrativas da Bíblia, pode-se responder a essas questões e achar a solução desses problemas da história judaica.

Os próprios historiadores sagrados reconhecem a existência e o poder da magia que fazia grande concorrência ao de Moisés.

A Bíblia nos conta que Janes e Jambres, magos de Faraó, fizeram a princípio os *mesmos* milagres que Moisés e declararam impossíveis ao saber humano os prodígios que não puderam imitar. É, de fato, mais honroso ao amor-próprio de um charlatão confessar o milagre do que declarar-se vencido pela ciência ou pela habilidade de um confrade, principalmente quando este é um inimigo político ou um adversário religioso.

Onde começa ou onde acaba o possível na ordem dos milagres mágicos? Eis uma grave e importante questão. O que é certo é a existência dos fatos que habitualmente são qualificados de milagres. Os magnetizadores e os sonâmbulos os fazem todos os dias; a irmã Rosa Tamisier os fez, o iluminado Vintras ainda o faz; mais de quinze mil testemunhas atestavam ultimamente os dos *médiuns* da América, dez mil camponeses de Berry e de Sologne atestariam, se fosse preciso os do deus Cheneau (um antigo negociante de botões que se crê inspirado por Deus). Todos estes indivíduos são alucinados ou malandros? Alucinados, talvez, porém o próprio fato de serem suas alucinações idênticas, quer separadamente, quer coletivamente, não é um extraordinário milagre da parte de quem o produz sempre quando quer e em lugar designado?

Fazer milagres ou persuadir a multidão que a gente os faz é quase a mesma coisa, principalmente num século tão leviano e zombador como o nosso. Ora, o mundo está cheio de taumaturgos e a ciência é muitas vezes obrigada a negar suas obras ou recusar a vê-las para não ser obrigada a examiná-las ou atribuir-lhes uma causa.

Toda a Europa ficou entusiasmada no século passado pelos prodígios de Cagliostro. Quem não sabe tudo o que era atribuído ao seu vinho do Egito e ao seu elixir? Que poderíamos acrescentar a tudo o que contam desses jantares do outro mundo, em que ele fazia aparecer em carne e osso as personagens ilustres do passado? Cagliostro estava longe, porém, de ser um iniciado de primeira ordem, já que a grande associação dos adeptos o abandonou à inquisição romana, diante da qual ele fez, se devemos dar crédito aos papéis de seu processo, uma tão ridícula e odiosa explicação do trigramma maçônico L.: P.: D.:

Porém, os milagres não são propriedades exclusivas dos iniciados de primeira ordem e são muitas vezes realizados por entes sem instrução e sem virtude. As leis naturais encontram num organismo cujas qualidades excepcionais nos escapam, uma ocasião de manifestar-se, e fazem sua obra, como sempre, com precisão e calma. Os gastrônomos mais delicados apreciam as trutas e as empregam para seu uso, porém são os porcos que as desenterram: o mesmo se dá analogicamente com muitas

coisas menos materiais e menos gastronômicas: os instintos procuram e pressentem, porém só a ciência acha verdadeiramente.

O progresso atual dos conhecimentos humanos diminui muito as probabilidades dos prodígios, porém ainda resta um grande número deles, porque não conhecemos a força da imaginação, nem a razão de ser e o poder do magnetismo. A observação das analogias universais foi negligenciada, e é por isso que não se acredita mais na adivinhação.

Um sábio cabalista pode, então, ainda admirar a multidão e até confundir as pessoas instruídas:

1º Adivinhando as coisas ocultas; 2º predizendo muitas coisas futuras; 3º dominando a vontade dos outros de maneira a impedir-lhes de fazerem o que querem e forçá-los a fazerem o que não querem; 4º excitando à vontade aparições e sonhos; 5º curando um grande número de doenças; 6º dando vida a pessoas nas quais se manifestam todos os sintomas da morte; 7º enfim, mostrando, se for necessário, a existência da pedra filosofal e da transmutação dos metais, conforme os segredos de Abrão, o judeu, Flamel e Raimundo Lúlio.

Todos esses prodígios se operam por meio de um só agente que os hebreus chamavam OD, como o cavalheiro de Reichenbach, que chamamos luz astral, como na escola de Martinez Pasqually, que o Marquês de Mirville chama de “o diabo”, que os antigos alquimistas chamavam *azoth*. É o elemento vital que se manifesta pelos fenômenos de calor, luz, eletricidade e magnetismo, que imanta todos os globos terrestres e todos os entes vivos. Nesse mesmo agente se manifestam as provas da doutrina cabalística sobre o equilíbrio e sobre o movimento pela dupla polaridade uma das quais atrai e a outra repele, uma das quais produz o calor e a outra o frio, enfim, uma das quais dá uma luz azul e esverdeada, a outra uma luz amarela e avermelhada.

Esse agente, pelos seus diversos modos de imantação, nos atrai uns aos outros ou nos afasta uns dos outros, submete uns à vontade dos outros, fazendo-os entrar em seu círculo de atração, restabelece ou desarranja o equilíbrio na economia animal pelas suas transmutações e seus eflúvios alternativos, recebe e transmite as impressões da força imaginativa que é, no homem, a imagem e semelhança do verbo criador, produz assim os pressentimentos e determina os sonhos. A ciência dos

milagres é, portanto, o conhecimento dessa força maravilhosa, e a arte de fazer milagres é simplesmente a arte de imantar e de *iluminar* os entes conforme as leis invariáveis do magnetismo ou da luz astral.

Preferimos a palavra luz do que magnetismo, porque é mais tradicional no ocultismo, e exprime de um modo mais completo e mais perfeito a natureza do agente secreto. É esse verdadeiramente o ouro fluido e potável dos mestres de alquimia; a palavra ouro vem do hebraico “AOR”, que significa luz. Que vocês querem?, perguntava-se aos recipiendários de todas as iniciações. “Ver a luz”, deviam eles responder. O nome *iluminados*, que geralmente é dado aos adeptos, foi, portanto, muito mal interpretado em geral quando se lhe deu um sentido místico, como se representasse homens cuja inteligência seria esclarecida com uma luz maravilhosa. *Iluminados* quer dizer simplesmente conhecedores e possuidores da luz, quer pela ciência do grande agente mágico, quer pela noção racional e ontológica do absoluto.

O agente universal é a força vital subordinada à inteligência. Abandonado a si mesmo, devora rapidamente, como Moloque, tudo o que produz, e muda em vasta destruição a superabundância de vida. É então a serpente infernal dos antigos mitos, o Tifon dos Egípcios e o Moloque da Fenícia; porém, se a sabedoria, mãe dos Elohim, lhe põe o pé sobre a cabeça, esgota todas as chamas que ele vomita e derrama na Terra em grande quantidade, uma luz vivificadora. Assim, está escrito no Sohar que, no começo de nosso período terrestre, quando os elementos se disputavam na superfície da Terra, o fogo semelhante a uma serpente imensa, tinha envolvido tudo em suas dobras e ia consumir todos os seres, quando a clemência divina, levantando ao redor de si as vagas do mar como uma veste de nuvens, pôs o pé na cabeça da serpente e a fez entrar no abismo. Quem não vê nessa alegoria os primeiros dados e a explicação mais razoável de uma das imagens mais caras ao simbolismo católico, a vitória triunfal da mãe de Deus?

Os cabalistas dizem que o nome oculto do diabo, seu verdadeiro nome, é o do próprio Jeová, escrito de modo inverso. Isso é uma completa revelação para o iniciado nos mistérios do Tetragrammaton. De fato, a ordem das letras desse grande nome indica a predominância da ideia sobre a forma, do ativo sobre o passivo, da causa sobre o efeito.

Invertendo essa ordem, obtém-se o contrário. Jeová é aquele que domina a natureza como um cavalo soberbo e o faz ir aonde quer; chavajoh (o diabo) é o cavalo sem freio que, semelhante ao dos egípcios no cântico de Moisés, cai sobre seu cavaleiro e o precipita no abismo.

O diabo existe, então, realmente para os cabalistas, porém não é uma pessoa, nem um poder distinto das forças da natureza. O diabo é a divagação e o sono da inteligência. É a loucura e a mentira.

Assim se explicam todos os pesadelos da Idade Média, assim se explicam também os bizarros símbolos de alguns iniciados, como os dos templários, por exemplo, muito menos culpados de terem adorado Baphomet do que terem deixado sua imagem ser vista por profanos. O Baphomet, figura panteística do agente universal, não é mais que o demônio barbudo dos alquimistas. Sabemos que os mais elevados nos graus da antiga maçonaria hermética atribuíam a um demônio barbudo a conclusão da grande obra, e o vulgo que se persignasse e cobrisse os olhos ao ouvir isso, os iniciados ao culto de Hermes-Pantheu compreendiam a alegoria e se guardavam de explicá-la aos profanos.

O Marquês de Mirville, num livro agora quase esquecido, mas que fez certo barulho há alguns meses, teve muito trabalho para reunir alguns casos de feitiçaria nos gêneros das que se acham nas compilações dos Delancre, dos Delrio e dos Bodin. Teria achado coisa melhor do que essas na história. E, sem falar dos milagres tão conhecidos dos jansenistas de Port-Royal e do diácono Paris, que há de mais maravilhoso que a grande monomania do martírio que fez correr ao suplício como a uma festa até as crianças e as mulheres durante trezentos anos? Que há de mais magnífico do que essa fé entusiasta dada durante séculos aos mais incompreensíveis e, humanamente falando, mais revoltantes mistérios? Nessa ocasião, dirão vocês, os milagres vinham de Deus, e deles nos servimos até como provas para estabelecer a verdade da religião. Mas como? Os hereges também faziam-se matar por causa de dogmas, dessa vez, franca e realmente absurdos, sacrificavam então sua razão e sua vida às suas crenças? Oh! Para os hereges é evidente que o diabo estava em ação. Pobres seres que tomavam o diabo por Deus e Deus pelo diabo, porque não lhes desiludia, fazendo-lhes reconhecer o verdadeiro Deus pela caridade, a ciência, a justiça e principalmente a misericórdia de seus ministros!

Os ignorantes, que fazem aparecer o diabo após uma série fatigante e quase impossível das mais revoltantes evocações, são crianças em relação a esse Santo Antônio da lenda que os atraía dos infernos aos milhares e sempre os levava atrás de si, como referem de Orfeu, que atraía para si os carvalhos, os rochedos e os animais mais selvagens.

Só Callot, iniciado pelos boêmios nômades durante sua infância nos mistérios da feitiçaria negra, pode compreender e reproduzir as evocações do primeiro eremita. E vocês julgam que reproduzindo esses sonhos espantosos da maceração e do jejum, os lendários os tenham inventado? Não; ficaram muito aquém da realidade. De fato, os claustros sempre foram povoados de espectros sem nome e suas paredes repletas de sombras e de larvas infernais. Santa Catarina de Sena passou uma vez oito dias no meio de uma orgia obscena que teria desanimado a verve de Aretin; Santa Teresa sentiu-se transportada viva ao inferno e aí sofreu, entre paredes que se apertavam sempre, as angústias que só as mulheres histéricas podem compreender... Tudo isso, dirão, se passava na imaginação dos pacientes. Mas onde vocês querem então que possam dar-se os fatos de ordem sobrenatural? O que é certo é que todos esses visionários viram, tocaram, tiveram o sentimento pungente de uma realidade formidável. Dizemos isso pela nossa própria experiência, e há certas visões de nossa juventude passada no retiro e no ascetismo cuja recordação ainda nos faz estremecer.

Deus e o diabo são o ideal do bem e do mal absolutos. Porém, o homem nunca concebe o mal absoluto senão como uma falsa ideia do bem. Só o bem pode ser absoluto, e o mal é unicamente relativo à nossa ignorância e aos nossos erros. Todo homem se faz diabo, primeiro, para ser deus; porém, como a lei de solidariedade é universal, a hierarquia existe tanto no Inferno quanto no Céu. Uma pessoa má sempre encontrará outro pior que ele para fazer-lhe mal; e quando o mal chega ao seu máximo, é necessário que cesse, porque só poderia continuar pelo aniquilamento do ser, o que é impossível. Então os homens-diabos, não tendo mais expedientes, caem sob o domínio dos homens-deuses e são salvos por aqueles que eram considerados suas vítimas; porém, o homem que procura viver fazendo o mal rende homenagem ao bem por tudo o que desenvolve em si mesmo de inteligência e de energia. É por

isso que o grande iniciador dizia em sua linguagem alegórica: Sejam frios ou quentes, mas se forem mornos, me fazem vomitar.

O grande mestre, numa de suas parábolas, condena unicamente o preguiçoso, que enterrou seu cofre com medo de perdê-lo nas operações arriscadas deste banco que chamamos vida. Nada pensar, nada amar, nada querer, nada fazer, eis aí o verdadeiro pecado. A natureza não reconhece e não recompensa senão aos trabalhadores.

A vontade humana se desenvolve e aumenta pela atividade. Para querer verdadeiramente, é preciso agir. A ação sempre domina e arrasta a inércia. Esse é o segredo da influência dos pretensos maus sobre as pessoas que se pretendem honestas. Quantos preguiçosos e covardes se julgam virtuosos porque têm medo! Quantas mulheres honradas olham para as prostitutas com inveja! Não há muito tempo que as galés estavam em moda. Por quê? Vocês pensam que a opinião possa homenagear o vício? Não, mas ela faz justiça à atividade e à audácia, e é de se esperar que os covardes aduladores apreciem os salteadores ousados.

A ousadia unida à inteligência é a origem de todo êxito neste mundo. Para empreender é preciso saber; para realizar, é preciso querer; para querer verdadeiramente, é preciso ousar; e, para colher em paz os frutos de sua ousadia, é preciso calar-se.

SABER, OUSAR, QUERER E CALAR são, como já o dissemos, os quatro verbos cabalísticos que correspondem às quatro letras do Tetragrammaton e às quatro formas hieroglíficas da Esfinge. Saber, é a cabeça humana; ousar, são as garras do leão; querer, são os flancos laboriosos do touro; calar-se, são as asas místicas da águia. Só aquele que não prostiteui aos comentários e risos dos outros homens os segredos de sua inteligência, está acima deles.

Todos os homens verdadeiramente fortes são magnetizadores e o agente universal obedece à sua vontade. É assim que operam maravilhas. Eles se fazem crer, se fazem seguir, e quando dizem: “Isto é assim”, a natureza muda-se por assim dizer aos olhos do vulgo e torna-se o que o grande homem quis. Esta é minha carne e este é meu sangue, disse um homem que se fez Deus por suas virtudes, e dezoito séculos, em presença de um pedaço de pão e de um pouco de vinho, viram, tocaram,

experimentaram, adoraram a carne e o sangue divinizados pelo martírio! Digam-nos agora que a vontade humana nunca faz milagres!

Não me falem aqui de Voltaire; Voltaire não foi um taumaturgo, foi o espiritual e eloquente intérprete daqueles sobre os quais o milagre não agia mais. Tudo é negativo em sua obra; pelo contrário, tudo era afirmativo na do Galileu, como o chamava um ilustre e infeliz imperador.

Por isso, Juliano tinha tentado em seu tempo mais do que Voltaire pôde realizar, quis opor o prestígio, a austeridade do poder à da protestação, as virtudes às virtudes, os milagres aos milagres; os cristãos nunca tinham tido inimigos perigosos e eles o perceberam bem, pois Juliano foi assassinado, e a lenda áurea atesta ainda que um santo mártir, despertado do túmulo pelos clamores da Igreja, retomou as armas e feriu o apóstata na sombra, no meio de seu exército e suas vitórias. Tristes mártires que ressuscitam para ser algozes! Imperador muito crédulo que confiava em seus deuses e nas virtudes dos antigos tempos!

Quando os reis da França eram rodeados da adoração de seus povos, quando eram considerados como ungidos do Senhor e filhos mais velhos da Igreja, eles curavam as infecções. Um homem em evidência sempre fará milagres quando quiser. Cagliostro podia não ser mais que um charlatão; porém, desde que a opinião fez dele o divino Cagliostro, devia operar prodígios e foi o que aconteceu.

Quando Simão Bar Jonas (chamado por Jesus de Cefas, ou Pedro) era apenas um judeu proscrito por Nero, que fornecia às mulheres dos escravos um específico para a vida eterna, Simão Bar Jonas, para todas as pessoas instruídas de Roma, não era mais que um charlatão; porém, a opinião fez dele um apóstolo do espiritualismo empírico; e os sucessores de Pedro, sejam eles Alexandre VI ou mesmo João XXIII, são infalíveis para todo homem bem-educado e que não quer colocar-se inutilmente à margem da sociedade. Assim caminha o mundo.

O charlatanismo, quando triunfa é, portanto, em magia, como em tudo, um grande instrumento de poder. Fascinar habilmente o vulgo, já não é dominá-lo? Os pobres diabos de feiticeiros que, na Idade Média, deixavam-se totalmente queimar vivos, não tinham, como se vê, um grande domínio sobre os outros. Joana d'Arc era mágica à frente do exército, e em Ruão a pobre moça foi feiticeira. Ela só sabia orar e

combater e o prestígio que a rodeava cessou logo que ela esteve encarcerada. Dizem, na sua história, que o rei de França exigiu isso? Que a nobreza francesa, que o povo, que o exército protestou contra sua condenação? O papa, de quem o rei de França era filho mais velho, excomungou seus algozes? Não, nada disso, Joana d'Arc foi feiticeira para todos desde que cessou de ser mágica, e não foram certamente só os ingleses que a queimaram. Quando a gente exerce um poder em aparência sobre-humano, é preciso exercê-lo sempre ou resignar-se a perecer. O mundo se vinga sempre covardemente de ter acreditado muito, admirado muito e principalmente obedecido muito.

Só compreendemos o poder mágico na sua aplicação às grandes coisas, e se um verdadeiro magista prático não se torna senhor do mundo é porque o desdenha; e para que então quereria ele rebaixar seu poder soberano? “Eu lhe darei todos os reinos da Terra, se você cair a meus pés e me adorar”, disse Satã ao Jesus da parábola. “Retire-se”, lhe disse o Salvador, “porque está escrito: Você adorará um só Deus”... *Eli, Eli, lamma Sabbachtani!*, devia exclamar mais tarde este sublime e divino adorador de Deus se tivesse respondido a Satã: “Eu não o adorarei, porém você é que vai cair a meus pés, porque eu lhe ordeno em nome da inteligência e da eterna razão”, não teria devotado sua santa e nobre vida ao mais horrível de todos os suplícios. O Satã da montanha foi bem cruelmente vingado.

Os antigos chamavam a magia prática de arte sacerdotal e real; e é lembrado que os magos foram os senhores da civilização primitiva, porque eram os senhores de toda a ciência de seu tempo.

Saber é poder quando se ousa querer.

A primeira ciência do cabalista prático ou do mago é o conhecimento dos homens, a frenologia, a psicologia, a quiromancia, a observação dos gostos e dos movimentos, do som da voz e das impressões, quer simpáticas, quer antipáticas são ramos dessa arte que os antigos não ignoravam. Gall e Spurzheim encontraram de novo em nossos dias a frenologia; Lavater, depois de Porta, Cardan, Taisnier, Jean Belot e outros adivinhou de novo a ciência da psicologia; a quiromancia é ainda oculta, e apenas se encontram alguns sinais dela na obra recente e aliás muito interessante de Casimir Stanislas d'Arpentigny. Para se ter noções suficientes, é preciso ir buscá-las nas próprias fontes cabalísticas em que

o sábio Cornélio Agrippa foi bebê-las. É, portanto, a propósito dizer aqui algumas palavras a seu respeito, enquanto se espera a obra de nosso amigo Desbarrolles.

A mão é o instrumento de ação no homem: é, como o rosto, uma espécie de síntese nervosa, e deve ter também seus traços e sua fisionomia. O caráter dos indivíduos é traçado nela por sinais irrecusáveis. Assim, entre as mãos, umas são laboriosas, outras preguiçosas; umas pesadas e quadradas, outras insinuantes e leves. As mãos duras e secas são feitas para a luta e o trabalho, as mãos moles e úmidas só aspiram à volúpia. Os dedos pontudos são perscrutadores e místicos, os dedos espatulados, teimosos e ambiciosos.

O polegar, *pollex*, o dedo da força e do poder, corresponde, no simbolismo cabalístico, à primeira letra do nome de Jeová. Esse dedo é, então, por si só como que a síntese da mão: se for forte, o homem é moralmente forte; se for fraco, o homem é débil. Tem três falanges, das quais a primeira está escondida na palma, como o eixo imaginário do mundo atravessa a espessura da Terra. Essa primeira falange corresponde à vida física, a segunda à inteligência e a última à vontade. As palmas gordas e espessas denotam gostos sensuais e uma grande força da vida física; um polegar comprido, principalmente em sua primeira falange, revela uma vontade forte, que poderá ir até o despotismo; os polegares curtos, pelo contrário, são de caracteres brandos e fáceis de dominar.

As dobras habituais da mão determinam linhas. Essas linhas são, portanto, sinais dos hábitos e o observador paciente saberá reconhecê-los e julgá-los. O homem cuja mão e dobra mal é inábil ou infeliz. A mão tem três funções principais: pegar, segurar e apalpar. As mãos mais flexíveis pegam e apalpam melhor; as mãos duras e fortes retêm mais tempo. As rugas mais leves indicam as sensações habituais desse órgão. Cada dedo tem, aliás, uma função especial que lhe fez dar o nome. Já falamos do polegar; o indicador é o dedo que mostra, é o do verbo e da profecia; o médio domina sobre a mão inteira, é o do destino; o anular é o das alianças e das honras: os quiromantes o consagraram ao Sol; o auricular é insinuante e falador, ou, ao menos, no dizer da boa gente e das amas, às quais seu dedinho conta tantas coisas. A mão tem sete protuberâncias que os cabalistas, conforme as analogias naturais atribuem aos sete planetas: a do polegar, a Vênus; a do indicador, a

Júpiter; a do médio a Saturno; a do anular, ao Sol; a do mínimo, a Mercúrio; as outras duas, a Marte e à Lua. De acordo com sua forma e sua predominância, eles julgam as tendências, as aptidões e, conseqüentemente, os destinos prováveis dos indivíduos submetidos à sua apreciação.

Não há vício que não deixe traço, virtude que não tenha seu sinal. Por isso, para os olhos exercitados do observador, não há hipocrisia possível. Compreende-se-á que semelhante ciência já é um poder verdadeiramente sacerdotal e real.

A predição dos principais acontecimentos da vida já é possível pelas numerosas probabilidades analógicas dessa observação: porém existe uma faculdade que chamamos a dos pressentimentos ou do sensitivismo. As coisas eventuais existem muitas vezes em suas causas antes de se realizarem em ações; os sensitivos veem de antemão os efeitos nas causas, e antes de todos os grandes acontecimentos, houve predições muito admiráveis. Ouvimos, no tempo de Luiz Filipe, sonâmbulos e extáticos anunciarem a volta do império e precisar a data desse acontecimento. A república de 1848 estava anunciada claramente na profecia de Orval, que datava ao menos de 1830 e que muito desconfiamos ser, como as que são atribuídas aos Olivarius, obra de Mademoiselle Lenormand sob esse pseudônimo. Isso pouco importa, aliás, à nossa tese.

Essa luz magnética que faz prever o futuro também faz adivinhar as coisas presentes e ocultas; como ela é a vida universal, também é o agente da sensibilidade humana, que transmite a uns os males e aos outros a saúde, conforme a influência fatal dos contatos ou das leis da vontade. É o que explica o poder das bênçãos e dos enfeitiçamentos tão altamente reconhecido pelos grandes adeptos e principalmente pelo maravilhoso Paracelso. Um crítico judicioso e fino o Sr. Ch. Fauvety, num artigo publicado pela *Revue philosophique et religieuse*, apreciam de um modo notável os trabalhos adiantados de Paracelso, Pomponace, Goglenius, Crollius e Roberto Flud sobre o magnetismo. Porém, o que nosso sábio amigo e colaborador estuda somente como uma curiosidade filosófica, Paracelso e os seus praticavam sem cuidar muito de fazê-lo compreender ao mundo, pois era para eles um desses segredos tradicionais para os quais o ocultismo é de rigor, e que basta indicar aos

que sabem, deixando sempre um véu sobre a verdade para desviar os ignorantes.

Ora, eis o que Paracelso reservava somente para os iniciados, e o que compreendemos, decifrando os caracteres cabalísticos e as alegorias que empregam na coleção de suas obras:

A alma humana é material, a *mens* divina lhe é oferecida para imortalizá-la e fazê-la viver espiritual e individualmente, porém sua substância natural é fluídica e coletiva.

Há, portanto, no homem duas vidas, a vida individual ou razoável e a vida comum ou instintiva. É por essa última que podemos viver uns nos outros, pois a alma universal de que cada organismo nervoso tem uma consciência separada e é a mesma para todos.

Vivemos a vida comum e universal no embrionato, no êxtase e no sono. De fato, no sono, a razão não age, e a lógica, quando se acha em nosso sonhos só se apresenta de modo casual e, conforme o caso, resulta de reminiscências puramente físicas.

Nos sonhos, temos a consciência da vida universal; nós misturamos com a água, o fogo, o ar e a terra; voamos como os pássaros; subimos como os esquilos; arrastamo-nos como as serpentes; estamos embriagados pela luz astral; nós nos mergulhamos no foco comum, como acontece de um modo mais completo na morte; porém então (e é assim que Paracelso explica os mistérios da outra vida), então, os maus, isto é, os que se deixaram dominar pelos instintos da besta em prejuízo da razão humana, se afogam no oceano da vida comum com todas as angústias de uma morte eterna; os outros sobrenadam e gozam para sempre das riquezas desse ouro fluido que chegaram a dominar.

Essa identidade da vida física permite às vontades mais fortes apoderar-se da existência dos outros e torná-las auxiliares, explica as correntes simpáticas próximas ou distantes e dá todo o segredo da medicina oculta porque essa medicina tem por princípio a grande hipótese das analogias universais e, atribuindo todos os fenômenos da vida física ao agente universal, ensina que é necessário agir sobre o corpo astral para reagir sobre o corpo material visível; ela ensina também que a essência da luz astral é um duplo movimento de atração e projeção; de modo que os corpos humanos se atraem e se repelem mutuamente, podem também absorver-se, expandir-se uns aos outros e

fazer trocas; as ideias ou as imaginações de um podem influir sobre a forma do outro e reagir depois sobre o corpo externo.

Assim se produzem os fenômenos tão estranhos da influência dos olhares na gravidez; assim a proximidade de pessoas doentias causa mais sonhos; assim a alma absorve alguma coisa doentia na companhia dos loucos e malvados.

Pode-se notar que nos colégios as crianças adquirem aos poucos a fisionomia umas das outras; cada casa de instrução tem, por assim dizer, uma disposição familiar que lhe é própria. Nas escolas de órfãos dirigidas pelas religiosas, todas as meninas se assemelham e tomam a fisionomia obediente e apática que caracteriza a educação ascética. Os homens se tornam belos na escola do entusiasmo, das artes ou da glória; tornam-se feios nas galés e de fisionomia triste nos seminários e conventos. Devem compreender que aqui deixamos Paracelso para entrar nas consequências e aplicações de suas ideias, que são simplesmente as dos antigos e que chamamos de magia.

Segundo os princípios cabalísticos formulados pela escola de Paracelso, a morte não seria mais que um sono cada vez mais profundo e definitivo, que não seria impossível parar, no seu começo, exercendo uma poderosa ação de vontade sobre o corpo astral que se desprende e chamando-o à vida por algum interesse poderoso ou alguma afeição dominante. Jesus exprimia o mesmo pensamento quando dizia da filha de Jairo: Esta jovem não está morta, dorme; e de Lázaro: Nosso amigo adormeceu e vou despertá-lo. Para exprimir esse sistema ressurrecionista de um modo que não ofenda o senso comum, isto é, as opiniões geralmente adotadas, digamos que a morte, quando não há destruição ou alteração essencial dos órgãos, é sempre precedida por uma letargia mais ou menos longa. (A ressurreição de Lázaro, se tivesse de ser admitida como fato científico, provaria que esse estado pode durar quatro dias.) [\[3\]](#)

Voltemos agora ao segredo da grande obra, que demos somente em hebraico não pontuado no *Ritual da Alta Magia*. Eis aqui o seu texto completo em latim, tal como se encontra à página 144 do *Sepher Yetzirah*, comentado pelo alquimista Abrão (Amsterdã, 1642):

SEMITA XXXI

Vocatur intelligentia perpetua; et quare vocatur ita? Eo quod ducit motum solis et lunae constitutione meorum; utrumque in orbe sibi conveniente.

RABI ABRAHAM F.: D.: DICIT.:

Setima trigésima prima vocatur intelligentia perpetua: et illa ducit solem et lunam et reliquas stellas et figuras, quodque in orbe suo, et imperit omnibus creatis juxta dispositionem ad signa et figuras.

Eis a tradução do texto hebraico que transcrevemos em nosso ritual:

“O trigésimo primeiro caminho se chama a inteligência perpétua, e esta rege o Sol e a Lua e as outras estrelas e figuras, cada qual em órbita respectiva. E ela distribui o que convém a todas as coisas criadas conforme sua disposição aos sinais e às figuras”.

Esse texto é ainda perfeitamente obscuro para quem não conhece o valor característico de cada um dos trinta e dois caminhos. Os trinta e dois caminhos são os dez números e as vinte e duas letras hieroglíficas da Cabala. A trigésima primeira se refere ao  que representa a lâmpada mágica ou a luz entre os chifres de Baphomet. É o sinal cabalístico do *od* ou da luz astral, com seus dois polos e seu centro equilibrado. Sabemos que, na linguagem dos alquimistas, o Sol significa o ouro, a Lua a prata, e que as estrelas ou planetas se referem aos outros metais. Deve-se entender agora o pensamento do judeu Abrão.

O fogo secreto dos mestres da alquimia era, portanto, a eletricidade, e é essa a metade de seu grande arcano; porém, sabiam equilibrar as forças por uma influência magnética que concentravam no forno. É o que resulta dos dogmas obscuros de Basílio Valentin, Bernardo de Trevo e de Heinrich Khunrath, que, pretendem todos terem operado a transmutação como Raimundo Lúlio, Arnaldo de Vilanova e Nicolau Flamel.

A luz universal, quando imanta os mundos se chama luz astral; quando forma os metais, é chamada azoth ou mercúrio dos sábios; quando dá vida aos animais, deve chamar-se magnetismo animal.

O bruto sofre as fatalidades dessa luz; o homem pode dirigi-la.

É a inteligência que, adaptando o sinal ao pensamento, cria as formas e as imagens.

A luz universal é como a imaginação divina, e este mundo que muda sem cessar, permanecendo sempre o mesmo quanto às suas leis de configuração, é o sonho imenso de Deus.

O homem modela a luz pela sua imaginação; ele atrai para si a luz suficiente para dar formas convenientes a seus pensamentos e até a seus sonhos; se essa luz o penetra, se afoga seu entendimento nas formas que evoca, é louco. Porém, a atmosfera fluídica dos loucos é muitas vezes um veneno para as razões vacilantes e para as imaginações exaltadas.

As formas que a imaginação excitada produz para desviar o entendimento são tão reais como as impressões da fotografia. – Não se poderia ver o que não existe. – Os fantasmas dos sonhos, e os sonhos mesmo de pessoas despertas, são, portanto, imagens reais que existem na luz.

Aliás, existem alucinações contagiosas. Porém, aqui afirmamos alguma coisa mais que as alucinações ordinárias.

Se as imagens atraídas pelos cérebros doentes são alguma coisa real, não podem eles projetá-las para fora reais como as recebem?

Essas imagens, projetadas por todo organismo nervoso do médium, não podem afetar o organismo inteiro daqueles que, voluntariamente ou não, entram em simpatia nervosa com o médium?

Os fatos realizados pelo Sr. Home provam que tudo isso é possível.

Respondamos agora aos que creem ver nesses fenômenos manifestações do outro mundo e fatos de necromancia.

Tiramos nossa resposta do livro sagrado dos cabalistas, e nossa doutrina é, nesse ponto, a dos rabinos compiladores do Sohar.

AXIOMA

O espírito se reveste para descer e se despoja para subir.

De fato:

Por que os espíritos criados se acham vestidos de corpos?

É porque devem ser limitados para terem uma existência possível. Despojados de todo corpo e, conseqüentemente, achando-se sem limites, os espíritos criados se perderiam no infinito, e, por não poderem

concentrar-se em alguma parte, seriam mortos e impotentes em toda parte, pois se achariam abismados na imensidade de Deus.

Todos os espíritos criados têm, então, corpos, uns mais sutis, outros mais espessos, conforme os meios onde são chamados a viver.

A alma de um falecido não poderia, portanto, viver mais na atmosfera dos vivos como nós não poderíamos viver na terra ou na água.

Seria preciso a um espírito aéreo ou, antes, etéreo, um corpo artificial semelhante aos aparelhos dos nossos mergulhadores para que ele pudesse chegar até nós.

Tudo o que podemos ver dos mortos são os reflexos que deixaram na luz atmosférica, luz cujas impressões nós evocamos pela simpatia de nossas recordações.

As almas dos mortos estão acima de nossa atmosfera. Nosso ar respirável se torna terra para eles. É o que o Salvador declarou no seu evangelho, quando fez dizer à alma de um bem-aventurado:

“Agora o grande caos fechou-se para nós, e os que estão em cima não podem mais descer para os que estão em baixo”.

As mãos que o Sr. Home faz aparecer são, nesse caso, o ar colorido pelos reflexos que sua imaginação doentia [\[4\]](#) atrai e projeta.

Toca-se nelas como se pode vê-las: meio ilusão, meio força magnética e nervosa.

Eis o que nos parecem explicações bem precisas e bem claras.

Raciocinemos um pouco com os partidários da aparição ultramundana:

Essas mãos são os corpos reais.

Ou são ilusões.

Se são corpos, não são, pois, espíritos.

Se são ilusões produzidas por miragens, quer em nós, quer fora de nós, então me dais razão.

Agora, uma observação:

É que todos os doentes de congestão luminosa ou de sonambulismo contagioso perecem por morte violenta, ou ao menos por morte repentina.

É por isso que antigamente se atribuía ao diabo o poder de estrangular os feiticeiros.

O bom e honesto Lavater evocava habitualmente o pretenso espírito de Gablidone.

Foi assassinado.

Um comerciante de refrescos de Leipzig, Schroepfer, evocava as imagens animadas dos mortos.

Fez saltar os miolos com um tiro de revólver.

Sabe-se qual foi o triste fim de Cagliostro:

Uma calamidade maior que a própria morte é a única que pode salvar a vida desses experimentadores imprudentes.

Podem tornar-se idiotas ou loucos, e então não morrem, se forem cuidadosamente vigiados para lhes impedir de se suicidarem.

As doenças magnéticas são por si mesmas um passo para a loucura e provêm sempre da hipertrofia ou da atrofia do sistema nervoso.

Elas se assemelham ao histerismo, que é uma variedade das mesmas, e geralmente são produzidas, quer por excesso de celibato, quer por excessos de natureza totalmente contrária.

Sabe-se que relação têm com o cérebro os órgãos encarregados pela natureza da realização de suas mais nobres obras: as que têm por fim a reprodução dos seres.

Não se viola impunemente o santuário da natureza. Ninguém levanta, sem arriscar sua própria vida, o véu da grande Ísis.

A natureza é casta, e é à castidade que ela dá as chaves da vida.

Entregar-se aos amores impuros, é fazer-se noivo da morte.

A liberdade, que é a vida da alma, só é conservada na ordem da natureza. Toda desordem voluntária a fere, um excesso prolongado a mata.

Então, em vez de ser guiada e preservada pela razão, a pessoa é abandonada às fatalidades do fluxo e do refluxo da luz magnética.

Ora, a luz magnética devora sem cessar, porque cria sempre, e para produzir continuamente é preciso absorver eternamente.

Daí procedem as monomanias assassinas e as tentações de suicídio.

Daí surge esse espírito de perversidade que Edgar Poe descreveu de um modo tão impressionante e verdadeiro e que o Marquês de Mirville teria razão de chamar o diabo.

O diabo é a vertigem da inteligência perturbada pelos abalos do coração.

É a monomania do nada, é a atração do abismo, independentemente do que pode ser conforme as decisões da fé católica, apostólica e romana, na qual não temos a temeridade de tocar.

Quanto à reprodução dos sinais e caracteres por esse fluido universal que chamamos luz astral, negar sua possibilidade seria dar pouco valor aos fenômenos mais ordinários da natureza.

A miragem nas estepes da Rússia, os palácios da fada Morgana, as figuras impressas naturalmente no coração das pedras que Gafarel chama *gamahés* [\[5\]](#), a forma monstruosa de certas crianças provenientes das coisas vistas pelas suas mães ou dos pesadelos delas, todos esses fenômenos e muitos outros provam que a luz está cheia de reflexos e imagens que projeta e reproduz conforme as evocações da imaginação, da memória ou do desejo. A alucinação é sempre um sonho sem objeto; desde que todos veem uma coisa, ela é certamente visível; porém se ela for absurda, é preciso concluir rigorosamente que todos estão enganados ou alucinados por uma aparência de realidade.

Dizer, por exemplo, que nas sessões espíritas do Sr. Home, saem das mesas mãos reais e vivas, verdadeiras mãos que uns veem, outros tocam e pelas quais outros se sentem tocados sem vê-las, dizer que essas mãos verdadeiramente corporais são mãos de espíritos é falar como crianças ou como loucos. Porém, confessar que estas ou aquelas aparências, estas ou aquelas sensações se produzem, é ser simplesmente sincero e zombar das zombarias dos *proud'homme*, embora estes tivessem espírito, como certo redator de jornal, para rir-se.

Esses fenômenos de luzes que produzem as aparições sempre se mostraram em épocas laboriosas para a humanidade. São os fantasmas do estado febril do mundo, é o histerismo de uma sociedade que se aborrece. Virgílio nos conta em belos versos que, no tempo de César, Roma estava cheia de espectros; as portas do Templo de Jerusalém se abriram por si mesmas no tempo de Vespasiano e ouvia-se gritar: “Os deuses vão-se embora”. Ora, quando os deuses se vão, os diabos vêm. O sentimento religioso se muda em superstição quando a fé é perdida; portanto, as almas têm necessidade de crer, porque têm sede de esperança. Como se pode perder a fé? Como pode a ciência duvidar do infinito e da harmonia? Porque o santuário do absoluto está sempre

fechado para a maioria. Porém o reino da verdade, que é o de Deus, sofre violência e deve ser conquistado pelos fortes. Existe um dogma, existe uma chave, existe uma tradição sublime; e esse dogma, essa chave, essa tradição é a alta magia. Aí somente se encontram o absoluto da ciência e a base eterna da lei, o preservativo contra toda loucura, toda superstição e erro, o Éden da inteligência, o descanso do coração e a quietação da alma. Não dizemos isso na esperança de convencer os que riem, mas apenas para advertir os que procuram. Coragem e boa esperança para estes; eles certamente encontrarão como nós encontramos.

O dogma mágico não é o dos médiuns. Os médiuns que dogmatizam só podem ensinar a anarquia, pois sua inspiração resulta de uma exaltação desordenada. Sempre predizem desastres, negam a autoridade hierárquica, e se elegem soberanos pontífices como Vintras. O iniciado, pelo contrário, respeita antes de tudo a hierarquia, ama e conserva a ordem, inclina-se diante das crenças sinceras, adoram todos os sinais da imortalidade na fé, e da redenção pela caridade, que é disciplinada e obediente. Acabamos de ler um livro publicado sob a influência da vertigem astral e magnética, e ficamos surpreendidos pelas tendências anárquicas de que está repleto sob uma grande aparência de benevolência e religião. No frontispício dessa obra, vê-se o sinal ou, como dizem os magistas, *a assinatura* das doutrinas que ensina. Em vez da cruz cristã, símbolo de harmonia, de aliança e de regularidade, vê-se o tronco da videira tortuoso, com seus ramos em espiral, imagens da alucinação e da embriaguez.

As primeiras ideias emitidas por esse livro são o cúmulo do absurdo. As almas dos mortos estão em toda parte, diz ele, e nada mais as limita. Eis aí o infinito todo povoado de deuses que entram uns nos outros. As almas podem e querem se comunicar conosco por meio das mesas e dos chapéus. Assim, mais nenhum ensino regulado, mais nenhum sacerdócio, mais nenhuma Igreja, o delírio obtendo cátedra de verdade, oráculos que escrevem para a salvação do gênero humano a palavra atribuída a Cambronne, grandes homens que deixam a serenidade dos destinos eternos para fazer dançar nossos móveis e ter conosco conversas semelhantes às que lhes dá Beroalde de Verville no intuito de triunfar. Tudo isso causa piedade: e, contudo, na América, tudo isso se espalha como uma peste intelectual. A jovem América ganha vitória, tem

febre, talvez está pondo os dentes. Porém a França! A França acolher semelhantes coisas! Não, isso não é possível e não se dá. Todavia, recusando as doutrinas, os homens sérios devem observar os fenômenos, ficar calmos no meio das agitações de todos os fanatismos (pois a incredulidade também tem o seu), e julgar, depois de ter examinado.

Conservar sua razão no meio dos loucos, sua fé no meio das superstições, sua dignidade no meio dos caracteres envilecidos, e sua independência entre os carneiros de Panurgo, é de todos os milagres o mais raro, o mais belo, e também o mais difícil de realizar.

CAPÍTULO IV

OS FANTASMAS FLUÍDICOS E SEUS MISTÉRIOS

Os antigos lhes davam diferentes nomes como as larvas, espectros empusas ou lâminas. Gostavam do vapor do sangue espalhado e fugiam da ponta de espadas.

A teurgia os evocava, e a cabala os conhecia sob o nome de espíritos elementares.

Não eram, entretanto, espíritos, pois eram mortais.

Eram coagulações fluídicas que se podiam destruir dividindo-as.

Eram espécies de miragens animadas, emanções imperfeitas da vida humana; as tradições da magia negra as fazem nascer do celibato de Adão. Paracelso diz que os vapores do sangue das mulheres histéricas enchem o ar de fantasmas; e essas ideias são tão antigas, que as encontramos em Hesíodo, que proíbe expressamente enxugar-se no fogo os panos manchados de qualquer poluição.

As pessoas obcecadas pelos fantasmas são ordinariamente exaltadas por um celibato muito rigoroso, ou enfraquecidas por excessos de depravação.

Os fantasmas fluídicos são abortos da luz vital; são formas ectoplasmáticos sem corpo e sem espírito, nascidos dos excessos do espírito e dos desregramentos do corpo.

Esses mediadores errantes podem ser atraídos por certos doentes que lhes são fatalmente simpáticos, e lhes dão à própria custa uma existência fictícia mais ou menos durável. Servem então de instrumentos

suplementares às vontades instintivas desses doentes: porém, nunca para curá-los, mas sempre para perturbá-los e aluciná-los mais.

Se os embriões corpóreos têm a propriedade de assumir as formas que lhes dá a imaginação das mães, os embriões fluídicos errantes devem ser prodigiosamente variáveis e se transformarem com uma espantosa facilidade. Sua tendência a adquirir um corpo para atrair uma alma faz que condensem e naturalmente assimilem as moléculas corporais que flutuam na atmosfera.

Assim, coagulando o vapor do sangue, fazem sangue, o sangue que os maníacos alucinados veem correr nos quadros ou nas estátuas. Porém, eles não são os únicos a vê-lo. Vintras e Rosa Tamisier não são impostores, nem cegos; o sangue corre realmente; médicos o examinam, o analisam; é sangue, sangue humano verdadeiro: de onde vem ele? Poderá ter-se formado espontaneamente na atmosfera? Poderá sair naturalmente de um mármore, de um quadro, de uma hóstia? Não, sem dúvida; esse sangue circulou nas veias, depois foi derramado, evaporado, secado, o serum tornou-se vapor, os glóbulos pó impalpável, o conjunto flutuou na atmosfera e depois foi atraído para a corrente de um eletromagnetismo especificado. O serum tornou-se líquido, retomou e embebeu de novo os glóbulos que a luz astral coloriu e o sangue escorreu.

A fotografia nos prova bastante que as imagens são modificações reais da luz. Ora, existe uma fotografia accidental e fortuita que produz, conforme as miragens errantes na atmosfera, impressões duráveis em folhas de árvores, na madeira e até no centro das pedras; assim se formam essas figuras naturais às quais Gaffarel consagrou várias páginas de seu livro *Curiosités inouis*, essas pedras às quais atribui uma virtude oculta e que denomina *gamahés*; assim se traçam essas escrituras e esses desenhos que muito espantam os observadores dos fenômenos fluídicos. São fotografias astrais feitas pela imaginação dos *médiuns*, com o concurso das larvas fluídicas ou sem ele.

A existência dessas larvas nos foi demonstrada de um modo completo por uma experiência muito curiosa. Várias pessoas, para experimentar o poder mágico do americano Home, pediram-lhe que evocasse parentes que supunham ter perdido, porém, realmente nunca tinham existido. Os

espectros não faltaram a esse apelo, e os fenômenos que habitualmente seguiam a evocação do médium se manifestam perfeitamente.

Essa experiência seria bastante para convencer de credulidade exagerada e erro completo aqueles que creem na intervenção dos espíritos nesses fenômenos estranhos. Para que os mortos venham, é preciso, antes de tudo, que tenham existido, e os demônios não seriam tão facilmente iludidos pelas nossas mistificações.

Como todos os católicos, cremos na existência dos espíritos das trevas; porém, sabemos também que o poder divino lhes deu as trevas para prisão eterna, e que o Redentor viu Satã cair do Céu como o raio. Se os demônios nos tentam, é pela cumplicidade voluntária de nossas más paixões, e não lhes é permitido afrontar o império de Deus e perturbar, por manifestações tolas e inúteis, a ordem eterna da natureza.

Os caracteres e as assinaturas diabólicas que se produzem sem os médiuns saberem, não são evidentemente provas de um pacto tácito e formal entre os doentes e as inteligências do abismo. Esses sinais serviram em todos os tempos para exprimir a vertigem astral e ficaram em estado de miragem nos reflexos da luz desvirtuada. A natureza também tem suas reminiscências e nos envia os mesmos sinais a respeito das mesmas ideias. Não há nada de sobrenatural ou de infernal em tudo isso.

“Como vocês querem que eu admita”, nos dizia o pároco Charvoz, primeiro vigário de Vintras, “que Satã ouse imprimir seu horrível sinete em espécies consagradas e que se tornaram o próprio corpo de Jesus Cristo?” – Declaramos imediatamente que nos seria impossível decidir em favor de semelhante blasfêmia; e, contudo, como o demonstramos no folhetim do jornal o *Estafette*, os sinais impressos em caracteres sangrentos nas hóstias de Vintras, consagradas regularmente por Charvoz, eram os que, na magia negra, são absolutamente reconhecidos como assinaturas dos demônios.

As escrituras astrais são muitas vezes ridículas ou obscenas. Os pretensos espíritos interrogados sobre os maiores mistérios da natureza respondem muitas vezes por uma palavra grosseira que se torna heroica na boca militar de Cambronne. Os desenhos que traçam os lápis abandonados a si mesmos reproduzem muitas vezes essas pornografias disformes que o *rapazola pálido*, para nos servir da expressão pitoresca de

Augusto Barbier, desenha, ao assobiar passeando pelos grandes muros de Paris, nova prova de que afirmamos, isto é, de que o espírito não preside de modo algum a essas manifestações e que seria soberanamente absurdo principalmente reconhecer nelas a intervenção de espíritos livres da matéria.

O jesuíta Paul Saufidius, que escreveu sobre os costumes e hábitos dos japoneses, conta um episódio notável. Um grupo de peregrinos japoneses, atravessando um dia um deserto, viu se dirigir para ela um bando de espectros cujo número era igual ao dos peregrinos, os quais caminhavam no mesmo passo. Esses espectros, disformes a princípio e semelhantes a larvas, tomavam, à medida que se aproximavam, todas as aparências do corpo humano. Logo encontraram os peregrinos e se misturaram com eles, penetrando em silêncio no meio deles: então os japoneses se viram duplos, cada fantasma tendo-se tornado a imagem perfeita e como que o reflexo de cada peregrino. Os japoneses, assustados, se ajoelharam e o bonzo que os guiava pôs-se a orar por eles com grandes contorções e gritos. Quando os peregrinos se levantaram, os fantasmas tinham desaparecido e o grupo devoto pôde continuar livremente seu caminho. Esse fenômeno, que não temos em dúvida, apresenta os duplos caracteres de uma miragem e de uma projeção repentina de larvas astrais, causadas pelo calor da atmosfera e o esgotamento fanático dos peregrinos.

O doutor Briere de Boismont, em sua curiosa obra denominada *Des Hallucinations*, ou, *Histoire Raisonnée des Apparitions, des Visions, des Songes, de L'extase, du Magnétisme et du Somnambulisme* [Sobre Alucinações, ou, História Fundamentada de Aparições, Visões, Sonhos, Êxtase, Magnetismo e Sonambulismo] refere que um homem perfeitamente sensato e que nunca tivera visões, foi atormentado certa manhã por um pesadelo penosíssimo. Viu em seu quarto um macaco monstruoso, horrível à vista, que rangia os dentes e se entregava às mais feias contorções. Ele despertou sobressaltado, era dia alto; desceu do leito e ficou aterrorizado ao ver realmente presente o horrendo objeto de seu sonho. O macaco lá estava perfeitamente idêntico ao do sonho, tão absurdo, tão espantoso e fazendo as mesmas caretas. O cidadão em questão não podia dar crédito à sua vista; ficou quase meia hora imóvel, observando esse fenômeno singular e pensando se tinha febre ardente

ou estava enlouquecendo. Afinal, aproximou-se do animal fantástico para tocar nele e a aparição desapareceu.

Cornelius Gemma, em sua *Histoire Critique Universelle*, relata que, em 454 d. C., na ilha de Candia, o fantasma de Moisés apareceu a judeus à beira do mar; tinha na fronte seus chifres luminosos, na mão sua verga fulminante e os convidava a segui-lo, mostrando-lhes, com o dedo, o horizonte do lado da Terra Santa. A notícia desse prodígio se espalhou e os israelitas em multidão se precipitaram para a praia. Todos viram ou pretenderam ver a maravilhosa aparição; eram em número de vinte mil, no dizer do cronista, que julgamos exagerar um pouco nesse ponto. As mentes logo se exaltaram, as imaginações se exaltaram; julgaram um milagre mais extraordinário do que foi outrora a passagem pelo Mar Vermelho. Os judeus se formaram em coluna cerrada e caminharam para o mar; os últimos empurravam freneticamente os primeiros; julgavam ver o pretenso Moisés caminhar na água. Foi um espantoso desastre: quase toda essa multidão se afogou, e a alucinação terminou somente com a vida da maioria desses infelizes visionários.

O pensamento humano cria o que imagina; os fantasmas da superstição projetam sua deformidade real na luz astral e vivem dos próprios terrores que lhes dão origem. Esse gigante negro que estende suas asas do Oriente ao Ocidente para esconder a luz ao mundo, esse monstro que devora as almas, essa espantosa divindade da ignorância e do medo, o diabo, numa palavra, é ainda, para uma imensa multidão de crianças de todos os tempos, uma terrível realidade. Em nosso *Dogma e Ritual da Alta Magia*, nós o representamos como a sombra de Deus, e, ao dizer isso, ainda escondemos a metade de nosso pensamento; Deus é a luz sem sombra. O diabo é apenas a sombra do fantasma de Deus!

O fantasma de Deus! Este último ídolo da Terra; este espectro antropomorfo que se torna maliciosamente invisível; esta personificação finita do infinito; este invisível que não se pode ver sem morrer, sem ao menos morrer na inteligência e na razão, porque, para ver o invisível, é preciso ser louco; o fantasma daquele que não tem corpo; a forma confusa daquele que é sem forma e sem limites: eis aí o que adora a maioria dos crentes sem saber. Aquele que existe essencial, pura e espiritualmente, sem ser o ente absoluto, nem um ser abstrato, nem a coleção dos seres, numa palavra o infinito intelectual, é muito difícil de

imaginar-se! Por isso, toda imaginação a seu respeito é uma idolatria, é preciso crer e adorá-lo. Nosso espírito deve calar-se diante dele e só nosso coração tem o direito de dar-lhe um nome: Nosso Pai!

LIVRO SEGUNDO

OS MISTÉRIOS MÁGICOS

CAPÍTULO I

TEORIA DA VONTADE

A vida humana e suas inúmeras dificuldades têm por fim, na ordem da sabedoria eterna, a educação da vontade do homem.

A dignidade do homem consiste em fazer o que quer e em querer o bem, de conformidade com a ciência da verdade.

O bem conforme a verdade é o justo.

A justiça é a prática da razão.

A razão é o verbo da realidade.

A realidade é a ciência da verdade.

A verdade é a ideia idêntica ao ente.

O homem chega à ideia absoluta do ente por dois caminhos: a experiência e a hipótese.

A hipótese é provável quando é necessitada pelos ensinamentos da experiência; é improvável ou absurda quando é rejeitada por esse ensino.

A experiência é a ciência, e a hipótese é a fé.

A verdadeira ciência admite necessariamente a fé; a verdadeira fé conta necessariamente com a ciência.

Pascal blasfemava contra a ciência quando disse que, pela razão, o homem não pode chegar ao conhecimento de nenhuma verdade.

Por isso Pascal morreu louco.

Porém, Voltaire não blasfemava menos contra a ciência quando declarava absurda toda hipótese da fé, e só admitia como regra da razão o testemunho dos sentidos.

Por isso, a última palavra de Voltaire foi esta fórmula contraditória:

DEUS E A LIBERDADE

Deus, isto é, um senhor supremo: o que exclui toda ideia de liberdade, como a entendia a escola de Voltaire.

E a liberdade, isto é, uma independência absoluta de todo senhor; o que exclui toda ideia de Deus.

A palavra DEUS exprime a personificação suprema da lei, e portanto, do dever; e se, pela palavra LIBERDADE, se quiser entender conosco o DIREITO DE FAZER SEU DEVER, tomaremos, por nossa vez, como divisa e repetiremos sem contradição e sem erro:

DEUS E A LIBERDADE

Como não há liberdade para o homem senão na ordem que resulta da verdade e do bem, pode-se dizer que a conquista da liberdade é o grande trabalho da alma humana. O homem, libertando-se das más paixões e de sua escravidão, por assim dizer, se cria a si mesmo uma segunda vez. A natureza o tinha feito vivo e sofredor, ele se faz feliz e imortal; torna-se assim o representante de Deus na terra e exerce relativamente sua onipotência.

AXIOMA I

Nada resiste à vontade do homem, quando sabe a verdade e quer o bem.

AXIOMA II

Querer o mal é querer a morte. Uma vontade perversa é um começo de suicídio.

AXIOMA III

Querer o bem com violência é querer o mal; porque a violência produz a desordem e a desordem produz o mal.

AXIOMA IV

Pode-se e deve-se aceitar o mal como meio do bem; porém nunca se deve querê-lo ou fazê-lo, aliás, se destruiria com uma das mãos o que se edifica com a outra. A boa fé nunca justifica os maus meios; ela os corrige quando a pessoa é vítima deles, e os condena, quando a pessoa os emprega.

AXIOMA V

Para ter direito de possuir sempre, é preciso querer pacientemente e por muito tempo.

AXIOMA VI

Passar a vida querendo o que é impossível possuir sempre, é abdicar a vida e aceitar a eternidade da morte.

AXIOMA VII

Quanto mais a vontade vence obstáculos, mais ela é forte. É por isso que o Cristo glorificou a pobreza e a dor.

AXIOMA VIII

Quando a vontade é votada ao absurdo, ela é reprovada pela eterna razão.

AXIOMA IX

A vontade do homem justo é a vontade do próprio Deus e a lei da natureza.

AXIOMA X

É pela vontade que a inteligência vê. Se a vontade é sã, a vista é justa. Deus disse: Faça-se a luz!, e a luz existe; a vontade diz: Que o mundo seja como quero vê-lo!, e a inteligência o vê como a vontade o quis. É o que significa a palavra *assim seja*, que confirma os atos de fé.

AXIOMA XI

Quando a pessoa produz fantasmas, dá existência a vampiros, e será necessário alimentar esses filhos de um pesadelo voluntário com seu sangue, sua vida, sua inteligência e sua razão, sem os saciar nunca.

AXIOMA XII

Afirmar e querer o que deve ser é criar; afirmar o que não deve ser é destruir.

AXIOMA XIII

A luz é um fogo elétrico posto pela natureza a serviço da vontade: ela alumia os que sabem empregá-la e queima os que abusam.

AXIOMA XIV

O império do mundo é o império da luz.

AXIOMA XV

As grandes inteligências cujas vontades se equilibram mal se assemelham aos cometas, que são sóis abortados.

AXIOMA XVI

Nada fazer é tão nocivo como fazer o mal, porém é mais covarde. O mais imperdoável dos pecados mortais é a inércia.

AXIOMA XVII

Sofrer é trabalhar. Uma grande dor sofrida é um progresso realizado. Os que sofrem muito vivem mais do que os que não sofrem.

AXIOMA XVIII

A morte voluntária por devotamento não é um suicídio; é a apoteose da vontade.

AXIOMA XIX

O medo é apenas uma preguiça da vontade, e é por isso que a opinião abate os covardes.

AXIOMA XX

Conseguindo não temer o leão, o leão o temerá. Diga à dor: Quero que seja um prazer e ela se tornará um prazer, mais até que um prazer, uma felicidade.

AXIOMA XXI

Uma cadeia de ferro é mais fácil de romper-se que uma cadeia de flores.

AXIOMA XXII

Antes de declarar um homem feliz ou infeliz, saiba que emprego fez de sua vontade: Tibério morria todos os dias em Capri, ao passo que Jesus provou sua imortalidade e até sua divindade no Calvário e na cruz.

CAPÍTULO II

O PODER DA PALAVRA

É o verbo que cria as formas, e estas, por sua vez, reagem sobre o verbo para modificá-lo e concluí-lo.

Toda palavra de verdade é o começo de um ato de justiça.

Pergunta-se se o homem pode ser, às vezes, necessariamente impelido ao mal. Sim, quando tem o juízo falso e, por consequência, o verbo injusto.

Porém, toda pessoa é responsável por um juízo falso e por uma ação má.

O que falseia o juízo são as vaidades injustas do egoísmo.

O verbo injusto, não podendo realizar-se pela criação, realiza-se pela destruição. É preciso que mate ou morra.

Se pudesse ficar sem ação, seria a maior de todas as desordens, uma blasfêmia duradoura contra a verdade.

Tal é essa palavra ociosa de que o Cristo disse que daremos conta no juízo universal. Uma palavra de alegria, uma tolice que alegra e faz rir, não é uma palavra ociosa.

A beleza da palavra é um esplendor da verdade. Uma palavra verdadeira é sempre bela, uma bela palavra é sempre verdadeira.

É por isso que as obras de arte são sempre santas quando são belas.

Que importa que Anacreonte elogie Batila, se em seus versos, ouço as notas dessa divina harmonia que é o hino eterno da beleza? A poesia é pura como o sol: ela estende seus véus de luz sobre os erros da humanidade. Infeliz de quem quiser levantar o véu para ver as fealdades!

O concílio de Trento disse que é permitido às pessoas sábias e prudentes ler os livros dos antigos, mesmo os obscenos, por causa da beleza da forma.

Uma estátua de Nero ou de Heliogábalo feita como as obras primas de Fídias, não seria uma obra absolutamente bela e absolutamente boa? E não mereceria a reprovação do mundo inteiro aquele que quisesse que ela fosse destruída porque representaria um monstro?

As estátuas escandalosas são as estátuas malfeitas; e a Vênus de Milo seria profanada se fosse colocada ao lado das Virgens que se ousa expor em certas igrejas.

Aprende-se o mal nos livros de moral totalmente escritos, muito mais que nas poesias de Catulo ou nas engenhosas alegorias de Apuleio.

Só há maus livros entre os mal pensados ou malfeitos.

Todo verbo de beleza é um verbo de verdade. É uma luz formulada em palavra.

Porém, para a mais brilhante luz produzir-se e fazer-se visível é preciso uma sombra; e a palavra criadora, para tornar-se eficaz, tem necessidade de contraditores. É preciso que ela sofra a prova da negação, do sarcasmo, depois a mais cruel ainda da indiferença e do esquecimento. “É preciso”, dizia o Mestre, “que a semente caída na terra e apodreça para germinar.”

O verbo que afirma e a palavra que nega devem casar-se, e de sua união nascerá a verdade prática, a palavra real e progressiva. É a necessidade que deve obrigar os trabalhadores a escolher como pedra angular a que fora a princípio desprezada e rejeitada. Que a contradição nunca desanime os homens de iniciativa. É preciso uma terra cultivável, e a terra resiste porque trabalha. Ela se defende como todas as virgens, ela concebe e dá à luz lentamente como todas as mães. Portanto, vocês que desejam semear uma planta nova no campo da inteligência, compreendam e respeitem as resistências pudicas da experiência acanhada e da razão retardada.

Quando uma palavra nova vem ao mundo, são necessários laços e faixas; é o gênio que lhe deu a luz; porém, compete à experiência alimentá-la. Não temam que a abandonem e que ela morra; o esquecimento é para ela um repouso favorável e as contradições lhe são

cultivo. Quando um sol nasce no espaço, ele cria ou atrai mundos. Uma só faísca de luz fixa promete ao espaço um universo.

Toda a magia está numa palavra, e essa palavra, pronunciada cabalisticamente é mais forte que todos os poderes do Céu, da Terra e do Inferno. Com o nome de *YOD-HE-VAU-HE*, governamos a natureza: os reinos são conquistados com o nome de *Adonai*, e as forças ocultas que constituem o império de Hermes são todas obedientes àquele que sabe pronunciar com inteligência completa, com uma vontade que nada abala, e conforme a ciência o nome incomunicável de *Agla*.

Para pronunciar conforme a ciência as grandes palavras da cabala, é preciso pronunciá-las com uma inteligência completa, com uma vontade que nada paralisa, com uma atividade que nada reprime. Na magia, ter dito é ter feito; o verbo é começado com letras e termina com atos. Não se quer realmente uma coisa sem querê-la de todo coração, a ponto de romper por ela as afeições mais caras, com todas as forças, a ponto de expor a saúde, a fortuna e a vida.

É pelo devotamento absoluto que se prova e se constitui a fé. Porém, o homem armado de uma fé semelhante poderá transportar montanhas.

O mais fatal inimigo de nossa alma é a preguiça. A inércia tem uma embriaguez que nos adormece; mas o sono da inércia é a corrupção e a morte. As faculdades da alma humana são como as vagas do oceano: são-lhes necessários, para conservá-las, o sal e o amargor das lágrimas; são-lhes necessários os tormentos do céu e a agitação das tempestades.

Quando, em vez de marchar na carreira do progresso, queremos nos fazer levar, dormimos nos braços da morte; é a nós que se diz, como ao paralítico do evangelho: Tome seu leito e caminhe! Pertence a nós transportar a morte para precipitá-la na vida.

Conforme a magnífica e terrível expressão de S. João, o Inferno é um fogo que dorme. É uma vida sem atividade e sem progresso; é enxofre em estagnação: *stagnum ignis et sulphuris*.

A vida dormente é semelhante à palavra ociosa, e é disso que os homens terão de dar conta no dia do juízo final.

A inteligência fala e a matéria se agita; ela só descansará depois de ter tomado a forma dada pela palavra. Vejam o verbo cristão pondo, desde há dezenove séculos, o mundo em trabalho! Que combates de gigantes! Quantos erros tentados e repelidos! Quanto cristianismo iludido e

irritado no fundo dos protestos, desde o século XVI até o século XVIII! O egoísmo humano, desesperado de seus insucessos, amontoou toda a sua estupidez. Vestiram o Salvador do mundo com todas as capas e todas as púrpuras ridículas; após Jesus inquisidor fizeram o Jesus *sans-culotte*. Calculem, se puderem, quanto correu de lágrimas e sangue, ousem prever tudo o que será derramado ainda antes da chegada do reino messiânico do Homem-Deus, que submete ao mesmo tempo todas as paixões aos poderes e todos os poderes à justiça.

ADVENIAT REGNUM TUUM! Eis aí o que setecentos milhões de vozes repetem à tarde e de manhã em toda a superfície da Terra, desde há já mil e novecentos anos, enquanto os israelitas sempre esperam o Messias. Ele falou e virá; ele veio para morrer e prometeu voltar para viver.

O CÉU É A HARMONIA DOS SENTIMENTOS GENEROSOS.

O INFERNO É O CONFLITO DOS SENTIMENTOS BAIXOS.

Quando a humanidade, à força de experiências sangrentas e dolorosas tiver compreendido bem essa dupla verdade, abjurará o Inferno do egoísmo para entrar no céu do devotamento e da caridade cristã.

A lira de Orfeu civilizou a Grécia selvagem e a lira de Anfião construiu a misteriosa Tebas. É que a harmonia é a verdade. A natureza inteira é harmonia, porém o evangelho não é uma lira: é o livro dos princípios eternos que devem regular e que regularão todas as liras e todas as harmonias viventes do universo.

Enquanto o mundo não compreender estas três palavras: *verdade*, *razão*, *justiça*, e estas: *dever*, *hierarquia*, *sociedade*, a divisa revolucionária *liberdade*, *igualdade*, *fraternidade*, não será mais que uma tríplice mentira.

CAPÍTULO III

AS INFLUÊNCIAS MISTERIOSAS

Não há meio-termo possível. Todo homem é bom ou mau. Os indiferentes, os mornos não são bons; portanto, são maus, e os piores de todos os maus; portanto, são imbecis e covardes. O combate da vida se assemelha a uma guerra civil; os que ficam neutros traem a ambos os partidos e renunciam ao direito de serem contados entre os filhos da pátria.

Todos nós respiramos a vida dos outros e lhes insuflamos, por assim dizer, uma parte da nossa existência. Os homens inteligentes e bons são, sem o saberem os médicos da humanidade; os homens tolos e maus são envenenadores públicos.

Há pessoas junto às quais nos sentimos melhores. Vejam essa jovem da sociedade, ela conversa, ri, enfeita-se como todas as outras, por que então, nela tudo é melhor e mais perfeito? Nada mais natural que sua distinção, nada mais franca e mais nobremente despreocupada que sua conversa. Junto a ela, tudo deve achar-se bem, exceto os maus sentimentos; mas estes são impossíveis junto a ela. Ela não procura corações, ela os prende e os eleva, não embriaga, encanta. O que toda sua pessoa prega parece ser uma perfeição mais durável que a própria virtude; ela é mais graciosa que a graça, suas ações são fáceis e inimitáveis como a música harmoniosa e os belos versos. É dela que uma encantadora mundana, muito amiga para ser rival, dizia após um baile: Pareceu-me ver a santa Bíblia balançar-se. Vejam, pelo contrário, esta outra mulher, ela afeta a devoção mais rígida e se escandalizaria de ouvir os anjos cantarem, porém suas palavras são malévolas, seu olhar é ativo

e desprezador, quando fala de virtude, faria amar o vício. Deus, para ela, é um marido ciumento que ela considera de grande mérito não enganar; suas máximas são desoladoras, suas ações mais vãs que caridosas, e podia-se dizer ao encontrá-la na igreja: Vi o diabo orar a Deus.

Ao deixar a primeira, nos sentimos cheios de amor por tudo o que é belo, por tudo o que é bom e generoso. Achamo-nos felizes de lhe ter dito tudo o que ela nos inspira de bem e de ter sido aprovado por ela; pensamos que a vida é boa, porque Deus a deu a essas almas, ficamos cheios de coragem e de esperança. A outra nos deixa enfraquecidos, abalados ou, o que é pior, talvez excitados a fazer más ações; ela nos faz duvidar da honra, da piedade, do dever; junto a ela, só se foge dos aborrecimentos pela porta dos maus desejos. Falamos mal dos outros para agradar-lhe, rebaixamo-nos para adular seu orgulho, ficamos descontentes dela e de nós mesmos.

O sentimento vivo e certo dessas diversas influências é próprio dos espíritos justos e das consciências delicadas, e é precisamente o que os antigos escritores ascéticos chamavam a graça do discernimento dos espíritos.

Vocês são cruéis consoladores, dizia Jó aos seus pretensos amigos. É que, de fato, os entes viciados sempre afligem em vez de consolarem. Têm um tato prodigioso para encontrar e escolher as banalidades mais desesperadoras. Vocês choram por causa de uma afeição destruída, como são simples! Estavam divertindo-se à sua custa, não os amavam. Confessam com tristeza que seu filho é coxo, e observam amavelmente que ele é também corcunda. Ele tosse e isso nos inquieta, nos aconselham ternamente a tomar cuidado, porque talvez seja tuberculose. Sua esposa está doente desde há muito, console-se, pois ela morrerá.

Espere e trabalhe, eis o que nos diz o céu pela voz de todas as boas almas; desespere-se e morra, eis o que nos grita o Inferno por todas as palavras, por todos os movimentos, por todas as amizades até e todas as carícias dos seres imperfeitos ou degradados.

Seja qual for a reputação de uma pessoa e sejam quais forem os testemunhos de amizade que nos oferece, se, ao deixá-la, nós nos sentimos menos amigo do bem e menos forte, ela é perniciosa para todos nós: evite-a.

Nossa imantação produz em nós duas espécies de simpatias. Temos, ao mesmo tempo, necessidade de absorver e de irradiar. Nossos corações amam os contrastes, e há poucos exemplos de mulheres que tenham amado sucessivamente dois homens de gênio.

Pela proteção descansamos das fraquezas da admiração; é a lei do equilíbrio, porém às vezes também as naturezas sublimes são surpreendidas em caprichos vulgares. O homem, disse o abade Gerbert, é a sombra de um Deus no corpo de um animal: há os que são amigos do anjo e os que se comprazem com o animal. O anjo nos atrai, porém se não tomarmos cuidado, é a besta que nos arrasta: ela deve fatalmente nos arrastar, quando se trata de tolices, isto é, das satisfações desta vida alimentadora da morte, que, na linguagem dos animais, se chama a vida real. Em religião o evangelho é um guia seguro, o mesmo não se dá, porém, em negócios, e muitas pessoas quando se tratasse de regular a sucessão temporal de Jesus Cristo, se entenderiam melhor com Judas Iscariotes do que com S. Pedro.

Admiram a honradez, disse Juvenal, e a deixam morrer à míngua. Se certo homem célebre, por exemplo, não tivesse mendigado escandalosamente a riqueza, teria ele pensado em dotar sua velha musa? Vieram-lhe heranças? A virtude recebe nossa admiração, nossa bolsa não lhe deve nada; portanto, essa grande senhora é bastante rica sem nós. Gosta-se mais de dar ao vício, ele é tão pobre!

Não gosto dos mendigos e só dou aos pobres vergonhosos, dizia um dia um homem de espírito. – Porém, que lhes dá se não os conhece? – Eu lhes dou minha admiração e minha estima, e para isso não necessito conhecê-los. – Como você precisa de tanto dinheiro – perguntava-se a um outro –, se não tem filhos e nem encargos? – Tenho meus pobres vergonhosos aos quais não posso deixar de dar muito. – Faça-me conhecê-los, talvez eu também lhes dê. – Oh! Sem dúvida já conhece alguns deles. Tenho sete que comem excessivamente, e um oitavo come mais que os outros sete: os sete são os sete pecados mortais; o oitavo, é o jogo. – Senhor, dê-me cinco francos, porque estou morrendo de fome. – Imbecil! Você está morrendo de fome e quer que o anime a continuar em tão mau caminho! Morre de fome e tem o atrevimento de confessá-lo! Quer me fazer cúmplice de sua incapacidade, o animador de seu

suicídio! Quer um prêmio para a miséria? Por quem me toma? Sou um canalha de sua espécie?...

– Meu amigo, preciso de mil escudos para seduzir uma mulher honesta. – Ah! é mau; porém nada posso recusar a um amigo. Tome, e quando tiver triunfado, me dará o endereço da pessoa. Eis o que se chama na Inglaterra e outros lugares agir como cavalheiro.

“O homem honrado sem trabalho rouba mas não mendiga!”, respondeu um dia Cartouche a um transeunte que lhe pedia esmola. É enfático como a palavra atribuída a Cambronne; e talvez o célebre ladrão e o grande general responderam ambos da mesma forma.

É esse mesmo Cartouche que ofereceu, numa outra ocasião, e sem que lhe pedissem, vinte mil libras a um banqueiro arruinado. Entre irmãos, é preciso saber viver.

A assistência mútua é uma lei da natureza. Ajudar os nossos semelhantes é ajudar a nós mesmos. Porém, acima do auxílio mútuo, há uma lei mais santa e maior: é o auxílio universal, é a caridade.

Todos admiramos e amamos S. Vicente de Paula, porém quase todos temos uma inclinação secreta pela habilidade, a presença de espírito e principalmente a ousadia de Cartouche.

Os cúmplices declarados de nossas paixões podem desgostar-nos, nos humilhando, mas, apesar dos perigos, saberemos resistir-lhes por orgulho. Contudo, que há de mais perigoso para nós do que os nossos cúmplices hipócritas e ocultos? Eles nos seguem como a tristeza, nos esperam como o abismo, nos rodeiam como a vertigem. Nós os desculpamos para nos desculpar, os defendemos para nos defender, os justificamos para nos justificar, e depois os suportamos porque é preciso, porque não temos a força de resistir às nossas inclinações, porque não o queremos.

Eles se apoderam de nosso ascendente, como diz Paracelso, e aonde quiserem levar-nos, iremos.

São os nossos maus anjos, nós o sabemos no fundo de nossa consciência; porém os toleramos, porque nos tornamos servos deles, com a finalidade de que também sejam nossos.

Nossas paixões toleradas e aduladas, se tornaram servas-senhoras; e os condescendentes de nossas paixões são criados que são nossos senhores.

Respiramos os nossos pensamentos e aspiramos os dos outros impressos na luz astral, que se tornou a atmosfera eletromagnética deles: por isso, a companhia dos malvados é menos fatal para as pessoas de bem do que a dos seres vulgares, covardes e mornos. Uma forte antipatia nos adverte facilmente e nos salva do contato dos vícios grosseiros; não se dá o mesmo com os vícios disfarçados, diminuídos, por assim dizer, e quase que tornados amáveis. Uma mulher honesta só sentirá repugnância na companhia de uma mulher perdida; porém, terá tudo a rezear das seduições de uma namorada.

Sabemos que a loucura é contagiosa; porém os loucos são muito mais perigosos quando são amáveis e simpáticos. Entramos, pouco a pouco, em seu círculo de ideias, chegamos a compreender seus exageros e participar de seus entusiasmos, habituamo-nos à sua lógica excepcional e desorientada e chegamos a concluir que não são tão loucos como os julgávamos a princípio. Daí a crer que só eles têm razão é só um passo. Gostamos deles, os aprovamos e somos loucos como eles.

As afeições são livres e podem ser razoáveis; porém, as simpatias são fatais, e quase sempre despropositadas; elas dependem das atrações mais ou menos equilibradas da luz magnética e agem sobre os homens da mesma forma que sobre os animais. Encontramos um prazer tolo com uma pessoa que nada tem de amável, por sermos misteriosamente atraídos e dominados por ela. Muitas vezes essas simpatias estranhas começaram por vivas antipatias; os fluidos se repeliam a princípio, depois se equilibraram.

A especialidade equilibrante do corpo energético de cada pessoa é o que Paracelso chama seu *ascendente* e dá o nome de *flagum*, ou aura humana, ao reflexo particular das ideias habituais de cada qual na luz universal.

Chega-se ao conhecimento do ascendente de uma pessoa pela adivinhação sensitiva do *flagum*, e por uma direção perseverante da vontade, voltamos ao lado ativo do nosso próprio ascendente para o lado passivo do ascendente dos outros, quando quer se apoderar dele e dominá-lo.

O ascendente astral foi adivinhado por outros magistas, que o denominaram *turbilhão*.

É, dizem eles, uma corrente de luz especializada, que reproduz sempre um mesmo círculo de imagens, e, conseqüentemente, de impressões determinadas e determinadoras. Esses turbilhões existem tanto para os homens como para as estrelas. “Os astros”, diz Paracelso, “respiram sua alma luminosa e atraem a irradiação uns dos outros. A alma da terra, presa pelas leis fatais da gravitação, se desembaraça, especializando-se e passa pelo instinto dos animais para chegar à inteligência do homem. A parte cativa dessa alma é muda, porém conserva por escrito os segredos da natureza. A parte livre não pode mais ler essa escritura fatal sem perder instantaneamente sua liberdade. Passa-se da contemplação muda e vegetativa ao pensamento livre e vibrante só mudando de meios e de órgãos. Daí vem o esquecimento que acompanha o nascimento e as reminiscências vagas de nossas intuições doentias, sempre semelhantes às visões de nossos êxtases e de nossos sonhos.”

Essa revelação do grande mestre da medicina oculta lança uma imensa luz sobre todos os fenômenos do sonambulismo e da adivinhação. Aí está também, para quem souber achar, a verdadeira chave das evocações e das comunicações com a alma fluídica da Terra.

As pessoas cuja influência perigosa se faz sentir por um só contato, são as que fazem parte de uma associação fluídica ou que dispõem, quer voluntariamente, quer sem o saber, de uma corrente de luz astral desviada. Por exemplo, aqueles que vivem no isolamento e na ausência das comunicações humanas e que estão diariamente em relação fluídica com animais reunidos em grande número, como são ordinariamente os pastores, acham-se possessos do demônio que se chama *Legião*, e, por sua vez, dominam despoticamente sobre as almas fluídicas dos rebanhos confiados à sua guarda: por isso, sua benevolência ou sua malevolência faz prosperar ou morrer os animais; e eles podem exercer essa influência de simpatia animal sobre mediadores plásticos humanos mal defendidos por uma vontade fraca ou por uma inteligência limitada.

Assim se explicam os enfeitiçamentos operados habitualmente pelos pastores e os fenômenos ainda recentes dos presbitérios de Cideville.

Cideville é uma cidadezinha da Normandia, onde se produziram há alguns anos fenômenos semelhantes aos que foram produzidos mais tarde sob a influência do Sr. Home. O Marquês de Mirville os estudou cuidadosamente, e o Sr. Gougenot des Mousseaux renovou todos os

seus detalhes num livro publicado em 1854, e intitulado: *Costumes e práticas dos demônios*. O que há de notável nesse último autor é que ele parece adivinhar a existência do corpo energético ou do corpo fluídico. “Certamente não temos duas almas”, diz ele, “mas temos dois corpos.” Tudo o que ele conta, de fato, parece provar essa hipótese. Trata-se de um pastor cuja forma fluídica infestava um presbitério e que foi ferido a distância pelos golpes dados em sua larva astral.

Perguntaremos aqui aos senhores de Mirville e Gougenot des Mousseaux se tomam esse pastor pelo diabo, e se, de perto ou de longe, o diabo, tal como o conhecem, pode ser arranhado ou ferido. Não se conhecia então na Normandia as doenças magnéticas dos *médiuns*, e esse infeliz sonâmbulo, que devia ter sido tratado e curado, foi rudemente maltratado e até agredido, não na aparência fluídica, mas na própria pessoa, pelo próprio cura. Devemos admitir que esse é um gênero singular de exorcismo! Se realmente ocorreram essas violências, como dizem, e se podem ser atribuídas a um eclesiástico que dizem ser muito bom e respeitável, e poderá sê-lo, devemos confessar que escritores como os senhores de Mirville e Gougenot des Mousseaux se tornam um tanto cúmplices.

As leis da vida física são inexoráveis, e, em sua natureza animal, o homem nasce escravo da fatalidade; é à força de lutas contra os instintos que ele pode conquistar a liberdade moral. Duas existências diferentes são, então, possíveis para nós na Terra: uma fatal, outra livre. O ente fatal é o brinquedo ou instrumento de uma força que não dirige; ora, quando os instrumentos da fatalidade se encontram e se chocam, o mais forte destrói ou vence o mais fraco. Os seres verdadeiramente livres não temem os enfeitiçamentos, nem as influências misteriosas.

Dir-nos-ão que o encontro com Caim pode ser fatal para Abel. Sem dúvida; porém tal fatalidade é uma felicidade para a pura e santa vítima, é uma infelicidade só para o assassino.

Assim como existe entre os justos uma grande comunidade de virtudes e méritos, existe entre os maus uma solidariedade absoluta de culpabilidade fatal e de castigo necessário. O crime está nas disposições do coração. As circunstâncias, quase sempre independentes da vontade, fazem por si só a gravidade dos atos. Se a fatalidade tivesse feito de Nero

um escravo, ele teria se tornado um bufão ou um gladiador, e não teria incendiado Roma: devemos acusá-lo por isso?

Nero era cúmplice de todo o povo romano, e só eram responsáveis pelos furores desse monstro aqueles que deviam impedi-los. Sêneca, Burrhus, Thrasea, Corbulon, eis aí os verdadeiros culpados desse reinado horrível: grandes homens egoístas ou incapazes! Souberam apenas morrer!

Se um dos ursos do Jardim Botânico escapasse e devorasse algumas pessoas, seria a ele ou aos seus guardas que se devia pedir satisfação?

Quem se liberta dos erros comuns deve pagar um tributo proporcional à quantia desses erros: Sócrates respondeu por Anitus, e Jesus teve de sofrer um suplício igual em horror a toda a traição de Judas.

É assim que, pagando as dívidas da fatalidade, a liberdade conquistada compra o império do mundo; é a ela que pertence ligar e desligar: Deus lhe deu as chaves do Céu e do Inferno.

Homens que abandonam os animais a si mesmos, querem que eles os devorem.

As multidões escravas da fatalidade só podem gozar da liberdade pela obediência absoluta à vontade dos homens livres; elas devem trabalhar para eles, porque eles respondem por elas.

Porém, quando a besta governa as bestas, quando o cego conduz os cegos, quando o homem fatal governa as massas fatais, que se deve esperar? Espantosas catástrofes e elas nunca faltarão.

Admitindo os dogmas anárquicos de 1789, Luiz XVI tinha lançado o Estado num caminho fatal. Todos os crimes da Revolução passaram desde esse momento apenas sobre ele; só ele tinha faltado ao seu dever. Robespierre e Marat fizeram o que deviam. Girondinos e montanheses fatalmente se mataram mutuamente, e suas mortes violentas foram apenas catástrofes necessárias; só houve nessa época um grande e legítimo suplício, verdadeiramente sagrado, verdadeiramente expiatório: o do rei. O princípio da realeza devia cair, se esse príncipe muito fraco fosse absolvido. Porém, era impossível uma transação entre a ordem e a desordem. Ninguém herda daqueles a quem assassina, rouba-os, e a Revolução reabilitou Luiz XVI, assassinando-o. Após tantas concessões, após tantas fraquezas, após tanto rebaixamento indigno, esse homem,

sagrado uma segunda vez pela desgraça, ao menos pode dizer, ao subir ao cadafalso: A Revolução está julgada, e eu sou sempre o rei de França!

Ser justo é sofrer por todos os que não são, mas é viver; ser mau é sofrer por si mesmo sem conquistar a vida, é enganar-se, fazer mal e morrer eternamente.

Resumamos: as influências fatais são as da morte, as influências saudáveis são as da vida. Conforme somos mais fracos ou mais fortes na vida, atraímos ou repelimos o malefício. Esse poder oculto é bastante real; porém, a inteligência e a virtude sempre terão os meios de evitar suas obsessões e seus ataques.

CAPÍTULO IV

MISTÉRIOS DA PERVERSIDADE

O equilíbrio humano se compõe de duas atrações: uma para a morte, outra para a vida. A fatalidade é a vertigem que nos arrasta para o abismo; a liberdade é o esforço razoável que nos eleva acima das atrações fatais da morte.

Que é um pecado mortal? É uma apostasia – ou abandono da fé – de nossa liberdade; é um abandono de nós mesmos às leis materiais do peso; um ato injusto é um pacto com a injustiça: ora, toda injustiça é uma abdicação da inteligência. Caímos, então, sob o domínio da força, cujas reações sempre esmagam tudo o que se afasta do equilíbrio.

O amor do mal e a adesão formal da vontade à injustiça são os últimos esforços da vontade expirante. O homem, faça o que for, é sempre mais do que o bruto e não poderia abandonar-se como ele à fatalidade. Deve escolher e amar. A alma desesperada que se julga apaixonada pela morte é mais viva ainda que uma alma sem amor. A atividade para o mal pode e deve levar o homem ao bem por golpe e reação contrários. O verdadeiro mal sem remédio é a inércia.

Aos abismos da perversidade correspondem os abismos da graça. Deus fez muitas vezes santos de celerados; nunca fez coisa alguma com os mornos e covardes.

Sob pena de condenação, é preciso trabalhar, é preciso agir. Aliás, a natureza provê isso, e se não queremos ir com toda nossa coragem para a vida, ela nos precipita com todas as suas forças para a morte. Àqueles que não querem andar, ela arrasta.

Um homem que poderia ser chamado o grande profeta dos bêbados, Edgar Poe, esse alucinado sublime, esse gênio da extravagância lúcida, pincelou com uma realidade espantosa os pesadelos da perversidade...

“Matei este velho porque ele roncava. Fiz isso porque não devia fazer”.

Eis aí o terrível anverso do *Credo quia absurdum*, de Tertuliano.

Afrontar a Deus e injuriá-lo é um último ato de fé. “Os mortos não o louvam, Senhor”, diz o salmista; e poderíamos acrescentar, se o ousássemos: “Os mortos não o blasfemam”. “Oh! Meu filho!”, dizia um pai inclinado sobre o leito de seu filho, que se achava em letargia em consequência de um violento acesso de delírio, “insulte-me ainda; bata-me, morda-me; sentirei que você ainda vive... Mas não fique para sempre neste silêncio terrível do túmulo!”

Sempre um grande crime protesta contra uma grande moleza. Cem mil padres honestos teriam podido, por uma caridade mais ativa, prevenir o atentado daquele miserável Verger. A Igreja deve julgar, condenar, punir um eclesiástico escandaloso; porém, não tem o direito de abandoná-lo aos frenesis do desespero e às tentações da miséria e da fome.

Nada é espantoso como o nada; e se fosse possível formular sua concepção, se fosse possível admiti-lo, o Inferno seria uma esperança.

Eis porque a própria natureza procura e impõe a expiação como um remédio; eis porque o suplício suplica, como tão bem compreendeu esse grande católico que se chamava o conde Joseph de Maistre; eis porque a pena de morte é de direito natural e nunca desaparecerá das leis humanas. A mancha do assassinato seria indelével, se Deus não absolvesse no cadafalso; o poder divino abdicado pela sociedade e usurpado pelos perversos lhes pertenceria sem contestação. O assassinato então se transformaria em virtude, quando exercesse as represálias da natureza ultrajada. As vinganças particulares protestariam contra a falta de expiação pública, e com os fragmentos da espada da justiça, a anarquia fabricaria punhais.

“Se Deus suprimisse o Inferno, os homens fariam outro para afrontá-lo”, nos dizia uma ocasião um bom padre. Tinha razão; e é por isso que o Inferno tende tanto a ser suprimido. Emancipação! Esse é o grito de todos os vícios. Emancipação do assassinato pela abolição da pena de

morte; emancipação da prostituição e do infanticídio pela abolição do casamento; emancipação da preguiça e da rapina pela abolição da propriedade... Assim gira o turbilhão da perversidade, até chegar a esta fórmula suprema e secreta: Emancipação da morte pela abolição da vida!

É pelas vitórias do trabalho que escapamos das fatalidades da dor. O que chamamos de morte é apenas o parto eterno da natureza. Incessantemente ela reabsorve e recebe em seu seio tudo o que não nasceu do espírito. A matéria, inerte por si mesma, só pode existir pelo movimento perpétuo, e o espírito, naturalmente volátil, só pode perdurar fixando-se. A emancipação das leis fatais pela adesão livre do espírito à verdade e ao bem, é o que o evangelho chama de nascimento espiritual; a reabsorção no foco eterno da natureza é a segunda morte.

Os seres não emancipados são atraídos para essa segunda morte por um peso fatal, arrastam-se uns aos outros, como o divino Michelangelo nos faz ver tão bem na sua grande pintura do juízo final, são obstinados e se apegam a tudo como aqueles que estão se afogando, e os espíritos livres devem lutar energicamente contra eles para não serem retidos pelos mesmos em seu progresso e fatalmente arrastados para o Inferno.

Essa guerra é tão antiga como o mundo; os gregos a representavam sob os símbolos de Eros e Anteros, e os hebreus pelo antagonismo entre Caim e Abel. É a guerra dos titãs e dos deuses. Os dois exércitos estão em toda parte, porém disciplinados e sempre prontos para o ataque ou a represália. As pessoas ingênuas dos dois partidos, espantadas das resistências súbitas e unânimes que encontram, creem na existência de grandes partidos sabiamente organizados, em sociedades ocultas e onipotentes. Eugênio Sue inventa Rodin; os eclesiásticos falam de iluminados e franco-maçons; Wronski sonha com comunidades místicas, e só há de verdadeiro e sério no fundo de tudo isso a luta necessária da ordem e da desordem, dos instintos e do pensamento; o resultado dessa luta é o equilíbrio no progresso e o diabo contribui sempre, para o seu pesar, para a glória de S. Miguel.

O amor físico é a mais perversa de todas as paixões fatais. É o anarquista por excelência; não conhece leis, deveres, verdade, justiça. Faria a jovem caminhar sobre o cadáver de seus pais. É uma embriaguez irresistível; é uma loucura furiosa; é a vertigem da fatalidade que procura novas vítimas; é a embriaguez antropófaga de Saturno, que quer

ser pai para ter filhos e devorá-los. Vencer o amor é triunfar da natureza inteira. Submetê-lo à justiça é reabilitar a vida, devotando-a à imortalidade; por isso, as maiores obras da revelação cristã são as da criação da virgindade voluntária e da santificação do casamento.

Enquanto o amor é um desejo e um gozo, é mortal. Para eternizar-se é preciso que se torne um sacrifício, porque então se torna uma força e uma virtude. É a luta de Eros e de Anteros que faz o equilíbrio do mundo.

Tudo o que excita a sensibilidade leva à depravação e ao crime. As lágrimas atraem sangue. Acontece com as grandes emoções assim como com os licores fortes: fazer uso habitual delas, é abusar. Ora, todo abuso das emoções perverte o senso moral; nós as procuramos por si mesmas, sacrificamos tudo para consegui-las. Uma mulher romanesca facilmente se tornará uma heroína de nome, talvez até chegará a esse deplorável e irreparável absurdo de se suicidar para ser admirada e enternecer-se por sentir a própria morte.

Os hábitos romanescos levam as mulheres à histeria e os homens à hipochondria. Manfredo, Renato, Leila, são tipos de perversidade tanto mais profunda porque raciocinam sobre seu orgulho doentio e poetizam sua demência. Perguntamo-nos com espanto que monstro poderia nascer do coito entre Manfredo e Leila!

A perda do sentido moral é uma verdadeira alienação; o homem que não obedece antes de tudo à justiça não pertence mais a si mesmo, caminha sem luz na noite de sua existência, agita-se como num sonho, presa dos pesadelos de suas paixões.

As correntes impetuosas da vida instintiva e as fracas resistências da vontade formam um antagonismo tão distinto que os cabalistas acreditaram no embrionato das almas, isto é, na presença de várias almas num corpo, disputando-o e procurando destruí-lo, mais ou menos como os náufragos de *La Méduse*, quando, ao mesmo tempo que disputavam a estreitíssima jangada, procuravam fazê-la afundar.

É certo que, tornando-nos servos de uma corrente qualquer de instintos e até de ideias, alienamos nossa personalidade e tornamo-nos escravos desse gênio das multidões que o evangelho chama Legião.

Os artistas sabem muito bem alguma coisa a esse respeito. Suas frequentes evocações da luz universal os enervam. Tornam-se *médiuns*,

isto é, doentes. Quanto mais o êxito os engrandece na opinião, mais sua personalidade diminui; tornam-se caprichosos e invejosos, coléricos; não admitem que um mérito, mesmo numa ordem diferente, possa produzir-se ao lado deles, e desde que se tornam injustos, dispensam até a delicadeza. Para escapar dessa fatalidade, os verdadeiros grandes homens se isolam de todo companheirismo que destrói a liberdade e se salvam por uma altiva impopularidade dos contatos da multidão mesquinha: se Balzac tivesse sido em sua vida homem de um partido, não teria sido, após a morte, gênio universal de nossa época.

A luz não ilumina as coisas insensíveis, nem os olhos fechados, ou, pelo menos, ela só as ilumina em proveito dos que veem. A palavra do Gênese: “Faça-se a luz” é o grito de vitória da inteligência triunfante das trevas. De fato, essa expressão é sublime, porque exprime com simplicidade a coisa maior e mais maravilhosa do mundo: a criação da inteligência por si mesma, quando, reunindo seus poderes, equilibrando suas faculdades, diz: Quero immortalizar-me vendo a verdade eterna, faça-se a luz e a luz existe. A luz, eterna como Deus, começa todos os dias para os olhos que se abrem. A verdade será eternamente a invenção e como que a criação do gênio. Ele grita: Faça-se a luz! e ele próprio existe, porque ela existe. Ele é imortal porque a compreende eternamente. Contempla a verdade como sua obra, porque é sua conquista, e a imortalidade como seu triunfo porque ela será sua recompensa e sua coroa.

Porém, todos os espíritos não veem com exatidão, porque todos os corações não querem com justiça. Existem almas para as quais a verdadeira luz parece nunca dever existir. Elas se contentam com visões fosforescentes, abortos de luz, alucinações do pensamento, e, apaixonadas por esses fantasmas, temem o dia que os faria fugir porque percebem que, o dia não sendo feito para seus olhos, cairiam numa profunda obscuridade. É assim que os loucos temem a princípio e depois caluniam, insultam, perseguem e condenam os sábios. Devemos lastimá-los e perdoá-los, porque não sabem o que fazem.

A verdadeira luz descansa e satisfaz a alma; a alucinação, pelo contrário, a cansa e atormenta. As satisfações da loucura parecem-se com esses sonhos gastronômicos das pessoas esfomeadas que estimularam sua fome sem nunca saciá-la. Daí nascem as irritações e as perturbações,

os desânimos e os desesperos. A vida nos mentiu sempre, dizem os discípulos de Werther; é por isso que queremos morrer! Pobres crianças, não é da morte que precisam, é da vida. Desde que estão no mundo, morrem todos os dias; será à cruel volúpia do nada a que devem pedir o remédio para o nada de suas volúpias? Não, a vida nunca os enganou, porque ainda não viveram. O que eles tomam como vida são as alucinações e os sonhos do primeiro sono da morte!

Todos os grandes criminosos são alucinados voluntários, e todos os alucinados voluntários podem ser fatalmente levados a tornar-se grandes criminosos. Nossa luz pessoal especializada, produzida, determinada por nossa afeição dominante, é o germe do nosso paraíso ou de nosso inferno. Cada um de nós concebe, por assim dizer, dá à luz e alimenta seu bom anjo ou seu mau demônio. A concepção dá em nós nascimento ao bom gênio; a percepção voluntária da mentira é uma produtora e criadora de pesadelos e de vampiros. Cada um deve alimentar seus filhos, e nossa vida se consome em proveito de nossos pensamentos. Felizes dos que encontram a imortalidade nas criações de sua alma! Infelizes dos que se esgotam para alimentar a mentira e engordar a morte, pois cada um gozará do fruto de suas obras.

Existem certos seres inquietos e atormentados cuja influência é turbulenta e cuja conversa é fatal. Junto a eles, nos sentimos irritados e os deixamos com raiva; entretanto, por uma perversidade secreta, nós os procuramos para enfrentar a perturbação e gozar das emoções malévolas que nos dão. São os doentes contagiosos do espírito de perversidade.

O espírito de perversidade tem sempre como móvel secreto a sede de destruição e finalmente o suicídio. O assassino Eliçabide, segundo sua própria confissão, não só sentia uma necessidade selvagem de matar seus pais e amigos, mas também queria até, se isso fosse possível, e ele o declarou diante do tribunal, *fazer explodir o globo como uma bolha de sabão*. Lacenaire, que passava o dia combinando assassinatos para ter o meio de passar as noites em orgias abjetas ou nos frenesis do jogo, vangloriava-se muito de ter vivido. Ele chamava a isso viver! E cantava um hino à guilhotina, que denominava sua bela noiva! E o mundo estava cheio de imbecis que admiravam esse criminoso!

Alfred de Musset, antes de apagar-se na embriaguez, esbanjou um dos primeiros talentos de seu século em cantos de fria ironia e de

descontentamento universal; o infeliz fora prejudicado pelo respiro de uma mulher profundamente perversa, que, depois de tê-lo matado, se acorcorou com uma gula sobre seu cadáver e rasgou seu sudário. Perguntamos um dia a um jovem escritor dessa escola o que é que provava sua literatura. “Ela prova”, nos respondeu ele com franqueza e ingenuidade, “que devemos desesperar e morrer”. Que apostolado e que doutrina! Eis aí as conclusões necessárias e rigorosas do espírito de perversidade. Aspirar incessantemente ao suicídio, caluniar a vida e a natureza, invocar todos os dias a morte, sem poder morrer, é o inferno eterno, é o suplício de Satã, esse avatar mitológico do espírito de perversidade; a verdadeira tradução da palavra grega *diabolos* ou diabo, é o *perverso*.

Eis o mistério que os depravados não conhecem: é que não é possível gozar dos próprios prazeres materiais da vida senão pelo sentido moral. O prazer é a música das harmonias interiores; os sentidos são apenas os instrumentos, instrumentos que ressoam falsos ao contato de uma alma degradada. Os maus nada podem sentir, porque nada podem amar: para amar, é preciso ser bom. Portanto, para eles tudo é vazio, e parece-lhes que a natureza é impotente, porque eles o são, duvidam de tudo, porque nada sabem, blasfemam contra tudo, porque não têm gosto em nada; se acariciam é para impor, se bebem é para embriagar-se, se dormem é para esquecer, se estão despertos é para aborrecer-se mortalmente: assim viverá, ou antes, morrerá todos os dias aquele que se liberta de toda lei e de todo dever para tornar-se escravo de suas fantasias. O mundo e a própria eternidade se tornam inúteis para aquele que se torna inútil ao mundo e à eternidade.

Nossa vontade, agindo diretamente sobre nosso corpo energético, isto é, sobre a porção de luz astral que se especializou em nós e nos serve para a assimilação e formação dos elementos necessários à nossa existência; nossa vontade, justa ou injusta, harmoniosa ou perversa, forma nosso corpo mediador à sua imagem e lhe dá aptidões de acordo com as nossas simpatias. Assim, a monstruosidade moral produz a fealdade física, pois o mediador astral, arquiteto interior de nosso edifício corporal, o modifica continuamente segundo nossas necessidades verdadeiras ou fictícias. Dilata o ventre e as mandíbulas do guloso, aponta os lábios do avaro, torna impudentes os olhares da

mulher impura, e venenosos os do invejoso e malévolo. Quando o egoísmo prevaleceu numa alma, o olhar se torna frio e os traços duros; a harmonia das formas desaparece, e, conforme a especialidade absorvente ou irradiante desse egoísmo, os membros se mínguam ou se embaraçam com excessiva gordura. A natureza, fazendo de nosso corpo o retrato de nossa alma, garantiu perpetuamente sua semelhança, e o retoca infatigavelmente. Belas mulheres que não são boas, fiquem certas que não serão belas por muito tempo. A beleza é um empréstimo que a natureza faz à virtude, e se a virtude não está preparada para o vencimento do prazo, a emprestadora retomará sem compaixão seu capital.

A perversidade, modificando o organismo cujo equilíbrio destrói, cria ao mesmo tempo essa fatalidade da necessidade que impele à destruição do próprio organismo e à morte. Quanto menos o perverso goza, mais tem sede de gozo. O vinho é como água para o bêbado, o ouro se derrete nas mãos do jogador; Messalina se cansa sem estar satisfeita. A volúpia que lhes escapa volta-se para eles num longo desejo irritado. Quanto mais seus excessos são homicidas, mais lhes parece que a suprema felicidade se aproxima... Ainda um trago de bebida forte, ainda um espasmo, ainda uma violência à natureza... Ah! Enfim, eis o prazer! Eis a vida... e seus desejos, no paroxismo de sua insaciável fome, se apagam para sempre na morte!

QUARTA PARTE

OS GRANDES SEGREDOS PRÁTICOS OU AS REALIZAÇÕES DA CIÊNCIA

INTRODUÇÃO

As altas ciências da Cabala e da magia prometem ao homem um poder excepcional, real, efetivo, realizador, e devemos considerá-las como vãs e mentirosas se não o dão.

Os doutores serão julgados por suas obras, dizia o mestre supremo, e essa regra é de juízo infalível.

Se deseja que eu creia no que sabe, mostre-me o que faz.

Deus, para elevar o homem à emancipação moral, se esconde dele e lhe abandona, por assim dizer, o governo do mundo. Deixa-se adivinhar pelas grandezas e as harmonias da natureza, a fim de que o homem se aperfeiçoe progressivamente, engrandecendo sempre a ideia que forma de seu autor.

O homem só conhece a Deus pelos nomes que dá a esse Ser dos seres e não o distingue senão pelas imagens que procura fazer d'Ele. Ele é assim, de algum modo, criador daquele que o criou. Ele se julga o reflexo de Deus e, aumentando indefinidamente sua própria miragem, crê poder esboçar no espaço infinito a sombra daquele que é sem corpo, sem sombra e sem espaço.

CRIAR A DEUS, CRIAR A SI MESMO, FAZER-SE INDEPENDENTE, IMPASSÍVEL E IMORTAL: eis aí certamente um programa mais temerário que o sonho de Prometeu. A expressão é ousada até a impiedade, o pensamento ambicioso até a demência. Pois bem, esse programa só é paradoxal na forma, que se presta a uma falsa e sacrílega interpretação. Num sentido, é perfeitamente razoável e a ciência dos adeptos promete realizá-lo e dar-lhe um cumprimento perfeito.

O homem, de fato, cria para si um Deus conforme sua própria inteligência e sua própria bondade; não pode elevar seu ideal mais alto do que permite seu desenvolvimento moral. O Deus que adora é sempre seu próprio reflexo aumentado. Conceber o que é o absoluto em bondade e em justiça é ser muito justo e bom.

As qualidades do espírito, as qualidades morais são riquezas e as maiores de todas as riquezas. É preciso adquiri-las pela luta e pelo trabalho. Surgirá a objeção de que a desigualdade das aptidões e as crianças que nascem com uma organização mais perfeita. Porém, devemos crer que tais organizações são resultado de um trabalho mais adiantado da natureza e que as crianças que possuem bons dotes os adquiriram, se não pelos próprios esforços, ao menos pelas obras solidárias dos seres humanos aos quais sua existência está presa. É um segredo da natureza que nada faz ao acaso; a propriedade das faculdades intelectuais mais desenvolvidas, como a do dinheiro e das Terras, constitui um direito imprescindível de transmissão e herança.

Sim. O homem é chamado a concluir a obra de seu Criador, e cada um dos momentos que ele emprega para fazer-se melhor ou perder-se é decisivo para ele em toda a eternidade. É pela conquista de uma inteligência para sempre reta e de uma vontade para sempre justa que ele se constitui vivo para a vida eterna, e que nada sobre à injustiça e ao erro senão a pena de sua desordem. Compreender o bem é querê-lo, e na ordem da justiça querer é fazer. Eis aí porque o evangelho nos diz que as homens serão julgados de acordo com as suas obras.

As nossas obras nos fazem de tal modo ser o que somos, que o nosso próprio corpo recebe de nossos hábitos, como dissemos, a modificação e às vezes a mudança completa de sua forma.

Uma forma conquistada ou sofrida se torna para toda a existência uma providência ou uma fatalidade. Essas figuras estranhas que os egípcios

davam aos símbolos humanos da divindade representam as formas fatais. Titon, pela sua goela de crocodilo, é condenado a devorar incessantemente para encher seu ventre de hipopótamo. Por isso é destinado, pela sua voracidade e sua fealdade, à destruição eterna.

O homem pode matar ou vivificar suas faculdades pela negligência ou pelo abuso. Pode adquirir faculdades novas pelo bom emprego das que recebeu da natureza. Dizem com frequência que as afeições não se governam, que a fé não é possível a todos, que não é possível refazer o caráter, e todas essas afirmações são verdadeiras para os preguiçosos e os perversos. Podemos nos tornar crentes, piedosos, amantes, devotados, quando queremos sinceramente sê-lo. Podemos dar ao nosso espírito a calma da exatidão, como a onipotência da justiça à vontade. Podemos reinar no Céu pela fé, e na Terra pela ciência. O homem que sabe governar a si mesmo é rei de toda a natureza.

Vamos mostrar, neste último livro, por que maneiras os verdadeiros iniciados se tornaram senhores da vida, governando a dor e a morte como operam em si mesmos e nos outros as transformações de Proteu; como exercem a adivinhação de Apolônio; como fazem o ouro de Raimundo Lullo e de Flamel; como possuem, para renovar a juventude, os segredos de Postel, o ressuscitado, e do fabuloso Cagliostro. Vamos dizer, enfim, a última palavra da magia.

CAPÍTULO I

DA TRANSFORMAÇÃO

A VARINHA MÁGICA DE CIRCE – O BANHO DE MEDEIA – A MAGIA VENCIDA PELAS SUAS PRÓPRIAS ARMAS – O GRANDE ARCANO DOS JESUÍTAS E O SEGREDO DE SEU PODER.

A Bíblia conta que o rei Nabucodonosor no mais alto ponto de seu poder e orgulho, foi repentinamente transformado em besta.

Fugiu para lugares selvagens, pôs-se a comer ervas, deixou crescer a barba, os cabelos e o pêlo do corpo, assim como as unhas, e ficou sete anos neste estado.

Em nosso *Dogma e Ritual de Alta Magia*, dissemos o que pensamos dos mistérios da licantropia ou da metamorfose dos homens em lobisomens.

Todos conhecem a fábula de Circe e compreendem sua alegoria.

O *ascendente fatal* de uma pessoa sobre outra é a verdadeira varinha mágica de Circe.

Sabemos que quase todas as fisionomias humanas trazem qualquer semelhança de um animal, isto é, a *assinatura* de um instinto especializado.

Ora, os instintos são equilibrados pelos instintos contrários e dominados por instintos mais fortes.

Para dominar os carneiros, o cão explora o medo do lobo.

Se você é um cão, e quiser que uma bela gatinha o ame, só tem um meio para isso; metamorfosear-se em gato.

Mas como? Pela observação, imitação e imaginação. Julgamos que entenderão aqui nossa linguagem simbólica, e recomendamos essa

revelação a todos os magnetizadores; é esse o mais profundo de todos os segredos de sua arte.

Eis uma fórmula em termos técnicos:

“Polarizar sua própria luz animal, em antagonismo equilibrado com um polo contrário”.

Ou então:

Concentrar em si as especialidades absorventes para dirigir as irradiantes a um foco absorvente, e *vice-versa*.

Esse governo de nossa polarização magnética pode ser feito por meio das formas animais de que falamos, e que servirão para fixar a imaginação.

Demos um exemplo:

Se alguém quer agir magneticamente sobre uma pessoa polarizada como ela, o que poderá saber ao primeiro contato, se for magnetizador; somente se ela é um pouco menos forte do que esse alguém: é uma rata e a outra um rato. Faça-se gato e a caçará.

Num dos admiráveis contos que não inventou, mas que narrou melhor que ninguém, Perrault pôs em cena um mestre gato que, pelas suas astúcias, fez um ogre se matamorfosear em rato; e ao final da transformação o rato foi comido pelo gato. Os contos da carochinha não seriam, como o Asno de Ouro de Apuleio, verdadeiras lendas mágicas e não encobririam, sob aparências pueris, os formidáveis segredos da ciência?

Sabemos que os magnetizadores dão à água pura, só pela imposição das mãos, isto é, de sua vontade expressa por um sinal, as propriedades e o sabor do vinho, dos licores e de todos os medicamentos possíveis.

Sabemos também que os domadores de animais ferozes subjagam os leões fazendo-se mental e magneticamente mais fortes e mais ferozes que os leões.

Jules Gérard, o intrépido matador de leões na África, seria devorado se tivesse medo. Porém, para não ter medo de um leão, é preciso, por um esforço da imaginação e da vontade, tornar-se mais forte e mais selvagem do que esse animal; é preciso dizer a si mesmo: Eu é que sou o leão, e este animal diante de mim não é mais que um cão que deve ter medo.

Fourier sonhou com os inimigos dos leões; Jules Gérard realizou essa quimera do sonhador falansteriano.

Porém, para não temer os leões, basta ser um homem de energia e ter armas, dirão.

Não, isso não basta. É preciso saber de cor o seu leão, por assim dizer, calcular os arrojados do animal, adivinhar suas astúcias, fugir a suas garras, prever seus movimentos; numa palavra, tornar-se mestre no ofício de leão, como dizia o bom La Fontaine.

Os animais são os símbolos vivos dos instintos e das paixões dos homens. Se tornamos um homem tímido, nós o mudamos em lebre; se pelo contrário, o impelimos à ferocidade, fazemos dele um tigre.

A baqueta de Circe é o poder fascinador da mulher; e a história dos companheiros de Ulisses transformados em porcos não é unicamente daquele tempo.

Porém, nenhuma metamorfose se opera sem destruição. Para mudar um gavião em pomba, é preciso primeiramente matá-lo, depois cortá-lo em pedaços, de maneira que fique destruído até o menor vestígio de sua primeira forma, e, finalmente, fazê-lo ferver no banho mágico de Medeia.

Vejam como os hierofantes modernos procedem para realizar a regeneração humana; como, por exemplo, fazem na religião católica para mudar um estóico missionário da companhia de Jesus um homem mais ou menos fraco e apaixonado.

Aqui está o grande segredo dessa ordem venerável e terrível, sempre desconhecida, muitas vezes caluniada e sempre soberana.

Leiam atentamente o livro intitulado *Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola*, e vejam com que poder mágico esse homem de gênio opera a realização da fé.

Ordena a seus discípulos que vejam, toquem, cheirem e experimentem as coisas invisíveis; quer que os sentidos sejam exaltados na oração até a alucinação voluntária. Se meditarem sobre um mistério da fé, Santo Inácio quer primeiro que preparem um lugar, que sonhem com ele, que o vejam e toquem. Se for o Inferno, ele os faz tatear rochedos ardentes, os faz andar em trevas escuras como piche, coloca-lhes na língua enxofre líquido, enche suas narinas de um mau cheiro horrível; mostra-lhes suplícios horrendos, os faz ouvir gemidos sobre-humanos; ele diz à sua

vontade que crie tudo isso por exercícios persistentes. Cada qual o faz a seu modo, mas sempre da forma mais capaz de impressioná-lo. Não é mais a embriaguez do haxixe servindo à maledicência do Velho da Montanha; é um sonho, uma alucinação sem loucura, uma visão razoável e voluntária, uma verdadeira criação da inteligência e da fé. Desde então, ao pregar, o jesuíta poderá dizer: É o que vimos com os nossos olhos, o que ouvimos com os nossos ouvidos; o que nossas mãos tocaram, é o que anunciamos a vocês. O jesuíta, assim preparado, comunga num círculo de vontades exercidas como a sua; por isso, cada um dos padres é forte como a sociedade, e a sociedade mais forte que o mundo.

CAPÍTULO II

COMO SE PODE CONSERVAR E RENOVAR A JUVENTUDE

OS SEGREDOS DE CAGLIOSTRO – A POSSIBILIDADE DA RESSURREIÇÃO –
EXEMPLO DE GUILHERME POSTEL, CHAMADO “O RESSUSCITADO” – UM MESTRE
TAUMATURGO.

Sabemos que uma vida sóbria, moderadamente árdua e perfeitamente regular, normalmente prolonga a existência. Porém, na nossa opinião, é pouca coisa o prolongamento da velhice, e temos o direito de pedir à ciência que reconheçamos outros privilégios e outros segredos.

Ser muito tempo jovem ou mesmo voltar a sê-lo, eis o que pareceria com razão desejável e precioso à maioria dos homens. Será possível? É o que vamos examinar.

O famoso conde de S. Germano morreu, não há dúvida; porém nunca o vimos envelhecer. Sempre parecia ter 40 anos, e na época de sua grande celebridade, pretendia ter mais de 80.

Ninon de l’Enclos chegou a uma idade avançada, e era ainda uma mulher jovem, bela e sedutora. Morreu sem ter envelhecido.

Desbarrolles, o célebre quiromante, é para todos, desde há muito tempo, um homem de 35 anos. Sua certidão de nascimento diria outra coisa, se ele ousasse mostrá-la; só que ninguém lhe daria crédito.

Cagliostro sempre foi visto com a mesma idade, e pretendia possuir não só um elixir que dava aos velhos, por um momento, todo o vigor da juventude, mas ele se gabava também de operar a regeneração física.

Cagliostro e o conde de S. Germano atribuíam a conservação de sua juventude à existência e emprego da medicina universal, procurada inutilmente por tantos sopradores e alquimistas.

Um iniciado do século XVI, o bom e sábio Guilherme Postel, não pretendia possuir o grande arcano da filosofia hermética; e, contudo, depois de ter sido visto velho e abatido, viram-no com uma cor vermelha e sem rugas, barba e cabelos pretos, corpo ágil e vigoroso. Seus inimigos pretenderam que ele se enfeitava e tingia os cabelos; isso porque é necessária para os zombadores e os falsos sábios uma explicação qualquer dos fenômenos que não compreendem.

O grande meio mágico para conservar a juventude do corpo é impedir que a alma envelheça, conservando-lhe preciosamente essa frescura original de sentimentos e de pensamentos que o mundo corrupto chama ilusões, e que chamaremos as miragens primitivas da verdade eterna.

Crer na felicidade na Terra, crer na amizade, crer no amor, crer numa Providência materna que conta todos os nossos passos e recompensará todas as nossas lágrimas, é ser perfeitamente tolo, dirá o mundo corrompido; e não vê que o tolo é ele, que se julga forte ao privar-se de todas as delícias da alma.

Crer no bem, na ordem moral é possuir o bem e é por isso que o Salvador prometeu o reino dos céus aos que se tornassem semelhantes às crianças. Que é a infância? É a idade da fé. A criança nada sabe da vida, por isso irradia a imortalidade confiante. Será ela que poderia duvidar do devotamento, da ternura, da amizade, do amor da Providência, quando está nos braços de sua mãe?

Façam-se crianças pelo coração e permanecerão jovens de corpo.

As realidades de Deus e da natureza ultrapassam infinitamente em beleza e em bondade todas as imaginações dos homens. Por isso, os insensíveis são pessoas que nunca souberam ser felizes; e os desiludidos provam, pelas suas contrariedades, que apenas beberam em fontes lamacentas. Para gozar os próprios prazeres sensuais da vida, é preciso ter senso moral; e os que caluniam a existência certamente abusaram.

A alta magia, como o provamos, leva o homem às leis da moral mais pura. *Vel sanctum invenit, vel sanctum facit* [\[6\]](#), disse um adepto; porque

nos faz compreender que, para ser feliz, mesmo neste mundo, é preciso ser santo.

Ser santo! Eis o que é fácil dizer; porém como obter a fé, quando não se crê mais? Como readquirir o gosto pela virtude, quando o coração está apodrecido pelo vício?

Trata-se aqui de recorrer aos quatro verbos da ciência: saber, ousar, querer e calar.

É preciso impor silêncio aos desgostos, estudar o dever e começar pela prática como se se gostasse dela.

Você é incrédulo, por exemplo, e deseja tornar-se cristão.

Faça os exercícios de um cristão. Ore regularmente, servindo-se das fórmulas cristãs; aproxime-se dos sacramentos, supondo que tem fé e a fé virá. Esse é o segredo dos jesuítas, contido nos exercícios espirituais de Santo Inácio.

Por exercícios semelhantes, um tolo, se quisesse com perseverança, se tornaria homem de espírito.

Mudando os hábitos da alma, muda-se, com certeza os do corpo: já o dissemos e já explicamos como.

O que contribui principalmente para nos envelhecer, tornando-nos feios, são os pensamentos odiosos e amargos, são os juízos desfavoráveis que fazemos dos outros, são nossa raiva de orgulho repellido e de paixões mal satisfeitas. Uma filosofia benevolente e branda nos evitaria todos esses males.

Se fechássemos os olhos aos defeitos dos outros, tendo em conta apenas suas boas qualidades, acharíamos o bem e a benevolência em toda a parte. O homem mais perverso tem seu lado bom e se abrande quando sabemos tratar com ele. Se nada tivesse de comum com os vícios dos homens, nem mesmo os notariam. A amizade e os devotamentos que ela inspira se acham até nas prisões e galés. O horrível Lacenaire restituía fielmente o dinheiro que lhe fora emprestado, e fez várias vezes atos de generosidade e beneficência. Não duvido que tivesse havido na vida criminosa de Cartouche e de Mandrin traços de virtude, capazes de fazer marejar os olhos de lágrimas. Nunca houve pessoa absolutamente má ou absolutamente boa. “Ninguém é bom a não ser Deus”, disse o melhor dos mestres.

O que tomamos por zelo da virtude não é geralmente mais que um secreto amor próprio dominador, uma inveja dissimulada e um instinto orgulhoso de contradição. “Quando vemos desordens manifestadas e pecadores escandalosos”, dizem os autores da teologia mística, “devemos crer que Deus os submete a maiores provas que nós, que provavelmente não temos o valor deles e faríamos pior no lugar que ocupam.”

A paz! A paz! Esse é o bem supremo da alma, e é para dar-nos esse bem que o Cristo veio ao mundo.

Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens que querem o bem! exclamaram os espíritos celestes, quando o Salvador acabava de nascer.

Os antigos padres do cristianismo contavam um oitavo pecado mortal: era a tristeza.

De fato, o próprio arrependimento, não é para o verdadeiro cristão uma tristeza, é uma consolação, é uma alegria e um triunfo. “Queria o mal e já não quero mais, estava morto e estou vivo.” O pai do filho pródigo matou o bezerro gordo porque seu filho voltou. Que pode fazer o filho pródigo? Chorar, sofrer, um pouco de confusão, e principalmente alegrar-se!

Só há uma coisa triste no mundo, é a loucura e o pecado. Desde que estamos livres, rimos e demos gritos de alegria, porque estamos salvos e todos os mortos que nos amam se regozijam no céu!

Todos temos em nós um princípio de morte e um princípio de imortalidade. A morte é a besta e a besta sempre produz a bestialidade. Deus não ama os tolos, pois seu espírito divino se chama o espírito de inteligência. A tolice se expia pela dor e pela escravidão. O bastão é feito para as bestas.

Um sofrimento é sempre uma advertência, pior para quem não sabe compreendê-la. Quando a natureza puxa a corda, é porque caminhamos ao contrário; quando ela nos castiga, é que o perigo está perto. Ai daquele que não reflete!

Quando estamos maduros para a morte, deixamos a vida sem saudade e nada nos fará voltar; porém, quando a morte é prematura, a alma tem saudade da vida, e um taumaturgo hábil poderia chamá-la ao seu corpo. Os livros sagrados nos indicam o processo que então devemos

empregar. O profeta Elias e o apóstolo S. Paulo os empregaram com êxito. Trata-se de magnetizar o defunto, pondo os pés sobre seus pés, as mãos sobre as mãos, a boca sobre a boca, depois reunir toda a vontade e chamar por muito tempo a alma para si, com toda a boa vontade e todas as carícias mentais de que se é capaz. Se o operador inspira muita afeição à alma do defunto ou ao menos um grande respeito, se no pensamento que ele lhe comunica magneticamente o taumaturgo pode persuadir-lhe que a vida ainda lhe é necessária e que dias felizes ainda lhe são prometidos aqui, ela voltará certamente, e para os homens de ciência vulgar a morte aparente não terá sido mais do que uma letargia.

Foi depois de uma letargia semelhante que Guilherme Postel, chamado à vida pelos cuidados da madre Joana, reapareceu com uma juventude nova e se chamou daí em diante Postel Ressuscitado, *Postellus restitutus*.

No ano de 1799, havia no subúrbio Santo Antônio, em Paris, um ferrador que passava por um adepto da ciência hermética; chamava-se Leriche e diziam ter feito por meio da medicina universal curas milagrosas e até ressurreições. Uma dançarina da Ópera que acreditava nele, foi um dia procurá-lo muito aflita e lhe disse que seu amante acabava de morrer. O senhor Leriche saiu com ela e foi à casa mortuária. Ao entrar, uma pessoa que saía, lhe disse: É inútil você subir, já faz seis horas que morreu. Não importa, disse o ferrador, já que vim, eu o verei. Subiu, encontrou um cadáver gelado em todas as partes, exceto na boca do estômago onde julgou haver ainda um pouco de calor. Mandou fazer um grande fogo, fez fricções em todo o corpo com panos quentes, esfregou-o com medicina universal diluída em álcool (sua pretensa medicina universal devia ser um pó mercurial semelhante ao quermes das farmácias). Durante esse tempo, a amante do defunto chorava e o chamava à vida com as mais ternas palavras. Depois de hora e meia de semelhante tratamento, Leriche apresentou um espelho diante do rosto do paciente e achou o espelho um pouco assinalado.

Os cuidados redobraram-se e logo houve um sinal mais claro de vida; puseram-no então num leito bem quente e poucas horas depois tinha voltado completamente à vida. Esse ressuscitado se chamava Candy, viveu desde então sem nunca ficar doente. Em 1845, ainda vivia e residia à praça do Chevalier-du-Guet n. 6. Narrava sua ressurreição a quem

queria ouvi-lo e era objeto de riso dos médicos e dos incrédulos de seu quarteirão. O homem se consolava à moda de Galileu e lhes respondia: “Oh! Podem rir o quanto quiserem. Tudo o que sei é que o médico já tinha dado a certidão de óbito e que dezoito horas mais tarde eu seria enterrado e estou aqui”.

CAPÍTULO III

O GRANDE ARCANO DA MORTE

Nós ficamos tristes muitas vezes ao pensar que a vida mais bela deve terminar, e a aproximação desse terrível desconhecido que chamamos de morte nos desgosta de todas as alegrias da existência.

Por que nascer, se devemos viver tão pouco? Por que educar com tanto cuidado crianças que morrerão? Eis o que pergunta a ignorância humana em suas dúvidas mais frequentes e mais tristes.

Eis também o que pode perguntar a si mesmo vagamente o embrião humano ao se aproximar desse nascimento que vai lançá-lo num mundo desconhecido, despojando-o de seu envoltório preservador. Estudemos o mistério do nascimento e teremos a chave do grande arcano da morte.

Lançado pelas leis da natureza no seio de uma mulher, o espírito encarnado desperta-se lentamente e cria para si, com esforço, órgãos indispensáveis mais tarde, mas que à medida que crescem, aumentam seu mal-estar na situação presente. O tempo mais feliz da vida do embrião é aquele em que sob a simples forma de uma crisálida, estende ao redor de si a membrana que lhe serve de asilo e que nada com ele num fluído alimentador e conservador. Então ele, livre e impassível, vive a vida universal e recebe a impressão das recordações da natureza que determinarão mais tarde a configuração de seu corpo e a forma dos traços de seu rosto. Esse tempo feliz podia ser chamado a infância do embrionato.

Vem depois a adolescência, a forma humana se torna distinta e o sexo se determina, um movimento se opera no ovo materno semelhante aos vagos sonhos da idade que sucede à infância. A placenta, que é o corpo

externo e real do feto, sente germinar em si alguma coisa desconhecida que já tende a escapar-se, rompendo-a. A criança então entra mais distintamente na vida dos sonhos, seu cérebro invertido, como um espelho do de sua mãe, reproduz com tanta força as imaginações dela que comunica a forma destas aos seus próprios membros. Sua mãe é para ele então o que Deus é para nós, é uma providência desconhecida, invisível à qual ele aspira a ponto de identificar-se com tudo o que ela admira. Prende-se a ela, vive por ela e não a vê, nem mesmo poderia compreendê-la, e se pudesse filosofar, talvez negaria a existência pessoal e a inteligência dessa mãe que, para ele, ainda não é mais que uma prisão fatal e um aparelho conservador. Contudo, pouco a pouco essa escravidão o incomoda, ele se agita, atormenta-se, sofre, sente que sua vida vai acabar. Chega um momento de angústia e de convulsão, seus laços se desligam, sente que vai cair no abismo do desconhecido. De repente, cai; uma sensação dolorosa o aperta, um frio estranho se apodera dele, dá um último suspiro, que se muda em um primeiro grito; morreu a vida embrionária, nasceu à vida humana!

Na vida embrionária, lhe parecia que a placenta era seu corpo, e de fato, era seu corpo especial embrionário, corpo inútil para outra vida e que deve ser rejeitado como uma imundície no momento do nascimento.

Nosso corpo, na vida humana é como um segundo envoltório inútil à terceira vida e é por isso que o rejeitamos no momento de nosso segundo nascimento.

A vida humana, comparada à vida celeste, é um verdadeiro embrionato. Quando as más paixões nos matam, a natureza tem um parto fora de tempo e nascemos cedo demais para a eternidade, o que nos expõe a essa dissolução que S. João chama de segunda morte.

Segundo a tradição constante dos extáticos, os abortos da vida humana ficam nadando na atmosfera terrestre que não podem vencer e que pouco a pouco os absorve e afoga. Têm a forma humana, porém sempre imperfeita e truncada: a um falta uma das mãos, a outro um braço, um terceiro já tem só o tronco, o seguinte é apenas uma cabeça pálida a rolar. O que lhes impede de subir ao Céu é um ferimento recebido durante a vida humana, ferida moral que causou uma deformidade física, e por essa ferida, pouco a pouco toda a existência se vai.

Logo sua alma imortal ficará nua, e, para esconder sua vergonha fazendo a todo custo um novo véu, ela será obrigada a arrastar-se nas trevas exteriores e atravessar lentamente o mar morto, isto é, as águas dormentes do antigo caos.

Essas almas feridas são as larvas do segundo embrionato; elas alimentam seu corpo aéreo com o vapor de sangue derramado e temem a ponta das espadas. Muitas vezes se prendem aos homens viciados e vivem pela sua vida como o embrião vive no seio da mãe; podem, então, tomar as formas mais horríveis para representar os desejos desenfreados daqueles que as sustentam, e são elas que aparecem sob a forma de demônios aos miseráveis operadores das obras da magia negra.

Essas larvas temem a luz, principalmente a luz dos espíritos. Um raio de inteligência basta para fulminá-las e precipitá-las nesse mar morto que não devemos confundir com o lago Asphaltite na Palestina. Tudo o que revelamos aqui pertence à tradição hipotética dos videntes e só pode ser afirmado diante da ciência em nome dessa filosofia excepcional que Paracelso chamava de filosofia de sagacidade, *philosophia sagax*.

CAPÍTULO IV

O GRANDE ARCANO DOS ARCANOS

O grande arcano, isto é, o segredo incomunicável e inexplicável, é a ciência absoluta do bem e do mal.

“Quando tiverem comido do fruto desta árvore vocês serão como deuses”, disse a serpente.

“Se comê-lo, morrerão”, respondeu a sabedoria divina. Assim, o bem e o mal frutificam numa mesma árvore e saem de uma mesma raiz.

O bem personificado é Deus.

O mal personificado é o diabo.

Saber o segredo ou a ciência de Deus é ser Deus.

Saber o segredo ou a ciência do diabo é ser diabo.

Querer ser ao mesmo tempo Deus e diabo, é absorver em si a antinomia mais absoluta, as duas forças contrárias mais opostas; é querer reunir um antagonismo infinito.

É beber um veneno que apagaria os sóis e consumiria os mundos.

É tomar a veste devoradora de Djanira.

É destinar-se a mais rápida e terrível de todas as mortes.

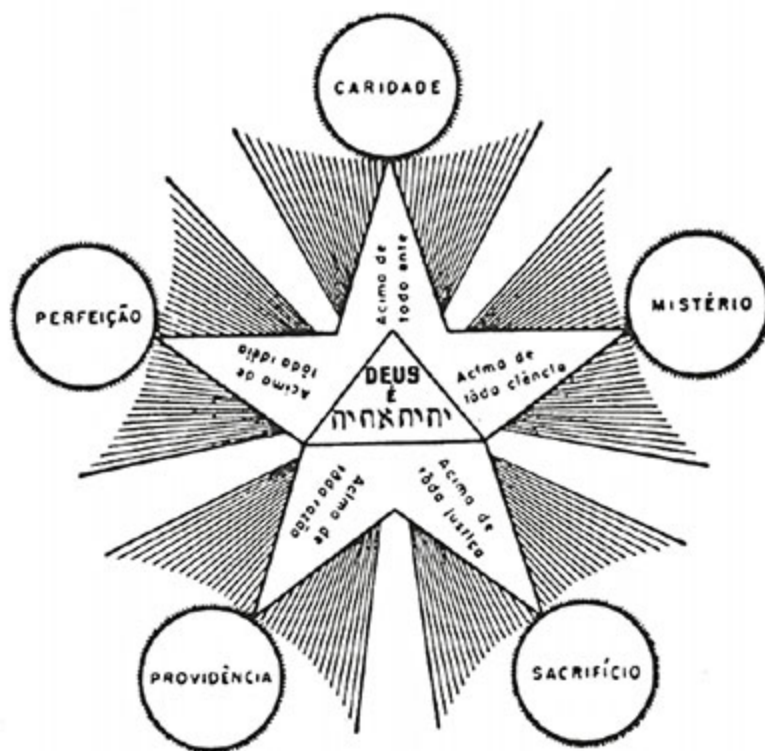
Ai de quem quer saber muito! Porque se a ciência excessiva e temerária não o matar, ela o tornará louco!

Comer o fruto da árvore da ciência do bem e do mal, é associar o mal ao bem e assimilá-los um ao outro.

É cobrir com a máscara de Tifon o rosto irradiante de Osíris.

É levantar o véu sagrado de Ísis, é profanar o santuário.

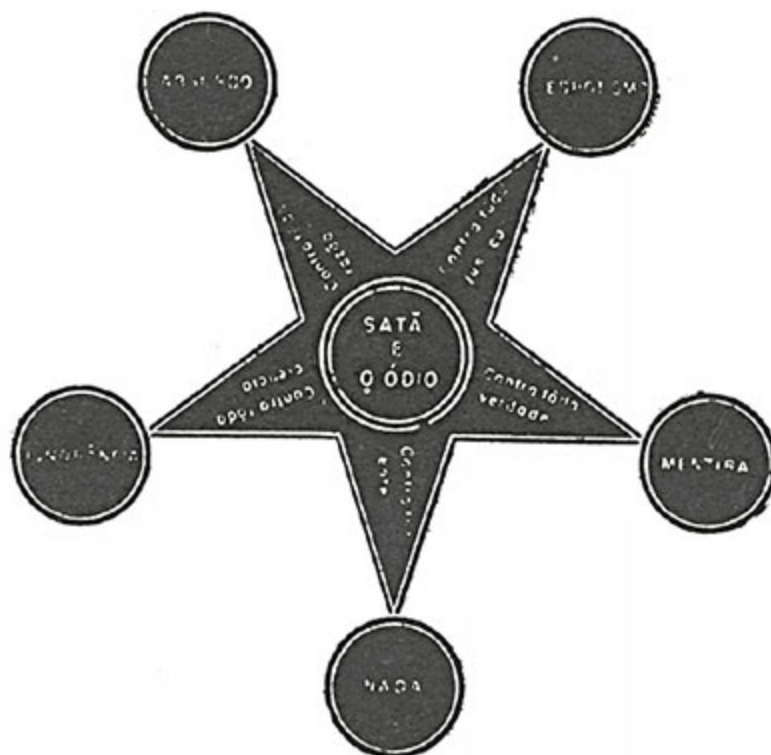
O temerário que ousa olhar o sol sem sombra fica cego e então para ele o sol é preto!



PRIMEIRO PENTÁCULO, A ESTRELA BRANCA

Figura 5

A ESTRELA DOS TRÊS MAGOS



SEGUNDO PENTÁCULO, A ESTRELA NEGRA

Figura 6

A MÁ ESTRELA



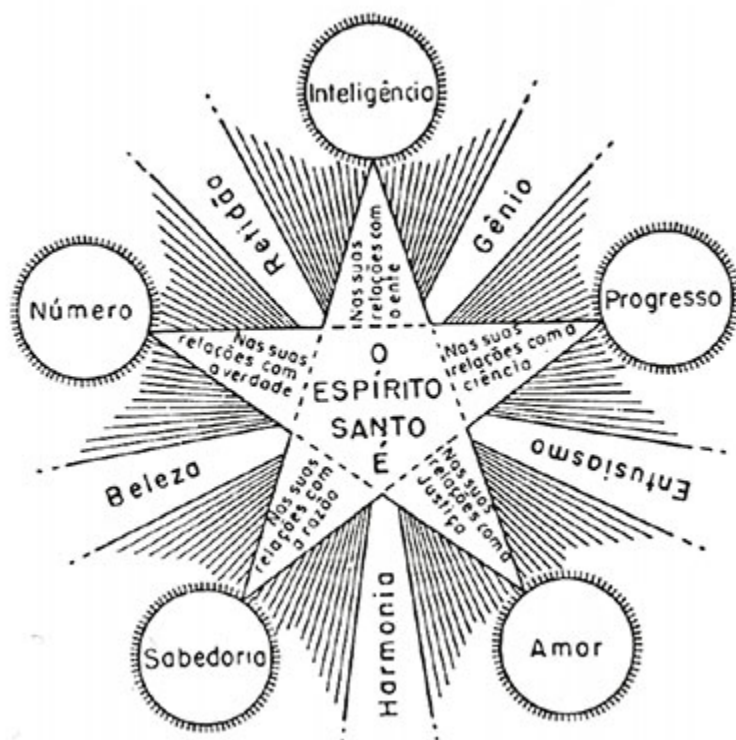
Somos proibidos de dizer mais, porém concluiremos nossa revelação pela figura dos três pentáculos:

Essas três estrelas dizem bastante. Podemos compará-las à que reproduzimos no frontispício de nossa *História da Magia*, e reunindo as quatro, pode-se chegar a entrever o grande arcano dos arcanos.

Resta-nos agora, para completar nossa obra, dar a grande chave de Guilherme Postel.

Essa chave é a do tarô. Veem-se nela as quatro cores: paus, copas, espadas, ouro ou círculos, correspondentes aos quatro pontos cardeais do céu e aos quatro animais ou signos simbólicos, os números e as letras dispostas em círculo, depois os sete sinais planetários com a indicação de sua tríplice repetição, representada pelas três cores, para significar o mundo natural, o mundo humano e o mundo divino, cujos emblemas hieroglíficos compõem os vinte e um arcanos maiores do nosso jogo atual do tarô.

No centro do anel, vê-se o duplo triângulo formando a estrela ou selo de Salomão: é o ternário religioso e metafísico, semelhante ao ternário natural da geração universal na substância equilibrada.



TERCEIRO PENTÁCULO, A ESTRELA VERMELHA

Figura 7

PENTAGRAMA DO DIVINO PARACLETO

Ao redor do triângulo, está a cruz que divide o círculo em quatro partes iguais. Assim, os símbolos da religião se reúnem às linhas da geometria, a fé completa a ciência e a ciência dá razão à fé.

Com o auxílio dessa chave, pode-se compreender o simbolismo universal do mundo antigo e verificar suas notáveis semelhanças com os nossos dogmas. Assim será reconhecido que a revelação divina é permanente na natureza e na humanidade; será percebido que o cristianismo só trouxe ao templo universal a luz e o calor, fazendo descer o espírito de caridade, que é vida do próprio Deus.

EPÍLOGO

Graças lhes sejam dadas, meu Deus, porque me chamou a esta admirável luz. É a inteligência suprema e a vida absoluta desses números e dessas forças que o obedecem para provar o infinito de uma criação inesgotável. As matemáticas o provam, as harmonias o cantam, as formas passam e o adoram!

Abrão o conheceu, Hermes o adivinhou, Pitágoras calculou os seus movimentos, Platão aspirava a Deus por todos os sonhos de seu gênio; porém um só iniciador, um só pôde dizer de Deus: Meu pai e eu somos Um; glória, então, a ele, porque toda sua glória é de Deus!

Ó Pai, bem sabe que aquele que escreve estas linhas lutou muito e sofreu muito; suportou a pobreza, a calúnia, a proscricção odiosa, a prisão, o abandono dos que amava, e, contudo nunca se considerou infeliz, porque lhe restava para consolo a verdade e a justiça!

Só o senhor é santo, Deus dos corações verdadeiros e das almas justas, e sabe se alguma vez me julguei puro diante do senhor; fui, como todos os homens, joguete das paixões humanas; depois as venci ou, antes, o senhor as venceu em mim, e me deu para repousar a paz profunda dos que só procuram e ambicionam ao senhor.

Amo a humanidade, porque os homens, desde que não sejam insensatos, nunca são maus senão por fraqueza ou erro. Amam naturalmente o bem e é por esse amor que Deus lhes deu como apoio no meio de suas provas que devem ser levados cedo ou tarde ao culto da justiça pelo amor da verdade.



Figura 8

A CHAVE DO GRANDE ARCANO

Que meus livros sigam agora para onde sua Providência os enviar. Se contêm as palavras de sua sabedoria, serão mais fortes que o esquecimento; se, pelo contrário, só contêm erros, sei pelo menos que meu amor à justiça e à verdade lhes sobreviverá, e que assim a imortalidade não poderá deixar de receber as aspirações e desejos de minha alma que Deus criou imortal!

ÉLIPHAS LÉVI.

SUPLEMENTO

ARTIGOS SOBRE A CABALA QUE FORAM PUBLICADOS OU DEVIAM SER PUBLICADOS NA *REVISTA FILOSÓFICA E RELIGIOSA*.

Na metade do século XVII, havia em Sevilha um sábio médico chamado Don Baltazar Orabio. Era um homem consciencioso e de uma lógica inflexível; à força de ouvir pregar contra os hereges, de refletir sobre o argumento principal dos controversistas católicos, a unidade da revelação, a autoridade da fé antiga, a temeridade sacrílega dos inovadores, começou a pensar que o judaísmo podia reivindicar para si e aplicar em seu proveito toda a força dessas razões. Estudou então seriamente o dogma israelita e ficou impressionado por encontrar nele tanta simplicidade e grandeza. Tinha ouvido invocar também a autoridade forçosa do martírio. É preciso crer, lhe tinham dito, em homens que se deixam perseguir e degolar por sua crença; e pensou em tantos judeus que a Idade Média tinha despojado, torturado, massacrado e queimado. Ele sentiu-se vencido e enternecido pela perseverança e a coragem desse povo trabalhador e invencível; não soube esconder os sentimentos de que sua consciência se honrava; foi denunciado à Inquisição e preso rigorosamente. As torturas que sofreu durante três anos de prisão foram tamanhas que sua memória ficou abalada, quando ele às vezes perguntava a si mesmo: Sou realmente Don Baltasar Orobio? Contudo, conservou bastante força de vontade para pôr-se num silêncio absoluto em relação a suas convicções religiosas: “Nasci na religião católica”, dizia ele, “e sempre cumpro os deveres que ela exige. Nada mais tenho a lhes dizer”. Saiu, afinal, da prisão, doente, inutilizado; porém, judeu de coração, judeu com uma convicção calma e profunda, judeu como um profeta e um mártir da lei antiga. Desde que pôde iludir

a vigilância de seus perseguidores dirigiu-se a Amsterdã, onde recebeu, com a circuncisão, o nome de Isaac; depois escreveu com muita medida a conveniência dos motivos de sua conversão à religião de nossos pais.

A obra de Orobio é uma das mais curiosas que possam consultar aqueles que se ocupam de religião destituídos de preconceitos e de motivos interesseiros; foi publicada em latim em 1687, com uma refutação teológica de Filipe de Limborch, sob este título *Philippi a Limborch amica collatio cum erudito judeo*. Uma tradução francesa, sob o título de *Israel vingado* feita por um judeu chamado Henriquez (o texto primitivo era espanhol), foi publicada em Paris há dez anos. Os argumentos de Orobio são de grande força. “Como” diz ele, “o Deus de Moisés, que acima de tudo preveniu seu povo contra a idolatria e não permitia aos hebreus esculpir figuras humanas, como pode este Deus fazê-lo responsável de não tê-lo adorado quando ele se mostrou sob a imagem e com todas as enfermidades do homem? Moisés tinha dito: Virá um profeta semelhante a mim; porém, não teria sido acusado de blasfemar contra sua própria lei se tivesse dito: Virá um profeta não só semelhante a mim, mas semelhante a Deus? Um homem que será Deus! Só Deus é Deus, teria respondido Israel numa só voz, e ninguém é semelhante a ele! Como a sabedoria suprema se rebaixaria a jogo de palavras e a promessas enigmáticas para realizá-las num sentido completamente natural contrário à significação natural de suas palavras? Como o rei Salvador prometido a nossa nação seria um condenado pela justiça, morto por ter contrariado os preceitos que Moisés nos dava como invariáveis e eternos? O Salvador prometido a Israel seria aquele em nome do qual Israel devia ser dispersado e entregue entre as nações a uma agonia de dezessete ou dezoito séculos, e isso porque Israel não teria adivinhado o que sua religião inteira parecia feita para encobrir-lhe? Esse Messias devia libertar-nos dos nossos inimigos, e é em nome daquele que vocês chamam Salvador que fomos abandonados a perseguições que revoltarão, cedo ou tarde, a humanidade inteira. Porém, você mesmo foi libertado por ele, quando, pela interpretação de sua lei que cada vez mais você torna ininteligível, vocês se degolaram mutuamente? Diz que o Cristo veio destruir o império do demônio e estabelecer na Terra o reino espiritual da caridade; é nesse sentido que interpreta as vitórias e a realeza prometidas a seu Messias pelos profetas.

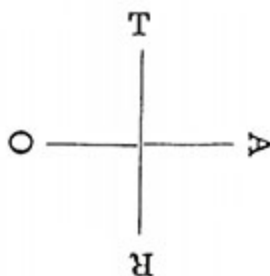
Mas então quem estabeleceu o império do demônio, se não foi você? Fala-se em Moisés, desse fantasma ímpio, tirânico e blasfemador? Satã que se acha designado no livro de Jó, aí aparece no próprio círculo dos filhos de Deus, e recebe do próprio Deus a missão de testar seu servo. Onde encontrará, a não ser no cristianismo, esse dogma espantoso de um imenso reino das trevas e do mal, de um inferno que certamente engolirá, segundo as condições que lhe faz, a imensa maioria dos homens? Qual é, então, entre nós, em última análise, a religião da maioria, isto é, a religião dominante, quero dizer, a verdadeira e única religião? Perguntem ao eco desesperador e eterno cheio de ranger de dentes e de lágrimas! Então é assim que seu Salvador destruiu o império do demônio? Parece, ao nosso ver, que o sentido das palavras em sua teologia é como o de nossas profecias quando os interpreta e que *destruir* significa realmente *estabelecer* ou *criar*, como *salvar* quer dizer *perder*, como *perdoar* e *amar* significam *amaldiçoar* e *levar à fogueira*. Dessa maneira, nós não nos entenderemos nunca, e servindo-nos das mesmas palavras, não falaremos realmente a mesma linguagem.

“No que se refere ao reino da caridade, onde ele está na Terra? Mostrem-no. Ele está em Roma, de onde partem todos os dias excomunhões e maldições? Estava ele no campo oposto dos ortodoxos e sectários, durante os longos horrores de suas guerras religiosas? Estava ele no coração desses cruzados, que, antes de partir para a Terra Santa, levavam às casas israelitas o assassinato, a devastação e a pilhagem? Está ele nas fogueiras da Inquisição? A caridade! Mas onde encontrarão em sua história um lugar para inscrever seu nome entre as manchas de sangue com as quais cobriram suas páginas? Porque não é só contra nós que vocês foram assassinos e algozes; pobres insensatos! Vocês se degolaram e queimaram mutuamente em nome de um Deus de paz, e sob o pretexto de uma religião toda de indulgência e de amor! Oh! Não raciocinem mais sobre as nossas profecias! Digam ousadamente que os satisfaz acreditar sem razão no que querem crer, e que matarão ou porão na prisão os que crerem diferentemente de vocês. Sejam consequentes e de acordo consigo mesmos, propaguem ou defendam seu dogma de excomunhão e do Inferno pelo temor; porém não falem mais de caridade.”

Filipe de Limborch responde ou julga responder aos argumentos apaixonados de Orobio pelas eternas dissertações da teologia escolástica: basta dizer que é aborrecedor e nada prova. Para refutar esse ardente e legítimo adversário do cristianismo, era preciso entrar em sua tática e batê-lo com suas próprias armas. Em que as línguas de fogo do cenáculo são menos críveis que os raios do Sinai? Em que os atormentadores dos judeus foram mais cruéis do que esses apedrejadores de profetas? O batismo cristão não é preferível à sua dolorosa e ridícula circuncisão? E se temos a deplorar entre nós tantas infrações à caridade, nossas faltas os tornam melhores? – Eis o que se podia responder aos judeus em geral; mas a Orobio em particular, podia-se dizer: Você está bem certo de ter chegado à verdadeira religião mãe, a essa crença que concilia para sempre a razão com a fé? O dogma de Moisés é tão simples como você crê, e não encobre absurdos e mistérios? Você está certo, ao menos, de penetrar toda a sua profundidade? Qual é então esse *Schema* incomunicável e inexprimível que é a chave mestra de seu santuário? Que querem dizer esses vasos estranhos, essas lâmpadas bizarras, essas monstruosas figuras de querubins ou de esfinges de corpos de touros e cabeças humanas ou de águia? Que filosofia se encobre sob o conto oriental do Gênese? Que é, portanto, essa mulher atraída a uma árvore pelas seduições de uma serpente? Os hieróglifos do Egito e as pinturas simbólicas da Índia não nos dirão alguma coisa? O profeta do Sinai não era um iniciado de Mênfis? E se, por acaso, seu supremo doutor não fosse mais que um desertor dos antigos templos e um sectário separado de uma antiga e primitiva religião universal, que se tornariam seu *Schemang*, seus *Thephilim*, sua *Meususah* e seu *Schema*? Que se tornaria principalmente seu desejado sinal sagrado, sua deplorável e sangrenta circuncisão? Eis aí, certamente, questões que teriam perturbado na sua tranquila profissão do judaísmo a consciência de Orobio; porém o tempo ainda não era chegado de ousar fazê-las e de compreendê-las.

Já um século antes de Orobio, um homem de uma fé exaltada e de grande erudição tinha achado a chave de todos os mistérios religiosos, e publicava um pequeno livro intitulado: *Clavis absconditorum a constitutione mundi. A chave das coisas ocultas desde o começo do mundo*. Esse homem era um iluminado hebraisante e cabalista; era chamado Guilherme Postel. Julgou ter encontrado o verdadeiro significado do

Tetragrammaton num livro hieroglífico anterior à *Bíblia*, e que denominava *Gênese de Enoque*, para esconder, sem dúvida, seu verdadeiro nome aos profanos; porque, no anel da chave simbólica, cuja figura dá como uma explicação oculta de sua obra singular, traça assim seu quartenário misterioso:



formando desse modo uma palavra que, lida da esquerda para a direita, começando embaixo, dá ROTA, começando em cima, dá TARÔ, e até *tarot*, se, para melhor indicar o círculo, repetir-se no final a letra de começo, e que lido da direita para a esquerda, faz TORAH, o nome sacramental que os judeus dão ao seu livro sagrado.

Comparemos com esse enigma de Postel as sábias observações feitas por Court de Gebelin, no sexto volume do *Mundo primitivo*, sobre um livro dos antigos egípcios, conservado até nossos dias sob o fútil pretexto de um jogo de cartas: examinaremos as figuras misteriosas dessas cartas, cujas vinte e duas primeiras são evidentemente um alfabeto hieroglífico no qual os símbolos se explicam por números, cujo jogo inteiro se divide em quatro dezenas, acompanhadas cada uma de quatro figuras com quatro cores e quatro símbolos diferentes, e teremos o direito de perguntar se o *tarot* dos boêmios não seria o *Gênese de Enoque*, o *taro*, *rota* ou *torah* de Guilherme Postel e de seus iniciadores, os verdadeiros cabalistas hebraico! Se, nessa dúvida, penetramos nas obscuridades sábias do *Zohar*, o grande livro sagrado da alta Cabala, nossas conjeturas se mudarão logo em certeza, ao aprendermos que o iod, décima e principal letra do alfabeto hebraico, sempre foi considerado pelos sábios cabalistas como a figura do princípio das coisas, representado pelo falus egípcio e pela vara de Moisés; que o he,

segunda letra do nome יהוה e a quinta do alfabeto, significa a forma passiva e demonstrativa do princípio ativo, e corresponde ao corpo ou ao cteis dos antigos hieróglifos sagrados; que o vô, terceira letra do Tetragrammaton e sexta do alfabeto, significa gancho, união, atração e corresponde aos sinais hieroglíficos da espada, da cruz e do lingam; enfim que o he, repetido do Tetragrammaton, pode ser figurado pelo círculo que resultaria da superposição de dois corpos, um direito e outro invertido [\[7\]](#). Temos então a chave dos quatro símbolos denários de nosso tarô, o primeiro dos quais representa um bastão verdejante, o segundo um corpo real, o terceiro uma espada atravessando uma coroa e o quarto, enfim, um círculo contendo uma flor-de-lótus.

Resta-nos, para estarmos plenamente iniciados nos mistérios da Gênese de Postel, conhecer bem e compreender a série de ideias teológicas e filosóficas absolutas que os antigos atribuíam aos dez primeiros números. Aqui, Pitágoras se entende com os depositários do segredo de Moisés, pois tiraram das mesmas fontes; e achamos que, no quaternário, os sinais secretos da alta Cabala exprimem exatamente a mesma doutrina que os hieróglifos do Egito e os símbolos sagrados da Índia. – O falus, o cteis, o lingam e a vida, o cetro de Osíris, o copo ou a flor-de-Ísis, o lingam de Hórus e o ciclo de Hermes a verga florida de Aarão, o gomor que contém o maná, a espada dos sacrifícios e a patera das oferendas – o bastão pontifical – o cálice da comunhão, a cruz e a divina hóstia, todos os sinais religiosos correspondem aos quatro sinais hieroglíficos do tarô, que são a explicação hierática das quatro letras do grande Tetragrammaton divino.

O que mais atraiu a atenção de Court de Gebelin por ocasião de sua descoberta do tarô foram os hieróglifos da vigésima primeira folha, que tem como título *O Mundo*. Essa carta, que não é mais que a própria chave de Guilherme Postel, representa a verdade nua e triunfante no meio de uma coroa dividida em quatro partes por quatro flores-de-lótus. Nos quatro cantos da carta, vemos os quatro animais simbólicos que são a análise da esfinge, e que S. João tirou do profeta Ezequiel, como o próprio Ezequiel tirou das esfinges bucéfalas do Egito e da Assíria. Essas quatro figuras, que uma tradição não compreendida pela própria Igreja, dá ainda como atributo aos quatro evangelistas, representam as quatro

formas elementares da Cabala, as quatro estações, os quatro metais, enfim, também as quatro letras misteriosas da TORAH dos judeus, da roda de Ezequiel, ROTA, e do TARÔ, que conforme Postel, é a chave das coisas ocultas desde a origem do mundo. Devemos também notar que a palavra *tarot* se compõe das letras sagradas do monograma de Constantino, um rô grego cruzado por um *tau* entre o alfa e o omega, que exprimem o começo e o fim. Disposto dessa forma, é uma palavra semelhante ao INRI dos franco-maçons, cujos dois I exprimem igualmente o começo e o fim, porque em Cabala o iod e todos os seus derivados são símbolos do fálus e da criação; o começo e o fim expressos assim pela mesma letra dão a ideia de um começo eterno do ciclo divino e nisso o INRI é mais significativo e de mais alta iniciação que o TAROT.

Se compararmos com essas descobertas a forma hieroglífica das cruzes da Igreja primitiva, notaremos muitas outras analogias. Os primeiros cristãos faziam voluntariamente a cruz de quatro segmentos de círculo; vi uma que tinha dez braços que saíam uns dos outros, e quatro rios em seu pé; encontra-se uma cópia na obra latina de Bosius sobre a vitória da cruz. As primeiras cruzes eram sem Cristo, e traziam às vezes uma pomba com a inscrição INRI, para fazer compreender que há um sentido oculto nessa inscrição e que pertence ao Espírito Santo fazer-nos compreendê-la. Muitas vezes também os quatro animais cabalísticos estão nos quatro braços da cruz, que assim se torna um emblema filosófico do quaternário. Chamava-se então *gnose* o conhecimento de todos os mistérios, porém o segredo devia ser inviolavelmente guardado, e as profanações de alguns gnósticos dissidentes fizeram a Igreja oficial perder as chaves cabalísticas de seu próprio santuário.

Os que duvidarem do que afirmamos aqui, podem ler os escritos gnósticos e ortodoxos ainda de S. Diniz Areopagita, de Santa Ireneia, de Sinésio e de Clemente de Alexandria. Porém, sem sair do próprio cânon dos livros sagrados, encontrarão no *Apocalipse* uma clavícula mágica e cabalística completa, que parece ter sido calculada pelos números, os símbolos e as figuras hieroglíficas do tarô.

De fato, encontramos os cetros, as copas, as espadas e as coroas dispostas em números precisos e correspondentes umas às outras pelo denário e o setenário sagrado; aí se encontram os quatro reis das quatro

partes do mundo e os quatro cavaleiros que figuram em nossas cartas; vemos aí a mulher alada, o Verbo em vestes de imperador, depois no de pontífice com várias diademas na sua tiara. Enfim, a chave do *Apocalipse*, que é a visão celeste, é idêntica ao número vinte e um do tarô e nos apresenta um trono rodeado por um duplo arco-íris, e, nos quatro cantos dessa coroa, os quatro animais sacramentais da Cabala. Essas coincidências são no mínimo singulares e dão muito que pensar.

Entusiasmado pelo seu achado, Postel julgou ingenuamente ter descoberto a paz universal das religiões e a futura tranquilidade do mundo. Foi então que escreveu seu *Tratado da concórdia universal*, seu livro das *Razões de ser do Espírito Santo*, e que dedicou aos padres do concílio de Trento, então reunidos, a *Chave das coisas ocultas desde o princípio do mundo*. A carta que lhes dirigiu é curiosa; intitula-se francamente profeta, e declara a esses bispos e a esses doutores que seus anátemas não estão mais em tempo, pois todos os homens devem ser salvos (porque é a consequência que tira da unidade e da perpetuidade da revelação analógica e racional no mundo).

“Eu lhes escrevo”, diz ele, “esta verdade, meus padres, a fim de que cessem de perder pelo anátema aqueles pelos quais o Cristo morreu; pois ele mesmo age em todos e em cada um, ensinando-os pela luz de sua consciência, de modo que, glorificando a verdade, servem a si mesmos de lei. Abram os olhos, meus padres, meus irmãos, meus filhos, e vejam como, por sua imprudência, estão transformando a redenção do Salvador em uma carnicaria da natureza humana! [\[8\]](#). A Sagrada Escritura nunca fulminou com maldições os que se acham afastados dela. Ela promete é verdade, a iniciação a todos, porém diz também: Em toda nação, aquele que faz o bem é agradável a Deus. Não veem, então, que tornam as condições do cristianismo mais intoleráveis que as do judaísmo?”

Os padres do concílio não deram a Postel nem mesmo a honra de atacá-lo. Seu livro e sua carta foram considerados como obra de um louco e ficaram sem resposta. Somente mais tarde, o doutor tendo avançado algumas proposições sobre a redenção do gênero humano que pareceram heterodoxas, fecharam-no num mosteiro. Postel morreu com a convicção que ressuscitaria para fazer os homens compreenderem sua

grande descoberta das chaves do mundo oculto e dos mistérios do Tetragrammaton; pois lhe parecia impossível que tal revelação fosse totalmente perdida para o futuro.

Postel foi feliz por não expiar sua descoberta como um maior que tinha expiado a que fizera dezesseis séculos antes. É certo que os segredos da alta Cabala estavam perdidos para a Sinagoga, quando Jesus Cristo os achou, como o confessa aliás o autor hebreu do *Sepher Toldos Jeschu*. O dogma católico saiu inteiramente da Cabala, mas sob quantos véus e com que estranhas modificações! A pluralidade das pessoas na unidade de Deus saiu das três primeiras letras do Tetragrammaton, – somente tomaram o he pelo filho, a fim de não divinizar a mãe que devia permanecer humana, e que mais tarde conforme as previsões de Postel [\[9\]](#), pareceu absorver em si toda a honra das outras pessoas. No Zohar, vemos a mãe divina, a segunda concepção do Elohim, cooperando na criação, que teria sido impossível sem ela. É ela que acalma e tempera os rigores do iod paternal; é ela que opõe a água ao fogo, e a misericórdia à cólera: “O fogo”, dizem os autores do *Zohar*, “se tinha lançado do iod divino como uma serpente, e ia consumir a Terra em seu abraço, quando a mãe divina (que seu nome seja bendito) trouxe as águas e fez andar as vagas libertadoras sobre a cabeça ardente da serpente”. Aqui, lembrando-nos que Maria, em hebraico, significa o *mar*, ou o *sal do mar*, compreendemos porque é representada com um crescente sob os pés, pois os cabalistas dizem que a Lua é a imagem do cteis divino, do he tetragramático, do poder materno dos Elohim, e não nos admiramos mais dessa glória imensa atribuída a uma simples mortal que, pela sua concepção imaculada, vai além da origem dos tempos. O filho deu a honra de seu nascimento à sua mãe, e a mãe do Filho eterno deve ser eterna como ele. Tudo em nosso culto lembra os números de Pitágoras, o ternário das pessoas divinas, o quaternário dos Evangelhos, o setenário dos dons do Espírito Santo e dos sacramentos, a década sagrada do Decálogo. O duodenário dos patriarcas e dos apóstolos, a criação horrível e maniqueísta do Inferno, fazendo equilíbrio ao céu, não é mais que uma realização exagerada ao binário equilibrante de Zoroastro, figurado na Cabala do Zohar pelos dois velhos, um dos quais é como a sombra do outra, o *Macroprosopo* e o *Microposopo* [\[10\]](#), a sombra da

humanidade velando a Deus, e a luz de Deus iluminando a humanidade, de modo que Deus parece ser para nós o homem do céu, ao passo que o homem é como que o deus da Terra. Assim todos os absurdos aparentes dos dogmas encobrem as altas e antigas revelações da sabedoria de todos os séculos, e é por isso que o cristianismo, enriquecido com tantos despojos dos vencidos, prevaleceu sobre o judaísmo dessecado e empobrecido, que nem mesmo compreendia mais as alegorias de sua arca e de seu candelabro de ouro. Porém, quanto mais belas e preciosas são as riquezas íntimas do dogma universal e cabalístico, tanto mais deploráveis são as interpretações materializadas que fazem hoje desses mistérios. Negar o dogma antigo é coisa fácil; porém, ele refuta a negação pelo próprio fato de sua existência. Que é, portanto necessário para vencer essa esfinge dos tempos modernos? É preciso explicar seu enigma e revelá-lo a si mesmo; é preciso levar todos os espíritos à ciência que dá razão das próprias aberrações da fé, e voltar ao sentimento de uma revelação única permanente e universal na humanidade. Essa revelação é a analogia explicada pelo Verbo, é a natureza falando continuamente à razão, é a harmonia matemática das coisas, demonstrando-nos que a parte é proporcional ao todo, e que o todo, necessariamente indefinido no absoluto, necessita, sem explicá-la, a hipótese do infinito.

É no campo imenso dessa hipótese que a humanidade aumenta continuamente o círculo de seus conhecimentos e recua, pelas conquistas do saber, os limites do reino da fé. Ora, que se torna a fé diante dessa ousadia sempre crescente? A fé é aquela confiança que impelia Cristovão Colombo para frente, quando a América fugia de diante dele; é a crença nas partes desconhecidas do grande todo, cuja existência nos é demonstrada pelas partes conhecidas; vê-se bem que não poderia ser uma negação da razão; vê-se também que o objeto da fé, sendo necessariamente hipotético em sua forma, já que é só a ciência que formula, as definições da fé são uma confusão da ciência e da fé. O verdadeiro ato de fé consiste, então, somente na adesão de nossa inteligência à razão imutável e universal que exclui do império das primeiras causas toda monstruosidade e toda mentira. O ente razoável supõe necessariamente que a razão de ser do Absoluto é a lei; Ele é porque é. O próprio Deus, de qualquer maneira que o suponhamos, não

pode existir sem razão de ser. Só a loucura pode dar por causa à lei imutável uma autocracia pessoal, arbitrária e inexplicável. A supremacia impassível, imerecida e irresponsável de Deus, seria a mais alta das injustiças e o mais revoltante dos absurdos; que é, portanto, Deus para nós? Deus, é a concepção indefinida de uma personalidade suprema. Para as religiões dogmáticas, é outra coisa: para elas, Deus é o primeiro e o último definido do mundo hipotético; porém, cada vez que um Deus é definido é finito, e acima de seu culto e de seus altares aparecem, sempre para as aspirações incansáveis da humanidade o altar ainda sem formas do culto futuro, e a inscrição sem nome que os atenienses tinham colocado no mais divino e mais filosófico dos templos: IGNOTO DEO.

DA RELIGIÃO NO PONTO DE VISTA CABALÍSTICO

O sentimento religioso existe no homem.

A natureza nada faz sem um fim e não cria necessidades sem objeto.

A religião é, por isso, alguma coisa real.

O SER É O SER.

A palavra Deus exprime um ideal desconhecido em si mesmo, porém muito conhecido pelas diversas ideias que os homens formam dele. Acima de todas essas ideias mais ou menos sábias, domina a de uma inteligência suprema e de um primeiro poder.

A ideia abstrata das leis matemáticas que governam o movimento universal, entristece o maior número dos espíritos que, vendo a liberdade humana, por assim dizer, presa numa imensa máquina que seria o universo, acham essa máquina, por maior que seja, inferior ao homem se não tem consciência de si mesma. Aqui para o sentimento universal e a fantasia faz o resto. Uns o fazem unipessoal, outros multipessoal; não deixa, contudo, de ficar estabelecido que Deus é a hipótese muito provavelmente necessária de uma consciência suprema nas matemáticas eternas.

Dizem muito provavelmente necessária para respeitar a liberdade de consciência dos ateus de boa fé; porém a Cabala, que é a mãe das ciências exatas, não admite dúvida quando autoriza uma hipótese; e, partindo da própria existência do sentimento religioso e do nome que

exprime para todas as nações e para todos os homens esse ente invisível infinito, a Cabala, dizemos nós, concluiria claramente pela necessidade de sua existência, porque o Verbo prova o ente, como o reflexo prova o corpo.

O homem só pode conceber a Deus como um homem infinito ou antes indefinido; visto que, onde se tomariam termos de comparação para outra imagem da divindade? Segue-se que tudo o que tende a definir e personificar a Deus cai fatalmente no antropomorfismo e, conseqüentemente, na idolatria.

É por isso que os cabalistas distinguem o ente real de Deus de sua ideia no homem, e só à ideia humana que dão um nome, de Jeová ou de Adonai. Quanto à realidade suprema, e para eles o *no ens*, o inapreciável, indizível, indefinido. Aliás, apreciando como dissemos, as realidades divinas por sua miragem ou sua sombra no espírito humano, pensam que essa sombra ou miragem apresenta todas as noções divinas em sentido inverso, mas que a ciência deve corrigi-las para chegar à harmonia que resulta da analogia dos contrários.

Esse juízo das coisas vulgares, por antítese, é um dos grandes segredos da Cabala e uma das chaves ocultas da exegese. Essa chave é representada por dois triângulos, um direito e outro invertido, que formam a estrela de seis pontas do selo misterioso de Salomão. Cada um desses dois triângulos separadamente representa uma ideia incompleta, e, portanto, radicalmente falsa do absoluto; é a reunião dos dois que é a verdade.

Apliquemos isso à compreensão da Bíblia. Vamos abri-la no primeiro capítulo do Gênese, por exemplo. Aí encontraremos a história da criação do mundo em seis dias. Invertamos o sentido, tomemos a antítese; teremos a criação de Deus em seis noites. Isso necessita ser explicado. Deus, nos diz o Gênese, fez o homem à sua imagem, e a filosofia nos prova que o homem faz também um Deus à sua semelhança. Pois bem, o fato filosófico serviu de base à afirmação teúrgica em razão da analogia dos contrários. O progresso observado no Espírito humano procurando formular Deus, revelou a Moisés, por antítese e por analogia dos contrários, os períodos sucessivos da criação. Em duas palavras, não podendo julgar a Deus senão por sua miragem na inteligência humana, Moisés seguiu todos os contornos dessa miragem e a corrigiu

mentalmente. É assim que chegou à sua cosmogonia pelo estudo da teologia universal.

O primeiro capítulo do Gênese, invertido cabalisticamente, dá um resumo luminoso da teogonia universal e da sua produção progressiva no espírito humano. Isolado, o resumo pareceria irreligioso e representaria a divindade como uma ficção do homem. O texto de Moisés, tomado isoladamente, assemelha-se a uma fábula e inquieta a razão. Porém, unindo-se os dois contrários, e formando a estrela com os dois triângulos, causará admiração o que nele se encontra de verdade e de luz. Cada um pode ler o texto na Bíblia; eis aqui a inversão, ao menos no que se refere ao primeiro capítulo:

A GÊNESE OCULTA – PRIMEIRO CAPÍTULO

“Eternamente a imensidão do Céu e a extensão da Terra fizeram no homem a ideia de Deus.

“Porém, essa ideia era indeterminada e vaga, era uma máscara de trevas num imenso fantasma; e o espírito do homem flutuava em suas concepções como sobre as águas.

O homem disse então: Haja uma inteligência suprema! E houve uma inteligência suprema. E o homem viu que essa ideia era bela e distinguiu o espírito de luz do espírito das trevas, chamou o espírito de luz, Deus, o espírito de trevas, diabo, e fez um reino do bem e um reino do mal. Essa foi a primeira noite.

“O homem disse também: Haja uma separação completa entre os sonhos do Céu e as realidades da Terra! E o homem fez uma separação e dividiu as coisas de cima das coisas de baixo, e assim foi feito. E o homem denominou sua separação imaginária o céu; e houve uma tarde e uma manhã, foi a segunda noite.

“E o homem disse: Separemos, em nosso culto, a massa das nuvens da extensão seca do céu. Deu ao céu sem água o nome de pai; à massa das nuvens o nome de mãe. E o homem viu que isso era belo, e disse: Façamos germinar no céu toda a vegetação dos símbolos em que os dogmas saem uns dos outros, como a semente da planta e a planta da semente.

“Plantemos a macieira edênica de frutos misteriosos e sempre renascentes. E o céu produziu os símbolos como nasceram as plantas e as árvores misteriosas. E o homem viu que isso era belo. Depois houve uma tarde, e uma manhã, e foi a terceira noite.

“O homem disse também: Haja astros místicos no meu céu, e que se dividam a ciência e a ignorância, o dia e a noite! E assim foi; e o homem fez duas divindades esplêndidas: a grande para os iniciados, a pequena para o vulgo, e pequenos deuses numerosos como estrelas. E ele os colocou no exílio de seu Céu para serem os reis da Terra e criar uma distinção entre a ciência e a ignorância, entre o dia e a noite. E o homem viu que isto era belo, e houve uma tarde e uma manhã. Foi essa a quarta noite.

“O homem disse também: Produzam as nuvens dragões voadores e animais fantásticos. E as nuvens produziram monstros para espantar as crianças, e diabos com asas; e o homem os abençoou dizendo: Cresçam e se multipliquem e encham o céu e a terra; e o homem colocou, por sua vez, todos os animais da Terra nos altares. E houve uma tarde e houve uma manhã, e foi a quinta noite.

“O homem, portanto, adorou os animais e os répteis de toda espécie; e tendo visto que isso lhe saía bem, disse: Façamos um Deus à nossa imagem e semelhança, e que seja o rei dos leviatãs mitológicos, dos monstros do céu e dos colossos do Inferno. E o homem criou Deus à sua imagem e semelhança. Ele o fez à semelhança do homem, e o abençoou e lhe disse: Cresça e multiplique suas imagens; eu lhe dou o império do céu e o domínio da Terra. E assim foi; e o homem contemplou o que havia criado, vendo que era magnífico. E houve uma tarde e houve uma manhã; e foi a sexta noite”.

Essa Gênese oculta foi a que Moisés pensou antes de escrever a sua, e eis como teve de raciocinar:

A matéria é a forma exterior do espírito. A inteligência age sobre ela e ela reage sobre a inteligência. A harmonia resulta da analogia destes dois contrários.

No espírito do homem que luta contra a matéria, as leis do progresso são semelhantes às do movimento e do progresso na própria matéria.

Portanto, a criação do mundo fora de Deus deve ser idêntica a da ideia de Deus no homem.

E é assim que, tomando por base numeral o ternário sagrado e sua duplicação, que exprime a sua miragem, Moisés escreveu sua cosmogonia de seis dias, semelhante às seis grandes noites da iniciação humana em todos os mistérios religiosos.

Essa chave da revelação é também a de todas as práticas religiosas e de sua influência sobre as civilizações e sobre os destinos humanos.

Vamos fazer-nos compreender:

Sendo dada a ação do pensamento sobre a forma e a reação analógica da forma sobre o pensamento, devemos concluir que os objetos exteriores agem sobre o homem ou reagem sobre eles. O homem, conforme seu ideal divino, constrói um templo; depois é impressionado pelo templo que fez e não pode entrar nele sem lembrar-se de seu Deus. O ideal vago tomou um corpo, uma forma e se tornou uma realidade visível, palpável para o homem. Dirão que engana a si mesmo? Sim, sem dúvida, em tudo o que a forma exprime de defeitos em seu ideal, mas não em tudo o que realiza de perfeições e verdades.

É assim que a religião fez cultos, e que os cultos fazem a piedade que é a força da religião.

As cerimônias religiosas são práticas de alta Cabala, e a magia, proscrita, não era tão perigosa senão pelo poder de que podia apoderar-se, imitando-as.

A prática é o Verbo em ação. O homem que pratica pertence à doutrina cujos ritos realiza.

Se Juliano abandonou o cristianismo é porque nunca o tinha praticado livremente e é também porque se entregava secretamente às cerimônias do helenismo.

A Igreja tem realmente consciência dessa força, e é por isso que ela se ocupa menos dos sentimentos internos que das práticas externas. Confessem-se, diz ela, e vão à missa; o resto virá por si só.

É certo que os sectários da magia negra evocavam e viam o diabo, dando assim um corpo e uma realidade ao próprio ideal do absurdo. Os atos autênticos dos numerosos processos de magia não nos permitem duvidar disso.

A exaltação que produz a visão é contagiosa e se comunica com a rapidez da eletricidade a todos aqueles que a força de sua razão põe em guarda contra essa influência natural. É assim que se explicam os

fenômenos dos pretensos espíritos da América. Por isso os teólogos sérios estão de acordo em declarar que uma visão nada prova em matéria de doutrina. Essa declaração dos mestres devia pôr o vulgo em guarda contra as revelações sobrenaturais e as profecias fundadas em visões.

O grande e infeliz imperador Juliano teve a infelicidade de crer seriamente em seus deuses, a fé das visões que lhe tinham mostrado Jâmblico e Máximo de Éfeso. Essa credulidade toda judaica ou cristã o colocava à mercê dos entusiasmos novos, mais fortes e mais universais que o dele; foi arrastado e vencido pela corrente.

Contam-nos do rei S. Luís uma coisa que lhe faz elevadíssima honra. Um dia vieram procurá-lo apressadamente para convidá-lo a ser testemunha de um milagre que se operava em sua capela. O Cristo se tinha tornado visível na hóstia e ele tinha manifestado assim sua presença a uma multidão de testemunhas. “Para que hei de ir?”, disse S. Luiz. “Creio na presença real de Jesus Cristo na hóstia, porque não o vejo; porém se o visse, não o creia mais.”

Um milagre público é uma prova de exaltação, e, conseqüentemente, de desrazão coletiva; só produz a fé como a peste produz a peste. A loucura da cruz (essa expressão é de S. Paulo) foi apenas um remédio homeopático para as loucuras orgíacas e luxuriosas do século de Calígula e de Nero. Os jejuns dos estilistas eram apenas a reação racionalmente insensata dos jantares de Cláudio e dos festins de Trimalcion. Santo Antônio protestou contra Petrônio, e o animal imundo que lhe servia de cão era a sátira viva dos costumes romanos da decadência.

Também Sêneca, nos festins de Nero, louvava e invejava muito a austeridade de Diógenes, e Santo Antônio, no seu deserto, sonhava epopeias de embriaguez e depravação, capazes de empalidecer as invenções de Tigellino. A harmonia resulta da analogia dos contrários.

A exaltação é produzida por meios físicos, que são: 1.º a tensão contínua e periódica do espírito; 2.º o jejum; 3.º as representações e as imagens; 4.º a música e os cantos idênticos ao objetivo do entusiasmo 5.º as fumigações e os perfumes. Não devemos nos admirar, pois, que as pessoas piedosas sejam sujeitas a revelações e êxtases. Porém, podemos dizer que pelos mesmos meios se chega à visão intuitiva de Kichatan,

Pimpocau ou Parabavastu, até mesmo do horrendo fantasma que resume todos os falsos deuses: Satã!

Resulta que todos os cultos são essencialmente mágicos;

Que operam por si mesmos a obra religiosa, isto é, a exaltação criadora das intuições da fé, das visões, quer celestiais, quer infernais;

Que são, conforme sua maior ou menor moralidade, um remédio ou um envenenamento para o espírito.

Resulta também:

Que as religiões sem cerimônia são cultos frios e ineficazes;

Que o protestantismo, por exemplo, só pode produzir um entusiasmo raro e isolado;

Que ele é mais uma negação do que uma afirmação religiosa;

Que não possui a chave das profecias, nem a fonte das inspirações, nem a varinha mágica dos milagres;

Que é incapaz de criar a Deus, e, conseqüentemente, nunca produzirá grandes santos.

Vemos por aí quanto se enganam os que sonham com religiões racionais, sem mistérios, sem mitologia e sem sacrifícios.

Sonham com religiões sem religião.

A religião é a criação mágica de um mundo fantástico feito sensível à fé.

É a realização aparente das hipóteses ultraracionais; é a satisfação de uma necessidade maravilhosa comum às mulheres, às crianças e a todos os que se lhes assemelham.

Se a religião católica sofre alguma doença é de ter feito muitas concessões à razão do século XVIII, e ela só vive do que lhe resta ainda de intolerância.

Aqueles que querem humanizá-la, desejam matá-la, e ela percebe bem isso.

Se outra religião deve suceder-lhe, será necessariamente uma religião mais irracional, e portanto, mais forte como religião.

A afirmação religiosa é a antítese da afirmação razoável, e a harmonia filosófica resulta da analogia dessas duas afirmações contrárias.

O cristão, que toma o Céu por sua única pátria, caminha moralmente com os pés para cima e a cabeça para baixo; e é assim que o Céu se torna uma miragem da Terra.

A união da religião e da filosofia deve realizar-se pela sua própria distinção, que lhes permite aliar-se, como os dois triângulos da estrela de Salomão, como o sabre e a bainha, como o cheio e o vazio.

É por isso que o espiritual deve ser a negação do temporal, e que a realeza e a riqueza serão sempre a morte do poder sacerdotal, destruindo o maravilhoso de sua missão e excitando a desconfiança e a inveja dos instintos materiais.

É por isso também que o poder temporal se cobre de ridículo quando quer imiscuir-se no poder espiritual, porque sempre será suspeito de inspiração interessada. Sempre hão de rir-se de um senhor que disser: Deus quer que me obedeçam. Porém que um homem verdadeiramente independente de César diga ao mundo: Obedeçam a César!, darão crédito a esse homem, principalmente se for evidente que ele nada aceita de César.

É pela mesma razão que os padres não podem casar-se e permanecer padres. Ninguém é profeta em sua terra, e as mulheres ciumentas perguntariam a seus maridos a confissão de suas vizinhas.

Os antigos magos eram celibatários. Pitágoras e Apolônio de Tiana se abstiveram de mulheres. O próprio paganismo tinha vestais. O que há de anormal e um tanto insensato no celibato, o torna essencialmente religioso; o mundo o percebe muito bem, pois luta contra o celibato dos padres, porém despreza os padres casados.

Uma coisa estranha! A religião é a mais humana de todas as instituições, e a filosofia é o que há de verdadeiramente divino na vida intelectual da humanidade. A religião é a síntese das paixões: cobiça de um bem infinito, ambição levada até o delírio de uma aspiração deífica, desespero de volúpia não satisfeita que se refugia no êxtase, orgulho principalmente, orgulho imenso, que julga humilhar-se diante de Deus! Orgulho que se acusa de ter ofendido a Deus e perturbado a harmonia dos mundos! A filosofia, pelo contrário, corajosa em sua dúvida, modesta em sua altivez, só crê na experiência e só quer dever ao trabalho. Porém, já o fizemos pressentir, só a religião ou só a filosofia são dois erros. No fundo de uma, há o suicídio ascético e todos os crimes do fanatismo; no fundo de outra, há o desespero do ceticismo e o embrutecimento da indiferença absoluta. A religião e a filosofia, como o *eros* e o *anteros* da mitologia antiga, são feitas para apoiar-se mutuamente

lutando uma contra a outra. Eram necessários os êxitos de Voltaire para estimular o orgulho de Chateaubriand, e sem a *Bíblia enfim explicada*, nunca teríamos admirado o *Gênio do Cristianismo*.

O movimento é a vida, e a lei do movimento impele sempre a opinião para os extremos; porém, um provérbio diz que os extremos se tocam, e os exageros do conde de Maistre diferem pouco dos de Marat. Há ainda quem esteja ao lado de Marat e do conde de Maistre, e entre os dois campos, confundem-se numa mesma estima e numa mesma indiferença, Fénelon, S. Vicente de Paula e Volney. Os homens muito bons e muito fortes estão fora de combate. A verdade é posta em concurso; porém, todos os que a encontram são condenados ao silêncio, porque se não tudo se acabaria.

É por isso, dizia o Cristo, que falo em parábolas, a fim de que olhando não vejam, e ouvindo não entendam; aliás todos se converteriam e seriam salvos.

Portanto, não convém que todos se convertam, ou melhor, mudem ao mesmo tempo seu caminho. Não convém, portanto, que todos sejam salvos, isto é, sejam postos pela iniciação fora da luta dos contrários. Todos são chamados, porém os escolhidos são em pequeno número; isto é, as condições da iniciação são tantas que não podem ser preenchidas senão por um pequeno número de concorrentes num imenso concurso que se renova de tempos em tempos, e durará até a escolha e salvação de todos.

Não é a religião, nem só a filosofia que fazem os iniciados; é a aliança dessas duas luzes reunidas numa só. Depois, os iniciados fazem à vontade e para o vulgo, a religião e a filosofia. Fábulas de um lado, raciocínios temerários do outro, no meio se acham a ciência da fé e a fé da ciência que se abraçam e se unem para governar o mundo. A religião é mulher e é soberana pela poesia e pelo amor. O progresso científico é homem, e deve governar e, se for necessário, defender a mulher pela energia e pela razão.

Aqueles que se colocam no ponto de vista extremo e absoluto de Voltaire, para julgar a religião, devem admirar-se e indignar-se de vê-la ainda protegida e dominante. De fato, a seu ver, não é mais que uma série de mentiras interessadas e de práticas imbecis; mas julgam-na tão mal como Maria Alacoque, se ainda vivesse, poderia julgar as coisas da

ciência, do progresso e da liberdade. Em tudo é preciso ter em conta o que existe.

Que o puritanismo rígido de um filósofo celibatário não compreenda que se façam fábulas para as crianças ou amáveis mentirinhas para as acalmar, que se indigne contra as amas e as mães, a natureza não dará importância alguma à cólera do filósofo; porém, um sábio, deixando liberdade ao sacerdócio feminino, vigiará ao mesmo tempo a escolha das fábulas, se oporá às ficções horrendas, negará a existência do lobisomem e do bicho-papão e impedirá assim que se enfraqueça a razão nascente da criança. Enganar os povos para explorá-los, dominá-los e atrasar-lhes o progresso, impedi-lo até, se fosse possível: eis aí o crime da magia negra; porém, instruí-los progressivamente pelas alegorias do dogma e a poesia dos mistérios, elevar suas almas pela grandeza das esperanças, adquirir-los para a sabedoria por sublimes e engenhosas loucuras, é a arte sacerdotal em toda a sua pureza, é a magia de luz, e é o segredo cabalístico da verdadeira religião.

Uma grande infelicidade aconteceu com o cristianismo. A divulgação dos mistérios pelos gnósticos tendo feito rejeitar a gnose, os povos escolheram ignorantes para dirigi-los; proclamaram a igualdade perante a fé, e os cegos se tornaram condutores de cegos, como o Mestre tinha razão de rejeitar. Que aconteceu? É que as virtudes de baixo sendo quase impossíveis em cima, os chefes do sacerdócio se acharam sem a ciência e sem as virtudes necessárias à sua alta dignidade. Constituíram-se então em castas, para depender unicamente uns dos outros e procuraram restabelecer as antigas provas, porém sem iniciação progressiva; de modo que, para submeter para sempre a vontade do recipiendário, a educação clerical desseca os corações e adormece a inteligência. Daí veem todos os males da religião e, por consequência, da sociedade. É por isso que a palavra dos pregadores é tão fria e tão ineficaz. Como vocês querem que façam amar uma lei que desde sua infância trazem como um jugo? Como falarão eles ao coração, se seus corações se acham condenados a um silêncio eterno?

O sacerdócio atual faz, aliás, esforços desesperados para manter tais como eram outrora os dogmas que o século XVIII desvendou. Não se fazem remendos na roupa de Ísis e as divindades com vestes remendadas não despertam mais a confiança. E o que é preciso é um novo véu, e já a

poesia popular está trabalhando, porque o mundo não permanece muito tempo sem religião.

Dissemos que as práticas são meios de produzir o êxtase, e são os fenômenos naturais do êxtase que o vulgo toma habitualmente por milagres. Estes fenômenos são:

1º A insensibilidade a toda lesão e a toda dor;

2º A visão ou sonambulismo mais ou menos lúcido;

3º A eloquência improvisada e a ciência em infusão pela sobreexcitação e a comunicação direta com o meio comum dos pensamentos dos outros;

4º Uma superabundância fluídica capaz de operar efeitos extraordinários, como a comunicação imediata do êxtase e de todos os seus fenômenos, a cura instantânea de certas doenças, a supressão aparente de algumas leis da natureza, a do peso, por exemplo, como acontece diariamente na América e em outros lugares, quando vemos mesas se levantarem e ficarem suspensas sem ninguém as tocar. Sabemos que fenômenos semelhantes se davam com os convulsionadores do cemitério de Saint-Médard. Mulheres extáticas se elevavam acima do chão: os próprios inimigos do jansenismo o verificaram, porém atribuem o milagre ao demônio, e dão como provas as indecências dessas ascensões aéreas, nas quais os vestuários das mulheres, observam eles (ver as controvérsias do tempo), se elevavam por si mesmos contra todas as leis de física, durante o movimento ascensional do corpo em convulsão. Não prova essa complicação do milagre a presença de um agente natural, de uma força motora posta em atividade pela excitação não só de uma pessoa, mas de um círculo de entusiastas? E se essa força motora existe realmente, se ela pode, em certas circunstâncias, contrabalançar as leis do peso, por que os extáticos e os sonâmbulos não chegariam a andar naturalmente sobre a água? É sempre a natureza que faz os milagres; o fanatismo os explora, a ciência os explica. Pertence à sabedora servir-se deles para a vitória da razão e do progresso.

OS CLÁSSICOS DA CABALA – OS TALMUDISTAS E O TALMUDE

A importância do Talmude, negada sem razão pela ignorância dos cristãos e cegamente sustentada pela superstição do vulgo judaico, se apoia inteiramente nas grandes e imutáveis verdades da Santa Cabala.

O Talmude, cujo nome se compõe do Tau sagrado e de uma palavra hebraica que significa ensino, contém sete partes distintas e que a ciência deve evitar confundir: A *Mishná* ou o Talmude de Jerusalém, as duas *Ghemara* ou o Talmude de Babilônia, os *Thosphata* ou adições, os *Beritchta* ou apêndices, os *Maraschim* ou comentários alegóricos, e os *Haggada* ou narrações tradicionais.

Os talmudistas, redatores dessa obra misturada, pertenciam a três classes de rabinos, cuja autoridade sucessiva conservou, interpretou e comentou os textos primitivos. Eram os *tenaïms* ou iniciados, os *amoraïms* os discípulos vulgares de *tenaïms*; depois vieram os *massoretas* e os *chachamins*, conservadores cegos dos textos, calculadores sistemáticos dos sinais cujo valor absoluto não sabiam, doutores que não viram mais a Cabala a não ser em alguns jogos matemáticos de uma *Gematria* mal entendida e de uma insuficiente *Temurah*.

Entre os judeus como entre os cristãos, as tendências da Igreja oficial ou da sinagoga foram sempre dirigidas para a materialização dos sinais a fim de colocar a hierarquia de influência temporal em lugar da hierarquia de ciência e de virtude. É assim que, antes da vinda do Cristo, a profecia, representando a iniciação e o progresso, tinha estado sempre em luta aberta ou hostilidade surda contra o sacerdócio; é assim que o farisaísmo do tempo de Jesus perseguiu a nova escola esseniana, da qual ele foi o fundador, e se opôs mais tarde aos vastos ensinamentos dos discípulos de *Hillel* e de *Chamai*.

Mais tarde, os *kohanim* foram ainda hostis aos israelitas iniciados da escola de Alexandria, e a sinagoga de – *Chachamins* e dos *massoretas* não deixou em paz os *kohanim* ou excelentes mestres, senão graças a um ocultismo que foi, sem dúvida, uma das raízes secretas das instituições maçônicas durante as sombras da Idade Média. Não é, portanto, à sinagoga oficial que devemos pedir as chaves da alta Cabala e o sentido oculto do Talmude; os representantes atuais da antiga teologia bíblica lhes dirão que Maimônides, essa grande luz de Israel não só não era cabalista, mas considerava como inútil ou perigoso o estudo da cabala. Contudo, Maimônides venerava o Talmude e se assemelhava assim a

esses utopistas em misticismo que rejeitam o cristianismo ao mesmo tempo que adoram o evangelho. Jamais, em tempo algum, as inconseqüências assustaram o espírito humano.

Se o Talmude não fosse originalmente a grande chave cabalista do judaísmo, não se compreenderia nem sua existência, nem a veneração tradicional de que é objeto. De fato, citamos o texto do catecismo israelita que deve fazer considerar por todos os crentes judeus o Talmude como a compilação clássica e autêntica das leis secretas de Jeová reservadas pela sabedoria de Moisés ao ensino tradicional da tribo sacerdotal. Aliás, sabemos que o corpo dessa teologia oculta é positivamente o que todos os iniciados sérios consideram como o conjunto da Cabala. Por isso, a chave dessa ciência, que abre todas as portas secretas e faz penetrar em todas as profundidades da Bíblia, deve adaptar-se a todos os mistérios do Talmude, outra bíblia de convenção, imaginada somente para prova das chaves bíblicas. É por isso que os talmudistas, desejando fazer compreender aos sábios o sentido alegórico de certas passagens evidentemente absurdas dos livros sagrados, aumentam o absurdo e dão como explicação a um texto improvável um comentário perfeitamente impossível. Eis um exemplo deste método:

O autor do livro alegórico de Jó representa a força brutal sob o emblema de dois monstros, um terrestre e outro marinho, que denomina um Behemoth e outro Leviatã. Não é sem intenção cabalística, sem dúvida, que emprega aqui o número dois ou o binário, pois a força bruta sempre faz concorrência a si mesma pelas leis fatais ou providenciais do equilíbrio, e assim como na geração eterna das coisas a harmonia resulta da analogia dos contrários, do mesmo modo nos excessos titânicos da força, a harmonia se conserva ou se restabelece pelo antagonismo dos iguais. Eis o que quis dizer o autor do livro de Jó, eis agora como os talmudistas obscurecem essa ficção.

“Elohim tinha permitido ao mar obter um senhor visível e a terra adquiriu um rei.” – Isso nos lembra a fábula das rãs e da cegonha.

“O mar produziu Leviatã e a terra fez nascer Behemoth de suas entranhas reviradas.

“Leviatã era a grande serpente do mar.

“Behemoth era o *cherub* de chifres imensos. – Daí veio nosso diabo.

“Porém, logo Leviatã encheu de tal modo o mar, que as águas gritaram para Elohim não sabendo onde refugiar-se.

“A terra, de seu lado, se levantava, esmagada pelos pés de Behemoth e despojada por ele de toda vegetação.

“Elohim teve piedade e tirou Leviatã do mar e Behemoth da terra.

“E salgou-os para conservá-los até o banquete do último dia.

“Então os eleitos comerão a carne de Leviatã e do Behemoth e a acharão deliciosa, porque é o Senhor que a conserva e a prepara.”

Onde está Voltaire para rir-se dessa monstruosa salvação, desse Deus cozinheiro e deste banquete consumidor de horrendas múmias! Devemos convir com ele que as alegorias rabínicas chocam muitas vezes o bom gosto francês e a fina flor de polidez literária, que não podia conhecer, nem adivinhar. Porém, que dirão os zombadores, se na fábula do Leviatã e do Behemoth, se lhes fizer compreender a solução do enigma do mal? Que teriam eles a responder se se lhes disser, por exemplo: O diabo do cristianismo representa os excessos cegos da força vital, porém a natureza conserva e mantém o equilíbrio, as próprias monstruosidades têm sua razão de ser e servirão, cedo ou tarde, de alimento para a harmonia universal.

Não temam, portanto, os fantasmas. Tudo o que está acima do homem deve ser mais belo e melhor que o homem; abaixo dele há o animal, e o animal, por mais desmedido que seja, deve ser auxiliar ou o sustento do homem! Crianças medrosas, não temam, então, que o diabo as coma! Sejam homens, e serão vocês que comerão o diabo, porque o diabo, isto é, o espírito de absurdo e de inteligência, não pode estar acima do animal. Eis o que devemos compreender pelo festim final e cabalístico do Behemoth e do Leviatã!



Figura 9

AS SEPHIROTH COM OS NOMES DIVINOS, CHAVE DAS NOÇÕES
TEOLÓGICAS, SEGUNDO OS HEBREUS

Imaginem agora um comentador kahonim ou massoreta, tomando ao pé da letra a alegoria talmúdica dos fatos, discutindo seriamente a realidade literal, provando a existência real do Leviatã e do Behemoth, estabelecendo que a Lua é, por exemplo, o salgadoiro do Pai Eterno, que ele os transportou para lá, após tê-los cortado e enchido de sal, etc., etc., e terão uma ideia de toda a redação do Talmude, de suas luzes veladas e de seus erros ingênuos.

O primeiro Talmude, o único verdadeiramente cabalístico, a Mishná, foi redigido durante o século II da era cristã pelo último chefe dos tenaims, Rabi Hanassi (Rabi-Jehuda-Hakadosch-Hanassi), isto é, Judas, o santíssimo e príncipe. Os nomes de kadosch e de príncipe eram dados aos grandes iniciados da Cabala e se conservaram entre os adeptos da maçonaria oculta e da rosa-cruz. Rabi Jehuda compôs seu livro conforme todas as regras da alta iniciação, escreveu-o por dentro e por fora, como diziam Ezequiel e S. João, e indicou seu sentido

transcendental pelas letras sagradas e os números correspondentes ao *Bereschit* das seis primeiras *Sephiroth*.

A Mishná se compõe de seis livros chamados *Sederim*, cuja ordem e assunto correspondem aos sinais absolutos da filosofia cabalística, como vamos explicar.

Já dissemos que os cabalistas não definem Deus, porém o adoram em suas manifestações, que são a ideia e a forma, a inteligência e o amor^[11]; supõem um poder supremo apoiado em duas leis que são a sabedoria fixa e a inteligência ativa, em outros termos, necessidade e liberdade. É assim que formam um primeiro triângulo concebido:

Kether, *a coroa*

Binah, *a inteligência*

Chokmah, *a sabedoria*

Depois, como uma miragem dessa concepção suprema em nosso ideal, estabelecem um segundo triângulo em sentido inverso. A justiça absoluta correspondendo à sabedoria suprema ou à necessidade, o amor absoluto correspondendo à inteligência ativa ou à liberdade, e a beleza suprema que resulta das harmonias da justiça e do amor correspondendo ao poder divino.

Gedulah

Geburah

O amor

A justiça

Tiphereth

A beleza

Reunindo esses dois triângulos e entrelaçando-os formamos o que é chamado a estrela flamejante ou o selo de Salomão, isto é, a expressão completa da filosofia teológica de *Bereschit* ou da Gênese universal.

É nessa base que Rabi Jehuda estabelece as divisões de sua obra. O primeiro livro ou *Sederim*, correspondente à noção de Kether, tem por

título ZERAM, as sementes, porque na ideia da coroa suprema está contida a noção de princípio fecundante e de produção universal.

O segundo livro corresponde à Sefhira de Chokmah; intitula-se MOED, e trata das coisas sagradas às quais nada se deve mudar, porque representam a ordem eterna.

O terceiro livro, relativa a *Binah*, a liberdade ou o poder criador, trata das mulheres, da família e tem o nome de NASCHIM.

O quarto livro, inspirado por geburah ou a justiça, trata das iniquidades e seu castigo: seu título é NAZCHIM.

O quinto livro corresponde a gedulah, isto é, à misericórdia e ao amor, tem por título KADOSCHIM, e trata das crenças consoladoras e coisas sagradas.

Enfim, o sexto livro, semelhante à Sefhira de Tiphereth, contém os segredos mais ocultos da vida e da moral que a ela se refere; trata das purificações, isto é, da medicina das almas, e traz o nome misterioso de THAROTH OU TAROT, que exprime por si só todo o sentido oculto das rodas simbólicas de Ezequiel e do nome Torá, dado ainda em nossos dias pelos rabinos à Escritura inteira.

Na frente da Mishná, Rabi Jehuda-Hakadosch-Hanassi colocou a tradição dos antigos sábios do judaísmo. São os provérbios e as sentenças dos sucessores de Salomão no estudo da soberana sabedoria:

“Por três coisas”, dizia Simão o Justo, “subsiste o mundo:

“Pelo ensino da lei;

“Os deveres do culto;

“E as obras de caridade”.

Assim, eis aí ainda o triângulo cabalístico, a lei estável, o culto progressivo e a caridade, que é a vida e a razão comum do culto e da lei.

Antígonos disse: “Não sejam como o criado que obedece por causa do salário. Que sua recompensa esteja em sua própria obediência, e que o respeito das coisas superiores lhes seja inerente”.

Isso nada tem de supersticioso e devia ser meditado por um grande número de católicos.

“O dia é curto”, dizia Rabi Tarphon, “a tarefa é grande, e os obreiros são preguiçosos; não ganharão por isso com menos abundância o preço

do dia, porque o mestre responde por eles e supre pela sua atividade a indolência deles.”

“Promessa da salvação de todos; negação ousada do pecado e do mal, responsabilidade da Providência, que exclui a ideia do castigo na necessidade temporária do sofrimento, considerado somente como a agulhão da preguiça dos homens.

Akabiah dizia: “Saiba bem três coisas e não pecará jamais:

“De onde você vem;

“Para onde vai;

“E a quem deve prestar contas.”

Eis aí três coisas que é preciso saber para não mais fazer mal voluntariamente.

Aquele que sabe bem essas três coisas não quer mais pecar; aliás, seria louco.

Aquele que ainda não as sabe não pode pecar; como, efetivamente, faltaríamos a deveres que ignoramos?

Essas são as máximas colhidas pelo mestre Judas o santo príncipe, no frontispício do livro das sementes ou dos princípios universais. Passa depois do alegórico ao positivo e trata da agricultura. Aqui Volney e Dupuis encontrariam o calendário nos mais altos mistérios da religião judaica. E por que, de fato o calendário não entraria? A coroa de Kether não corresponde à coroa do ano, e as festas religiosas não são os florões visíveis desse diadema das crenças elevadas? Porém, a filosofia transcendental do Talmude deixa bem longe todas as superstições das crenças materializadas. “Aquele que diz: Quero pecar, e virá o dia do perdão para absolver-me, torna inútil o dia do perdão, e não será absolvido de suas iniquidades voluntárias”.

“Os pecados”, dizem ainda os talmudistas, “quando são entre o homem e Deus, Deus pode absolvê-los no dia do perdão; porém, quando são entre o homem e o homem, isto é, quando interessam à justiça entre irmãos, só o homem pode perdoá-los, declarando diante da lei que o dano está reparado.”

Isso é magnífico e não necessita comentários.

Tal é a sabedoria que preside às festas de Israel, descritas no segundo livro do Talmude de Jerusalém, tão estreitamente ligado ao primeiro,

pois um trata da cultura dos campos e das almas, e outro do culto de Deus e do calendário simbólico.

O terceiro livro, ou *Sederim*, é consagrado mais especialmente às mulheres e ao princípio fundamental da família. A jurisprudência talmúdica não separa a mulher do homem, e não procura, por questões irritantes de igualdade ou de superioridade respectivas, estabelecer o antagonismo no amor, o que seria negar e destruir o amor; para os cabalistas, a mulher não é igual, nem serva, nem amante, nem associada do homem; ela é o próprio homem, concebido pelo lado afetoso e materno; a mulher possui todos os direitos do homem no homem, e o homem se respeita na mulher. “Que a loucura humana nunca separe, portanto, o que a sabedoria divina se compraz em unir! E infelizes dos que vivem sós!!!”

As questões de emancipação da mulher e de igualdade civil são, de fato, sonhos de mulheres celibatárias, e, diante da lei natural, o celibato é uma monstruosidade.

“Ó alma de minha alma, coração de meu coração e carne de minha carne”, diria com sua ênfase oriental um iniciado aos mistérios da Mishná, “você fala de tornar-se minha igual! Quer, então, tornar-se outra coisa que eu mesmo! Quer arrancar seu coração do meu coração, quer fazer dois do que era um; e, assim como Deus lhe tinha feito da própria carne e osso do meu peito, quer tirar de si mesma sem eu alguma coisa monstruosa para completá-la e me substituir em seu ser! Mas quando você se tornar minha rival em amores, poderá ser minha igual em desolação e tristezas?”

“O altar chora”, dizia um rabino talmudista, “quando o esposo se separa da esposa.”

O quarto livro da Mishná sobre as injustiças e danos é uma compilação de leis civis muito superiores a todos os códigos da Idade Média, e é à fonte dessa legislação secreta que devemos atribuir a conservação de Israel através de tantas perseguições, e sua libertação pela indústria que é o último termo material da civilização e a salvaguarda de todos os direitos políticos, tão penosa e tão completamente reconquistados em nossos dias pelos filhos reabilitados dos antigos párias de Israel.

Os livros intitulados Kadoschim e Tharoth completam, pelos seus detalhes, o conjunto das altas tradições judaicas, e fecham magnificamente o ciclo das revelações de Rabi Jehuda. Há grande distância entre essa bela obra iniciática e os comentários das duas *Ghemara* e a exegese aristotélica de Moisés Maimônides.

Contudo, esse Maimônides era um sábio doutor e até grande homem; porém, ficou prevenido contra as chaves cabalísticas do Talmude pelo horror da superstição e a reação contra o misticismo. Em seu *Moré Newuchim* (o Guia dos Transviados) e nos seus *oito capítulos*, leva às tradições do Talmude às leis vulgares da natureza e da razão, depois no *Jad Hachsaka* (a Mão forte), reúne as crenças judaicas num símbolo de treze artigos, que é uma obra-prima de simplicidade e de razão, mas, contra a vontade do próprio Maimônides, se relaciona de tal modo com os princípios da pura Cabala, que as treze primeiras chaves do Tarô, essa grande roda cabalística, correspondem precisamente, pelos seus sinais hieroglíficos aos treze artigos fundamentais do símbolo de Maimônides.

As associações maçônicas se formaram então e recolheram a tradição perdida pelos judeus e proscritas pelos cristãos, porque o próprio nome e os atributos da maçonaria se referem à reconstrução do templo, sonho universal da Cabala. “O reino do Messias terá vindo”, dizia um dos pais da sinagoga, “quando o povo ficar para sempre livre da opressão dos soberanos da Terra.”

“Não há verdadeiro israelita”, dizia outro mestre, “para o qual o templo não seja um edifício imediatamente realizável, porque ele o constrói em seu coração.”

O templo, era, então, uma utopia social e um símbolo do governo perfeito fundado na hierarquia igualitária de inteligência e de mérito. Os templários, iniciados no Oriente a essa doutrina, eram então, verdadeiros e terríveis conspiradores, que os papas e os reis deviam exterminar para conservar sua própria existência. Depois veio a Revolução Francesa, que confundiu num caos universal as recordações dos *amoraims*, as *esperanças dos joanitas* e as iniciações da franco-maçonaria. O espírito das ruínas tinha soprado, e os reconstrutores do Templo deixaram seus planos, seus esquadros e seus compassos nos escombros.

Contudo, o Templo deve ser reconstruído, e o será; pois a inteligência humana chega, cedo ou tarde, ao seu fim último, e nunca um verbo completo e racional foi proferido e repetido através dos séculos sem criar, cedo ou tarde, uma realização proporcional à grandeza de suas aspirações e à exatidão de seus cálculos.

Saídos da Cabala, o misticismo e o iluminismo são tão antigos como o mundo, porque são a sombra e a repulsão da luz intelectual. A negação absoluta da verdade não constitui a única essência do mal, pois o nada, nada pode produzir, nem mesmo a ação desorganizadora; o mal é a afirmação da mentira, é o disfarce e a mancha da verdade, é o bem pervertido e profanado, é o verbo interpretado por falsários, é a depravação introduzida nas ideias e as leis da geração invertidas na ordem intelectual e moral.

O demônio não é, portanto, o espírito que nega; negar tudo é não ensinar nada; é, por consequência nada fazer. E o que é mais ativo que o espírito do mal? O demônio é o espírito que afirma; porém, mente.

Esta mentira tem como castigo eterno a verdade, que, não podendo iluminá-la, a queima e destrói.

Essa é a razão filosófica do Inferno:

A verdade se assemelha àquela criança viva que era disputada por duas mulheres no tribunal de Salomão. A razão submetida à ordem é a verdadeira mãe; a razão revoltada é a mentirosa que sufocou seu filho e quer apoderar-se daquele que não lhe pertence. O que a atormenta, não é tanto o desejo de ter uma criança como o de privar sua rival da que ela tem. “Não”, exclama ela, “que não seja dada a ninguém, mas o dividam”, isto é, que o matem, pois em última análise toda palavra mentirosa se traduz por uma palavra de morte.

A fé que sucedeu aos sonhos audaciosos da antiga iniciação foi, na humanidade, como a cegueira voluntária desse rei de Tebas que, adivinhando o enigma da Esfinge, tinha violado os mistérios de seu nascimento. O Édipo dos tempos modernos revoltou-se contra a expiação de um crime que cessara de compreender: quis abrir de novo os olhos e o fantasma monstruoso da Esfinge lhe apareceu ainda mais ameaçador e mais terrível. O império da humanidade foi oferecido uma segunda vez àquele que adivinhasse o enigma; era preciso responder à

cabeça de homem e lutar contra as garras de leão; de lá para cá a inteligência era inseparável da força.

Ela sempre o fora, mas o mundo ainda ignorava isso. Os sábios da Índia foram os únicos a ter entrevisto esse mistério, quando, nos períodos sucessivos da criação, faziam da força animal reinante em cada época uma nova encarnação de Vichnu. De fato, onde reinam as forças cegas e puramente naturais, é Deus que as dirige; porém, só uma inteligência superior pode reinar sobre as inteligências.

Coisa estranha! O mundo inteiro, por ocasião do nascimento de Jesus Cristo, pressentia, desejava, pedia um salvador, e o cristianismo foi acolhido por uma hostilidade universal. Tentaram contra a verdade nascente a conspiração do silêncio, depois a do desprezo, enfim, a da calúnia e da perseguição. É que o destino da verdade é vencer sempre e a resistência é o ponto de apoio da força; é que Deus não deixa de ser melhor matemático do que Arquimedes, porém, mais poderoso que esse grande homem, quando quer imprimir um novo movimento ao mundo, sabe onde apoiar sua alavanca.

A incredulidade, ou antes, a ignorância moderna, pode sorrir ao ouvir a palavra Messias e contradizer aqui, desde as primeiras palavras, tudo o que afirmamos. De fato, dirá ela, a humanidade agoniza agora e não mais espera; a terra se esgota em esforços convulsivos e não mais produz; só Charenton pode prometer-nos esse Messias. Que salvador se fará crer, desde que se duvidou do cristianismo?

Duvidaram do cristianismo, responderemos nós porque não o viam caminhar com a ciência. Deixaram-no para seguir esta; porém, que poderiam dizer ao verem que ambos caminharam nas duas metades de um mesmo círculo, e que a ciência nos leva à fé?

O cristianismo ainda não foi, no mundo, senão uma grande promessa, cuja realização nos cansamos logo de esperar. Que querem fazer diante disso? Deus, felizmente, não se cansa e nunca se desmente: ele estará pronto para o dia do pagamento.

A fé é a aplicação ao infinito de uma vontade finita, porém aperfeiçoável. Crer é querer a ciência que ainda não se possui. *Amém!* Quero que isso seja assim. Essa é a palavra que exprime a fé. Os absurdos aparentes do dogma são a resistência que faz da crença uma força. Admitir o que é evidente, não é crer, é consentir.

A vontade é forte nos soldados do progresso como em todos os soldados imagináveis, só quando a inteligência é passiva.

Eis aí por que os chefes do movimento católico formaram exércitos que o mundo incrédulo ainda teme.

Veem que não mais cremos no fantasma do jesuitismo como no da tirania; a humanidade nunca teve opressores e nunca os teria tolerado. Os rebanhos têm carniceiros; os animais, caçadores; os povos, reis; os homens livres, pais, conforme a lei infalível do progresso. Os tiranos foram encarnações dos vícios do povo. Por isso, a população romana idolatrava Nero.

Alexandre Severo e Celestino V eram justos que não puderam conseguir governar, um o Império, o outro a Igreja de seu tempo; a um faltava um povo e um exército; ao outro, um clero e fiéis.

Eis o que explica por que o Salvador não quer que se lancem as pérolas aos porcos: expressões enérgicas que podemos repetir depois dele. Eis aí por que os dogmas se constituíram.

Um dogma é um sinal intermediário entre a luz da ciência e a multidão das vistas fracas, ou se vocês acharem melhor, a vista fraca das multidões.

Eis aí por que, à medida que a vista dos homens se torna mais forte, eles mudam de dogma como nós mudamos de óculos.

Eis aí por que, a letra mata, ao passo que só o espírito vivifica.

O esoterismo excita o espírito do homem à procura da verdade. É o véu do pudor feito para excitar o desejo.

Querer mostrar em público a verdade nua, é querer prostituí-la.

Uma bela mulher que se esconde e se retrai é rodeada de adoradores; caso ela saia à rua provocante e desavergonhada, não mais a olharão.

Deixem à religião seus mistérios, não toquem no véu de Ísis! Não divulguem os segredos de Eleusina, lembrem-se da maldição de Cam.

Se a Igreja, sua mãe, parece dormir com as vestes em desordem, coloquem sobre ela seu manto, caminhando para trás, se for preciso: retroagir assim é avançar.

Quando a filosofia tiver compreendido bem todas essas coisas, será o mais firme apoio da religião; e a religião, por sua vez, poderá não só tolerá-la, mas também protegê-la e abençoá-la.

É assim que a autoridade civil amará e protegerá a liberdade, quando encontrar na própria liberdade sua força principal e seu único ponto de apoio.

Está longe esse tempo? Não; porque a força do movimento intelectual e o curso dos acontecimentos precipitam sua vinda.

Toda ação que não é sustentada por uma reação é um golpe dado no vácuo. Foi necessário o martírio dos apóstolos e a revolta do espírito humano para a Igreja universal do futuro. Em doutrina, em política e até na felicidade, como na dinâmica, só nos apoiamos no que resiste.

Basta, portanto, dizer que não desejamos fazer cessar a antimônia, mas apenas invertê-la, se nos permitirem essa expressão, que já explicamos anteriormente e que exprime bem nosso pensamento.

Ao abraçar-se para se derrubarem, os lutadores se apoiam mutuamente. Cremos que o futuro trará um abraço vivificador entre os que até agora estiveram em guerra.

A filosofia é a prova ou a negação de uma religião, como a república é a procura ou a negação de um governo. Uma república filosófica seria para as massas a organização do caos pelas trevas. A revolta revolucionária e a filosofia só tem força na autoridade que a repele e se apóia nela, porque a revolução não pode ser um governo, do mesmo modo que a filosofia não é uma religião.

Filosofia e república, gênese e apocalipse das religiões e dos impérios, é a vocês que foi reservado retemperar na dúvida e no sangue os poderes de agora em diante reunidos do papa e do imperador.

Em religião, é verdade dizer que a resistência é o pecado; o pecado nega a religião e, contudo, é ele que a torna necessária; o mesmo acontece em política com a revolução e a autoridade.

Filosoficamente falando, o pecado é a vontade humana aplicada ao absurdo, é o sonambulismo da razão.

A virtude é a vontade aplicada à verdade. O malvado quer o mal porque vê o mal. Não devemos amaldiçoar os cegos; porém, é preciso, por bem ou à força, impedir-lhes de se machucarem ou de nos machucarem.

Os patriarcas foram santos pela vontade perseverante do objeto das promessas divinas, isto é, do ideal religioso e social que começava a revelar-se em sua época.

Os apóstolos quiseram o reino do Cristo, e foram mais fortes do que o Império Romano.

É que a verdade na sombra do progresso é o princípio da força. Aprender a querer o que é verdade na ordem do movimento, que é a vida, esse é o dever imposto à humanidade na Terra.

É por isso que pertencerá sempre aos fortes mandar e aos fracos obedecer. Vergonha, portanto, aos fracos, porque a vida é uma escola em que a força é posta em concurso.

Os eleitos serão sempre em pequeno número, porque são em ordem sucessiva os primeiros chegados aos pontos mais altos do progresso; porém, os outros chegarão e serão eleitos por sua vez. Para chegar lá, só há um meio para os que ainda não são chefes, é seguirem os chefes do movimento.

O cristianismo era o plano de um novo mundo, e o Cristo, padre e rei do futuro, era sua pedra angular. Ora, há quase dois mil anos, o mundo antigo acabou de dissolver-se, porém nada se construiu além da pedra fundamental posta pelo cristianismo. Prova isso que o plano evangélico era mau? Pela primeira vez em sua vida, já constituída de muitos séculos, e que talvez começa apenas, a humanidade tem necessidade de um Messias e não mais o espera: não é prova que seu Messias veio e que é necessário que ela se volte para ele?

Voltar, dissemos, não; essa palavra soa mal: a humanidade nunca volta sobre seus passos: é preciso que ela avance até a realização das promessas evangélicas. O que se passou são as interpretações desesperadoras daqueles que proibiam a Deus de ter um reino na Terra; o que se passou é o misticismo supersticioso que paralisava a razão e fazia calar no homem a imagem do Verbo divino. O homem não quer mais crer ao acaso: a intuição de Deus, isto é, a ciência do Absoluto foi prometida aos corações puros, isto é, às vontades retas. O homem tem necessidade de ver a realização das promessas de Deus.

Como? O Verbo criador teria ecoado sem outro efeito no mundo senão o de advertir os algozes e despertar a morte? A verdade encarnada teria rompido para sempre seu poder contra obstáculos de carne, o libertador teria suas mãos para sempre pregadas e nunca despregaria seu pé da cruz para caminhar à frente de seu povo? Então ele teria dito aos que o interrogavam sobre a sua realeza: “É por isso que vim ao mundo”,

e nunca teria senão a coroa de dores com a púrpura e o cetro da zombaria? Não, não será assim. Os judeus que ainda esperam seu Messias, porque querem ver nele a reunião da realeza e do sacerdócio universais, não irão a Jesus Cristo, conforme a promessa dos apóstolos, senão quando o evangelho tiver realizado literalmente as promessas dos profetas, realizando nas ideias e nas formas o reino do Absoluto. Eis aí a esperança, eis aí o desejo, eis aí, direi eu, quase a certeza dos crentes verdadeiramente esclarecidos de nossa época; e sabemos que não é um sonho, porque, após premissas igualmente certas, a conclusão é rigorosa, e esperamos a conclusão das premissas do evangelho.

Tal é o pressentimento religioso que atormenta e apóia no meio de nossas ruínas muitos grandes espíritos e corações nobres. Esse ideal necessariamente verdadeiro do cristianismo realizado, muitos poetas já o cantaram vagamente sem que a multidão tivesse dado atenção aos seus cantos.

O reino de Deus que temos dentro de nós, conforme a palavra de Cristo, é o reino da inteligência e da razão, porque Deus é a inteligência suprema e a razão final de todas as coisas. Deus é o absoluto que reina sem partilhas, e dizer que temos o reino de Deus em nós é revelar no homem a presença e o poder criador e regularizador do absoluto. O homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, e é por isso que o rei-profeta, ao falar aos filhos dos homens lhe dizia: “Vocês são deuses”.

A ciência da religião leva à religião da ciência, e as decisões da autoridade sancionam os decretos da razão, porque a autoridade é apenas a razão coletiva. A superstição, querendo servir-se da autoridade para combater a razão, levava, então, a autoridade ao suicídio. É por isso que um protesto foi feito; porém, ao círculo vicioso de uma autoridade sem razão, o gênio revolucionário quis opor o paradoxo de uma razão sem autoridade. Que os adversários se unam, porque não podem destruir-se, e teremos uma autoridade razoável. Só há isso como possível no mundo. Ora, nos desfiladeiros que só têm uma saída, será preciso ser grande profeta para predizer que todos os que escaparem, sairão por lá?

“Vocês conhecerão a verdade e a verdade os fará livres.” Tal é a grande promessa feita pelo Cristo ao gênero humano nesse evangelho, que há dezoito séculos e meio, ainda não foi compreendido. De fato, a liberdade só pertence à inteligência submissa à ordem e não pode

manifestar-se na vida exterior, se a vida interior não estiver assentada na base imutável do absoluto. Ora, para estar assim fixa, é preciso que a humanidade comungue com o Verbo; será preciso, para nos explicar mais claramente, que o homem, confidente do plano de Deus na obra da criação, aja em seu pequeno mundo que é ele mesmo, como Deus age no grande mundo, que é a sombra e a forma visível de Deus.

Não nos digam que a Igreja oficial reprova ou ao menos não consagra as nossas esperanças; pensamos que a caluniam ou ao menos que não a deixam bastante livre para se explicar sobre este assunto. Desde os primeiros séculos, o messianismo teve seus apóstolos, e o reino temporal do Salvador na Terra foi formalmente anunciado por mais de uma voz profética. A Igreja, condenando os sonhos dos milenários [\[12\]](#), nunca pretendeu restringir o alcance das previsões sublimes e dos ensinamentos admiráveis do evangelista S. João.

O trono do mundo nunca esteve vago: a inteligência soberana sempre foi submissa a ele. Que essa inteligência, cansada do empirismo filosófico, se torne sinceramente cristã, vendo que o deve ser, e o reino de Jesus Cristo será constituído na Terra.

Por que temos agora no mundo uma religião que parece não salvar mais ninguém e uma ciência que não esclarece ou antes, ainda não esclareceu? É que a religião e a ciência caminham uma sem a outra. Se fosse sempre assim, logo a religião nada mais saberia de seus próprios dogmas, que tomaria por absurdos contrários a todos os teoremas da filosofia transcendente, e a filosofia não creria mais em si mesma, porque não teria mais fé. Caminhamos em plena anarquia intelectual e falamos incessantemente de nossos direitos, como se existissem direitos incontestáveis onde a própria base dos deveres é contestada. Digam-nos sobre que princípio os homens de hoje estão de acordo. Perderam tudo e desejam que se lhes deixe procurar livremente. Eis o que se pode dizer de mais forte em favor das doutrinas liberais ou republicanas, porque a república, em si mesma, não é um governo, como o ecletismo não é um dogma. As repúblicas são a infância ou a decadência das monarquias: são a Gênese ou o Apocalipse dos impérios. O regime parlamentar não é o da ordem estabelecida; não discutimos quando temos princípios; discutir é procurar o senso comum, o que prova que ainda não o temos

ou que já não o temos mais. As discussões da tribuna são o ensino mútuo dos povos ainda não emancipados, ou os disparates das velhas aristocracias caídas na infância.

O absoluto é a unidade; o absoluto em filosofia, é a religião esclarecida; o absoluto em ideia é o Verbo humano feito criador pela sua união com o Verbo divino; a absoluto em ciência é a unidade na semelhança das leis criadoras; o absoluto em política, é a unidade do corpo social regido por uma só cabeça.

Dois princípios opostos não são, de fato, mais admissíveis em filosofia do que duas verdades contrárias. Compreendemos em dinâmica a oposição de duas forças; porém, essas duas forças, quando existem, se neutralizam ou se apoiam uma na outra em virtude de uma lei única: a do equilíbrio.

As oposições de cores que parecem dividir a luz são obra dos meios que a refratam: o erro não é mais que uma espécie de refração da verdade e não subsiste mais do que uma espécie de meio raio atraído por uma ilusão de ótica fora da sua direção e de seu caminho: o obstáculo que os nossos sentidos grosseiros e terrestres trazem à manifestação da luz divina não pode adquirir uma aparência senão pelos reflexos tirados dessa luz. O erro não pode, por isso, ser mais que passageiro e relativo. A afirmação absoluta do erro, em teoria, é o absurdo na prática, é a destruição e a morte.

Ora, assim como, no fenômeno da refração, os raios divergentes não poderiam afastar-se do centro como que sem apagar-se e desaparecer atrás do obstáculo, em filosofia e em moral, os desvios da razão humana a deixam impotente e tenebrosa, desde que ela se separe absolutamente do Verbo, princípio de toda verdade. Enquanto essa separação não é feita, os raios divergentes parecem protestar contra o meio que os separam e lutam para reunir-se.

Todas as verdades emanadas da Verdade primeira são irmãs, como os raios de um mesmo sol são irmãos. Deus, pelo ponto central que as reúne, as retém e as impede de precipitar-se no vácuo; poderão ir uma à direita, outra à esquerda, ao atravessar a atmosfera espessa das preocupações humanas, porém fiquem certos que, depois de ter atravessado o obstáculo, em razão de sua afinidade natural, logo se há de vê-las reunir-se.

O erro é o que divide; e Deus, que nem mesmo opõe a verdade à mentira porque, em presença da verdade, a mentira não existe mais do que as trevas diante da luz. Deus deixa os erros se oporem uns aos outros e se destruírem mutuamente, neutralizando-se; eis aí, no Céu da inteligência o que explica as tempestades. Deus não faz guerra às paixões humanas; aliás, ele as aniquilaria com um só olhar; porém, ele as deixa fazer obstáculo mútuo, e é assim que sempre se destrói, pela confusão das línguas, o fantasma titânico de um Verbo oposto ao de Deus.

A verdade não está então empenhada no combate que, desde há tantos séculos, divide e agita as inteligências apaixonadas, como nuvens que se rompem umas contra as outras.

A verdade é a paz, é a ordem, é a serenidade eterna do absoluto. Ela não tem esforços a fazer para atravessar as nuvens que a encobrem: irradia sobre elas e espera que passem.

O Verbo humano não poderia ser oposto ao Verbo divino sem negar a si mesmo, porque assim renunciaria à própria fonte de seu ser e de seu poder; mas também devemos reconhecer que o Verbo divino não poderia absorver e aniquilar o Verbo humano sem dar a si mesmo um desmentido formal e sem destruir seu próprio poder criador.

Como, então, no domínio dos fatos, produziram-se duas afirmações de Verbos contrários? Como Deus e o homem pareceram dividir-se e tornar-se inimigos nessa guerra iniciada, dizem os filósofos incrédulos, pelo fanatismo inquisidor, continuada, como todos sabemos, pelo fanatismo revolucionário?

Aqui, as próprias palavras da pergunta a respondem. De um lado e do outro, de qualquer modo que se tenha produzido e em qualquer medida que se tenha manifestado, o fanatismo foi o erro ao qual devem ficar estranhas a infalibilidade do dogma e a retidão da razão. Platão e Fénelon, Fócion e S. Vicente de Paula se estendem as mãos através dos tempos.

Um erro não vale mais do que outro. Eis aí o corolário dessas demonstrações terríveis. Feita em nome da humanidade, a revolução foi desumana, porque exercida em nome da divindade, a opressão, religiosa ou política, fora ímpia.

A filosofia tem necessidade de ser divina em suas crenças para ser humana em sua moral; e é à força de humanidade que a verdadeira religião prova ao mundo a própria divindade de seu princípio.

Façamos aqui somente esta observação em favor do princípio religioso: a religião sem filosofia aparente produziu S. Vicente de Paula, e a filosofia sem religião positiva apenas produziu Jean-Jacques Rousseau.

Porém, o próprio Jean-Jacques Rousseau teria aspirado, dizia ele, a ser o servo de Fénelon, tanto percebia nessa filosofia submissa que o arcebispo de Cambrai aliava a uma piedade tão sábia, a superioridade sobre a mais orgulhosa e a mais atormentada de todas as razões.

As revoluções e os combates que pareceram opor Deus aos homens e os homens a Deus não eram, portanto, mais que conflitos de erros, acima dos quais as verdades de autoridade e de razão irradiam, inseparavelmente unidas. A Igreja permaneceu santa, apesar dos falsos místicos; a autoridade permaneceu necessária, apesar dos maus senhores; de um lado, e do outro, o princípio da liberdade e da dignidade humana permanece inabalável, apesar dos furores de Marat e das blasfêmias de Proudhon.

Não será por isso a necessidade de religião e de autoridade que protesta no meio dos povos contra os abusos dos poderes, tanto espiritual, como temporal, contra a superstição e a tirania, como é o grito da razão e da humanidade revoltada que levanta os conservadores da ordem religiosa e social contra os escândalos do ateísmo e as desordens da anarquia?

Os homens de ordem e os homens de liberdade, quando são inteligentes e honestos, são, portanto, feitos, principalmente nos tempos em que estamos, para se compreenderem, se aproximarem e se apoiarem mutuamente.

Desse ponto de vista, a religião e a filosofia estão de acordo.

Vamos repeti-lo ainda uma vez: no mundo intelectual e moral, há guerra entre as paixões causadas pelos erros dos homens; mas essa guerra, que já cansa todos os combatentes, não pode fazer mais do que salientar com mais glória a aliança estreita das verdades e a harmonia dos princípios que se confundem na unidade do Verbo e se resumem no absoluto.

O conde Joseph de Maistre, cuja autoridade não será contestada pelos católicos, é talvez de todos os escritores eminentes dos nossos dias o que mais se adiantou nesse caminho. Seu livro DO PAPA demonstra claramente a *necessidade humana* do absolutismo espiritual, para constituir e estabelecer numa base sólida os poderes temporais; e o que há de mais notável é que ela dá este absolutismo como a única salvaguarda possível da liberdade que de Maistre se esforça para relevar a onipotência pontifical, e eis como ele exprime seu pensamento:

“Vimos”, diz ele, “que o soberano pontífice é o chefe natural, o promotor mais poderoso, o grande *Demiurgo* da civilização universal; suas forças, neste ponto, só têm como limites a cegueira ou a má vontade dos príncipes. Os papas não mereceram menos da humanidade pela extinção da escravidão que combateram sem tréguas, e que extinguíram infalivelmente, sem abalos, sem destruição e sem perigo, em toda a parte onde se lhes deixou agir”.

Mais além acrescenta:

“Assim o gênero humano é *naturalmente* em grande parte servo, e só pode ser tirado desse estado *sobrenaturalmente*. Com a servidão, não há moral propriamente dita; sem o cristianismo, não há liberdade geral; e sem o papa, não há verdadeiro cristianismo, isto é, não há cristianismo operador, poderoso, convertedor, regenerador, conquistador e *aperfeiçoador*. Era, portanto, ao soberano pontífice que pertencia proclamar a liberdade universal; ele o fez e sua voz ecoou em todo o universo. Só ele tornou possível a liberdade na sua qualidade de chefe único dessa religião que é a única capaz de abrandar as vontades, e não podia exercer seu poder senão por ele”.

Depois, ao terminar o livro, um dos mais magnificamente escritos e pensados com maior energia em nossa época, exclama, dirigindo-se a Roma:

“Eu a saúdo, mãe imortal da ciência e da santidade! *Salve, magna parens!* Foi você que espalhou a luz até às extremidades da Terra, em toda a parte em que as soberanias cegas não paralisaram sua influência e até a despeito delas. Foi você que fez cessar os sacrifícios humanos, os costumes bárbaros ou infames, os preconceitos funestos, a noite da ignorância; e em toda parte em que seus enviados não puderam penetrar,

falta alguma coisa à civilização. Os grandes homens lhe pertencem. *Magna virum!* Suas doutrinas purificam a ciência desse veneno de orgulho que a torna sempre perigosa e às vezes fatal. Os pontífices serão logo universalmente proclamados agentes supremos da civilização, criadores da monarquia e da unidade europeias, conservadores da ciência e das artes, fundadores, protetores natos da liberdade civil, destruidores da escravidão, inimigos do despotismo, infatigáveis sustentáculos da soberania, benfeitores do gênero humano”.

Eis aí que magnífica ideia formava dos deveres de um soberano pontífice o infatigável defensor do papado.

Digamos agora que o papado deve perecer ao realizar fielmente esse programa.

Ele o fará quando o dogma, retemperado em sua fonte, se esclarecer com os esplendores da Cabala.

Os judeus, nossos pais, esse povo de trabalhadores e de mártires, é a casa de Israel que espera sua hora; os livros ocultos da verdadeira ciência também esperam a hora das nações.

Israel nos salvará a nós que o crucificamos como ele crucificou nosso Salvador.

Uma paixão terá expiado a outra, porquanto a opressão de um povo é uma espécie de deicídio.

Nós nos lembraremos, então, que Jesus Cristo nasceu, viveu e morreu israelita, e que se os judeus não o tivessem repellido e desprezado, em vez de cristãos, só teria havido israelitas na Terra.

PEÇAS JUSTIFICATIVAS E CITAÇÕES CURIOSAS

UMA PROFECIA E DIVERSOS PENSAMENTOS DE PARACELSO

A profecia de Paracelso, cujo prefácio traduzimos aqui, se compõe de trinta e dois capítulos, com sinais alegóricos. É o monumento mais admirável e a prova mais incontestável da realidade e da existência do dom de profecia natural.

*

* *

PREFÁCIO DA PROGNOSTICAÇÃO

DO DOUTOR TEOFRASTO PARACELSO

Discorrendo um dia sobre a curiosíssima investigação das coisas celestes, enquanto esquecemos as realidades humanas e a terra em que nossos pés pisam, Sócrates exclamou: “O que está acima de nós não existe para nós!”, querendo dizer com isso que uma tímida e supersticiosa consideração do Céu é vã, inútil e perigosa. Pode, de fato, acontecer que, advertido pelo perigo de sua razão, um sábio se afaste desse estudo. Aliás vemos em toda a parte, dos diálogos de Platão, Sócrates louvar a moderação e o equilíbrio em tudo. É assim que a palavra desse grande filósofo deve ser compreendida, pois não podemos supor que caluniava a astrologia, se era, conforme o testemunho de

Platão, um astrólogo maravilhoso! Não quero fazer aqui a apologia de uma ciência honrada por tantos sábios; direi apenas uma palavra: é que não existe uma arte que se possa chamar tão justamente divina em sua fonte, sua tradição e sua teoria. Leiam Moisés, e ele lhes dirá por que Deus colocou no firmamento o Sol, a Lua e as estrelas, regras e medidas dos dias, dos tempos e dos anos: o que inspira a S. Paulo o elogio desses sábios do mundo que, nas coisas visíveis, acharam e reconheceram seu invisível Criador. É verdade que depois os critica por não tê-lo honrado mais que as criaturas. De fato, Deus quer que sejamos atentos às leis dos elementos, com o intuito de elevar-nos da obra ao seu autor, para conhecê-lo e adorá-lo, já que todas as aparências e todas as formas materiais não são mais do que máscaras e envoltórios que deixam adivinhar os segredos mais íntimos da natureza. Assim foram encontradas essas ciências magníficas, assim nasceram essas artes maravilhosas que nos fazem descobrir nas raízes, nas pedras e até nos homens poderes ocultos ao vulgo e revelados somente à sagacidade desses sábios chamados por Hesíodo e por Homero Αλφισταζ e Μερσπζ, isto é, os grandes investigadores.

Contudo, nada vamos atribuir de mais à inteligência humana. Há uma sabedoria divina que desce do Pai das luzes, conforme o texto de S. Jacomo. Deus nos deu os caracteres que formam as letras; atribui-lhes a expressão de todos os sentimentos da alma. Por elas, podemos falar; e por elas, como por um instrumento divino, ele nos transmite e nos ensina cada dia os segredos de todas as ciências.

Deus tendo assim adaptado ao uso do homem as maravilhas da criação, estabeleceu desde o começo uma escola de iniciação a essa sabedoria que nem todos devem compreender. Nela aprendemos cuidadosamente as coisas ocultas à multidão. Assim, o pescador tira do fundo do mar suas redes cheias de peixes que nunca viu; assim os metalurgistas e os escavadores podem extrair massas de ouro e prata das profundezas da terra em que os olhos nunca penetraram. Eis aí como, na escola da natureza, Deus nos ensina e nos põe à vista coisas completamente desconhecidas. Assim nada há oculto que não deva ser revelado e trazido à luz, quer sob o firmamento do céu, seja no mar ou na terra; tudo deve ser esclarecido por esses grandes investigadores de

que lhes falei. Agora esses homens, que se tornaram célebres fazem correr de boca em boca seus nomes imortalizados, pois esclareceram de algum modo a natureza, e sua memória nunca deve apagar-se. A musa nunca abandona à morte a herança da glória. É pelo gênio que somos vivos; todo o resto são atributos da morte. Por isso, conforme as nossas forças e o dom da Providência, quisemos acompanhar esses nobres ceifadores e explicar ao mundo as ameaças da natureza e dos astros, para um período futuro que deve durar quarenta anos, a fim de que os homens se achem avisados, aprendam a temer a Deus e se preparem para o castigo futuro dos grandes crimes. É impossível exprimir até que ponto toda carne corrompeu seu caminho. A anarquia está em toda a parte, a Terra e o Céu são confundidos, e se Deus não abreviasse os dias de sua cólera, nenhuma carne poderia ser salva. A vida desordenada de meu tempo é o que me determinou particularmente a estudar com cuidado os astros. Ora, existem sinais no Sol, na Lua e nas estrelas, que anunciam a vinda próxima do juízo de Deus. O machado está ao pé da árvore, o sangue corre sobre o sangue e, como diz o profeta, ninguém dentre os homens se incomoda com Deus, não há um que o procure. Porém, os profetas e os evangelistas têm agora a missão de nos chamar à caridade, à concórdia e à unidade; a unidade está na tríade divina, e a tríade se resume na unidade: é assim que, nas sociedades humanas, a unidade, a paz e a tranquilidade devem realizar-se. Quando a unidade se rompe, a pluralidade dos poderes engendra imediatamente a discórdia e a guerra; há tantas opiniões quantas cabeças e cada qual quer fazer triunfar a própria: desde então não é mais possível a harmonia; na unidade está o repouso com a abundância da paz. Oh! como é bom, como é delicioso que irmãos permaneçam na unidade!, exclama o profeta Davi. A unidade é a felicidade de todas as criaturas. Os céus só têm uma lei de movimento e de harmonia; a Terra só tem uma lei para produzir: é a do amor, e ela sempre dá o fruto no devido tempo. Tudo obedece à unidade, exceto Satã e o homem. O homem, entretanto, é suficientemente avisado pelos sinais do céu, pelo Sol, pela Lua, pelas estrelas... Mas que lhe adiantam esses avisos? Por isso é ameaçado de um fim repentino e próximo. Feliz daquele que não está assentado na cadeira da mentira e que não caminha conforme o conselho da

impiedade! A visita de Deus está próxima. O braço vingador pesa sobre nós; cada qual sente vir infelicidades que não poderá evitar.

Quem então, lutará contra Deus? Ninguém se insurge impunemente contra o aguilhão. O Deus dos exércitos é o Deus forte, o Deus zeloso, que cobra tributo da iniquidade dos pais, nos filhos, até *a terceira e a quarta geração*. Opor-se a Deus, que loucura! Gigantes temerários que queriam destronar Júpiter e foram destruídos pelo raio! É tempo de mostrar aos homens sua demência, e é o que faremos por trinta e duas figuras inteligíveis para um pequeno número de escolhidos. Vimos a iniquidade completa dos amorreus enviar sua blasfêmia até o céu; porém quando as coisas são levadas ao extremo, o arco muito tenso se rompe, e os homens são levados por uma lei fatal para uma extremidade contrária, depois o equilíbrio se faz quando o movimento diminui. Assim, de crime em crime, a corrupção gastará a si mesma e quem poderá entristecer-se? Eis que vem a salvação das multidões e a redenção vencerá o reino do mal. Quem não seria impaciente de ver dias melhores em que a unidade nos será restituída e viveremos em paz sob um só pastor? Então não haverá mais tormentos, não haverá mais injustiças, o bálsamo descerá sobre a barba venerável do sumo sacerdote; a bênção, a luz, a gratidão para com o céu, se espalharão por si mesmas sobre os filhos da unidade!

O orgulho se tinha tornado odioso até no céu, e os anjos fiéis não choraram a queda de Lúcifer; subscreveram a sentença divina. Não nos aflijamos, portanto, se Deus abre hoje seu Inferno sob os pés dos soberbos. Regozijemo-nos antes, porque o juízo começou na casa do próprio Deus, e daí se espalhará sobre toda espécie de orgulho injusto. Nossa predição não tem outro fim senão revelar, como dissemos, as ameaças do Céu contra as cabeças insolentes. Deus quer, enfim, vingar seus filhos que são oprimidos, quer arrastar para baixo os poderosos, elevar os humildes... Porém isso é apenas o começo dos sofrimentos. A grandeza do mal ainda não se revelou, ela se revelará, e com ela se manifestará uma força que impedirá o justo de ser seduzido e arrastado na ruína dos perversos.

Dizemos que ninguém será designado em nossa profecia. Deus conhece aqueles que resolveu castigar, os homens não os conhecem, mas sentirão mais facilmente a justiça os atingir, do que nós com a nossa

sagacidade humana a procurá-los e adivinhá-los. Tudo nos é encoberto e, contudo, se revela a nós. A Cabala, sempre velada, nunca pronuncia oráculos sem mistérios e é dela que, como dizem, vem a astrologia. Deus cega os olhos e endurece o coração daqueles que prometeu à sua vingança, porque não quer mais salvá-los.

Ao terminar este prefácio, peço a todos os que me lerem que simplesmente interpretem as minhas palavras e não procurem personalidades sob os meus emblemas.

Que conservem seu espírito livre de todo pensamento de ódio, de temor ou de inveja. O acontecimento cairá certo e então se reconhecerá quem estava destinado.

Sei que muitos outros trabalharam no mesmo sentido, não desprezo sua ciência, nem seus esforços, pelo contrário, eu os animo. Vejo a morte pairar sobre muitas instituições monásticas; porém, se os homens quisessem ser sábios e voltar-se para Deus, Ele é misericordioso e bom e se deixa abrandar pela perseverança das preces.

Não atribuímos aos astros um poder fatal, eles nos impelem por sua influência, mas se o Senhor quiser, ele pode mudar tudo. Josué orou e o Sol parou para deixar-lhe concluir sua vitória. Ezequias orou e a sombra parou no movimento do Sol. Elias orou e o Céu fechou-se. A prece contínua do justo é onipotente. Aqueles, portanto, que quiserem conjurar a ameaça só têm a arrepender-se, orar, viver com sabedoria e sobriedade. Deus nosso pai nos dê essa graça por seu Filho muito amado e em seu Espírito Santo. Amém.

Depois deste prefácio começa uma série de figuras.

A primeira representa duas mós de um moinho, as duas forças do Estado, a popular e a aristocrática; porém, a mó popular é atravessada por uma serpente que tem um feixe de varas na goela, uma mão armada de espada sai de uma nuvem e parece dirigir essa serpente que derruba a mó por cima da outra.

A segunda representa uma árvore morta cujos frutos são flores de lírio e o texto anuncia o exílio da família do qual os filhos são emblemas.

Mais longe a mó popular cai sobre uma coroa e a rompe.

Mais adiante vemos um bispo mergulhado na água e rodeado de lanças que o impedem de sair à margem. No texto está escrito:

“Você saiu de seus limites, agora pede a terra e ela não lhe será dada”.

Depois vemos uma águia pairando sobre o Bósforo, onde o sultão parece afogar-se, e está águia não é de duas cabeças, não é preta, o que exclui a Rússia e a Áustria.

Talvez não seria prudente publicar o resto no momento atual. Os curiosos poderão consultar o livro latino impresso sob este título: *Prognosticatio eximii doctoris Theophrasti Paracelsi* que deve achar-se nas bibliotecas públicas.

Possuímos dois exemplares, um manuscrito e outro fotografado conforme um exemplar impresso do século XVI.

A GERAÇÃO DOS ESPÍRITOS DO AR [\[13\]](#).

Lemures gignuntur per deperditiones aestaticas spermatis et sanguinis menstrualis.

Sunt ephemerici et maximi mortales. Constant aere coagulato in vapore sanguinis vel spermatis, et quasi bullâ quae si ferro frangatur perit anima imperfecta lemurum.

Quarantur simplices et credulos, fugiunt autem et doctos et ineptos insolentes ebriosos, etc.

Timidi sunt et fugitivi sicut aves coeli et semper mori reformidant, quia bulla aeris est vita eorum et statu facile corrumpitur.

(PARACELSO).

*

* *

O RESPIR ASTRAL

Os astros respiram sua alma e atraem o sopro uns dos outros; a alma da Terra se desprende em nós e formula assim o pensamento e o verbo da humanidade. A parte prisioneira dessa alma é muda, porém sabe os segredos da natureza. A parte livre não os sabe mais, porém fala e deve reconquistar a ciência.

As almas se enganam muitas vezes na manifestação externa de sua vida; nunca no sentimento interno que têm, e só passamos da felicidade vegetativa e presa à felicidade livre e viva, mudando de ambiente e de órgãos: daí vem o esquecimento que precede o nascimento e a recordação vaga que forma as intuições.

(PARACELSO).

Todo homem é dominado por um ascendente astral cuja direção é indicada pelas linhas da vida e da morte. É agindo sobre esse ascendente astral que se pode enfeitiçar; as cerimônias são apenas um meio de produzir o contato astral simpático.

O ascendente astral é um duplo turbilhão que produz as atrações fatais e determina a forma do corpo astral. Os maleficientes tornam seu ascendente agressivo e o exercitam em perturbar os outros.

(PARACELSO).

O ascendente foi adivinhado por outros magistas, que o chamaram turbilhão. É uma corrente de luz astral produtora de um círculo de imagens e, conseqüentemente, de impressões determinadas e determinantes. O ascendente de um é contido e determinado pelo do outro, enquanto um não absorve o outro e não o arrasta em seu turbilhão. Conhecer o ascendente de uma pessoa é dominá-la totalmente, e esse conhecimento pode ser adquirido pela substituição mental de nós mesmos à pessoa cujos segredos desejamos saber.

Paracelso dá o nome de *flagum* ao reflexo das ideias na luz ascendente.

*
* *

O inferno é a matriz do macrocosmo.

(PARACELSO).

Que é o diabo, considerado como um algoz único responsável no governo de Deus?

“É o ideal encarnado da covardia e do medo.”

Que é o medo?

“É a apreensão da ignorância em presença do desconhecido”.

O medo é respeitável?

“Sim, quando produz o remorso”.

Que é o remorso?

“São as angústias do medo, que punem a fraqueza de ter tentado as obras da força”.

*
* *

RESUMO DA PNEUMÁTICA CABALÍSTICA

A alma é uma luz vestida; essa luz é tríplice:

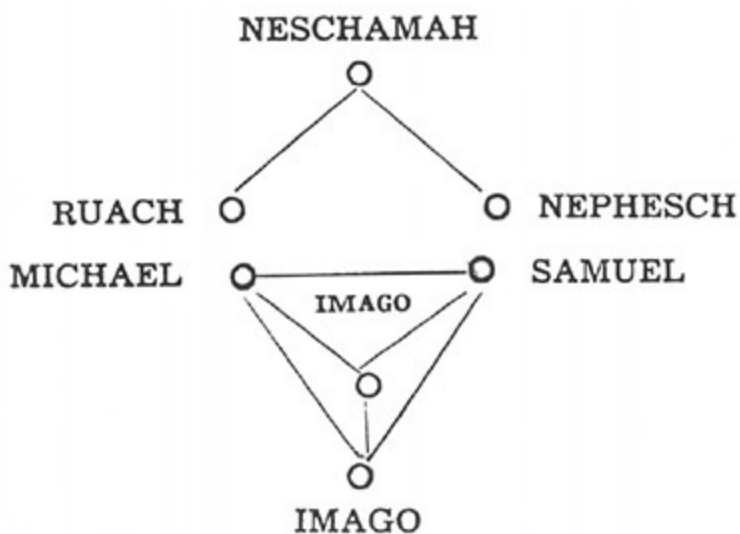
Neschamah – *o espírito puro*;

Ruach – *a alma ou o espírito*;

Nephesch – *o corpo energético*.

O vestuário da alma é a casca da imagem.

A imagem é dupla, porque reflete o bom e o mau anjo.



PNEUMÁTICA OCULTA

Nephesch é imortal e se renova pela destruição das formas;

Ruach é progressiva pela evolução das ideias;

Neschamah é progressiva sem esquecimento e sem destruição.

Ha três lugares para as almas:

O foco dos vivos;

O Éden superior;

O Éden inferior.

A imagem é uma esfinge que estabelece o enigma do nascimento.

A imagem fatal dá a Nephesch suas aptidões; porém, Ruach pode substituir-lhe a imagem conquistada conforme as aspirações de Neschamah.

O corpo é o molde de Nephesch, Nephesch o molde de Ruach, Ruach o molde do vestuário de Neschamah.

A luz se personifica revestindo-se, e a personalidade só é estável quando o vestuário é perfeito.

Essa perfeição na Terra é relativa à alma universal da Terra.

Há três atmosferas para as almas.

A terceira atmosfera acaba onde começa a atração planetária dos outros mundos.

As almas feitas para a Terra partem então para outra estação.

Depois de ter percorrido os planetas, vão ao Sol.

Depois passam a outro universo e começam sua evolução planetária de mundo em mundo e de Sol em Sol.

Nos sóis, elas se lembram, e nos planetas esquecem.

As vidas solares são os dias da existência eterna, e as vidas planetárias são suas noites com os sonhos que as acompanham.

Os anjos são emanções luminosas, personificadas não pela prova e a encarnação, mas pelo reflexo e a influência divina.

Os anjos aspiram a fazer-se homens; um homem perfeito, um homem-deus, está acima de todos os anjos.

*

* *

As vidas planetárias se compõem de dez sonhos de cem anos cada um, e cada vida solar é de mil anos: é por isso que se diz que mil anos diante de Deus são como um dia. Todas as semanas, isto é, todos os catorze mil anos a alma se refaz e descansa no sono jubilar do esquecimento.

Ao seu despertar, ela esqueceu o mal e se lembra do bem; é para ela um novo nascimento, ela começa uma nova semana.

Os espíritos são de duas classes: os dominados e os libertos.

Os dominados são os menores da humanidade; são sagrados porque são irresponsáveis. Os livres são encarregados deles e respondem por eles.

Os irresponsáveis sofrem, só os justos expiam.

Matar um malvado é matar um louco; é por isso que o assassinato de Caim é um crime sete vezes maior que o de Abel.

Quando uma criança quebra as vidraças, é o pai que deve pagar.

Só os responsáveis são livres, os irresponsáveis não podem ser.

Os responsáveis têm à sua disposição todos os meios coercitivos para impedir os irresponsáveis de fazerem mal.

Os castigos são correcionais. A morte não é um castigo: é o supremo perdão e a libertação definitiva dos incorrigíveis.

*

* *

O culpado não expia, sofre; para expiar, é preciso ser inocente.
Piaculum expiatio: obra de piedade.



Tudo é substância e movimento; a substância é luz positiva e negativa.

O movimento é igualmente duplo e equilibrado.

A sombra é a luz negativa.

A luz é etérea, gasosa, fluida, salina, sulfurosa, mercurial, metálica e vítrea conforme as combinações do movimento que produz o calor, a ignição, a fusão, a metalização e a cristalização.

A natureza tem dois polos em seu eixo, um de enxofre e outro de vidro.

*

* *

TEORIA DO G... A ...	ESTAR COM	{ A Providência de Deus. Luz. Movimento. Criação.
	SABER	{ A verdade do mistério, da vida, no espírito visível, pela gravitação universal.
	QUERER	{ A justiça pelo sacrifício à harmonia e ao progresso da liberdade.
	OUSAR	{ Na proporção da fé cega, para o equilíbrio do corpo, modificável pela ponderação.
	CALAR	{ Sobre a realidade do dogma, ação da alma aperfeiçoável pelo antagonismo.

A ESFINGE

Correspondência de suas formas

Ser.	Inteligência.	Homem.
Vencer.	Luta.	Leão.
Criar.	Trabalho.	Touro.
Reger.	Religião.	Águia.

Como observa Paracelso:

Quando o ar comprimido passa repentinamente do quente para o frio, a parte úmida do ar se condensa imediatamente em vapores.

Quando o ar é comprimido por uma aglomeração elétrica, e se tira a eletricidade por meio de uma ponta metálica, produz-se uma viva faísca e depois todas as aparências de uma espessa fumaça. Basta para isso que

a ponta tenha dividido um *nó* de luz astral coagulada por uma larva. (Esse fenômeno produziu-se ainda ultimamente no presbitério de Cideville.)

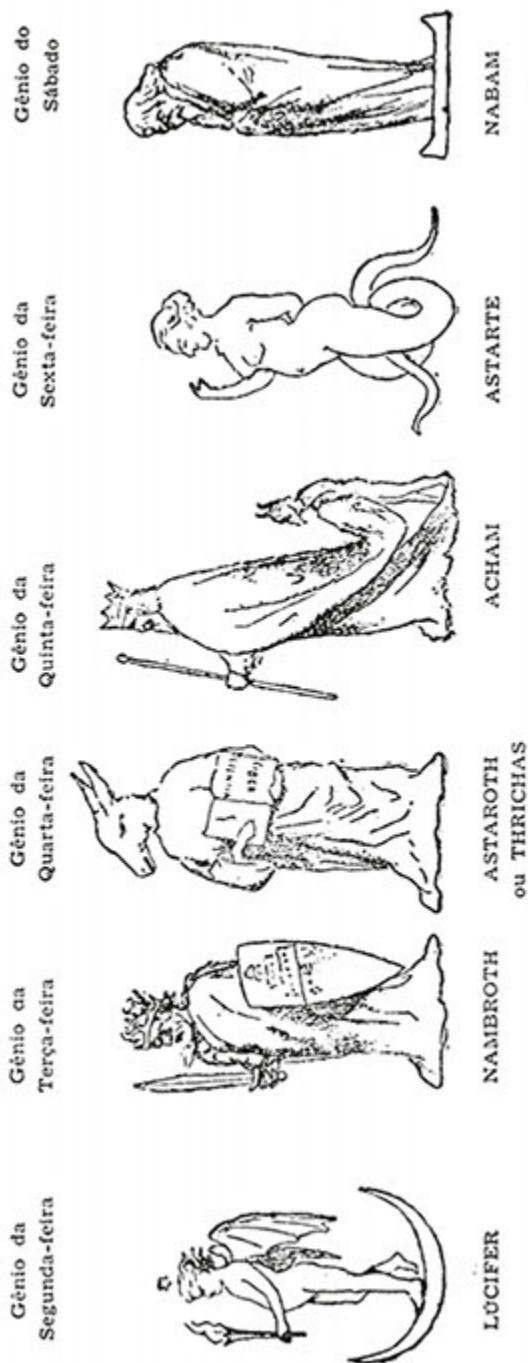


Figura 10

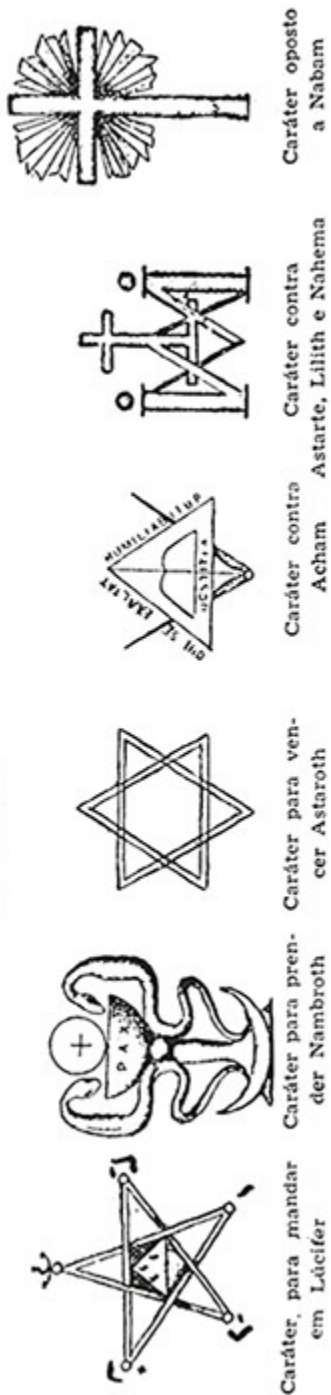


Figura 11

A ARTE DE COMBATER OS DEMÔNIOS OU MAUS GÊNIOS DOS DIAS DA SEMANA

PEÇAS RELATIVAS À MAGIA NEGRA

PRECES E CONJURAÇÕES

Extraídas de um manuscrito intitulado: “O BREVIÁRIO DOS PASTORES”.

ORAÇÃO DA MANHÃ

Ó minha bela e divina senhora,
Cujas lágrimas fazem minha alma chorar,
Que procura suspirando?
“Procuro meu filho”.
“Está na cruz, pobre mãe!
E seu sangue corre na terra,
Como uma semente que ficará madura,
No belo dia de Páscoa florida.
Então do fruto vermelho que dá,
Nós lhe faremos uma coroa,
E dela sairão palmas
E estrelas que brilharão.
“Quem é Maria?” Uma Mãe;
Porém seu filho não está mais na terra.
“Onde está ele, então?” Está no céu.
E volta para nós no altar.
Deus, seu pai, é também meu pai;
A virgem Maria é minha mãe;
O senhor S. Pedro é meu padrinho,

E S. Tiago meu tio:
Eis aí o que gosto mais,
Meus parentes que estão nos céus.

O PADRE NOSSO BRANCO

ORAÇÃO DA TARDE

Eis o padre nosso branco,
Que Deus fez um dia de domingo,
E que escrevo, quando o recito,
Em letras de ouro no paraíso.
Como um menino em suas faixas,
Ao deitar-me, vi sete anjos.
Três nos pés e quatro na cabeceira;
Mais uma senhora havia,
Que me disse: “Vem cá, deite-se,
Cruza suas mãos, repouse
Ore, ao deitar-se, por seu pai,
Por seus benfeitores, por sua mãe
E por todos os bons corações alegres,
Filhos dos reinos dos céus.
Deus os ouve sem dúvida,
E Nossa Senhora os escuta”.
Adormecerá tranquilamente:
Tenho como patrono o senhor S. João;
E o senhor S. Tiago, seu irmão,
Me guarde com o senhor S. Pedro.
Fiz um ramalhete de três flores,
E as três virgens são minhas irmãs.
A cruz de santa Margarida,
Tenho-a em meu peito escrita.

Maria ia a Deus chorando,
Encontrou o senhor S. João:
“Por que chora, santa Senhora?”
“Tiraram-me o filho de minha alma”.
“Virgem, ele está pregado pelas mãos
Na árvore salvadora dos homens,
Tendo em sua cabeça inclinada
Um pequeno chapéu de espinho branco.
Coloque meu corpo em terra santa,
Adeus, Virgem, adeus, eu me vou;
E se não voltar mais,
De Deus conserve-me o temor,
Para que morra, amando-o,
Como seu filhinho”.

*
* *

AO ANGELUS

Ouçó a voz da bela,
Bela senhora que me chama,
Que entre os lírios me chama,
Os lírios floridos do paraíso.
O inverno passará na Terra,
A primavera me restituirá minha mãe,
E verei a Páscoa florescer
Quando Deus me ordenar morrer!

A ORAÇÃO DAS VIRGENS

I

É a senhora Santa Apolínea
Que vem sentar-se na colina.
Nosso Senhor passando por ali:
“Minha filha, que está fazendo aí?”
“Venho ouvir a prece
Daqueles que sofrem na Terra,
Porque não posso ficar no céu,
Enquanto aqui ouço chorar.

II

E a senhora santa Margarida,
Disse ao dragão que se irrita:
“Por que, então ranger os dentes?”
“É que seus dois pés são ardentes,
E eu não poderia mordê-los.”
“Ó malvado espírito de desordem,
Bem que queria devorar-me,
Porém não se engane
Com uma esperança mentirosa;
Você me acharia muito amarga,
E o amor que tenho por meu Deus
Lhe queimaria como o fogo.
A você não poderei descer,
Assim como o fogo para a cinza.
Despedaça-me, devore-me,
Meu pé estará sempre sobre você!”

III

Santa Bárbara, a santa flor,
Tem a cruz de Nosso Senhor;

Ela está de pé em sua torrinha,
E responde a Deus que a chama.
“Voltarei para os escolhidos,
Quando o Senhor não mais trovejar;
Conservo sua cruz na Terra
Para afastar dela o trovão;
É por isso que dia e noite
Estou em guarda na minha torre.”

IV

Santa Catarina, a bela,
Que tem uma espada junto a si,
Me disse: “Tome-a, combata por mim
Todos os inimigos de seu rei.
A França é o paraíso do mundo,
Vai combater, eu o ajudo;
Depois você voltará, eu o digo,
À França do paraíso.”

A ORAÇÃO MISTERIOSA

DA BARBA DE DEUS

Pobres pecadores, o coração me estremece,
Como faz a folha do álamo,
Como faz o pássaro em seu ninho:
Quando o trovão ressoou no céu.
A ponte pela qual deve passar nossa alma
Parece um cabelo de mulher;
Embaixo está um abismo de fogo,
Em cima está a barba de Deus,
Ambas as mãos logo deve-se estender,

E abaixando-a é preciso segurá-la;
E nosso Pai, brando e bondoso,
Não sacudirá o queixo.
Seguremo-no bem forte, seja o que for que nos diga
(salvo respeito da Santa Igreja),
E o forcemos a abaixar-se,
Se quiser no Inferno nos sepultar;
Pois da eterna gehenna,
Por pouco que sua barba penetre,
Tirá todos os malditos
Do Inferno para o paraíso.
Este é, para escapar as chamas,
O segredo da salvação das almas;
Este é, para entrar no santo lugar,
O segredo da barba de Deus.

O ENCANTO DO CÃO NEGRO

É o cão negro da montanha,
Que vai andando pelo campo,
Com o nariz respirando, os olhos em fogo
E a língua ladrando a Deus.
Porém, se Deus quiser que eu o pare,
Porei o pé em sua cabeça.
Deus o quererá, se eu quiser,
Porque sua luz está em meus olhos,
Ele o quererá, se eu lhe pedir,
Porque comigo Maria vigia,
Que leva sua criancinha
Em pé na cabeça da serpente.
“Vem cá, grande cão da planície,

Vem guardar meus animais laníferos,
Abaxe sua ferocidade
Diante do cordeiro de humildade;
Caminhe, quando eu nada vejo,
Diante de mim, para mostrar o caminho.
O furacão gira ao redor de mim,
Porém, não abalará minha fé;
O vento sopra na clareira,
Não leva minha prece.
Gaspar, Baltazar, Melchior,
Ando com a estrela de ouro.”

*
* *

A PRECE DO SAL

Sal branco, sal móvel, sal amargo
Como a espuma do mar,
Eu o tomo, lhe conjuro
A conservar-me sem mancha;
Sal de sabedoria, em você eu creio
Com a virtude da cruz,
Sal de salvação, sal do batismo,
Com a virtude do próprio Deus,
Lobos, obedeçam à cruz;
Serpentes, fujam diante da cruz;
Leões do Inferno, lutinos e faunos,
Espíritos errantes, espíritos dos bosques,
Demônios da tarde, demônios do ruído
E lavadeiras da noite,
Fiandeiras do luar,

Pastores de má sorte,
Obedecei ao sal abençoado
Pela virtude de Adonai.

Amém.

*

*

*

O CASTELO DA BOA GUARDA

Sal abençoado, sal puro, sal fiel,
Feito no castelo da santa bela,
Da bela santa Izabel,
Em nome de Iseult e de Isolet,
De glória, virgem brilhante,
De Galiana e Doriante,
Da fada de cetro vermelho
Que sorri ao levantar do sol,
Seja o bom sal das pastagens,
Torne melhor o suco das ervas,
Purifique e abençoe as águas
Para a saúde de meus rebanhos.
Virtude de luz e de glória,
Ensine-me o que é preciso crer
E afaste todo mau demônio
Pela glória do seu santo nome.

APONTAMENTOS SOBRE OS GRANDES MISTÉRIOS DA FILOSOFIA HERMÉTICA

Fragmentos do Asch Mezareph do judeu Abraão e análise dos sete capítulos cabalísticos de Hermes.

Apresentamos aos nossos leitores estes fragmentos de um dos mais importantes livros da ciência, para que saibam quantos trabalhos e dificuldades lhes evitamos por nosso esforço, e possam compreender a consciência e seriedade de nossos estudos, exercitando-se por si mesmos em decifrar uma parte dos documentos que deciframos e traduzimos.

(NOTA DE ÉLIPHAS LÉVI).

*

* *

ASCH MEZAREPH

1 נ

Quisnam est dives? Qui gaudet in portione sua. Sic legitur in sepher (pirkr Abhoth, c. IV).

É assim que o profeta אלישע mostrou-se o tipo sabedoria isíaca e hermética, quando deu gratuitamente a saúde a Naamã (2 Rs. V, 6), e recusou as riquezas desse poderoso, mostrando-se mais rico que ele. De fato, aquele a quem a riqueza não poderia pagar, é mais rico que a própria riqueza. É assim que o sábio cabalista, o médico universal da natureza, aquele que sabe curar a lepra dos metais impuros, não aparenta o brilho exterior da fortuna perecível e restaurável. Fica na simplicidade da natureza-prima, תהו e é por isso que essa palavra tohu, que exprime a raiz primitiva de todos os bens, equivale, por gematria, ao nome do profeta Eliseu. O número de cada uma dessas duas palavras é 411, que se pode reduzir ao número 6, o de Bereschit, isto é, da balança do Zohar e da geração universal.

Vocês, então, que aspiram à realização da grande obra, sejam grandes e simples como Eliseu. O que querem é uma realeza e não uma extorsão. Devem restaurar e não usurpar a riqueza.

Saibam, portanto, reconhecer bem esse Naamã, o leproso, que vem do norte da Síria para banhar-se sete vezes no Jordão, esse rio que vem do sul. É o frio do norte que coagula o sangue do leproso, é o calor do sul que lhe dá sua fluidez.

A riqueza material vem do norte, a fortuna intelectual vem do sul. Porém, não caminhem para o norte, na esperança de adquirir fortuna.

Fiquem no sul, porque o calor atrai o frio, a ciência atrai a riqueza. Se são o médico, fiquem certos que o doente virá.

Lê-se no livro do rei שלמה Salomão, que a extensão dos dias está à sua direita, e as riquezas estão à sua esquerda. Não exerçam a mão esquerda antes da direita, porque nada fariam com exatidão. O que se faz com a mão esquerda em prejuízo da direita, será malfeito.

Saibam agora que os mistérios da santa Cabala são também os mistérios da natureza, e que os segredos levados do Egito por Moisés não diferem dos de Hermes. De onde vocês pensam que Moisés tirou montões de ouro para fundir e amoldar os querubins da arca, o grande candelabro de sete braços, as lâminas do santuário e todas as baixelas sacerdotais? E o que pensam que fazia rodeado de fogo e de trovões nas cavernas do Sinai?

A santa Cabala é o segredo hierárquico da natureza. O que está em cima é como o que está embaixo, e Malkut sempre se faz à imagem e semelhança de Kether. O ouro é o filho de אור, aor, a luz. Se vocês quiserem portanto, que o ouro se multiplique em suas mãos, façam com que a luz se multiplique e se espalhe em suas almas.

Saibam agora que o *sanctum regnum* de Salomão é dividido em três mundos, como a natureza em três reinos.

O reino animal, governado pela alma vivente, chamada liberdade, corresponde ao celeste Aziluth, que é o reino de Asiah.

O reino vegetal que nutre os animais dos sucos da terra e que prende à imortalidade terrestre as flores e os ramos móveis, corresponde ao mundo laborioso e científico de Jezirah.

Enfim, o reino mineral que elabora nas entranhas da terra, a luz fixa e o sal volátil, corresponde ao mundo terrestre e físico de Briah.

Porém, em cada um dos três números se reproduzem os três degraus da escada santa.

No Céu habitam o espírito puro, o medium e a alma sensível.

Na ciência se chamam a síntese, a análise e a silepse.

Na natureza, o volátil, o misto e o fixo.

No reino animal, espírito, alma e corpo.

No reino vegetal, vegetação, seiva e madeira.

No reino mineral, enxofre, mercúrio e sal.

Ora, o espírito forma o corpo à sua imagem, por intermédio da alma.

A vegetação forma a madeira, conforme a sua força, por intermédio da seiva.

O enxofre forma o sal, conforme seu grau de cozimento e de calor, por intermédio do mercúrio.

Para curar os animais, é preciso retificar por intermédio do espírito universal as forças da alma e restabelecer sua ação sobre o corpo.

Para curar os vegetais, é preciso aperfeiçoar a vegetação, purificando, multiplicando e dirigindo bem a seiva.

Para curar os metais, é preciso exaltar o enxofre e lhe dar bastante fogo para que vivifique o mercúrio e faça cessar a estagnação doentia dos sais.

A matéria-prima dos seres é uma raiz de três ramos. Ela emana de Kether, e é ela que אלהים designou quando disse:

יְאִי אוֹר

Seja, portanto, ó Hermes Trimegisto, o diretor do tríplice AOR, se você quer exercer a medicina universal.

*
* *

ב 2

A raiz metálica universal corresponde a Kether; ela está escondida em todos os metais e é demonstrada pelas suas diversas formas.

ה [14]. O metal preto, o último e o primeiro dos metais, corresponde a Chokmah, por causa de seu peso e da sua natureza opaca e terrestre; é chamado pai que devora seus filhos; mas existe um que ele não devorará

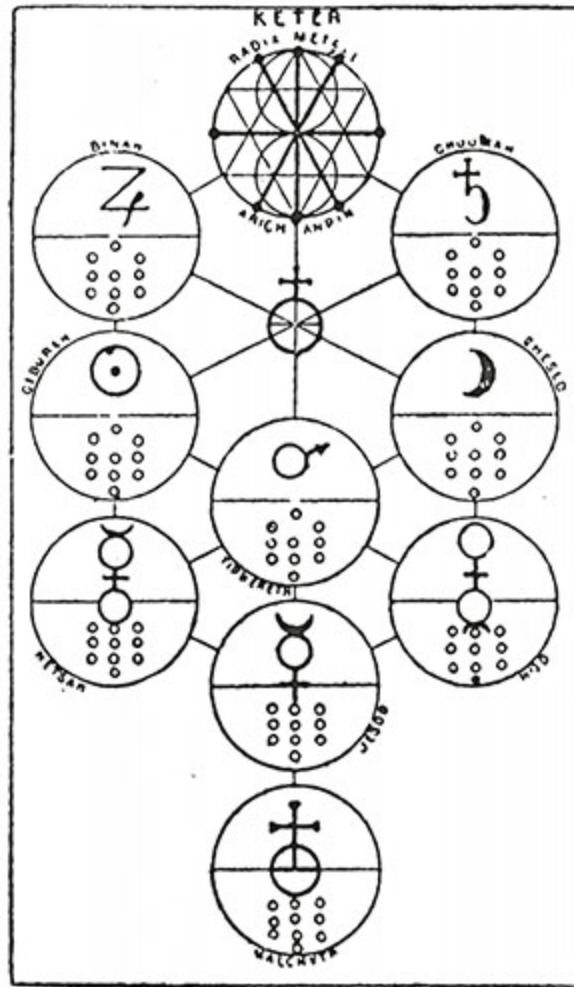
quando lhe tivermos dado em lugar deste uma pedra vermelha e verde, que é o verdadeiro Abadir, o ⚔ [\[15\]](#) 33 filosófico.

O estanho ♄ de cabeleira branca, é o correspondente de Júpiter e de Binah. Destrona seu pai e apodera-se dos raios do céu. É um juiz severo, e quando fala, é com voz estridente.

A Lua ☾ corresponde a Chesed, por causa de sua brancura e de seu emprego.

O ferro é o microprosopo dos metais, é o Seir Anpin da Cabala metálica. Corresponde a Tiphereth, por causa de seu brilho, seu vigor e seus triunfos; é forte, é belo como Marte. É dele que fala o salmista, salmo XI, vers. último.

Netzah e Hod são representados pelo latão vermelho e o latão branco, são o zinco e o cobre, metais andróginos, que são dois num só e são figurados pelas colunas Jaquim e Boaz do templo de Salomão. Por isso, essas duas colunas, uma de mármore branco, outra de mármore preto, eram ambas cobertas de cobre.



Jesod é o ☿ (mercúrio) que é o gerador e como que o esperma dos metais.

Malkut é a $\textcircled{\text{F}}$ dos sábios, a ∇ filosófica, o Δ do $\textcircled{\odot}$, a fêmea do servidor vermelho. [\[16\]](#)

3 2

Segurarei agora por um cabelo de sua cabeça, como o anjo tomou o profeta Habacuque, e o farei visitar Daniel na cova dos leões.

Há três leões na cova: o leão verde, o leão preto e o leão vermelho. [\[17\]](#)

O nome comum do leão אריה se acha expresso nas palavras de Jacó (Gênese XLIX, 9) por גור אריה e cujo número é 209, e juntando o נ do Sepher Jezirah, isto é, a unidade inteligente, se terá o número de Naamã, נעמד, o sírio, ♀ o leproso de natureza, que o ♀ [18] deve purificar sete vezes em seu germe, simbolizado pelo lobo, cão selvagem de Hermanubis.

Porém, como não deve parar no ♀ vulgar, que é um esperma abortado e morto, do reino metálico, toma o menor número de Arian e de Naamã,

$$\begin{array}{r} 210 \\ 1 \\ 2 \\ \hline 3 \end{array}$$

e o menor número de Kether que se traduz em número por

$$\begin{array}{r} 21 \\ 1 \\ 2 \\ \hline 3 \end{array}$$

E você saberá então o que é nosso leão.

(Ver o terceiro caminho do Sepher Yetzirah e a terceira lâmina do Tarô).

As palavras כמיר leãozinho, e ירק verdor, têm o mesmo número 310, que dá 4, isto é, o quarto caminho de Sepher Jezirah e o quarto signo do alfabeto sagrado.

O novo leão é verde quando vai se reduzir em água, depois torna-se preto, ou antes desaparece, e o leão preto vem em seu lugar, para desaparecer, por sua vez, no meio de um tabuleiro esmaltado de flores,

que logo se transformará num campo coberto de neve, de onde sairá o leão vermelho.



Figura 13

DISSOLUÇÃO DA PEDRA NASCENTE E FIXAÇÃO DE MERCÚRIO

Reúna agora toda a sua atenção para compreender a palavra **לִישׁ** que significa o leão feroz, o leão de juba eriçadas, o leão vencedor dos leões: é chamado no livro dos Provérbios (XXX, 30) e o número desses dois nomes é 43, que, decomposto e adicionado, dá 7, como o número 106 da palavra **לְכִיָּא**, o metal ou metaloide central, que é o imã do AOR metálico, o servidor da juba vermelha, cujo nome é phed ou plumbaia, e que deve ser reconhecido por este sinal **פֶּדֶר**.

Ainda é dado outro nome ao leão, conforme os doutores, no *Sanhedrin* (c. XI, fol. 9, col. 5), a saber, **שהי** que também se acha no *Targum* (XVII, 12); o número desse nome é 398, cujo resumo é 2:

$$\begin{array}{r}
 3 \\
 9 \\
 8 \\
 \hline
 20 \\
 0 \\
 2 \\
 \hline
 2
 \end{array}$$

A mesma palavra resulta também da palavra caldaica, **ערידא** (2 Rs. III, 30), onde é empregada em lugar de **פיר**, nome do ♂, o leão cabalístico, cujo nome primitivo dá 110, número que se resume por 2.

♂ é portanto, o primeiro leão que se revela por 2, isto é, pela ☿ filosófica, porque, nas aplicações naturais da ciência, esse metal é a linha intermediária que toca em uma e em outra extremidade.

É por isso que os filósofos o designam por uma dupla linha, terminada por dois círculos, e lhe dão o nome de arsênico (ver p. 288).

É ele que é o macho e o esposo, sem o qual a virgem não poderia ser fecundada.

É este o G·:O·: do Sol dos sábios, sem o qual a Lua sempre estaria tenebrosa; aquele que sabe extrair seus raios trabalha em sua luz; os outros tateiam na noite.

São as crianças que zombam de Eliseu, porque é calvo; portanto, não veem os raios ocultos de Kether, que são a coroa de sua cabeça.

Por isso tornam-se a presa dos dois ursos, o Charybdes e o Scylla da ciência, e 42 são devorados, isto é, seu trabalho e sua geração intelectual, representados por 6.

Porém, Eliseu governa o animal misterioso, e recolhe o sangue das crianças que ele devora, para fazer dele a medicina oculta dos leprosos.



Figura 14

A ROSEIRA NASCENDO NO OCO DO CARVALHO – A FONTE OCULTA E OS PROCURADORES DE OURO

É esse animal sangrento do binário, que Daniel caracterizou, quando disse:

(Dn. VII, 5.) “Et ecce bestia alia secunda similis urso et tres exstantiae in ore ejus inter dentes ejus.”

Os dentes desse animal são os do dragão de Marte que devora os companheiros ou os jovens servidores, *pueros*, de Cadmo, e cujos dentes é preciso semear no seio da terra virgem.

Três escórias se produzem entre os ☿ (sal) de ♂. Abra, então, a boca de ferro, e quando estiver no cadinho, tomará os dentes esbranquiçados

e lhes farão comer **בשר**, a carne, cujo número é 7 e muita carne, porque, o ♂ [19] deve estar para o pused ♂ como 106 está para 239.

Ora, a carne que deve ser devorada é a do primeiro leão, do leão simbólico, do leão alado, cujas asas são separadas pelos dentes do urso, isto é, o que há de muito volátil. Mas, devorando-o, o urso o separa também da terra ou escória, e então fica livre do lado do Céu e do lado da Terra.

Ele se levanta e anda, e é visto de pé no cadinho como um homem, com o rosto erguido e radiante!

E o coração ♂ do homem mineral lhe será dado. “Aufer ab eo cor lapideum et cor carneum da illi.” – Se tornará Tiphereth, isto é, **אדם**, Adão, que equivale à terra vermelha.

É então que aparece o terceiro animal da visão de Daniel, o leopardo ou o ♀ representado pelo Jordão dos sábios, porque Jordão e leopardo, em número menor, dão igualmente 12, que dá 3.

Porém, esse ternário é multiplicado pelo quaternário: “Et ecce alae quatuor avis super dorsum ejus”.

Quatro asas também fazem dois pássaros que são as pombas de Diana, e elas excitam o leopardo a combater contra o urso e o dragão.

O leopardo de Daniel tinha também quatro cabeças, pelas quais é preciso entender as quatro cores ou aparências elementares, que são o azul, o amarelo, o branco e o vermelho.

“Et potestas data est ei super coeteras bestias”, sobre o leão e sobre o urso para vencê-los, abri-los e fazer correr seu sangue glutinoso e mercurial.

Então, como síntese dos três outros, nascerá o quarto animal, cujo nascimento é temível, porque se levanta, então, uma fumaça capaz de lhe dar a morte. Esse quarto animal tem dentes de ferro e dez chifres porque possui a virtude de todos os números aplicados aos metais, e do meio de seus chifres se eleva um outro chifrezinho que fala e que revela grandes coisas. Que o compreenda aquele a quem é dada a inteligência.

O ☉ está colocado em Geburah por transposição, e o reino de Tiphereth é atribuído a ♂ porque um faz a conquista do outro e porque Marte é o soldado do Sol. Porém, cada Sefhira tem sua década, e o Kether do ouro é este precioso כהמ, que o Cântico (V, 11) refere à cabeça de Chocmah. Ouro misterioso e oculto cujo nome se explica por Chesed; porque o ouro vem do norte e recebe sua forma no sul. Sua Tiphereth é o ouro do trono, e seu Malchuth é o trono do ouro; é chamado também a taça de ouro (Jó, XXVIII, 17); coroa de ouro (Sl. XXI. 4); vaso de ouro (Ct V, 15); ouro oculto (1 Rs. VI), etc.

ה 5

Giesi ציהרי, o servo de Eliseu, é o tipo dos perscrutadores profanos da natureza, que escavam os vales e nunca sobem aos lugares altos, por isso trabalham em vão e sempre são escravos; são espertos em sistemas para prender e vender José, o filho preferido de Jacó, cuja geração foi o milagre da natureza; mas para realizar esse milagre, é preciso as virtudes de Israel ou de Eliseu; e esses cegos nada podem verificar, visto que estão mortos.



Figura 15

A ROSA HERMÉTICA SAINDO DA PEDRA MERCURIAL SOB A INFLUÊNCIA DO ESPÍRITO UNIVERSAL

São enganadores, avarentos e mentirosos, narradores do que fazem os outros (2 Rs. VIII, 4, 5), e no lugar de riqueza, adquirirem a lepra, o desprezo e a pobreza (2 Rs. V, 27); porque o nome de Giesi e a palavra **הל**, que significa profano, têm o mesmo número.

6 י

נפרית ♀ na ciência dos minerais.

Esse princípio se refere a Binah por causa de seu calor, e na década de Binah, é representado por Geburah ou **⊙**, chamado Charuz, cujo número reduzido é 7 ♂.

O arcano da ciência deve ser Charuz, isto é, um ☉ desenterrado antes de seu perfeito cozimento. Este é o ☿ que dá a cor ígnea penetrante e que muda os metais impuros, tais como ♂ com ☉ [\[20\]](#) (Dt. XXIX, 23) ♀ com △ chovendo sobre os ímpios, isto é, os metais imundos (Sl XI, 6).

Você deve escavar este ♀; escave-o, então, dos ▽ e obterá △ de ▽.

Se o seu caminho é reto diante do Senhor, o ♂ flutuará sobre ♀ (II Reg. VI, 6). Vá, portanto, ao Jordão com Eliseu.

Mas, quem cantará o geburah do Senhor? (Sl CVI, 2). Muitos procuram outros ☿, porém aquele que entrou no cercado dos caminhos reservados (Sl V, 2) terá a verdadeira inteligência, porque os ♀ do OD e do ♂, cuja extração é ensinada por vários meios, é fácil; assim do ☉ de ♂ do ♀ e do ♂, os quais depois das trovoadas são recolhidos pela lixívia – ou água de barrela – no meio de um ☿ mudado em °° [\[21\]](#) vermelho, pela mistura do mercúrio úmido.

São a verdadeira tintura da lua:

“Hoc est thesaurus desiderabilis et oleum in habitaculo sapientis” (Sl XXI, 20).

7 ר

Na Cabala natural הוד, hod é o reino do zinco – cobre – latão.

Sua cor é quase dourada, mas puxa mais de um lado pelo fogo e de outro pelo verde, o calor e a vegetação, porém, lhe falta a luz sintética.

O nome do bronze e o da serpente têm o mesmo número. É por isso que a serpente de bronze de Moisés é o emblema do reino andrógino de ♀, os instrumentos de harmonia e os vasos sagrados do átrio sagrado são de bronze, o nome da serpente נחש, serve de raiz ao de בהשים encantamento. Se, então, quiser penetrar os mistérios, saiba compreender a década sefírica de Hod, porque cada metal tem a sua, do mesmo modo que cada séfira.

Pelo profeta Daniel, no sonho de Nabucodonosor, vemos uma estátua metálica cuja cabeça é de ouro, porém os pés são de ferro misturado com

argila. Deve-se assim abrir a terra filosófica com a lança de Marte, e poderá assentar as colunas que trazem a coroa de ouro.

É esse o ouro tetragramático do sumo sacerdote Aarão, esse ouro fundível que deve ser reduzido a pó e lançado nas águas (Êx. XXXII, 5, 20). Você verá depois outras espécies de ouro seguirem-se. Primeiramente o ouro simples, e por assim dizer nu, **רחב**, isto é, o , não ainda totalmente saído de sua marcassita úmida e não dessecado pela violência do fogo, saindo vivo das águas, de cor ora preta, ora amarela, muitas vezes da cor do girassol, depois voltado para trás e se mergulhando no banho de seu nascimento: pode-se chamá-lo **זחבשכא**, isto é, o ouro do cativo, porque ele ainda está fechado em sua prisão onde jejua durante quarenta dias e quarenta noites, de modo que você não sabe o que ele veio a ser (Êx. XXX, 1). Então, ele parece inerte e indiferente à ação exterior, mas chega o momento em que é como morto; morre como se fosse degolado, depois se purifica e torna-se um cadáver preto; aí sofre o julgamento da prova, e as cascas, isto é, os demônios ou as escórias, exercem seu domínio sobre ele. Passa pelo círculo inteiro das vinte e duas letras e depois se faz de cor cinzenta num tempo que as vinte e duas letras determinam; é feito **זחבארפיד**, porque já pode fornecer a tintura não ainda do ouro, mas da prata. Como depois a prata se muda, como a aura se revela pelo seu vestuário vermelho, você pode vê-lo em Jó (XXII, 24).



Figura 16

A ESTÁTUA METÁLICA
SEGUNDO O PROFETA DANIEL

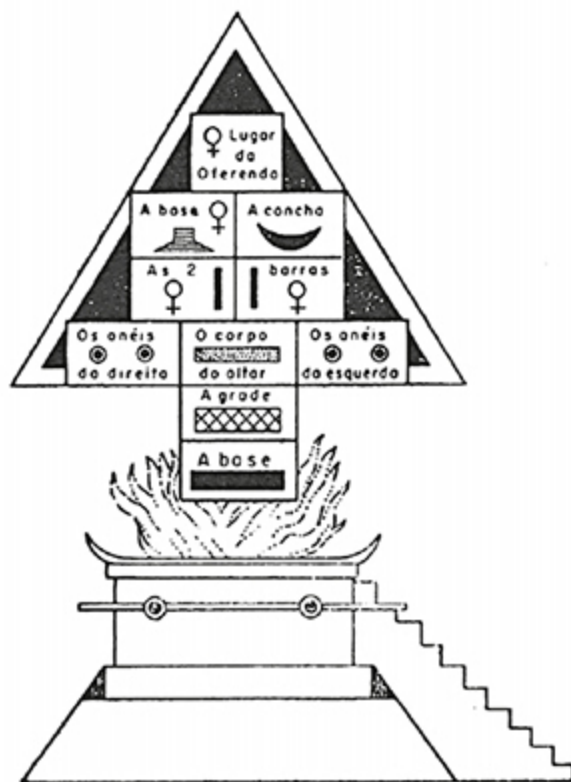


Figura 17

OS MISTÉRIOS DO TEMPLO DE SALOMÃO

Deixe, portanto, a púrpura se estender sobre עפר, que é o ה filosófico, isto é, o ouro branco; porque com este você obterá prata, se o deixar em sua brancura; empregue נתלים das torrentes de água metálica e você terá אופיר; você já tem o número sagrado do nome אהיה, a realização, após vinte e um dias de trabalho, possuirá o fruto de sua obra. Se você quer abrir seu tesouro, abra-o, ele dará a você prata como pedras (1 Rs X, 27). Porém se esperar mais e deixar amadurecer o ה no fogo, você terá o ouro perfeito de Ofir.

O ouro dorme no oceano dos sábios, e, durante o tempo de seu sono, Sansão mata e despoja os trinta filisteus para dar seus vestuários aos companheiros infiéis, isto é, aos metais imperfeitos.

Então, se forma essa força aguda e penetrante que, conforme Jó, deve se estender sobre a argila com a onipotência da auricidade: “Et fervere faciet veluti ollam profundam”, o leito das águas metálicas espessas e viscosas, “ponet ut vas pigmenti, post illud lucere faciet semitam”.

*
* *

Bendito seja o nome glorioso do reino eterno! Agora e de século em século!

Escrevi estas coisas conforme a medida de minha inteligência, porque procurando os remédios para as doenças dos homens, achei o segredo da cura de todas as criaturas.

O que me levou a isso foi um texto do *Zohar* sobre os deveres de um médico, onde me pareceu ver uma ordem para mim de não parar em minhas investigações até ter encontrado a medicina perfeita. Eis as palavras: Está escrito (*Dt.* XXXII, 10); “Causas applicabit et intelligere faciet eum”. Está, portanto, na ordem que o homem chegue à verdade quando a procura, e as próprias cascas do erro estão a serviço de seu trabalho e de sua boa vontade.

Aqui terminava o manuscrito do medico de Kartane. Quem era esse médico? Nada pudemos saber até hoje.

Somente, muito tempo depois, um negociante israelita me contou ter ouvido de seu pai que, no tempo dele, vivia um médico que, só pelo aspecto do doente, declarava imediatamente se vivia ou morria. Tinha a reputação de homem justo, verdadeiro, temendo o pecado. Quando um de seus pacientes não podia obter os remédios necessários, ele supria de seu próprio bolso, e não se conhecia no mundo um homem mais sábio. O comerciante acrescentou: Escreveu um livro sobre as coisas mais ocultas e esse livro está certamente nas minhas mãos, porque o recebi como herança de meu pai. Todas as palavras desse livro estão escondidas nos arcanos da lei, e só é permitido compreendê-lo aos que são isentos de pecado.



Figura 18

Rabi Eleazar respondeu: se tiver esse livro com você, empreste-o. E ele respondeu: Eu o farei, desde que você queira mostrar-me o da santa lâmpada. E nós concordamos, disse Rabi Eleazar.

Esse livro esteve entre as nossas mãos por meses, e encontramos nele sublimes luzes. Bendito seja o Deus de misericórdia que dá aos homens a inteligência da suprema sabedoria!

Esse livro, que parece terminar aqui, foi truncado pelos copistas. Após esse final, encontramos vários fragmentos do corpo da obra. Eis primeiramente um que consideramos como sendo o mais importante:

צפרת

ח, na Cabala natural, se refere à sabedoria, já que, nesse chumbo está fundada a terra metálica, que é um pó aurífero.

Este h é chamado pelo nome místico כל , tudo, porque nele está escondido o germe de todas as coisas. Sua figura embaixo é um círculo, em cima quatro daeth, cujos ângulos concorrem num mesmo ponto.

*
* *

TRECHO NOTÁVEL DE BASÍLIO VALENTIN

Verdadeiramente o tesouro dos sábios não é o ouro mundano nem a prata.

Não é nem o mercúrio, nem o sol, nem o antimônio, o nitro, o enxofre nem outra coisa semelhante.

Mas é o espírito do ouro, o mercúrio, que é chamado pelos filósofos, a primeira e segunda matéria própria, e única por sua natureza e propriedade. Puríssimo ouro oriental, não tendo sentido a força do fogo, principalmente excelente, mais mole e fácil de fundir que o ouro vulgar.

É o verdadeiro mercúrio do ouro e do antimônio [\[22\]](#).

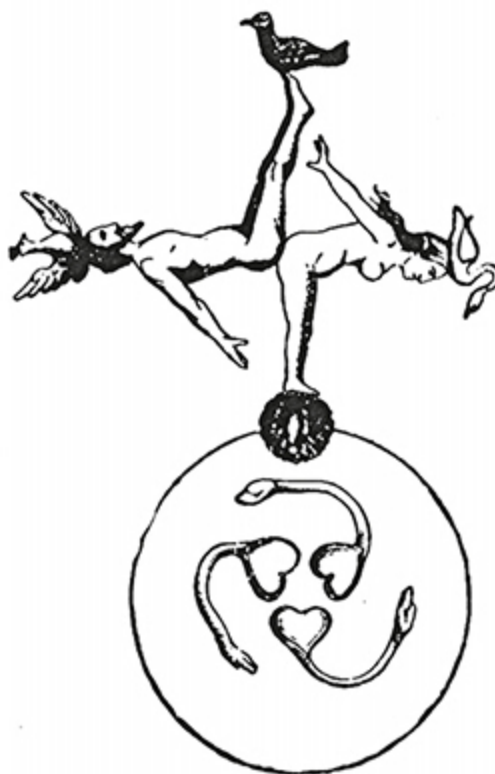


Figura 19

COMPLEMENTO DOS OITO CAPÍTULOS DO *ASCH MEZAREPH*

N. B. – Os copistas desse livro fundamental da ciência dividiram, truncaram e confundiram os capítulos para torná-lo ininteligível. Eis os fragmentos que encontramos e que completam os oito capítulos da obra:

PRIMEIRO CAPÍTULO

Este capítulo é intitulado *Elischeh*. – Contém o que dividimos em dois parágrafos א e ב, mais a explicação do nome de Giesi que colocamos no parágrafo ג.

No parágrafo 2 ב, acrescente o que segue, a propósito do estanho.

*

* *

בריל, estanho. Esse metal não foi até agora de grande utilidade na ciência natural, visto que deriva da separação; por isso sua matéria fica separada da medicina universal. Zedech lhe é dado como atributo entre os planetas, essas estrelas errantes e brancas, e os gentios deram-lhe um nome profano, que um israelita nunca deve pronunciar (Êx. XXIII, 13), um nome que deve ser apagado (Os II, 17; Zc. XIII, 2). Entre os animais não há nenhum cujo emblema se refira melhor a ele por causa do seu grunhido do que o chamado *Aper de silva* (Sl. LXXX, 4), [\[23\]](#) cujo número é 545, que não só se compõe de 109 quinários, mas seu número

menor é também quinário como o número צדק, 194, que faz 14, adicionado assim:



Figura 20

SÉTIMA FIGURA DE FLAMEL – DISSOLUÇÃO DOS GERMES METÁLICOS REPRESENTADOS PELOS INOCENTES QUE HERODES FEZ DEGOLAR.

1

9

4

—

14

E 14 da mesma maneira dá 5, que, duplicado, faz 10.

Ora, 10 é o número semelhante ao 46, que é o do estanho, já que 5 dezenas se referem às portas de Binah e à primeira letra da Séfira Netsah, que são as classes sefiróticas às quais esse metal corresponde. Nas transmutações particulares, sua natureza sulfurosa só não se manifesta,

porém junto aos três enxofres, principalmente aos dos metais vermelhos, ela reduz a ☉ as ▼ viscosas convenientemente torrificadas, assim como a ☿, se for introduzido pelo ☿, subtilizado na natureza de uma ▼ delicada, o que se faz nesse caso, entre outros pelo 24.

Pois sua natureza viscosa e aquosa pode ainda ser melhorada, se for pulverizada com a cal de ☉ passando por todos os graus do △ e posta pouco a pouco no ☉ em fluxo sob a forma de um pilula, o que aprendi poder-se fazer com a prata. Porém “non est sapiens nisi dominus experientirae” [24]. É por isso que não acrescento mais nada. Aquele que opera pode preparar as matérias e corrigi-las pelas suas experiências reiteradas, quando são defeituosas.

CONTINUAÇÃO DO PRIMEIRO CAPÍTULO

Até aqui só tratamos das matérias brancas; passemos agora às vermelhas. Primeiramente, sob Geburah, conforme a sentença ordinária dos cabalistas, está colocado o ouro. O que se refere também ao setentrião (Jó XXXVI, 22) não só por causa de sua cor, mas também de seu calor e de seu enxofre.

O ferro é atribuído a Tiphereth, porque é por natureza “vir belli” (Êx. XV, 3), e só tem o nome de Seir Anpin por causa de sua cólera pronta (Sl II, verso último).

Netsah e Hod, duplo meio do corpo e receptáculo das sementes, correspondem às naturezas andróginas do cobre.

Jesod é o mercúrio (prata viva); o sobrenome de viva lhe é dado para caracterizá-lo; porque, é na natureza viva o fundamento e a substância da arte metálica.

A Malkut é atribuída a verdadeira medicina dos metais por várias razões, e porque aqui estão representadas as outras naturezas à direita ou à esquerda do ☉ ou da ☿ e suas metamorfoses graduais. Falaremos dele mais amplamente em outra parte.

Assim eu lhe dei as chaves para abrir várias portas fechadas. Eu lhe abrirei a porta dos mais íntimos caminhos da natureza. Se alguém os dispuser de outro modo, não discutirei com ele, porque, tudo tende ao mesmo fim.

Digo:

Que as três fontes superiores são semelhantes aos três princípios do reino metálico:

A  viscosa, Kether .

 ou , Chocmah .

 Binah, pelas razões dadas.

Assim, as sete fontes inferiores representam:

Gedulah .

Geburah .

Tiphereth .

Nesach .

Hod .

Jesod .

E Malkut será a fêmea metálica, a prata dos sábios, o campo no qual devem lançar as sementes, as dos minerais ocultos, isto é, a água do ouro, assim como este nome se encontra no *Gênese* (XXXVI, 39). Mas saiba, ó meu filho, que essas coisas contêm esses mistérios que nenhuma língua humana poderá revelar. De minha parte, daqui em diante, “non peccabo lingua mea, sed custodiam os meum clausura” (*Sl.* XXXIX, 2).

*

* *

SEGUNDO CAPÍTULO

O OURO

Na natureza metálica, Geburah é a classe à qual o ouro é referido e aí começa uma nova década sefirótica. De maneira que o ouro tem seu Kether ou sua raiz metálica obscura, seu Chokmah, isto é, seu princípio saturnino, e assim por diante.

É ao Kether do ouro que devemos referir esse ouro que Sir Haschirim atribui à cabeça do noivo .

A Chocmah devemos atribuir este ouro oculto entre as munições de guerra **כצד** (Jó XXII, 24 e 25 e XXXIV, 19).

A Binah se refere ao ouro das escavações, o ouro exumado, **הדוע**.

A Chesed, o ouro amassado e feito em lâminas (II Paral. IX, 5), porque a misericórdia do Senhor nos tem suspensos como por um fio de ouro sobre o abismo da morte eterna.

A Geburah, **ורב**, porque o ouro vem do aquilão (Jó XXXVII e XXII).

A Tiphereth, **פי** (2 Rs. X, 18); (4 Rs XIX e XXI); (Dm. X, I).

Porque assim Tiphereth e Malkut compõe um trono de ouro.

É assim que  é chamado:

Vaso de ouro (Jó XXVIII, 17);

Coroa de ouro (Sl, XXI, 4);

Taça de ouro (Ct. V, 15).

A Netsah se refere ao nome de ouro oculto, isto é, preparado para a sementeira (1 Rs VI, 10, 21); (Jó XXVIII, 15).

A Hod convém o nome de ouro vermelho (II Paral. III, 6; 1 Rs VI, 20), pela sua semelhança com o sangue dos touros novos. É assim que brilha esse ouro ao lado esquerdo da árvore sefirótica.

A Jesod, o nome de ouro bom (Gen. II, 12), porque é aqui que o bom coincide com o justo.

A Malkut convém o nome secreto da  filosófica cujo sinônimo é cinzas, e a casa desse metal é admirável, porque consiste em 6 vezes 6 células, a fim de que de todas as partes apareçam as virtudes admiráveis da letra **ל**, que é a de Tiphereth, por todas as colunas e todas as linhas em todos os sentidos. Observa-se nessa particularidade que seu menor número é senário, ternário ou novenário, isto é, 3, 6, 9, números sobre os quais teria mil coisas a revelar-lhe.

Acrescento somente que a soma representa o número 216 **אדיא**, do nosso admirável leão (X, 14) que é o número do nome **ורב**, “supputa et dicesse”.

*

* *

TERCEIRO CAPÍTULO

☪ A PRATA

Chesed, no reino metálico, é, sem contestação, a prata. O menor número de Chesed é o mesmo que o das palavras que designam esse metal (Pv. XVI, 16, XVII, 3; S. XII, 7; Jó XXVIII, 1).

A ☪ também tem sua década sefirótica. Assim no (Êx XXXVIII, 17, 19), o capitel de prata das colunas é chamado Kether; nos (Pv. II, 4), a sabedoria, Chocmah. é comparada à prata. Binah de ☪ é expresso (Pv. XVI, 16). Gedulah aparece na história de Abraão, na qual a prata é sempre oferecida para acalmar a cólera (Gn. XIII, 2).

Geburah é representado quando a prata é experimentada no fogo (Pv. XVII, 3; Nm. XXXI, 22; Ss. LXX, 10; Pv. XXVII, 21; Js. XLVIII, 10; Ez. XXII, 22; Zc. XIII, 9; Ml. III, 3).

Tiphereth é o peito de prata da estátua de Daniel;

Netsah é a veia de ☪ (Jó XXVIII, 1);

Hod, são as trombetas de prata (Nm. X, 22);

Jesod se acha no livro dos *Provérbios* (X, 20);

E Malkut no (Sl. XVII).

A casa desse metal representa 9 vezes 9 quadros, que dão a mesma soma em todos os sentidos. Essa soma é 369, e seu número menor é 9, que sempre reaparece e nunca muda, “quoniam in aeternum misericordia ejus”.

CONTINUAÇÃO DO TERCEIRO CAPÍTULO

Tratando da matéria metálica, eis como Rabi Mordechai fala da prata:

“Pegue minério vermelho de mercúrio 33, amasse-o levemente, misture a 6 onças deste, ½ onça de cal de ☿; põe em um vaso fechado. Na areia, lhe dê um △ brando durante os oito primeiros dias, evitando que sua umidade radical se queime; aumente em grau na segunda semana, e aumente ainda na terceira e quarta, de maneira que a areia não fique branca, mas que produza um assobio quando se colocar água, e assim, em cima do vaso terá uma matéria branca que é matéria-prima, o

arsênico que tinge a ∇ viva dos metais, que todos os filósofos chamam ∇ seca e sua $+$ (Substância). Eis como ela se purifica.

“R $\mathcal{U}$ esse sublimado branco, cristalino, moa-o no mármore com parte igual de cal de $\textcircled{C}$ [25], coloque-o logo num vaso fechado sobre a areia; nas primeiras duas horas empregue um fogo brando, mais forte nas duas seguintes; aumente sua intensidade no terceiro período, e enfim, empregue o que produz um assobio na areia, e de novo nosso $\textcircled{O}=\textcircled{O}$ (Ver p. 288) se sublimará, lançando raios estrelados. Como você terá necessidade de certa quantidade, eis como poderá aumentá-lo:

“Pegue $6\frac{1}{2}$ onças, isto é, deste esmalte de $\textcircled{C}$ muito puro, faça o amálgama que você sabe, então irá colocá-lo em digestão no vaso fechado sobre cinzas bem quentes, até que toda a $\textcircled{C}$ seja dissolvida e mudada em $\Delta \textcircled{O}=\textcircled{O}$ líquida (Ver p. 288).

“Pegue $\frac{1}{2}$ onça desse espírito preparado; coloque-a num vaso fechado sobre cinzas quentes, e a pomba subirá e descerá. É preciso continuar esse calor até que não se eleve mais umidade e que ele se fixe no fundo e tenha cor de cinza. É assim que a matéria é dissolvida e purificada.

“Pegue uma parte desta cinza, e a de ∇ acima indicada, meia parte; misture-as e coloque-as no vaso, a fim de que se tornem como acima, o que se faz em oito dias aproximadamente. Quando a terra cinzenta começa a enfraquecer, deve ser retirada e regada com 5 loções de sua ∇ lunar e macere-a como acima. Embeba-a na terceira vez com 5 onças dessa água e ela se coagulará de novo em oito dias. A quarta absorção exige 7 onças de água lunar, e quando a matéria tiver acabado de transpirar, essa preparação está pronta.

“Para a obra em branco, você tomará 21 drachmas dessa terra branca, 14 de ∇ lunar e 10 de cal de $\textcircled{C}$ bem pura, coloque sobre um mármore e faça coagular até endurecer. Embeba a matéria com 3 partes de sua ∇ , até que ela tenha absorvido esta quantidade, e repita isso tantas vezes quantas forem necessárias para que ela escorra sem fazer fumaça numa lâmina de $\textcircled{F}$ aquecida ao fogo bem vivo. Você terá então a tintura do branco, que poderá ser aumentada pelo processo acima.

Para o vermelho, será necessário a cal de ☉ [26] a um △ mais forte, e a obra durará mais ou menos quatro meses”.

Até aqui o autor confere e harmoniza suas indicações com as do sábio árabe (sem dúvida Geber?) nos lugares em que fala por extenso da matéria arsenical.

*
* *

QUARTO CAPÍTULO

יוהב

Johab, a Pomba.

Entre os enigmas das coisas naturais, o nome de Pomba nunca é aplicado aos próprios metais, porém às naturezas ministradoras e preparatórias.

Aquele que entende bem a natureza do holocausto não deve servir-se da rola, mas tomará os dois filhos da Pomba (Lv. I, 14; XII, 8; XIV, 22).

Calcule a palavra בני, beni, 62 e o binário das Pombas, de onde vem a palavra נוה, nogah, 64, que é o nome do quinto planeta e você pisará no verdadeiro caminho. Por outro lado, não trabalhe em vão, na esperança de enriquecer a si mesmo; pare, por causa de sua falta de inteligência. Tema, você que é cego de espírito, de perder também os olhos do corpo exaltando-se neste trabalho. O que você procura com tanto trabalho, nunca encontrará. Porém a sábio criará asas e voará ao Céu como a águia e é também o que fazem os astros da Terra (Pv. XXIII, 4).

QUINTO CAPÍTULO

A LANÇA, רומה

As conquistas da lança explicam a história das naturezas metálicas. É a isso que devemos relacionar o golpe de lança de Finéas que atravessou

ao mesmo tempo, no momento de sua copula, e *in locis genitalibus*, a israelita ☉ e a medianita ☿ (Nm. XXV), o dente ou a força do ferro agindo sobre a matéria, purifica todas as manchas. O ☉ israelita não é outro nesse caso senão o ♂ masculino ☉=☉ calcáreo e pela ☿ medianita faz compreender a ▽ seca convenientemente misturada ao minério ou à marcassita vermelha.

Pela lança de Finéas, não só o ♂ masculino é morto, mas sua própria fêmea é mortificada e morrem misturando seu sangue numa mesma geração. Então se realizam os milagres de Finéas (veja o Targum, H. L.), porque, a natureza do ferro é admirável, estude-a na casa seguinte [\[27\]](#).

Seu número é o quinário e seu quadrado לה, simboliza a natureza feminina que deve ser corrigida pelo metal, porque, no próprio regime da vida animal, o ♂ unindo-se à linfa do sangue lhe dá o vigor viril e impede o esgotamento. O ♂ sustenta assim o princípio masculino genital e concorre poderosamente para a procriação dos seres.

A Marte corresponde Vênus, entre os planetas נהפּת que se referem ao cobre, de que se fazem os instrumentos de música, porque é o instrumento do esplendor metálico. Porém, gosta mais de fazer o papel de macho em vez de fêmea. Não confie tanto em crer que o esplendor de Vênus lhe dará para sempre o que promete o nome de Nogah.

Hod deve receber a influência de Geburah! Observe isso, porque, é um dos grandes mistérios! Aprenda, então, a levantar bem alto a serpente que é chamada Mechastau (2 Rs. XVIII, 4), se você quer curar as naturezas enfermas conforme o exemplo de Moscheh.

SEXTO CAPÍTULO

צפּרת

♄ SATURNO

Esse ♄, é chamado Tudo; sua figura é um círculo e 4 daleth, a fim de que você saiba que nele se acha toda quaternidade e os quaternos dos

quaternos, quer dos elementos, quer das cascas, quer das letras, quer dos mundos.

E nesse ה dos sábios estão os 4 elementos, a saber: o $\triangle$ ou ♀ dos filósofos, o ar divisor das águas, a água seca e a terra do $\odot$ maravilhoso; nele também se encontram as 4 cascas descritas em Ezequiel (1,4); porque, nas suas preparações, lhe acontecerá com frequência tempestades e grandes nuvens, e fogo em turbilhões até que, enfim, chegue o esplendor desejado.

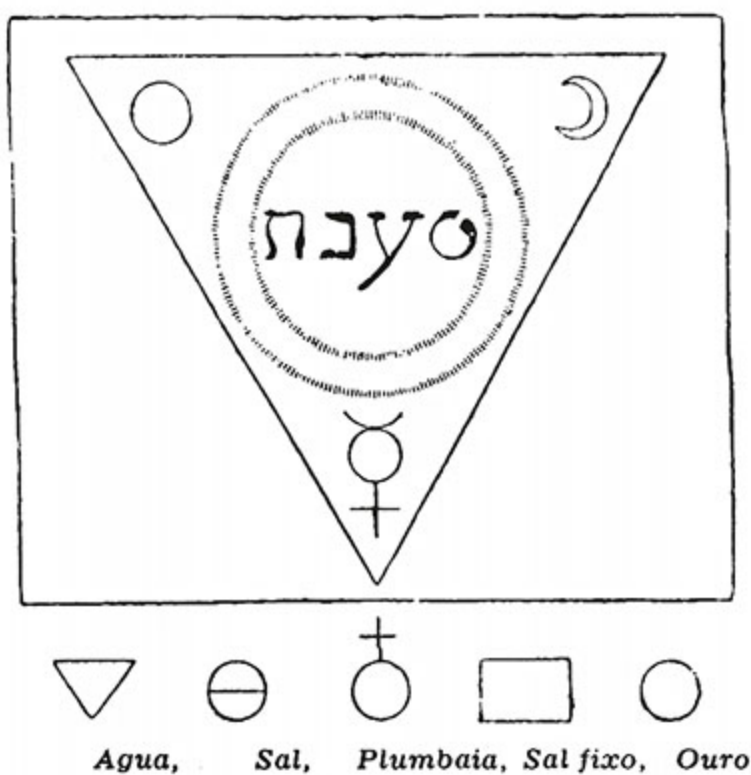


Figura 21

SÉTIMO CAPÍTULO

O MERCÚRIO במפדי.

Na esfera natural, Jesod governa o mercúrio, que é o fundamento ou o princípio gerador de toda a arte transmutadora, e seu próprio nome indica a natureza da ס , porque ambos derivam da Séfira de chesed

(porém deve-se atribuir a  ao chesed da Séfira inferior a Jesod, isto é, ao chesed de Malkut).

Por isso, o nome **אלהי** é por gematria quase o mesmo que **במפדי**, assim como o de **כוכב**, cocab, que é o nome planetário do mercúrio dos gentios. Seu número é 49.

Lembre-se somente que o  vulgar e natural não conduz à sua obra, e difere tanto do , como o linho difere do bisso ou da seda. Por mais que você refine, prepare, aumente o peso e o brilho do linho, nunca fará dele seda ou bisso.

Alguns creem ter achado o assinalamento desta : pensam eles que quando misturada ao  ela entra imediatamente em efervescência, mas a solução do mercúrio ordinário precipitado pelo  produz o mesmo efeito. Ora, para que pode servir essa solução?

Eu digo que não há outro sinal do  senão o seguinte:

Que num calor conveniente ele se cobre de uma película finíssima, na verdade, mas que já é um  puro e legítimo, e isso em pouquíssimo tempo, como no espaço de uma noite.

É essa flor de ouro que não é sem mistério chamada cocab, estrela, porque, conforme a Cabala natural (Nm. XIV, 17), “incedit stella Jacob”; e se a procurarmos na planície, nós a vemos levantar-se em forma de verga e ramos, e dessa estrela terrestre vem a influência de que falamos.

O mercúrio é, por gematria, **אמפדיכא**, pr.º. Giltin, cap. VII, f. 69, 6, chamado **אמפדיכא**, como quem dissesse água esférica, porque provém da esfera do mundo.

E no Gênese (XXXVI, 39), ela é chamada por uma quase transposição de letras, água de imersão, porque o rei aí mergulha para purificar-se ou por semelhante doutrina  El Boni, porque a vida e o bem têm juntamente a mesma semelhança que a morte e o mal.

Eis como fala a jovem chamada **מטרדי**, matredi, a filha do ourives, como o ensina o Targum, do ourives que trabalha sem tréguas e não apaga seus fornos, pois não vemos essa água sair da terra, nem pingar

gota a gota cavando seu leito nas minas. É extraída e aperfeiçoada com grande trabalho e muita assiduidade. A fêmea desse agente é chamada **מִיזְהַר**, água de ouro, isto é, ∇ que produz o $\odot$.

Se o artista a reúne a este, ela produz uma filha que será ∇ de beleza real, embora outros pretendam que essa esposa significa as águas que são extraídas do ouro. Seja como for, essa esposa não é feita para os amores dos rústicos, e os pobres devem deixá-la aos inteligentes e aos poderosos que podem honrá-la, pô-la em ação e dar-lhe um nome.

O marido que lhe é reservado se chama metal (Mehetabel), rei de Edom e de vermelhidão que é chamada **הָרָר**, ornamento do reino metálico (Dn. XI, 20). É o jovem $\odot$ porém, em suas relações com Tiphereth, porque, **הוֹר** representa 209, cujo número contém também o Tetragrammaton multiplicado por 8, que é o número da circuncisão.

Enfim, se torna Jesod, se lhe acrescentarmos o número de toda a palavra. Porém, a fim de ensiná-lo que o Tiphereth do ouro é o de Geburah, você deve observar que o número acrescentado em seu todo é também contido em **צָהָק** que pertence também à classe do ouro.

A cidade desse rei é chamada **פְּעוֹ** por causa de seu brilho (Dt. XXXIII, 2), nome que equivale ao **יֵצֶר** pelo qual Jesod é designado, porque seu número é o mesmo e é 159, a fim de que você conheça o mercúrio necessário a essa obra, e que é impossível fora dessa cidade resplandecente achar o tesouro real. Às portas dessa cidade santa pertence o nome **תֵּימָאֵלֵהִים**, como quem diria ouro vivo, porque Elohim e ouro são marcados com a mesma medida. Por isso esta ∇ é chamada assim porque ela é mãe e princípio do ouro vivo. Já que qualquer outra espécie de ouro é considerada morta, só essa é viva, e não o enganará quando lhe der o sobrenome que lhe é ordinário: a fonte das águas vivas. Pois por essas águas os reis são vivificados a fim de que possam dar a vida aos três reinos da natureza.

A casa quadrada dessa água é admirável e mostra conforme o número **סס** que significa, vivo, dezoito vezes a mesma soma num quadrado de 64 números, que é a soma da palavra **מִיזְהַר** água de ouro, que se reproduz até o infinito desse modo [\[28\]](#).

O símbolo da primeira soma é וסַת, vassit, porque adiantando sempre, a soma se retira em suas diversas variações; por exemplo, se você começar em 2, a soma será 268, que deve se resolver em 7. Começando em 3, a soma será 276, que se resolve em 6 e assim por diante, porque, da mesma maneira e na mesma proporção sua ∇ decresce à medida que aumenta o número de purificações.

*
* *

OITAVO CAPÍTULO

A ÁGUA BRANCA יַרְדֵּן.

Jarden designa a água mineral própria para a purificação dos metais e dos minerais leprosos. Esta ∇ corre de uma dupla fonte de que o nome יַאֲדָר, Jeor, significa semifluido, tendo a natureza fixa à sua direita. Água benigna de um lado e outro יַדֵּן água rigorosa e assim chamada por causa de sua acidez. Ela corre através do mar salgado. Observe bem essa particularidade, e enfim, é considerada como misturando-se e perdendo-se no Mar Vermelho que é a matéria sulfurosa masculina conhecida por todos os verdadeiros artistas.

Sabe também que o nome וכוּ, pureza, multiplicado por 8, que é o número de Jesod, produz o número de סַרְדֵּן ou 264 que também se acha na palavra יַדֵּן, a fim de que você se lembre que é preciso ao menos 8 ordens de purificações antes que você chegue à perfeita pureza ou brancura.

Na ordem das aplicações às ciências naturais a medicina branca ou a água branca é um nome que se dá à ☽, porque ela recebe do sol o esplendor branco que brilha com um brilho imitado, e muda em sua natureza toda a terra, isto é, os metais imundos, e pode-se aplicar misticamente esse lugar de Josué (X, 12):

“Então falou Josué ao Senhor, no dia em que entregou o amorreu aos filhos de Israel, e disse na presença deles:

“Sol, não se mova contra Gabaon, e você, lua, contra o vale de Aialon”. E o sol e a lua pararam até que o povo de Deus foi vingado de seus inimigos, isto é, que os sábios acabem sua obra e que a lua fixada com a fixidez do sol seja toda convertida em ouro”.

É dela também que está escrito no Cântico dos cânticos:

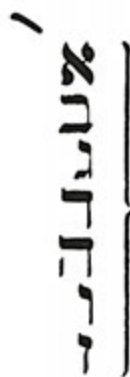
“Quem é aquela que vai se elevando como a alvorada do dia, bela como a lua, imponente como o sol, poderosa como os exércitos prontos para a batalha?”

O nome que lhe dão significa natureza da obra, e isso porque na sua formação ela é como ☾ crescente, sendo como a lua cheia quando alcançou sua perfeição em seu último estado de fluidez e pureza; porque, por gematria, as palavras יד, lua e רי"א, secretas, têm o mesmo número, assim como רכ"ו, multidão, porque nessa matéria estão contidos todos os segredos da multiplicação.

RECOMPOSIÇÃO HIPOTÉTICA DO *ASCH MEZAREPH*

O livro original do *Asch Mezareph* contém oito capítulos, isto é, uma introdução e sete capítulos.

Cada um dos sete capítulos é dividido em três parágrafos correspondentes um ao outro, e o livro era disposto assim:



OS SETE PRIMEIROS PARÁGRAFOS
DOS SETE CAPÍTULOS

Às sete letras seguintes correspondiam os sete segundos parágrafos.
Às sete últimas os sete últimos.

Esse livro continha somente sete figuras sem contar as árvores sefiróticas e os quadrados mágicos.

Com as árvores sefiróticas e os quadrados mágicos, o livro tinha vinte e dois.

As árvores sefiróticas estavam na frente dos sete primeiros parágrafos que formavam cada um uma página do livro de Flamel.

Os quadrados mágicos eram as figuras do segundo setenário.

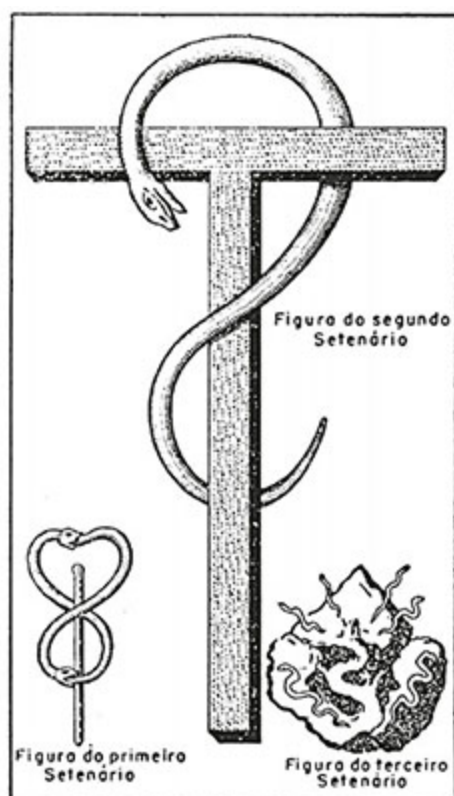


Figura 22

AS TRÊS PRIMEIRAS FIGURAS DE FLAMEL

As outras sete figuras eram assim colocadas, a saber: uma no começo de cada setenário e as quatro últimas no fim.

*

*

*

TRECHOS DE DANIEL AOS QUAIS É FEITA ALUSÃO NO *ASCH MEZAREPH*

OS QUATRO ANIMAIS MISTERIOSOS (*Dn. VII*)

Eis os quatro ventos do céus, os quais
se combatiam no grande mar.

E quatro grande animais diferentes subiam do mar.

A primeira se assemelhava a um leão e tinha as asas da águia.

A mãe dos dois leões, o verde e o vermelho; a matéria fixa e volátil; a substância prima do cinábrio dos filósofos; de corpo de Mercúrio e asas de enxofre.



Eu olhei até que suas asas fossem cortadas, e então ela ficou de pé como um homem.

Sublimação e fixação da matéria; a água mercurial extraída do cinábrio filosófico se torna fluida de volátil que era a princípio.

E o coração do homem lhe foi dado pela influência do fogo secreto tirado do regime de Marte.

Os quatro animais de Daniel correspondentes ao Tetragrammaton exprimem o movimento universal das coisas. Daniel, aplicando-os aos impérios, determina sua significação no campo de Malkut. Devem, portanto, representar o equilíbrio, o antagonismo e a evolução cíclica da forma, quer na natureza, quer na vida humana, quer na vida social. Na formação do homem perfeito na natureza e do reino messiânico na história, correspondente à realização da esfinge no reino animal, o romance da rosa no reino vegetal, e a formação do ouro no reino metálico.

O segundo animal era como uma ursa, ela se apoiou de seu lado.

Então se produziu uma nova forma na matéria. É então que devemos saturá-la com essa substância chamada pused pelo adepto e representada

por este sinal .

E três fileiras de dentes estavam em sua boca e lhe diziam: Levante-se e coma bastante carne.

As três fileiras de dentes representam o tríplice fogo filosófico.

Olhei depois disso, e eis um terceiro animal semelhante a um leopardo, e tinha quatro asas de pássaro, quatro cabeças havia nele, e o poder lhe foi dado.

A matéria vermelha deve ser sublimada, depois reembebida com sua água. É o que se chama as pombas de Diana; então ela se manifesta com quatro cabeças, isto é, quatro aparências ou cores sucessivas, a cabeça de corvo ou a cor preta, a cabeça de cisne ou a cor branca, a cabeça de pavão ou a cor irisada, e a cabeça da fênix ou a cor vermelha.

Depois disso vem um quarto animal terrível e admirável, de uma força extrema: tinha grandes e devoradores dentes de ferro; pisava sobre os restos. Era diferente dos outros animais: tinha dez cifres e no meio um menor que tinha olhos humanos e uma boca falante que anunciava grandes coisas.

Esse quarto animal é o ☉ vivo e dissolvente universal que tem a força de todos os metais e reúne todas as sefiroth metálicas. Ele revela ao que o possui todos os segredos da natureza.

*
* *

O HOMEM METÁLICO

Você via, ó rei, uma grande estátua; essa estátua era colossal e de grande altura, estava de pé diante de você e tinha um aspecto terrível:

A cabeça dessa estátua era do melhor ouro ☉;

O peito e o braço eram de prata ☾;

O ventre e as coxas de cobre ♀;

As pernas de ferro ♂;

Os pés, metade de ferro e metade de argila ♂;

A alma da cabeça é Neschamah;

A alma do peito e dos ombros é Ruach;

A alma das partes inferiores é Nephesch.

E eis que uma pedra desprendida da montanha veio bater nos pés de ferro e argila, e toda a estátua ficou reduzida a pó.

Essa pedra é o grande símbolo filosófico de todos os tempos: a pedra angular, a pedra filosofal, a pedra de fogo, a pedra de sangue, o cinábrio dos sábios, a medicina universal; na ordem divina, a verdadeira religião; na ordem humana, a verdadeira ciência universal, quadrada na base, sólida como o cubo, absoluta como as matemáticas; na ordem natural, a verdadeira física, a que deve tornar possíveis ao homem a realeza e o sacerdócio da natureza, fazendo-o rei e padre da luz que aperfeiçoa a alma, conclui as formas, muda os brutos em homens, os espinhos em rosas e o chumbo em ouro.

A cabeça da estátua de Daniel é de ouro. Essa cabeça corresponde a Kether que é de chumbo vivo, conforme o *Asch Mezareph*; porém é preciso observar que o chumbo deve ser transformado em ouro, e que de seu próprio reino emana a fonte de ☉. Há correspondência entre a cabeça Kether e o coração Tiphereth, como entre o macroprosopo e o microprosopo do *Zohar*.

Ora, o microprosopo Arich Anpin não é representado cabalisticamente pelo ouro, mas pelo ferro. Há portanto, uma segunda transposição em esquadro de Tiphereth a Geburah, um e outro exprimindo os reinos alternados do ouro e do ferro.

As quatro partes metálicas da estátua correspondem às quatro idades dos poetas e aos quatro grandes períodos do ciclo histórico universal. Esse reino do ouro, fundado no ferro e na argila, isto é, na violência e na fraqueza, deve ser destruído pela revelação da pedra cúbica, isto é, do reino da verdade e da justiça.

Os quatro animais de Daniel correspondem aos metais da estátua: o leão é de argila e têm asas de ferro, o urso é de cobre, o leopardo de prata e a esfinge de ouro.

O leão corresponde aos tempos primitivos, período de guerra e vida nômade.

As asas do leão são cortadas, a humanidade se fixa e os grandes impérios da força brutal são representados pela ursa, as repúblicas e o desmembramento dos estados são significados pelo leopardo de quatro

cabeças; depois vem o feudalismo financeiro e industrial que é o império do Anticristo; aí se acaba a história de um mundo.

Porém, não há um grão de areia que não possa ser germe de um mundo, e a natureza age nas pequenas coisas como nas grandes. A produção do ouro se realiza como a das civilizações e da luz.

Aí está a base do dogma eterno de Hermes.

A matéria-prima do ☉ é, em substância, a terra, e na forma a luz.

A luz é a alma da terra.

É uma substância única que possui todas as propriedades dos corpos simples. É na verdade o único corpo simples com quatro formas elementares.

O oxigênio é a luz em estado gasoso.

É o arranjo simétrico das moléculas que faz a transparência dos corpos.

O movimento do raio está na razão direta da vivacidade das cores. O azul-preto é a cor do repouso absoluto, o branco a do movimento equilibrado, o vermelho a do movimento absoluto.

A luz habita nos corpos como o calórico. Ela pode estar invisível e latente.

O oxigênio é a corporização positiva da luz; o hidrogênio é sua forma negativa.

A união desses dois gases produz a água, e o estado gasoso se muda em estado fluido.

A água tem duas propriedades: se volatiliza pelo calor e se condensa pelo frio.

Ela se transforma em seiva nas plantas, em sangue nos animais, em mercúrio nos metais e depois, por combustão, em cinzas e terra.

A água é um óxido, isto é, o resíduo negativo de uma combustão.

A água é azul e o fogo vermelho.

A sobre-oxigenação da água produz os ácidos “Corpora non agunt nisi soluta”.

Os metais maleáveis têm suas moléculas determinadas pela quantidade de oxigênio que absorvem.

Os metais oxidáveis têm suas moléculas compostas de um número menor com capacidade igual de calor.

A aliança dos metais maleáveis com os oxidáveis produz ímãs que atraem a luz positiva.

O princípio metálico reside nas terras argilosas e principalmente nos alumínios. A descoberta do alumínio foi um aborto da grande obra. O manganês é o ♂ dos Ph.; forma 3 óxidos: um verde escuro, um cinzento e outro vermelho escuro. O iodo que fixa a luz é uma manteiga de peróxido de manganês.

O manganês decompõe a água com cheiro de assafétida.

O antimônio aquecido se combina com o oxigênio; levanta-se uma fumaça branca que dá um óxido branco.

Há três óxidos de antimônio: o protóxido cinzento, o deutóxido branco e peróxido de cor citrina.

O peróxido se obtém pela ação do nitro.

O peróxido de ☉ se obtém derramando uma parte ácido nítrico e 4 de ácido muriático. É um pó escuro avermelhado, sem sabor, insolúvel na água e que se dissolve facilmente no ácido muriático.

Tudo isso só tem valor como indicações que podem nos colocar no caminho da grande obra.

ANÁLISE DOS SETE CAPÍTULOS DE HERMES

PRIMEIRO CAPÍTULO



Só Deus pode dar a chave da grande obra, porque Deus é a alma da verdade e da justiça; pensar de modo verdadeiro e medir com exatidão é agir conforme a inspiração de Deus.

O poder de agir assim não se dá, adquire-se.

Aquele que quisesse desvendar a grande obra, provaria que não a conhece.

O começo do entendimento da grande obra é o dos quatro elementos filosóficos.

Esses quatro elementos são a princípio intelectuais: o Verbo os menciona e realiza.

O Verbo é a fórmula suprema da razão.

A água filosófica é a substância dividida e a própria força que divide ou dissolve.

A terra filosófica é o divisível que se coagula ao sair do divisor.

O fogo é o movimento.

O ar é a matriz do fogo.

O fogo está para a água como um está para três.

O ar está para a terra como um e meio está para oito.

A água é o úmido radical dos sábios.

O fogo é a alma do Sol e a vitalidade do ouro.

O ar é a tintura citrina da terra colorida pelo Sol.
A terra é o ouro-pigmento dos sábios.
A lua cresce e decresce em trinta dias.
Esse movimento é o que é expresso por *coagula e solve*.
O mercúrio universal está em toda parte.
O abutre do monte grita: Sou o branco do preto, o amarelo do branco e o vermelho do amarelo.
Surpreenda a terra do ar por meio do fogo úmido.
A cabeça do corvo desaparece com a noite; de dia o pássaro voa sem asas, vomita o arco-íris, seu corpo se torna vermelho, e nas suas costas sobrenada a água pura.
Nas cavernas metálicas existe uma substância brilhante que contém um mar e cujo espírito se sublima.
Não a designe aos profanos.
Denomino essa substância uma pedra, mas lhe deram outros nomes, magnésia fêmea, saliva branca, cinza ou cinábrio incombustível.
Todas as cores estão encobertas nessa pedra, porém a encontrarão oculta sob uma só cor. Escolha-a e conserve-a bem!

*

* *

SEGUNDO CAPÍTULO



Aja em Deus, isto é, com verdade e justiça. O sábio acha em Deus o poder de todos os sábios.
Não faça nada sem saber o porquê, e saiba primeiro que os contrários se corrigem quando não são destruídos pelos contrários.
A ciência é o conhecimento do equilíbrio.
Torne palpável o volátil para que você se apodere dele, submerja o metal voador, separe-o da ferrugem que o mata, faça dele a prisão não volátil que você libertará à vontade, ele lhe servirá e você será senhor do caos.

*Tire quando quiser o raio de sua sombra,
Faça sair o esplendor de sua nuvem negra;
O sol está escondido na vermelhidão escura,
Entregue esse véu ao líquido corrosivo,
Como o fogo oculto dorme na cinza viva,
Assim sonega e foge Mercúrio, seu conviva;
Saiba despertá-lo, tomá-lo, prendê-lo.
E a uma cadeia, enfim, brandamente levá-lo.*

Quando você tiver apagado o carvão de vida, reembeba-o com sua água, durante os trinta dias que você já sabe, e eis você coroado rei.

Saiba que a água passa do ar à terra, e da terra ao ar. Prepare assim sua água filosófica, separe-a brandamente de sua terra vermelha por evaporação e faça a imbibição com precaução e calma.

A gordura de nossa terra é luz ou fogo, terra ou nitro, enxofre ou ar e mercúrio ou água. Tira-se dela um óleo de pedra e uma substância cerebral que contém os dois mercúrios que atraem as duas luzes e contém a virtude de todos os corpos. [\[29\]](#).

Esse mercúrio fixa o enxofre filosófico, isto é, a luz astral e a muda em tintura; as duas forças agem uma sobre a outra e produzem a ação geradora repelindo-se.

O vaso filosófico é único e sempre o mesmo, é um ovo bem diferente do da galinha, mas de alguma semelhança com esse modelo. As quatro forças elementares devem aí conjugar-se e agir simultaneamente.

O fogo é duplo, celeste e terrestre. Chamamos Céu ao princípio gerador ativo, e terra, ao princípio passivo.

– Qual é mais forte dos dois?

– É o terceiro que resulta deles.

A água está em cima, o barro no meio e a terra embaixo.

O dragão atravessa esses três meios; sobe da terra preta e do barro cinzento à água branca.

Fixe a fumaça da água, embranqueça o barro e vivifique a terra morta, por meio do fogo mediador que é o dissolvente universal.

Todas as ciências e todas as artes têm seu princípio no que acabo de dizer, porém é preciso uma grande retidão de inteligência e consequentemente de vontade para compreender-me.

Mortificar ou putrificar, excitar a geração, vivificar os espíritos, purificar a matéria, enchê-la de luz astral, eis aí toda a obra.

Há na nossa pedra quatro elementos que é preciso opor uns aos outros, fecundar uns pelos outros, acender a terra, condensar a água, fixar o fogo no vaso que lhe convém.

Nosso instrumento é uma água exaltada, uma alma da água, que dissolve os elementos e nos dá o verdadeiro enxofre ou o verdadeiro fogo; então a negridão cede, a morte vai-se embora e a imortalidade começa com a sabedoria [\[30\]](#).

*

* *

TERCEIRO CAPÍTULO



É preciso lavar a matéria e incorporar o espírito de maneira a fazê-lo resistir à ação do fogo.

Assim se faz a prata que vivifica os mortos e tinge os metais, mudando-os.

Essa matéria une o que há de mais precioso ao que há de mais vil: a alma vivente à matéria cadavérica, o mercúrio ocidental da terra e o mercúrio oriental da luz imantada que é nossa magnésia.

A natureza, filha da luz, age com a luz. O ovo da luz é a noite.

Casemos o rei coroadado com sua noiva rubra; eles darão ao mundo um filho que a mãe alimentará com fogo.

Que o fogo incube o enxofre, o lave e o enrubesça com sangue.

O dragão fuge do sol, mas se você descobrir os caminhos de sua caverna, o mercúrio reviverá, oculto ainda num esperma semelhante ao leite virginal.

Vamos nos regozijar, porque nosso filho está vivo, está enfaixado de vermelho, é banhado no Kermes.

*
* *

QUARTO CAPÍTULO



O plano deste tratado é alfabético e se explica pelos números das sete primeiras letras do alfabeto sagrado.

Essas sete letras se explicam por dois A

3	4	Λ	5
2	1	6	7

Esse alfabeto é um grande arcano.

Procure, portanto, e se procurar bem, você achará.

Natureza engendra natureza, natureza segue natureza; as uvas só dão na videira, nascem do cacho da videira pela sua seiva natural e não de outro modo.

Se você quer fazer uva artificial, ache a videira, a seiva e o cacho, apodere-se dos elementos naturais e a natureza irá obedecê-lo [\[31\]](#).

Tudo se faz pela geração.

Vênus só não produz uma perfeita luz; porém, se ela estiver unida com Marte pelas redes de Vulcano, sua força aumenta e sua luz se corrige.

Ela se torna então capaz de liquefazer-se, de tirar a ferrugem dos metais e de limpar a substância dos metais. (Vênus é tomada aqui não pelo cobre mas pela fêmea filosófica.)

O ouro é o resultado de uma geração metálica, completa e universal.

É o que diz o imperador coroado, o Júpiter cabalístico, que é também nosso Apolo no trono do quaternário.

*
* *

QUINTO CAPÍTULO



Pegue o que vem do corvo, isto é, a matéria livre de sua negridão, coloque-a no ventre do cavalo quatorze ou vinte e um dias, você terá o dragão que come sua cauda e suas asas; coe e leve ao forno, a matéria ficará daí por diante no ovo, o qual, por sua vez, permanecerá fechado até o momento da imbibição.

Eis qual deve ser a primeira preparação após a liquefação e a combustão: você pegará a cerebrite mercurial, e a amassará em vinagre bem forte; faz-se então uma putrefação e levanta-se uma fumaça espessa. O mercúrio morto se torna vivo, e deve morrer ainda para reviver.

Para dar-lhe a morte ou a vida empregaremos os espíritos; estando eles presentes, vive, estando ausentes, morre.

O sinal de sua vida é quando se conserva fixo.

*

* *

SEXTO CAPÍTULO



O agente da obra é o espírito universal que é preciso atrair e não dissipar pelo calor.

É preciso extraí-lo e não queimá-lo; do seu interior tiramos uma água de uma pedra, e com essa água fazemos ouro, e desse ouro um ouro mais perfeito ainda.

Para isso precisamos de uma água sem fumaça, um barro sem cor preta e uma terra viva; aí está todo o segredo da obra.

*

* *

SÉTIMO CAPÍTULO



Coloque na obra o selo real e vivifiquei sua matéria com a quintessência do ouro.

Toda a sua matéria é a Lua que espera sua fecundação pelo Sol.

A primeira parte da obra é uma espécie de vegetação.

A segunda é uma incubação, por assim dizer animal, como se dá com o ovo da galinha.

A terceira é a perfeição mineral e a vivificação do ouro pela própria alma da natureza.

O mercúrio deve ser destruído como mercúrio e o enxofre como enxofre. É preciso que a combinação dessas duas substâncias produza uma terceira, que é o sal [\[32\]](#).

Todo o trabalho preparatório é impedir a semente mercurial de tornar-se mercúrio, porque uma vez que se faça mercúrio, está morta.

O mesmo se deve dizer do enxofre.

O enxofre e o mercúrio, no estado seminal, são o esperma de ouro. É por isso que os sábios dizem que é preciso tomar ouro.

A pedra filosofal é um sal de luz, a luz nos metais é a quintessência do ouro.

A substância dela é cristalina e se rompe; é por isso que ela é chamada vitríolo por Basílio Valentin. Vitríolo significa uma espécie de vidro no diminutivo.

Devemos distinguir bem a matéria-prima das matérias auxiliares preparatórias.

O chumbo, o ferro, o antimônio, o nitro, o próprio ouro, podem servir para as preparações, mas não deve entrar na matéria uma só molécula dessas substâncias.

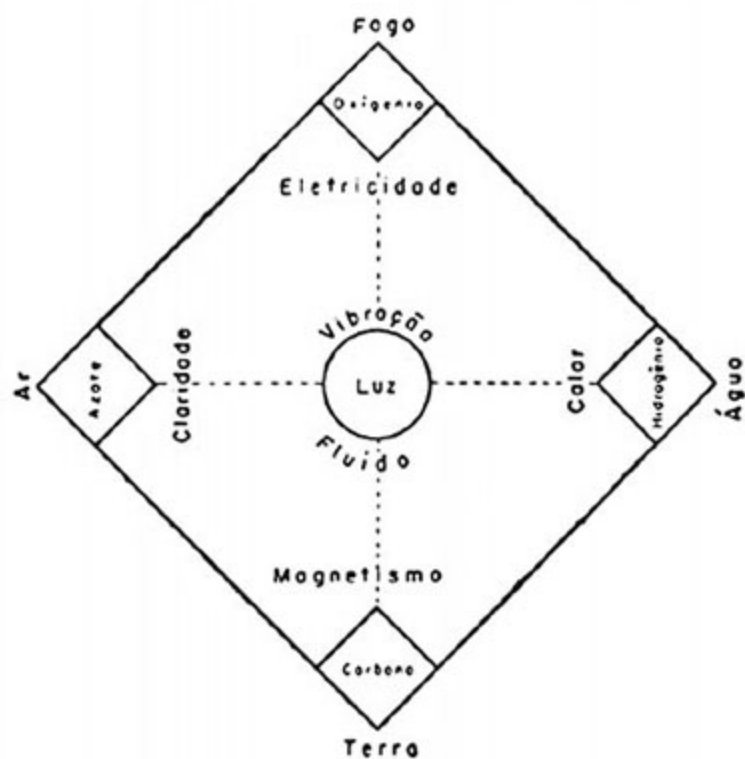


Figura 23

Ainda é necessário distinguir o stibium dos antigos do antimônio de Basílio Valentin.

O stibium é o ímã filosofal nada mais, nada menos.

Numa Pompilio tinha dividido assim e caracterizado as horas do dia em relação ao Sol.

Esta figura representa a progressão e antítese metálica.

Todos os segredos da natureza aí se acham indicados por analogia.

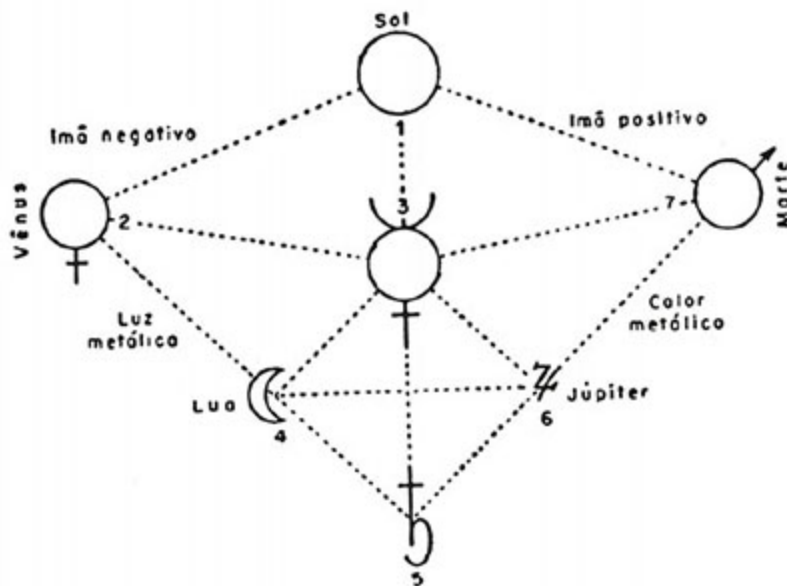


Figura 24

As antíteses ou polos magnéticos extremos são ♂ e ♀, h e ☉.

A antítese média ☾ e h.

Tudo é cheio, o vácuo não existe em parte alguma.

Tudo é cheio da mesma substância infinitamente diversa em suas formas.

O movimento das formas é a vida.

A substância da vida é a luz.

A vida da luz é o calor.

Deus cria eternamente a luz.

O *fiat lux* é o Verbo eterno.

Os sóis não são focos de luz, mas de calor.

É o calor que torna visível a luz.

O fogo muda as formas.

A metalurgia é a ciência do fogo combinado com a terra.

A luz é o mercúrio universal.

O enxofre é o fogo conglutinado.

O sal é a terra.

O stibium dos antigos parece ser a mina de antimônio vermelho, que se acha em estado natural nos terrenos da Hungria. O régulo aí está mineralizado pelo arsênico e o enxofre. É por isso que os antigos o

chamavam arsênico vermelho (ver Filostrato, *Vida de Apolônio*). Essa mina se assemelha à mina de ferro, porém se distingue pela sua fusibilidade, tanta, que a fusão pode operar-se à luz de uma vela.

Beckher e outros químicos modernos reconheceram a existência de uma terra mercurial cujos princípios existem em certos metais e no ácido do sal marinho. É essa terra mercurial que contém a matéria-prima da grande obra no estado de pequena lua ou fêmea branca.

Khunrath descreveu essa terra; ela é vermelha antes de ser lavada no ☿phco., é gordurosa por causa do △ que contém, sua densidade é pequena, seu sabor acre; quando é lavada, torna-se branca e então é o latão phco.

Não entra na matéria nem arsênico, nem antimônio, nem tintura de arsênico ou de antimônio, nem vitríolo, nem sal marinho, nem sal nitro, nem mercúrio vulgar, nem enxofre comum. A matéria não podia ser um metal, é um sal mercuriosulfuroso muito exaltado, é a luz astrometálica condensada.

Contudo, os verdadeiros filósofos não deram em vão à matéria os nomes dessas substâncias comuns que servem para prepará-la. A mais importante de todas é o antimônio de Basílio Valentin ou stibium do judeu Abraão.

Há dois processos: o processo úmido e o processo seco. Esses processos são alternativos.

O vaso hermético devendo ser selado, nada pode conter de úmido, aliás o vapor faria rebentar o vaso.

Nossa água é seca e não molha as mãos. O que se põe no ovo hermético é um puro esperma dos metais sem outra mistura elementar.

As cores da obra se produzem duas vezes, uma vez durante os trabalhos preparatórios e outra no ovo filosófico.

Na primeira putrefação se obtém a cabeça de corvo, que conforme Flamel, é necessário cortar.

Tem-se depois a terra branca folheada, que se deve colher cuidadosamente, para fazer, pela imbibição de seu menstruo, a água virginal da obra.

Vem depois o óleo vermelho dos sábios, isto é o ☉ elementar do △ que é preciso casar com a ☾ do ☿.

Essas primeiras cores anunciam e preparam as segundas.

No ovo aparece o *nigrum nigro nigrius*, que é não só uma superfície, mas um obscurecimento de toda a luz. Não é, portanto, mais a cabeça de corvo, mas sim o charco do sapo filosófico. A matéria nesse estado é o chumbo dos sábios.

Ela se torna depois de uma brancura brilhante e assume a qualidade de lua.

Depois chega à púrpura mais brilhante, e o sol filosófico está acabado.

Beckher seguiu a física dos antigos quando dividiu a terra em

Inflamável,
Mercurial,
Vitrificável.

A terra mercurial sendo a mais disposta à assimilação nunca se encontra pura no estado natural e não pode ser extraída dos compostos perfeitos, porque então mudou completamente de natureza.

Alguns alquimistas julgavam encontrá-la numa marga avermelhada que, posta em vasos de terra porosa e premida, produz vegetações esbranquiçadas.

O problema hermético é formar um sal terrestre essencial, vitrificando uma mistura de terra mercurial e de terra inflamável.

Conforme a divisão de Pott, a terra se divide em:

Terra vitrificável,
Terra calcárea,
Terra argilosa,
Terra gessosa.

As margas são ao mesmo tempo calcáreas e argilosas.

Os antigos, além dos sete metais, admitiam cinco semimetais, que agora chamamos:

Régulo de antimônio,

Bismuto,
Zinco,
Régulo de arsênico.

E régulo de cobalto (os antigos não conheciam o último).

Os metais são compostos de terra vitrificável e de flogístico, conforme certos químicos.

O flogístico é a luz latente, que é mais ou menos facilmente atraída por uma corrente de calórico.

A pedra filosofal é um flogístico concentrado por meio de um princípio intermediário que é quintessência mercurial.

Beckher e Stahl reconheceram a existência e a necessidade dessa quintessência para a formação dos metais.

Beckher é autor de uma descoberta que denominava *minera arenária perpetua*, e prometia tirar ouro de qualquer areia.

Pode-se tirar o mineral do vegetal por combustão. As cinzas vegetais dão a potassa e a potassa dá o potássio que é um desvio do ^{lvvl} ☿. O potássio é o ímã do oxigênio, como o stibium é o ímã da luz colorante metálica; o mesmo se deve dizer do sódio, do lítio, do bário, do estrôncio e do cálcio, abortos mercuriais tirados dos sais aos quais está misturada a terra mercurial de Beckher.

Para extrair ☿ e ♀ de ♀ ino ☐ reo, oxídulo eletromagnético de Δ ⊕ rada com cal ou pó ♀ ino, metalóide, ajunta-lhe a aramadura de ♂.

DOUTRINAS OCULTAS DA ÍNDIA

SOBRE OS ESPÍRITOS

Eis o resumo do que diz o Sr. Halwel sobre a origem do *Código sagrado dos brâmanes*. O Sr. Dow, que não está de acordo com ele, começa por afirmar que se chamam *Vedas*, palavra que quer dizer ciência, os quatro livros ou tratados que compõem o Código de religião da Índia. Os vedas os leis divinas foram revelados aos homens, primeiramente depois da criação, pelo ministério de *Brimha*; depois um sábio, chamado Beass Muni, ou Beass o inspirado, os redigiu na forma em que se acham atualmente, há mais ou menos 4.886 anos ou 3118 antes da era cristã. Observa que os maometanos, assim como os cristãos, se enganaram, tomando *Brimha*, o ente alegórico de que falamos, por um filósofo do Indostão, que nunca existiu, e foi apelidado, desfigurando o primeiro nome, *Brama* e *Brahma*. O historiador Ferishta diz, na verdade, de um modo positivo que *Brimha* viveu sob *Krishen*, o primeiro monarca do Indostão, mas os brâmanes negam absolutamente sua existência. Contudo, os povos do Indostão seguem dois Códigos ou *Shasters* diferentes, o último termo também significando um Código de doutrina; o primeiro é comumente designado na Europa sob o nome de Vedam, porém o Sr. Dow pretende que se deve dizer *Bedang*, palavra composta de *Beda* e *Ang*, isto é, *corpo de doutrina* ou de ciência. É esse o Código compilado por Beass Muni [\[33\]](#). Os habitantes das costas de Coramandel, de Malabar e de Dekkan seguem esse Código. Chamam-no também *Bedang Shaster*, esta última palavra que lhe ajuntaram também significa doutrina ou corpo de doutrina. Os habitantes de Bengala e os que permanecem nas margens do Ganges seguem um outro Código que

denominam *Neadirsen Shaster*. A palavra *Neadirsen* é composta, diz ele, de *Nea*, que quer dizer *verdadeiro, justo*; e *dirsen*, que significa *explicar*; e o composto, *explicação da verdade*. Esse Código, diz ele, é novecentos anos mais recente do que o *Bedang*, e foi escrito há uns quatro mil anos por um sábio chamado Gutam. Um e outro desses Códigos são escritos em língua sânscrita, que ele escreve *shanscrita*.

Isso é o que diz o Sr. Dow sobre a idade e os autores dos livros sagrados dos povos do Indostão.

Quanto à doutrina contida nesses Códigos, eis o resultado que o Sr. Holwel nos dá do *Chartab Bhade*:

Deus é uno, eterno, onipotente, onisciente, exceto a preciência das ações dos seres livres. Deus, pelo movimento de sua bondade e de seu amor pelas criaturas, criou três entes ou espíritos celestes de uma ordem superior: *Birmach*, *Bistnoo* e *Sieb*. Criou depois a multidão dos anjos ou espíritos celestes, aos quais deu *Birmah* por chefe, e por coadjutores – ou sacerdotes adjuntos – *Bistnoo* e *Sieb*; Deus tinha dado a todos esses anjos livre-arbítrio e só lhes havia prescrito como lei a de adorar o Criador e render-lhe uma homenagem religiosa, assim como aos três espíritos ou entes superiores. Depois de certo espaço de tempo, aconteceu, pelos maus conselhos e a sedução do anjo *Moisasoor* e de alguns outros, que uma grande parte dos grupos celestes abandonou a obediência e o culto de seu Senhor. Deus os castigou, banindo-os para sempre das regiões celestes e da sua presença, e os condenou a trevas e aflições eternas. Porém, depois de outro espaço de tempo, os três entes, *Birmah*, *Bistnoo* e *Sieb*, tendo intercedido por eles, o Eterno, cheio de misericórdia, ordenou que esses anjos rebeldes, depois de terem passado por certo período de punição e penitência, voltariam ao seu primeiro estado de felicidade. Depois, Deus criou num momento o mundo dos seres visíveis e invisíveis, para ser a morada dos anjos rebeldes. Esse mundo é composto de quinze globos, dentre os quais o do meio é o globo terrestre. Os sete inferiores são destinados à penitência e punição, e os sete superiores à purificação dos anjos penitentes. Deus criou depois e colocou no globo da terra os corpos mortais para serem animados por esses espíritos, que deviam ser sujeitos aos males físicos e morais na proporção do grau de sua desobediência passada. Deus criou oitenta e nove dessas formas mortais, as duas últimas das quais eram as

formas *Ghoij* e *Murd* ou de *vaca* e de *homem*. Aqueles dentre os espíritos celestes que, sob essa última forma, tiverem perseverado em sua desobediência e não tiverem se arrependido, serão mergulhados no globo mais inferior para recomeçar uma nova carreira de punição. Pelo contrário, aqueles desses anjos, que tiverem percorrido os quinze globos, fazendo penitência e obedecendo aos preceitos divinos, devem voltar ao seu primeiro estado de felicidade e à presença de Deus. Os anjos fiéis obtiveram a permissão para descer a essas mesmas regiões de penitência para servir de guias e guardas a seus irmãos penitentes, e evitar-lhes as armadilhas de Moisasoor e de outros chefes da rebelião. Foi então que Deus enviou um dos anjos, que é chamado *Brahmah*, na parte oriental do globo terrestre; ele lhe revelou, por intermédio de Brimba, a doutrina da divindade e da salvação, que depois escreveu em língua sânscrita, então conhecida entre os homens. O autor acrescenta o que os brâmanes dizem das quatro idades do mundo nas quais Deus incluiu todo o curso da penitência e da purificação dos espíritos. Essas idades são chamadas *Yugas*. A primeira se chama *Satya Yuga*, sua duração é de cem mil anos; a segunda é o *Tetrâ Yuga*, e compreende dez mil anos. É durante o *Trêta Yuga* que, conforme a tradição dos brâmanes, o semideus *Rama* veio ao mundo, para proteger e guardar os anjos penitentes contra as armadilhas e os atentados de Moisasoor e seus seguidores. A terceira, chamada *Dvâpara Yuga*, tem mil anos; a última é de cem anos e se chama *Kali Yuga*, o que quer dizer Era de corrupção. Essa idade, dizem os brâmanes, trará grande número de crimes. O autor se lembra de ter ouvido muitas vezes, enquanto presidia ao tribunal civil da cidade de Calcutá, indianos que desculpavam toda espécie de delitos, dizendo que estava-se em *Kali Yuga*. Observe que provavelmente é dos indianos que essa tradição das idades passou para a mitologia dos gregos, de onde o poeta Ovídio tirou o que diz do primeiro livro das *Metamorfoses* sobre as quatro idades do mundo. Eis aí o resumo que o Sr. Holwell nos dá da doutrina do Código *Charthah Bhade*, de que nos deu as cinco primeiras seções, desculpando-se por não ter podido exprimir a força e sublimidade do original, porém garantindo-nos que sua tradução é quase literal. Embora o livro do Sr. Holwell esteja hoje traduzido para o francês, julgo que será apreciado este fragmento tal como o traduzi do inglês, tanto mais que a quinta

seção fará ver em que consiste propriamente a doutrina do purgatório dos Indianos, tal como é ensinada em seus livros sagrados.

*

* *

SEÇÃO I

DE DEUS E SEUS ATRIBUTOS

“Deus é uno, eterno, criador de todo o universo. É semelhante a uma esfera, sem fim e sem começo. Deus governa este mundo por leis eternas e imutáveis. Você, mortal, não faça muitas investigações sobre a essência e a natureza do Ser eterno, nem sobre as leis pelas quais governa. É uma curiosidade tão inútil como criminosa. É suficiente para você contemplar dia e noite a grandeza de suas obras, sua sabedoria, seu poder e sua bondade. Aproveite-se disso.”

*

* *

SEÇÃO II

A CRIAÇÃO DOS ANJOS

“O Eterno, absorto na contemplação de sua entidade, resolveu, na plenitude dos tempos, partilhar sua glória e suas perfeições a seres capazes de sentimentos e de felicidade. Esses seres não existiam. O Eterno quis e eles começaram a existir. Ele os tirou de sua própria essência, tornou-os capazes de perfeição e de imperfeição, dando-lhes uma vontade livre. O Eterno criou primeiramente Brimah, Bistnoo e Sieb, depois Moisasoor e todo o exército celeste (Debtahlogo). Pôs *Birma* como chefe, que estabeleceu como vice-rei nos céus, e lhe deu por ministros *Bistnoo* e *Sieb*. O Eterno dividiu o exército celeste em diferentes grupos e deu um chefe a cada um deles. Adoravam ao redor do trono do eterno, colocados conforme sua ordem, e o Céu ressoava de harmonia; Moisasoor, chefe do primeiro grupo, dirigia os cantos de louvores ao

Criador e cantava a obediência da sua primeira criação: Birmah. E o Eterno se regozijou em sua obra.”

*

* *

SEÇÃO III

A QUEDA DOS ANJOS

“Desde a criação do Debtahlogo, o trono do Eterno ressoava de alegria e de harmonia durante milhares e milhares de anos; esse estado teria durado até o fim dos tempos, porém a inveja se apoderou de Moisasoor e de alguns outros chefes angélicos, entre os quais *Rhaabon* era o segundo depois de Moisasoor. Esquecendo os benefícios do Criador e suas leis, renunciaram ao poder da perfeição, de que ele os dotara, e fizeram mal diante da face do Eterno. Renunciaram à sua primeira obediência e recusaram reconhecer seu chefe Birmah e seus ministros Bistnoo e Sieb, dizendo: *Reinemos nós*; desprezando o poder e a vingança do Criador, espalharam a sublevação entre os grupos celestes, que arrastaram em sua revolta. Separaram-se do trono do Eterno: a aflição apoderou-se dos anjos fieis, e a dor foi conhecida pela primeira vez no céu.”

*

* *

SEÇÃO IV

A PUNIÇÃO DOS ANJOS REBELDES

“O Eterno, cuja onisciência e influência se espalham por toda a parte, exceto sobre as ações dos seres livres, viu com desgosto o motim de Moisasoor, Rhaabon e de seus seguidores. Cheio de misericórdia, no meio de sua indignação, ele lhes enviou Birmah, Bistnoo e Sieb para aconselhar-lhes a voltarem à primeira obediência. Porém foi em vão, pois, cegos pelo orgulho, persistiram na revolta. Então, o Eterno enviou

Sieb, armado de sua onipotência, com a ordem de expulsá-los do Céu superior ao *Mahah Surgo*, e de mergulhá-los nas trevas (ou o Onderah) onde os condenou a sofrer tormentos sem fim, durante milhares de séculos.”

*
* *

SEÇÃO V

A MITIGAÇÃO DA SENTENÇA DE DEUS CONTRA OS ANJOS REBELDES

“A multidão dos anjos rebeldes gemeu sob o peso da cólera de Deus, durante o espaço de um *Munnuntur*, [\[34\]](#) durante o qual Birmah, Bistnoo, e Sieb não cessaram de interceder junto ao Eterno para obter o perdão deles. Afinal, ele deixou-se comover, e embora não pudesse prever o emprego que fariam de sua misericórdia, não desesperou de seu arrependimento e declarou sua vontade nestes termos: ‘Que os rebeldes fossem libertados do Onderah e colocados num estado de provas no qual fossem capazes de trabalhar para sua salvação’. Entregando então o governo do Céu nas mãos de Birmah, o Eterno se retirou em si mesmo e tornou-se invisível às hostes deste período, voltou ao seu trono, rodeado de raios de glória. As hostes celestes celebraram com cantos de alegria a sua volta. O Eterno ordenou silêncio e disse: ‘Que o mundo dos quinze *Boboons* ou globos de purificação apareça para ser a morada dos anjos rebeldes’; e os quinze globos apareceram; e o Eterno disse ainda: ‘Que Bistnoo, armado de meu poder, desça numa nova criação, que retire os rebeldes do Onderah, e que ele os coloque no último globo’. Bistnoo se apresentou diante do trono e disse: ‘Oh Eterno, cumpri suas ordens’. E todas as hostes dos anjos fiéis ficaram cheias de admiração vendo as maravilhas do novo mundo. E o Eterno falou ainda a Bistnoo e disse: ‘Quero criar corpos que devem servir durante algum tempo de prisão e de morada aos anjos rebeldes; eles suportarão males naturais, proporcionados aos graus de sua desobediência. Vá e ordene-lhes que habitem estes corpos’. E Bistnoo apareceu de novo diante do trono do

Eterno e disse: ‘Suas ordens estão cumpridas’. E as hostes fiéis ficaram ainda cheias de admiração e cantaram as maravilhas e a misericórdia do Criador. Quando tudo ficou em silêncio, o Eterno dirigiu ainda a palavra a Bistnoo e disse: ‘Os corpos que destinei aos anjos rebeldes serão sujeitos a mudanças e destruição, e serão depois capazes de se reproduzirem; é através destas formas mortais que os anjos rebeldes passarão por oitenta e nove mudanças ou migrações, nas quais estarão sujeitos aos males físicos ou espirituais, na proporção de sua desobediência e de sua conduta, enquanto habitarem esses corpos que serão para eles um estado de prova e de purificação. E quando tiverem passado por essas oitenta e nove formas, passarão para a de Ghoij ou vaca; e quando este último corpo for destruído pelo curso que a natureza lhe prescreveu, animarão, por um efeito de minha bondade, a forma humana, na qual lhes restituirei os poderes intelectuais, que serão semelhantes ao seu primeiro estado, e sob essa última forma suportarão seu principal estado de prova. As Ghoijs (ou vacas) serão sagradas para eles, e lhes darão um alimento novo e agradável, e os aliviarão nos trabalhos para os quais os destinei. E não comerão a carne das Ghoijs, nem de qualquer corpo mortal que viva na terra, que nade na água, ou que voe no ar, porque eu os destinei para serem suas moradas; eles se alimentarão do leite das Ghoijs e dos frutos de Murto (da terra). As formas mortais, que são minha obra, não devem perecer senão pela sua morte natural; é por isso que, se algum dos anjos delinquentes destrói propositalmente alguma dessas formas habitadas por seus irmãos, você, Sieb, o mergulhará no Onderah de onde será condenado a passar de novo pelas oitenta e nove transfigurações, seja qual for o ponto a que tenha chegado até então; e se algum deles ousar atentar contra sua própria vida, você o mergulhará para sempre no Onderah, sem que possa passar de novo pelos quinze globos de purificação e de prova. E dividirei esses corpos mortais em diversas classes que se perpetuarão cada uma separadamente, por um instinto que porei nelas. E se algum dos Debtah (ou anjos delinquentes) se reunir com alguma forma que não seja de sua classe, você, Sieb, você o mergulhará de novo no Onderah, de onde será obrigado a recomençar as oitenta e nove transfigurações. E se algum deles ousar unir-se a outra forma, de modo contrário ao instinto natural que lhes dei, você o mergulhará para sempre no

Onderah. Os anjos delinquentes terão o poder de abrandar seus sofrimentos pelos encantos da união; e se eles se amarem mutuamente e se animarem reciprocamente na trajetória de seu arrependimento, eu os protegerei e darei forças; porém se algum deles perseguir seu irmão, protegerei o fraco e não permitirei que o perseguidor entre nos globos de purificação. E aquele que não tiver feito bom emprego da oitagésima nona forma, você o mergulhará no Onderah para recomençar sua carreira até que alcance o nono Boboon; que é o primeiro dos sete Boboons ou globos de purificação, depois de ter passado pelos oito Boboons de punição’.

“Quando as hostes celestes ouviram os decretos do Eterno cantaram sua bondade e sua justiça. E o Eterno lhes disse: ‘Quero dividir o eterno de minha graça em quatro Jogas, a primeira das quais durará cem mil anos, a segunda dez mil, a terceira mil e a quarta cem; durante essas quatro Jogas os anjos delinquentes passarão seu estado de prova sob a forma humana. E quando as quatro idades tiverem passado, se houver ainda algum dos anjos rebeldes que não tenha alcançado o primeiro globo de purificação, depois de ter passado pelos oito globos de punição, *você, Sieb*, o mergulhará para sempre no Onderah. E destruirá então os oito globos de punição, porém conservará ainda durante algum tempo os sete globos de purificação, a fim de que os anjos que tiverem aproveitado de minha bondade acabem de purificar-se de seus pecados; e quando tiverem acabado sua trajetória e forem admitidos na minha presença, então você destruirá também os sete Boboons de purificação’. E o exército celeste tremeu ante as palavras do Eterno. E disse ainda: ‘Não retirei minha misericórdia de Moisasoor, Rhazoon e outros chefes da agitação; porém, embora estejam satisfeitos de poder e ambição, eu lhes aumentarei o poder de fazer o mal; poderão entrar nos oito globos de punição e de prova e os anjos delinquentes serão expostos às suas armadilhas como o foram antes da primeira desobediência. Mas o emprego que os primeiros fizeram desse poder de seduzir agravará a punição deles; assim como a resistência que os outros fizerem serão para eles prova de sinceridade de seu arrependimento’. O Eterno calou-se. As hostes celestes entoaram cantos de louvor misturados de lágrimas pela sorte de seus infelizes irmãos. Reuniram-se para suplicar ao Eterno, pela voz de Bistnoo, que lhes permitisse descer às vezes aos globos de

punição, sob a forma humana, para guardar e apoiar seus irmãos por seus conselhos e exemplos, contra as armadilhas de Moisasoor e dos outros chefes. O Eterno consentiu, e as hostes celestes fizeram ressoar seus cantos de louvores e de graças. Então o Eterno disse ainda: ‘Você, Birmah, vá, rodeado de minha glória, ao último Boboon de punição e faz conhecer aos Debtahs os decretos que acabo de fazer e faça-os passar nos corpos que lhes destinei’. E Birmah se apresentou diante do trono do Eterno e disse: ‘Fiz o que o Senhor me ordenou. Os Debtahs se regozijam de sua misericórdia, confessam a justiça de seus decretos, estão cheios de remorsos e de arrependimento e entraram nos corpos que o Senhor lhes destinou’.”

Os nossos leitores observarão a estranha semelhança que existe entre essas doutrinas indianas e as visões do alucinado Vintras de que falamos bastante em nossa *História da Magia*. Não há nada de novo, mesmo no país dos sonhos!

DELÍCIAS DA GRÃ-BRETANHA

(EXTRAÍDO DE *BEVERELL*, TOMO VIII)

O PURGATÓRIO DE S. PATRÍCIO

A duas léguas ao oriente de Dungall, encontra-se um pequeno lago, chamado Dirg ou Derg, antigamente Liffer, no meio do qual está uma ilha muito célebre outrora durante o catolicismo, porque se julgava que aí estava o subúrbio do purgatório. Essa ilha se chama Reglis ou Raaghles, e os irlandeses a denominaram *Ellanu purgatory*, isto é, a ilha do purgatório. Os monges tinham construído aí uma célula perto de uma caverna e tinham feito crer ao mundo que quem tivesse a coragem de entrar nela ia ao purgatório, onde via e ouvia coisas extraordinárias. Para apoiar essa fantasia, diziam que o bom S. Patrício, pregando nessa ilha a irlandeses obstinados e incrédulos, obteve de Deus, por suas preces, que a Terra se abrisse nesse lugar até o purgatório, a fim de que seu auditório ficasse convencido, pelo próprio olhar, da verdade de sua pregação a respeito da imortalidade da alma e das penas dos maus após esta vida. Porém é certo que no tempo de S. Patrício não sabiam o que era e que só se ouviu falar dela alguns séculos depois de sua morte. A impostura só foi descoberta no século passado, pelo fim do reinado de Jacques I. Dois senhores, Richard Boile, conde de Corke e Adam Lostus, chanceler da Irlanda, impelidos pela legítima curiosidade de descobrir a verdade desse negócio, enviaram pessoas de caráter integro para fazer exatas pesquisas nos lugares. Viram que essa caverna, que faziam passar pelo caminho do purgatório, não era mais que uma pequena célula cavada na rocha, onde só entrava a luz do sol pela porta, tão baixa que apenas um homem de alta estatura podia ficar de pé, e tão estreita que

não continha mais que seis ou sete homens ao mesmo tempo. Quando vinha alguém à ilha, para fazer a viagem do purgatório, um pequeno número de monges, que residiam próximos da caverna, faziam-no jejuar e vigiar extraordinariamente e só conversavam das visões maravilhosas que teria. Todas essas ideias assustadoras de diabos, de chamas, de fogo, de condenados, se imprimiam fortemente no cérebro enfraquecido e desorganizado pelos jejuns e insônias. Depois de o ter preparado dessa maneira, para fazer sonhos surpreendentes, eles o fechavam nessa caverna tenebrosa e o retiravam depois de algumas horas. O pobre viajante julgava ter visto tudo o que lhe tinham dito e talvez também havia entre eles alguns que mentiam para não deixar transparecer que foram enganados e para ajudar a enganar outros. Os senhores que acabo de designar tendo descoberto essas vergonhosas imposturas, que desonravam a religião, obrigaram os monges a retirar-se; e, para impedir no futuro suas artimanhas, fizeram demolir suas habitações e romper a caverna, que foi sempre descoberta e exposta à vista, desde aquele tempo. Eis o que diz Beverell:

“Como a lenda de S. Patrício, assim como se lê em nosso manuscrito, pareceria sem dúvida aborrecida e muito extensa num século tão impaciente como o nosso, preferi dar aqui um extrato das *Actas sanctorum*; vocês encontrarão nele o essencial da narração da lenda, e, além disso, alguns detalhes sobre as acrimônias – ou grosserias – que se praticavam entre os penitentes, antes de entrar na caverna maravilhosa, que não se encontra em nossa lenda. Eis, então, a substância do que se lê nas *Actas sanctorum*, na data de 18 de Março.

“Na província de Ulton, na Irlanda, há um pequeno lago chamado Liffer ou Derg, que rodeia uma ilhota na qual se acha colocado o purgatório ou caverna de S. Patrício, a quem Deus revelou esse lugar com o poder de mostrar nele aos incrédulos que queria converter, o espetáculo das penas da outra vida que era seguido de remissão dos pecados para os que tivessem entrado na caverna com um coração verdadeiramente penitente. A virtude desse santo lugar se conservou desde o tempo de S. Patrício, embora todos os que entravam nessa caverna não tenham obtido o mesmo resultado. Pelo ano 1153, aconteceu, como um religioso chamado Henricus Satteriensis Monachus, que referem Mateus Westmonasteriensis, historiador inglês, e

um cavaleiro, denominado Ænus, entrou nessa caverna onde viu coisas maravilhosas, que o religioso afirma tê-lo ouvido contar. Essa última história levou os padres regulares de Santo Agostinho, estabelecidos há pouco na Inglaterra e daí levados à Irlanda pela conquista das ingleses, a mudar-se para o convento, que já existia antes deles na pequena ilha do lago de Derg. O cavaleiro Ænus, animado de um santo zelo, se submeteu às cerimônias que exigiam do paciente antes de entrar na caverna santa. Primeiro, era preciso apresentar-se ao bispo para obter a permissão. O prelado procurava primeiro desviar o suplicante de seu projeto e lhe apontava os perigos do empreendimento, dizendo que muita gente, que tinha entrado na caverna, nunca mais tinha voltado. Quando o penitente perseverava, o bispo o enviava ao prior do convento, que renovava as observações. Quando nada o espantava, levavam-no à igreja, onde passava quinze dias em jejuns e preces. Depois, o prior lhe administrava o sacramento da eucaristia e a água benta e o levava em procissão de religiosos que cantavam ladainhas até a porta da caverna. Aí, renovava as observações, e, quando o penitente insistia no empreendimento, recebia a bênção de todos os religiosos; e, depois de ter-se recomendado a suas preces e ter-se persignado, entrava na caverna. O prior fechava a porta atrás dele e voltava em procissão ao convento. No dia seguinte à mesma hora, a procissão voltava, abria-se a porta, e, quando o penitente era encontrado, levavam-no à igreja, onde passava outros quinze dias em jejuns e orações; porém quando o penitente não era encontrado no segundo dia, à porta da caverna, julgavam-no perdido e fechavam-na.”

O bispo de Offory, David Roth, que escreveu um tratado sobre o mesmo purgatório de S. Patrício, descreve com maiores detalhes todas as cerimônias empregadas nessa perigosa viagem, que diz terem-lhe sido dados por um religioso merecedor de confiança desse convento. Observa que os leitores cristãos nada devem achar de estranho nesses ritos sagrados que são, diz ele, de acordo com as austeridades praticadas na Igreja primitiva. O penitente se transporta numa barca construída de um só tronco de árvore para a ilha do Purgatório, que está situada no meio de uma água estagnada ou de um lago; a duzentos ou trezentos passos dela vê-se uma outra pequena ilha onde está o mosteiro dos padres regulares de Santo Agostinho; o penitente passa nove dias na ilha

do Purgatório, durante os quais só se alimenta de pão sem sal, feito especialmente para esse fim, amassado com água do lago; essa água lhe serve de bebida; só deve tomar uma refeição por dia; porém, pode matar a sede de tempos em tempos. As águas do lago têm a propriedade singular de nunca fazer peso no estômago por mais que se beba. O peregrino deve fazer três vezes por dia a volta do lugar santo e passar a noite deitado em palha e coberto só com um manto. Antes de fazer essas diversas estadias, deve apresentar-se ao padre espiritual, destinado pelos padres regulares para esse fim. Depois de ter-se descalçado, entra com os pés nus na igreja de S. Patrício, e depois de ter feito suas orações, dá sete voltas no interior do templo e sete voltas ao redor do cemitério. Vai depois às células chamadas penitenciais, que rodeiam a igreja, e faz sete vezes a volta delas por fora e com os pés descalços, e sete vezes por dentro, de joelhos. Depois, faz sete vezes a volta da cruz colocada no cemitério e as mesmas vezes a volta de outra cruz colocada num monte de pedras. Depois de todas essas procissões fatigantes, num terreno cheio de pedras e rochedos, vai banhar a planta dos pés na água do lago, pisando numa pedra de mármore, onde dizem que S. Patrício ficava quando fazia suas orações e na qual pretende-se que se acham sinais dos pés do santo. O peregrino recita nessa atitude a Oração Dominical, a Saudação Angélica e o Símbolo dos Apóstolos, depois do que sente os pés aliviados; repete sete dias seguidos essas cerimônias. No oitavo dia redobra todas as suas procissões, porque deve descansar no nono, que é o da entrada na caverna. Porém, antes de empreender esse passo perigoso, o pai espiritual lhe faz as mais vivas advertências sobre os perigos que vai colher e lhe conta exemplos espantosos de muitos peregrinos que lá pereceram antes dele. Quando persiste corajosamente, o pai espiritual o prepara pela confissão e o sacramento da eucaristia contra os poderes das trevas e os ataques do demônio. Depois de ter recebido a absolvição, o pai espiritual, tendo o estandarte da cruz, o leva à entrada da caverna, onde, depois de ter feito a renúncia sincera e penitente a todos os seus hábitos pecaminosos e ter prometido a Deus uma vida santa e religiosa, é aspergido com água benta; ele se despede dos assistentes como se fosse abandonar o mundo, e, acompanhado pelas preces, derramando lágrimas, entra na caverna e fecham a porta atrás dele; a entrada dela é tão baixa que um homem de estatura

ordinária não pode entrar sem abaixar-se. O interior contém apenas o espaço que um homem deitado pode ocupar; no fundo se acha uma grande pedra que cobre a entrada do abismo, que Deus abre ao penitente, e no qual ele vê o espetáculo terrível das penas da outra vida. Depois que o peregrino ficou o espaço de vinte e quatro horas nessa casa assustadora sem ter tomado qualquer alimento, exceto um pouco de água, o pai espiritual volta à entrada e o leva às águas do lago, onde ele se banha inteiramente nu, e depois de ter-se assim lavado e purificado, como deve ser um novo soldado de Cristo, levam-no à igreja, onde dá graças a Deus por tê-lo dirigido nessa perigosa peregrinação e faz voto de levar a cruz do Salvador o resto de seus dias. Eis aí detalhe que dá o bispo de Offory, que acrescenta que, no seu tempo ainda, a guarda desse santo lugar era confiada aos padres regulares. Não sabemos precisamente em que tempo ela foi passada aos irmãos menores de S. Francisco.

O detalhe do espetáculo que o peregrino via na santa caverna e que se acha em nosso manuscrito, é espantoso. Imaginem tudo o que um cérebro exaltado ou doente pode pensar de mais terrível:

*Non mihi si lingua centum sint oraque centum,
Ferrea vox, omnes comprehendere formas
Omnia poenarum percurrere nomina possim.*

Os rios dos Infernos não estão esquecidos; o peregrino chega, enfim, às moradas celestes e vê também as alegrias dos bem-aventurados. Será necessário repetir, depois disso, quanto isso se assemelha aos *Mistérios de Ceres* e ao sexto livro de *Eneida*! Para satisfazer, entretanto, a curiosidade de alguns leitores, vou acrescentar um fragmento de minha lenda.

*

* *

EXTRATO DO PURGATÓRIO DE S. PATRÍCIO

COMO SE ENCONTRA NO MANUSCRITO 208, DA BIBLIOTECA DE BERNA

O autor anônimo, depois de ter relatado a história da revelação de S. Patrício, assim como a acabamos de ler, e do estabelecimento dos cônegos regulares na ilha Derg, chega à narrativa da peregrinação e da descida que fez o cavaleiro Ænus, que era chamado Elans. Eis aqui uma parte de sua visão:

“Fora dessa casa foi levado o cavaleiro dos diabos a uma montanha que estava cheia de gente de diversas idades e lhe foi dito que tudo o que vira antes era pouca coisa em relação a essa visão, porque aquela gente se assentava sobre os dedos dos pés e olhava para o lado do vento, parecendo que esperavam a morte, pois tremiam muito, e lhe disse então um diabo: ‘Você se admira porque esta gente tem tanto medo, mas logo você saberá se não quer voltar’. Mal o diabo tinha dito isto, repentinamente se levantou um turbilhão de vento e arrebatou a ele e aos diabos, lançou-os num rio frio e nauseante, que estava muito longe das montanhas; lá choravam e gemiam amargamente, porque morriam de frio, de medo e de nojo, e quando se esforçavam para sair, os diabos os mergulhavam dentro, porém o cavaleiro, chamou pelo nome do Senhor e logo ficou livre desses tormentos.

“Os diabos logo se dirigiram ao cavaleiro, e o levaram ao Oriente, e ele olhou diante de si e viu uma chama escura e de horrível cheiro que saía do abismo do Inferno, semelhante a um fogo de enxofre, e essa

chama começou a subir, como observou, e nela havia homens e mulheres de diferentes idades, completamente nus, ardendo tanto que se assemelhava a faíscas que voam no ar, e quando a chama se abaixava, ela os alcançava sob o fogo; logo que chegaram perto, pareceu ao cavaleiro que era um poço cuja chama saía para fora, e então os diabos lhe disseram: – Este poço que você está vendo, é a entrada do abismo do inferno; veja, aqui é nossa habitação, e como até agora você nos seguiu tão bem, ficará sempre conosco, porque é o lugar daqueles que nos servem e você sabe que, se entrar aí, perderá corpo e alma, mas se der crédito ao que dissemos antes, e quiser voltar atrás, nós o levaremos são e salvo à porta por onde você entrou’. O cavaleiro tendo sempre confiança em Deus não se preocupou com as palavras deles, que o pegaram e lançaram no poço, que cada vez mais o engolia e se tornava mais largo, e assim tanto sofreu e suportou que quase esqueceu o nome de nosso Senhor; contudo, como Deus o quis, disse o nome de Jesus Cristo, e imediatamente a chama o lançou ao ar com os outros e desceu dentro do poço e ele ficou completamente só no chão, e como estivesse em paz e não soubesse aonde devia ir, vieram do poço alguns diabos que ele não conhecia e lhe disseram que era o inferno, ‘mas é nosso costume mentir sempre, porque nós o enganamos voluntariamente pela mentira, porém agora não podemos enganá-lo e como ainda não é o lugar do Inferno, nós o levaremos até lá’.

“Fez-se grande tempestade e dano e os diabos o levaram para longe de lá e foram a um rio muito comprido, largo e de horrível cheiro, e parecia que esse rio era coberto de chamas ardentes e de enxofre aceso, e estava cheio de diabos, e então os diabos que o levaram lhe disseram: ‘Saiba que o Inferno está embaixo deste rio’, e em cima desse rio havia uma ponte; então, lhe disseram aqueles diabos, ‘Convém você ir sobre esta ponte e logo que estiver lá’; o vento que nos lançará no outro rio o alcançará e o atirá para trás, neste daqui e os nossos companheiros que lá estão vão mergulhá-lo dentro e o lançarão no mais profundo do Inferno e agora você saberá que cheiro existe lá; e então os diabos o pegaram e lançaram nessa ponte. Contudo, essa ponte tinha em si três coisas que davam muito que pensar, a primeira é que era tão lisa que não havia quem aí pudesse manter-se. A segunda, era tão estreita que parecia não se poder passar por ela. A terceira, era tão alta que era muito

perigoso olhar de um lado e do outro; portanto, disseram-lhe: ‘Se você nos der crédito, escapará deste tormento’. Então o cavaleiro se lembrou dos perigos que passara e dos quais o Senhor o libertara; por isso, subiu sobre a ponte e foi andando aos poucos, e a medida que adiantava e caminhava com segurança, achava o caminho mais largo, porque a ponte, pela sua virtude divina, se alargava de tal forma que dois carros teriam passado um ao lado do outro. Portanto, os diabos que tinham trazido a cavaleiro pararam à margem do rio, e quando viram que estava no meio da ponte e que ia com segurança por ela, ficaram muito contrariados e deram terríveis gritos que agravaram mais o receio do cavaleiro a respeito dos tormentos que passara, e os diabos que tinham forma de peixe e estavam em baixo da ponte, logo que ele começou a passar por ela, gritavam com voz terrível para atemorizá-lo e fazê-lo cair dentro, atiravam-lhe pedaços de ferro, mas nada conseguia tocá-lo e fazer-lhe mal, pela virtude do nome de Jesus Cristo, e assim passou o cavaleiro sobre essa ponte como se não houvesse ninguém para perturbá-lo. Depois que chegou bem adiante olhou para a ponte e para o rio, porque não ousava olhá-los de perto, o que fez depois que os diabos o deixaram e se retiraram de perto dele.

“Ora, o cavaleiro se foi, completamente livre dos diabos e viu então na sua frente uma parede muito alta e admirável, e nela havia uma porta que reluzia como ouro, e era toda feita artificialmente de pedras preciosas e estava cheia de luz, e quando ele chegou a meia légua de distância da porta, esta se abriu por si e saiu um perfume tão agradável como se toda a montanha estivesse repleta de plantas aromáticas; parecia-lhe que não podia ter mais perfume, e adquiriu tão grande força e tanta virtude que lhe pareceu que teria sofrido de boa vontade os tormentos que vira anteriormente. Então, olhou para dentro da porta e viu um país belíssimo, e muito mais brilhante que a luz do sol. E então teve grande desejo de entrar lá; porém, antes de entrar veio uma procissão ao seu encontro, como a qual jamais se viu neste mundo, tão bela e tão grande e nela havia cruces, velas, estandartes e almas, que pareciam ser de fino ouro. Vieram então homens de diversas idades; havia arcebispos, abades, monges, padres e outros clérigos em grande número como se estivessem preparados para fazer o serviço divino na santa igreja, e cada qual estava vestido com tal roupa como a que lhe

pertencia à sua ordem, como estavam vestidos neste século, nem mais, nem menos.

“E assim, portanto, foi o cavaleiro recebido com grandes honras e grande alegria, e o levaram consigo para dentro, cantando tão agradavelmente cantos que ninguém jamais ouvira, e depois de cantarem bastante, vieram-lhe ao encontro dois arcebispos que o tomaram pela mão e o levaram a visitar esse país e ver as maravilhas que nele havia, e antes que lhe falassem, louvaram e deram graças a Nosso Senhor que lhe dera tanta firmeza e fé para vencer as tentações dos inimigos infernais, escapando assim de suas mãos, apesar de todos os tormentos por que passara, e daí o levaram depois a todos esses lugares e lhe mostraram muito mais do que se poderia narrar; era um lugar belíssimo e claro, porque, da mesma forma que uma lâmpada acesa não tem valor diante da claridade do sol, assim também o sol de meio-dia seria obscuro e tenebroso diante da claridade que ali reinava. O país era tão vasto que não era possível ver-se um limite de qualquer lado, e estava cheio de todas as delícias e prazeres que seria agradável descrever, como prados verdes, árvores carregadas de frutos saborosos, plantas floridas e perfumadas e todas as outras espécies de prazeres que se poderia desejar no mundo, não havendo noite ali, pois a grande luz do Céu puro brilhava sempre, tanto no inverno como no verão.

“Ali havia muito grande quantidade de pessoas que jamais ele pensara e ninguém vira, e elas eram ordenadas conforme sua posição, por conventos como se pertencessem a alguma ordem, porém iam à vontade ver uns aos outros para se entreterem e faziam grandes festas, cantando com grande solenidade em louvor de Nosso Senhor e assim como vemos que há estrelas mais brilhantes que as outras, todas se achavam vestidas cada uma melhor que a outra. Alguns vestiam-se com fazendas de ouro, outros de púrpura, outros de verde e outros de branco, e todos da forma com que tinham servido a Deus neste mundo, e aí lhe contaram como o primeiro homem do lugar, por seu pecado fôra lançado fora, e caiu na dor do mundo, e com isso lhe disseram: ‘Deste lugar ele via a Deus nosso Criador com toda a alegria do Céu e aqui estava na companhia dos anjos; porém, pelo seu pecado, como lhe dissemos, foi expulso daqui e todos nós fomos concebidos e nascidos na dor, mas, depois, pelo amor e a caridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, e pelo batismo e

santa fé e outros belos preceitos que nos deu a todos os verdadeiros católicos e verdadeiros cristãos, e também por termos sempre crença firme e esperança verdadeira que, após a vida mortal em que estávamos, pela graça de Deus viemos aqui; contudo, por causa de alguns pecados que cometemos no passado, foi-nos preciso antes de tudo passar pelas penas do purgatório pelas quais você passou, mas sempre tivemos esperança e firme crença de ter essa alegria, embora não tivéssemos um conhecimento tão perfeito como Adão, pois, ele já tinha tido conhecimento por experiência, como já o dissemos, e passamos assim pelo purgatório por causa de alguns pecados que não penitenciamos, e aqueles que você viu nos tormentos do purgatório, virão aqui conosco quando estiverem purificados e livres de seus pecados, exceto os que estão na boca do poço do inferno, e saiba também que não se passa um dia em que não venha alguém aqui e não vamos encontrá-lo, como fizemos com você, recebendo-o com grande alegria e solenidade, e dentre os que estão no purgatório, um fica mais tempo que outro e ninguém sabe quanto tempo permanecerá, entretanto, pelas missas cantadas por eles, são aliviados de seus tormentos até serem libertados, e quando vêm aqui não sabem quanto tempo permanecerão; logo, ninguém sabe a não ser Deus lá do alto, e da mesma maneira que têm esperança, como nós que aqui estamos temos a esperança de permanecer aqui, segundo os bens que fizemos e embora estejamos livres das penas do purgatório não somos dignos ainda de chegar às alegrias do céu, embora aqui tenhamos grande alegria e descanso como você vê, mas quando Deus quiser, subiremos à alegria permanente ao partirmos daqui, e saiba também que nosso grupo cresce e decresce diariamente, assim como o dos que estão no purgatório, que partem todos os dias para cá quando estão purificados, e o mesmo acontece conosco que estamos neste paraíso do inferno, porque, cada dia sobem nossos companheiros ao paraíso celestial’.”

[1] Não se diz que Voltaire morreu como bom católico, mas morreu católico.

[2] Era o título que queríamos dar então ao livro que hoje publicamos.

[3] Objeção que Lázaro cheirava mal, o que se dá com várias pessoas sadias e várias doenças que, apesar disso, saram. Aliás, na narrativa evangélica, é um dos assistentes que diz que Lázaro cheirava mal, porque estava enterrado há quatro dias. Pode-se, portanto, atribuir essa palavra à imaginação impressionada.

[4] O agente luminoso sendo também o do calórico, compreende-se as variações repentinas de temperatura causadas pelas projeções anormais ou as absorções súbitas da luz. Segue-as daí uma perturbação atmosférica local, que produz os ruídos de tempestades e os estalidos das madeiras.

[5] Madrépora fóssil.

[6] Ela se alia à santidade e dá até aos que não a têm.

[7] Ver “Kabbala Denudata”, 2 vols. em, 1684. – O “Sepher Yetzirah”, atribuído ao patriarca Abraão, que se acha na coleção dos cabalistas de Pistorius e na introdução ao livro de Zohar, o que se refere ao Tetragrammaton.

[8] Postellus, “Clavis absconditorum e constitutione mundi, pág. 86. Edição de Amsterdã, 1646.

[9] Ver “Clavis absconditorum”, *passim*.

[10] Ver o frontispício do livro: *Dogma e Ritual da Alta Magia*, de Éliphas Lévi.

[11] “Por que não em outras coisas?”, perguntou ingenuamente o autor de uma nota acrescentada ao nosso artigo precedente. Isto é, por que não na bestialidade e no ódio, na falta de ideias e na ausência de formas? Depois, o anotador junta esta confissão preciosa: “É bem difícil falar de Deus sem dizer tolices”. Eu o creio como ele, e queria que essa bela palavra servisse de epígrafe a esta revista.

[12] Milenários – Sectários cristãos que acreditavam que o Messias teria na Terra um reinado de mil anos.

[13] Achamos preferível inserir esta passagem em latim.

[14]  – Chumbo

[15]  – Antimônio

[16]  – Água.  – Fogo.  – Prata.  – Ouro.

[17] Leão verde: matéria fixa; Leão preto: matéria mista; Leão vermelho: matéria volátil.

[18]  – Enxofre filosófico.

[19]  está aqui por  e  por  ou água branca farmacêutica.

[20] Purificando os metais como o antimônio faz para o ouro.

[21]  – Óleo filosófico.

[22] Atraindo as qualidades dos corpos, sendo liquefeito, sua preparação não é outra senão lavá-lo bem e dissolvê-lo na água e no fogo. – Basílio Valentin, *Tratado do Azoth*, pág. 10.

Conforme Berzelius, Paykull ou Pat-Kull, tendo feito ouro para Carlos XII, deixou seu segredo ao general Hamilton. Ora, eis qual era esse segredo, sempre segundo Berzelius:

“Obter o sulfureto de antimônio por caminhos ignorados e por meios diferentes, os quais são contrários às leis da química que conhecemos, e combiná-lo com dois pós, um dos quais é cinábrio, que se faz ferver três vezes no álcool até a volatilização desse líquido, e outro é o óxido férrico ou açafrão de Marte, obtido pela combinação do nitro com a limalha de ferro”. – Berzelius, *Química*, t. XIII, pág. 7.

Vários químicos afirmaram que a dissolução do chumbo no ácido nitroso podia ser decomposta só pela água e formar um magistério de Saturno, como acontece com o bismuto. Essa precipitação deve ser atribuída aos sais e, principalmente, à selenite contida em quase todas as águas ordinárias. – Dicionário de Química, pág. 267.

(Magistério: pó mineral muito fino, a que se atribuíam propriedades maravilhosas.)

[23] Porco do mato ou javali.

[24] Esse trecho foi atribuído, pelos copistas, ao cap. IV, porém, é por engano.

[25] *Calx lunae est nitro roris nocturnae.*

[26] *Calx solis est sulphur vel aliquando sal albrot vel etiam, sal tartareus, calx uvarum.* (Nota do rabino Mordechai ou Mardoeheus).

Esse pretense segredo de Mardoeheus, inserido no *Asch Mezareph*, tem por finalidade desviar os profanos. A obra deve ser feita só com a terra mercurial de Becker, sem mistura de outra coisa, e a dissolução, que é a chave da obra, se faz por meio de um fogo de cal, tirado da própria terra. O resto se faz com fogo de lâmpada, começando na primavera e seguindo as operações da natureza durante o curso inteiro do ano. (Nota do autor).

[27] Para os quadrados mágicos, ver o *Dogma e Ritual de Alta Magia*.

[28] Aqui se acha, no manuscrito, o quadrado mágico de Mercúrio. (Ver *Dogma e Ritual de Alta Magia*.)

[29] *Uncioe sulphuribus aluminaris.*

[30] A matéria é o ar do ar, o fogo do fogo, a água da água e a terra da terra, isto é, a substância primordial que é modificada pelas quatro formas elementares.

O ar do ar tem por envoltório o nitro, o fogo do fogo tem por envoltório o enxofre, a água da água é o hidrogênio e a terra da terra é o sal mercurial.

[31] *Caute lege.*

[32] Os quatro elementos – diz Thilorier – não são o fogo, o ar, a água e a terra; porém, o oxigênio, o azoto – ou nitrogênio –, o hidrogênio e o carbono. É o termo científico posto em

lugar do termo vulgar.

[33] Como se têm ideias muito diferentes do *Vedam* e esse nome aparece em toda espécie de sentidos nas obras dos viajantes e dos sábios, não será inútil observar aqui que *Vedam* ou *Bedang*, conforme a definição do Sr. Dow, significa um corpo de doutrina e que foi, geralmente, chamado por esse nome o Código sagrado dos brâmanes. Isso não impede que essa denominação, que é geral, tenha sido dada também a tratados de teologia e a comentários muito diferentes do original, feitos em diferentes tempos pelos brâmanes da Índia. Às vezes, dão também às diferentes partes de seu Código esse nome geral, ao qual acrescentam uma palavra distintiva.

* O abade Mignot fala do *Ezur Vedam*, que é um comentário sobre os *Veda*, de que viu uma tradução francesa na biblioteca do rei de França. O ilustre autor da *Filosofia da História* nos diz, no capítulo sobre a Índia, que essa obra passou para a biblioteca do rei por um acaso feliz. O que há de singular é que a tradução francesa foi feita na Índia por um brâmane, que pertencia à companhia das Índias francesas. Devemos ler também com atenção o que o mesmo escritor nos diz sobre os livros sagrados dos brâmanes, em diversos capítulos de seu *Ensaio sobre a História Geral*, e principalmente no capítulo sobre a Índia, inserto no seu suplemento, onde fala do *Ezur Vedam* e diz que foi ele quem colocou a cópia na biblioteca do rei, assim como a do *Cormo Vedam*, que é um livro ritual dos brâmanes.

* O Padre Bouchet, cuja carta ao bispo de Avranches citamos, diz que os *Veda* é composto de quatro partes, a primeira das quais, que se chama *Irrucu Vedam*, trata da primeira causa e da criação. Ele observa até que, no dizer dos brâmanes, está escrito nesse livro que, no começo do mundo, Deus era levado sobre as águas, o que não deixa de servir-lhe para afirmar que os brâmanes conheceram o Gênese. Acrescenta que chamam *Sama Vedam* o terceiro livro que trata das cerimônias religiosas e do ritual. Não diz que nome tem o segundo livro. Porém, é certo que o nome *Vedam* ou *Bedang*, sem adjetivo, só pertence propriamente ao próprio Código, que os indianos dizem ser ditado pela divindade. O nome *Shaster* ou *Shastab*, em língua sânscrita, é igualmente um nome enérgico, que significa um livro divino; veremos, logo mais, o que os ingleses falam dele. Esse nome, assim como o de *Vedam*, fora dado, mais tarde, a várias obras teológicas escritas pelos brâmanes. Encontram-se no capítulo citado do *Ensaio sobre a História Geral*, alguns trechos do *Vedam*, tirados do *Ezur Vedam*, que é, como se disse, um comentário do próprio *Vedam*.

[34] Esta palavra significa, conforme o Sr. Holwell, o espaço de um grande número de séculos.